



MESTRADO  
CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

# Olhar o bairro a partir de dentro: estudo das perceções dos moradores do Bairro Social do Sobreiro

Fátima de Jesus Maciel da Silva Carvalho

**M**

2018



## **Olhar o bairro a partir de dentro: estudo das percepções dos moradores do Bairro Social do Sobreiro**

*Fátima de Jesus Maciel da Silva Carvalho*

Dissertação apresentada na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, no domínio de Educação, Comunidades e Mudança Social, elaborada sob a orientação da Professora Doutora Fernanda Rodrigues

Outubro, 2018

*O Bairro do Sobreiro para mim foi um concretizar... foi um sonho que eu tive há alguns anos grandes atrás e hoje é o meu ninho. O Bairro do Sobreiro para mim é o meu ninho e, por isso, me empenho o mais que posso por ele. Sou como uma ave quando está a construir os seus ninhos vem alguém a querer desfazer e ele está logo em cima e eu para mim é a mesma coisa, é o meu ninho, é aqui que eu vivo...*

(Membro da Associação de Moradores)

## Resumo

Considerando o designado estigma em torno dos bairros de habitação social, refletido nos comentários depreciativos frequentemente divulgados por diferentes meios, o presente estudo foca a sua atenção nas pessoas que habitam estes territórios, mais concretamente nos moradores do Bairro Social do Sobreiro na Maia, onde o estudo se desenvolveu. Pretende-se dar a conhecer qual o olhar dessas pessoas sobre o local onde habitam e de que forma a visão externa condiciona ou não a sua forma de estar.

De modo a sustentar a nossa investigação, fizemos uma revisão bibliográfica, nomeadamente sobre o percurso histórico que levou ao surgimento destes territórios e também sobre as problemáticas que lhes estão comumente associadas.

A investigação teve por base uma metodologia qualitativa em que se partiu de uma lógica de valorização dos atores sociais presentes na realidade em estudo, colocando-os como protagonistas, detentores de informação e experiências. Foram definidos os seguintes objetivos: (a) identificar as razões que levaram os indivíduos a habitar aquele bairro social; (b) identificar elementos de valorização e/ou desvalorização relativamente ao bairro; (c) identificar expectativas/anseios relativamente à vida no bairro; (d) conhecer que perceções têm os moradores em relação aos outros bairros de habitação social; (e) conhecer que perceções têm os moradores acerca da opinião externa e de que forma isso afeta a sua relação com o bairro e com o exterior.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas aos moradores do Bairro do Sobreiro, bem como entrevistas complementares, designadamente ao coordenador da instituição local, (o Centro Comunitário Vermoim-Sobreiro), a dois elementos da Associação de Moradores e ainda à Presidente da Junta de Freguesia da Maia. As entrevistas foram, posteriormente à sua transcrição, sujeitas a análise e discussão.

Constatamos que a maioria dos moradores tem uma ligação afetiva ao bairro, sendo que os aspetos que mais valorizam são a localização/acessibilidades, a segurança e a dimensão/estrutura das casas. Como aspetos negativos e que os moradores gostariam que fossem melhorados são apontados a degradação dos edifícios, os conflitos sociais e ainda a dinâmica empobrecida do local. No que diz respeito à opinião externa, os moradores consideram que o bairro tem má fama e que o simples facto de ser um bairro social contribui para essa construção negativa que, na sua opinião, não corresponde à realidade.

**Palavras-chave:** bairros sociais; perceções; estigma; intervenção

## Abstract

Considering the so-called stigma surrounding the social housing districts, reflected in the derogatory comments often divulged by different means, the present study focuses its attention on the people living in these territories, more concretely on the residents of the Bairro do Sobreiro in Maia, where the study was developed. It was intended to bring to light the vision of those inhabitants about the place where they live and how the external view conditions, or not, their way of being.

In order to support our research, we have made a bibliographical review, namely on the historical path that led to the emergence of these territories and also on the problems that are commonly associated with them.

The research was based on a qualitative methodology based on a logic of valuing of the social actors present in the reality under study, placing them as protagonists, holders of information and experiences. The following objectives were defined: (a) to identify the reasons that led the individuals to inhabit that social housing district; (b) to identify valuation and / or devaluation elements relative to the neighborhood; (c) to identify expectations/desires for the neighborhood life; (d) to know what perceptions the residents have in relation to the other social housing districts; (e) to know what perceptions the residents have about external opinion and how it affects their relationship with the neighborhood and with the outside world.

Semi-structured interviews were conducted with residents of Bairro do Sobreiro, as well as complementary interviews, namely the coordinator of the local institution (the Centro Comunitário Vermoim-Sobreiro), two members of the Residents' Association and the President of the Parish of Maia. The interviews were, after their transcription, subject to analysis and discussion.

We found that most of the residents have an affective connection to the neighborhood, and the aspects most valued are the location/accessibility, the security and the size/structure of the houses. As negative aspects and those that the residents would like to see improved are pointed the degradation of buildings, the social conflicts and the impoverished dynamics of the place. As far as external opinion is concerned, the residents consider that the neighborhood has a bad reputation and that the mere fact of being a social housing district contributes to this negative conception which, in their opinion, does not correspond to the reality.

**Keywords:** social housing; perceptions; stigma; intervention.

## Résumé

Considérant qu'il existe une certaine stigmatisation autour des quartiers de logements sociaux, qui sont souvent présentés de manière péjorative par différents moyens, la présente étude porte son attention sur les habitants de ces territoires, plus concrètement sur les habitants du Bairro do Sobreiro à Maia, Portugal, où l'étude a été développée.

Il est destiné à faire connaître la perception de ces personnes sur le lieu où elles habitent et sur la manière dont la vision externe conditionne ou non leur mode de vie.

Afin de soutenir nos recherches, nous avons réalisé une revue bibliographique, notamment sur le parcours historique qui a conduit à l'émergence de ces territoires et sur les problèmes qui leur sont généralement associés.

La recherche était basée sur une méthodologie qualitative basée sur une logique de valorisation des acteurs sociaux présents dans la réalité étudiée, les plaçant comme protagonistes, détenteurs d'informations et d'expériences. Les objectifs suivants ont été définis: a) identifier les raisons qui ont amené les individus à habiter ce quartier social; (b) identifier les éléments d'évaluation et / ou de dévaluation relatifs au voisinage; (c) identifier les attentes / aspirations à la vie de quartier; d) connaître les perceptions des résidents par rapport aux autres quartiers de logements sociaux; e) connaître les perceptions des résidents à l'égard de l'opinion extérieure et de la manière dont elle affecte leurs relations avec le voisinage et le monde extérieur.

Des entretiens semi-structurés ont été menés avec des habitants de Bairro do Sobreiro, ainsi que des entretiens complémentaires, à savoir le coordinateur de l'institution locale (Centro Comunitário Vermoim-Sobreiro), deux membres de l'Association des résidents et le président de la paroisse de Maia. Les entretiens ont été, après leur transcription, soumis à une analyse et à une discussion.

Nous avons constaté que la plupart des résidents ont un lien affectif avec le quartier et que les aspects les plus importants sont l'emplacement / l'accessibilité, la sécurité et la taille / la structure des maisons. Parmi les aspects négatifs et ceux que les résidents aimeraient voir se manifester, citons la dégradation des bâtiments, les conflits sociaux et la dynamique appauvrie des lieux. En ce qui concerne l'opinion externe, les habitants considèrent que le quartier a mauvaise réputation et que le simple fait d'être un quartier de logements sociaux contribue à cette conception négative qui, à leur avis, ne correspond pas à la réalité.

**Mots-clés:** quartiers sociaux; perceptions; stigmatisation; intervention

## **Agradecimentos**

Ingressar no Mestrado, após alguns anos afastada do mundo académico, constituiu um grande desafio para mim. O caminho nem sempre foi fácil, mas valeu-me o apoio de pessoas extraordinárias a quem devo a minha profunda gratidão e a eles dedico o meu trabalho.

À minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Fernanda Rodrigues;

À Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Teresa Medina, ao Prof. Dr. João Caramelo e a todos os professores que fizeram parte do meu caminho académico, não só durante o mestrado, mas também durante a licenciatura;

Ao Lubisco, à Pollyana, à Sara, à Adriana e a todos os meus colegas de mestrado;

Aos meus pais, Filomena e Agostinho;

Ao meu namorado Pedro;

Às minhas “ESEanas” Ana, Daniela e Carina.

Aos “ninjas” Mónica, Tiago, Eliana, Marco e Joana;

A todos que de uma forma mais direta ou indireta me acompanharam nesta caminhada.

Um agradecimento especial aos moradores do Bairro do Sobreiro e à equipa do Centro Comunitário Vermoim-Sobreiro, especialmente ao coordenador, Dr. Mário Figueiredo, à Educadora Social Liliana Teixeira e à Ajudante de Ação Direta Tatiana Bento, pois sem vós este trabalho não seria possível.

## **Lista de Abreviaturas**

**CAIV** – Centro de Animação de Infância de Vermoim

**CCVS** – Centro Comunitário Vermoim-Sobreiro

**CLS** – Contrato Local de Segurança

**FFH** – Fundo de Fomento da Habitação

**FMI** – Fundo Monetário Internacional

**GIP** – Gabinete de Inserção Profissional

**IGAPHE** – Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado

**IHRU** – Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana

**MAI** – Ministério de Administração Interna

**PER** – Programa Especial de Realojamento

**PNGP** – Para Uma Nova Geração de Políticas

**RSI** – Rendimento Social de Inserção

**SAAL** – Serviço de Apoio Ambulatório Local

**SAI** – Serviço de Apoio à Integração

**UE** – União Europeia



## Índice Geral

<b>Introdução .....</b>	<b>11</b>
 <b>Parte 1. Construção da Problemática – referencial teórico</b>	
<b>Capítulo I - Habitação Social: aspetos históricos e socioeconómicos .....</b>	<b>14</b>
Nota introdutória .....	15
1. Os Bairros de Habitação Social no Grande Porto – contextualização histórica.....	15
2. Um olhar sobre os Bairros Sociais - «É ali que...».....	22
3. Educação e Desenvolvimento Comunitário .....	28
 <b>Parte 2. Olhar o Bairro do Sobreiro – Percurso Investigativo</b>	
<b>Capítulo II – Habitação Social na Maia: o Bairro do Sobreiro.....</b>	<b>33</b>
Nota introdutória .....	34
1. Caracterização do bairro e sua envolvente .....	34
2. Intervenção Comunitária no Bairro do Sobreiro .....	40
2.1. Centro Comunitário Vermoim - Sobreiro.....	40
2.2. Contrato Local de Segurança: um projeto de intervenção.....	41
<b>Capítulo III -Enquadramento Metodológico .....</b>	<b>44</b>
Nota introdutória .....	45
1. Posicionamento Metodológico .....	45
2. Procedimentos Metodológicos .....	48
2.1. Estratégia e técnicas de recolha dos dados .....	48
2.2. Participantes .....	49
2.3. Modalidade de tratamento e análise dos dados .....	52
<b>Capítulo IV – As vozes do Sobreiro: apresentação, análise e discussão dos dados .</b>	<b>59</b>
Nota introdutória .....	60
1. Apresentação e análise dos dados por categorias.....	60
2. Discussão dos dados – entre vozes e olhares .....	76
 <b>Notas Conclusivas .....</b>	<b>86</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>91</b>

## **Índice de Quadros**

**Quadro 1.** Distribuição dos moradores do Bairro do Sobreiro por faixas etárias (Espaço Municipal, 2015)

**Quadro 2.** Distribuição dos moradores do Bairro do Sobreiro por níveis de escolaridade (2015)

**Quadro 3.** Dados sociodemográficos dos participantes/ inquiridos

**Quadro 4.** Entrevistas complementares – dados dos participantes

**Quadro 5.** Dimensões e pré categorias de análise

**Quadro 6.** Entrevistas aos moradores do Bairro do Sobreiro – categorias e subcategorias de análise

**Quadro 7.** Entrevistas complementares – categorias e subcategorias de análise

## **Índice de Apêndices**

**Apêndice I.** Guião de entrevista aos moradores do Bairro do Sobreiro

**Apêndice II.** Guião de entrevista ao Coordenador do Centro Comunitário Vermoim – Sobreiro

**Apêndice III.** Guião de entrevista aos elementos da Associação de Moradores

**Apêndice IV.** Guião de entrevista à Presidente da Junta de Freguesia da Cidade da Maia

**Apêndice V.** Transcrição das entrevistas aos moradores do Bairro do Sobreiro

**Apêndice VI.** Transcrição da entrevista ao Coordenador do Centro Comunitário Vermoim-Sobreiro

**Apêndice VII.** Transcrição da entrevista aos elementos da Associação de Moradores

**Apêndice VIII.** Transcrição da entrevista à Presidente da Junta de Freguesia da Cidade da Maia

**Apêndice IX.** Quadro de análise de conteúdo das entrevistas aos moradores do Bairro do Sobreiro

**Apêndice X.** Quadro de análise de conteúdo das entrevistas complementares

## **Índice de Anexos**

**Anexo I.** Organigrama do Centro Comunitário Vermoim-Sobreiro

**Anexo II.** Plano de ação do Contrato Local de Segurança

## Introdução

É relativamente usual assistir-se a comentários depreciativos relativamente aos espaços de habitação social, mais conhecidos por bairros de habitação social ou simplesmente bairros sociais. Estas noções negativas e de potencial estigmatizante relativamente à habitação social e aos seus moradores chegam-nos por diversos meios como os *mass media*, que desempenham um papel marcante na amplificação destas questões (Fernandes, 1994), ou através das narrativas quotidianas. Estes espaços são relatados como sendo lugares de pobreza, propícios a comportamentos desviantes, tornando-se por isso lugares obscuros da cidade, geradores de insegurança e colocados à margem (Augusto, 2000; Fernandes, 1994; Wacquant, 2010).

Nas últimas décadas foram implementadas políticas habitacionais no sentido de dar resposta à sobrelotação da cidade, problemas económicos e problemas de salubridade, políticas essas que foram escassas para a real dimensão dos problemas. Estas não eram suficientes para a procura existente e não atendiam às necessidades das populações que, para além da necessidade de um teto, precisavam de medidas holísticas que trabalhassem e permitissem também a sua inserção social. Além disso, o tipo de construção, em geral, com materiais de fraca qualidade e a sua localização excêntrica, por relação aos núcleos urbanos/rurais, centrais, frequentemente pensada exclusivamente para as periferias, contribuíram para reforçar a segregação das classes «desfavorecidas» (Matos, 1994; Pereira, 2011). Além destes fatores, outros como as dificuldades socioeconómicas dos sujeitos, comportamentos adversos e conflitos entre vizinhos, muitas vezes oriundas de culturas e etnias diferentes, (Gonçalves e Pinto, 2001; Guerra, 1994; Queiroz & Gros, 2002) contribuíram para uma representação estigmatizada dos bairros sociais.

Perante este estigma social, o interesse desta pesquisa recai sobre os sentires das pessoas que habitam estes espaços e sobre as potencialidades que existem para permitir ultrapassar os obstáculos. Que lugares são estes? Quem lá vive? Como vivem? O que sentem? Que estratégias usam para ultrapassar dificuldades? Como olham o bairro? São algumas perguntas que nos surgem relativamente a estes lugares. Neste sentido, a investigação tem como objeto de estudo as perceções das pessoas que vivem no bairro de habitação social, mais concretamente no Bairro Social do Sobreiro na Cidade da Maia, sobre o sítio em que vivem e sobre si próprias, numa lógica de co-construção do conhecimento. Procura-se, deste modo, conhecer quais as perceções e significados que os moradores do

Bairro do Sobreiro atribuem ao seu bairro e que argumentos estarão por trás dessa construção estigmatizada da realidade, que, tendencialmente, poderá ser mais positiva ou negativa.

Ao conhecer estas percepções, é possível também apreender a noção destes moradores relativamente ao sentido de comunidade, isto é, se se sentem enquanto tal, nomeadamente através do sentimento de pertença ao local e as relações com os restantes moradores e em que é que isso pode ser ou não benéfico no usufruto de relações vicinais e solidárias e/ou na resolução ou amenização dos problemas.

A temática em análise julga-se pertinente quer em termos sociais quer científicos pois, considerando o designado estigma em torno destes contextos mais desfavorecidos, pretende-se dar a conhecer qual o olhar das pessoas sobre o seu próprio local de residência e de que forma isso condiciona ou não a sua forma de estar. Com este propósito dar-se-á evidência ao protagonismo dos sujeitos que, pela conjuntura em torno das políticas habitacionais e fatores socioeconómicos, poderão estar mais condicionados em termos de participação (Augusto, 2000). Esta tentativa de melhor compreensão das vivências nestes territórios poderá de certa forma contribuir para a diminuição do estigma, sendo também uma reflexão importante para repensar constantemente as políticas habitacionais.

Em termos pessoais, a escolha deste contexto e da problemática é reflexo de um percurso formativo na Licenciatura em Educação Social, que nos levou a questionar muitas vezes as nossas percepções e daí o interesse também pelas percepções presentes também nestes locais. Assim sendo, torna-se crucial um conhecimento mais aprofundado que permita olhar o local através das pessoas que dele fazem parte, através da sua participação na construção de conhecimento e, assim, aceder a uma diversidade de entendimentos dos modos de viver no bairro.

A presente dissertação encontra-se dividida em duas partes. A primeira parte diz respeito à construção da problemática e abarca o Capítulo I. Este capítulo inicial contém o referencial teórico que consideramos necessário para o nosso estudo, designadamente uma contextualização histórica sobre os bairros de habitação social no Grande Porto, aspetos ligados à forma como são vistos estes territórios e ainda aspetos ligados à educação e ao desenvolvimento comunitário. A segunda parte diz respeito ao estudo empírico e engloba os capítulos II, III e IV. O Capítulo II apresenta uma contextualização e reflexão acerca do território em estudo, o Bairro do Sobreiro. O Capítulo III dá conta do percurso metodológico efetuado ao longo da investigação, nomeadamente o posicionamento metodológico, as

estratégias e técnicas usadas na recolha e análise dos dados e os participantes envolvidos no estudo. Por último, o Capítulo IV expõe os dados recolhidos, bem como a sua análise e discussão, tendo por base e em interação com os conteúdos teóricos referenciados.

Por fim, as notas conclusivas dão conta dos aspetos mais significativos do trabalho, importantes para uma reflexão constante, das limitações e constrangimentos da investigação e são ainda apresentadas algumas propostas para trabalhos futuros.

## **Parte 1. Construção da Problemática – referencial teórico**

### **Capítulo I - Habitação Social: aspetos históricos e socioeconómicos**

## **Nota introdutória**

Uma vez que o objeto de investigação incide sobre uma realidade específica, os bairros de habitação social, torna-se fundamental uma explicitação sobre o que são, como surgiram e os principais problemas à volta destes contextos, de modo a compreender melhor esta realidade e também a sua importância para o campo das Ciências Sociais e, mais especificamente, nas Ciências da Educação.

Tal como em toda a Europa, o desenvolvimento industrial do séc. XIX originou um afluxo maior de pessoas às cidades por razões de oferta/procura de mão-de-obra e, por esta razão, as carências habitacionais tornaram-se rapidamente um problema. Muito embora este fenómeno não tenha tido a mesma expressão em Portugal como em outros países, destacamos os casos das cidades do Porto e Lisboa como sendo as zonas mais afetadas. A carência habitacional levou à criação de vários tipos de habitação com impacto no crescimento e formação das próprias cidades, como o caso das «ilhas» no Porto e os bairros de lata e os pátios e vilas em Lisboa (Neves, 1997 & Vilaça, 2001).

Assim sendo, fazemos uma breve contextualização histórica maioritariamente centrada no Grande Porto, considerando a localização a Norte do bairro em análise, de modo a perceber o surgimento destes territórios habitacionais, bem como as razões por trás do estigma que lhes é associado. Perante a problemática, é de todo pertinente uma reflexão sobre o papel da educação e intervenção neste âmbito.

### **1. Os Bairros de Habitação Social no Grande Porto – contextualização histórica**

Conforme já foi dito, os problemas habitacionais começam a surgir por força, sobretudo, do grande afluxo de população às cidades, por volta do séc. XIX, a par do desenvolvimento industrial e da necessidade de mão-de-obra. Devido à elevada procura de habitação de baixo custo e à sobrelotação dos velhos bairros na zona central da cidade, começam por surgir as primeiras «ilhas» onde se alojava a classe operária. As «ilhas» são fileiras de pequenas habitações térreas, construídas com materiais de baixa qualidade, com um corredor comum que dava acesso à rua. Em regra, não teriam mais que três ou quatro divisões e as instalações sanitárias eram exteriores e comuns. As rendas das ilhas adaptavam-se à baixa condição económica das pessoas que lá viviam. (Matos, 1994; Rodrigues, 1999; Teixeira, 1994). Este tipo de construção situava-se nas traseiras das habitações da classe



média e na periferia, junto aos estabelecimentos industriais, para uma maior aproximação da residência ao local de trabalho (Teixeira, 1994; Domingues, 2014; Matos, 1994; Vilaça, 2001). "A construção das ilhas não era regulamentada pela Câmara Municipal. O código de posturas de 1869 apenas regulamentava os edifícios construídos à face da rua" (Teixeira, 1994:567), pelo que iam sendo construídas livre de qualquer regulamentação. Devido às condições em que residia esta camada da população, começam a surgir problemas relacionados com a saúde pública, nomeadamente problemas de higiene e, consequentemente, problemas de doenças. A questão da habitação passa a estar em destaque, salientando-se os problemas sanitários e, pouco a pouco, foi necessário tomar medidas para resolver estes problemas. (Domingues, 2014; Matos, 1994).

O início do séc. XX é marcado por uma visão limitada dos poderes do Estado, o que se traduz também numa fraca intervenção ao nível das políticas habitacionais (Pereira, 2011). Para realojar a população e dar resposta aos problemas relacionados com a saúde, surgem os primeiros bairros sociais, através de iniciativas privadas, como foi o caso do Jornal «O Comércio do Porto» em 1899, que deu origem à construção de três bairros<sup>1</sup>, com o apoio do Município do Porto, e algumas iniciativas por parte das indústrias têxteis. Ainda assim, as camadas mais pobres da população, continuavam a ocupar as «ilhas», que aumentavam em número, e outros edifícios mais degradados e lotados (Matos, 1994), pois as iniciativas existentes "(...) eram socialmente seletivas e resultavam numa produção de fogos abaixo das necessidades sociais" (Pereira, 2011:549) com custos elevados para a maioria do operariado.

Após a Primeira Guerra Mundial, há novamente um aumento da afluência da população à cidade em busca de trabalho, acentuando-se a procura de habitação. A pressão sobre o Estado é cada vez maior, mas este parecia não estar ciente da importância do seu papel ao nível social (Matos, 1994).

Com o Estado Novo, em 1933, entra-se num regime autoritário, paternalista, adepto do conservadorismo moral e, como tal, passa a existir uma regulação estatal mais controlada da população, prevalecendo a repressão sobre a classe trabalhadora tida como «classe perigosa» (Pereira, 2011). Nesse ano, com vista a «descongestionar» as áreas centrais da cidade, é criado o Programa das Casas Económicas, responsável pela gestão e promoção da habitação (*ibidem*). Para a conservação da ordem social e moral, defende-se a construção de

---

<sup>1</sup> Monte Real, Lordelo e Bonfim.

moradias individuais que dão origem a pequenos bairros residenciais na periferia, sujeitos a fiscalização (Matos, 1994 & Pereira, 2011). Os residentes destes pequenos bairros são maioritariamente funcionários do Estado ou membros dos sindicatos, o que permite constatar a seletividade da entidade reguladora e um aumento das desigualdades (*ibidem*), enquanto que a construção destinada ao operariado continuava a ser pouca em quantidade e qualidade (Pereira, 2011).

Em 1956, por exemplo, eram 12000 as casas de «ilha» na cidade do Porto. Nesse ano, é aprovado um «Plano de Melhoramento para a Cidade do Porto» que implicava demolição da grande maioria das «ilhas», que estavam situadas no centro urbano e melhoria de outras, bem como a construção de novos espaços habitacionais para as famílias desalojadas. O plano resultou na construção de treze bairros<sup>2</sup>, sendo que apenas dois se situavam em zona que então era considerada centro do Porto e os restantes, bem como aqueles que foram construídos posteriormente, situavam-se na periferia da cidade, afastados da sua origem, facto que levou a um aumento da despesa das famílias ao nível da reinstalação, rendas da casa, transportes, etc., além de uma crise identitária pela perda de laços, aumentando a sua vulnerabilidade (Matos 1994; Pereira, 2011; Rodrigues 1999).

A política de habitação social hierarquizada produzida pelo Estado garantia condições razoáveis de habitação para os grupos sociais mais qualificados e assegurava, pela primeira vez de um modo mais sistemático, alojamento com condições mínimas, mas com controlo moral forte, para um segmento do operariado da cidade. Em simultâneo, e dadas as limitações dos processos de construção dos novos bairros, a habitação insalubre continuava a existir na cidade e mantinham-se ainda importantes problemas habitacionais (Pereira, 2011:552).

É ainda de salientar a intervenção do Arquiteto Auzelle com o Plano Diretor da Cidade do Porto em 1962 que mantém a tendência para a segregação das habitações das classes operárias:

O Plano Auzelle, ao estabelecer o zonamento da cidade dando cobertura a uma política de renovação do parque habitacional dirigida para estratos solventes da população e à progressiva afectação das zonas centrais ao sector terciário, e consequente hipervalorização do solo, «favorece», em definitivo, o lançamento para os concelhos de Gaia, Matosinhos, Maia, Valongo e Gondomar, dos «dormitórios» para onde não só vai parar o operariado como também a pequena burguesia economicamente mais débil (Costa, 1979:35 cit. in Rodrigues 1999:39).

---

<sup>2</sup> Bom Sucesso, Pio XII, Carvalhido, Pasteleira, Outeiro, Agra do Amial, Carriçal, Fernão de Magalhães, S. Roque da Lameira, Fonte da Moura, Cerco do Porto, Regado, Engenheiro Arantes de Oliveira (Rodrigues, 1999)

Só por volta dos anos 70, começam a surgir os primeiros sinais de maior preocupação por parte do Estado com a criação do Fundo de Fomento da Habitação (FFH), que fazia a promoção direta da habitação para arrendamento a estratos sociais mais desfavorecidos (Mendes, 1997; Vilaça 2001). O FFH detinha competências que englobava áreas diversas como a coordenação da política habitacional, de planeamento, a regulamentação dos empréstimos a conceder, a aquisição por via da expropriação para construção e urbanização, promoção dos terrenos expropriados de casas de habitação ou cedência para os mesmos fins (Vilaça 2001).

Com o 25 de Abril, inicia-se um período de mudança, com forte movimento reivindicativo, animado por associações de moradores, maioritariamente das «ilhas», que passam a ter um papel mais ativo na formulação das políticas a este nível. Fruto desta dinâmica surge, organizado pelo FFH a 31 de julho de 1974, o Serviço de Apoio Ambulatório Local – SAAL, numa tentativa de conjugar a noção de «direito à habitação» com a noção de «direito à cidade». “As políticas habitacionais eram assim de domínio forte de participação descentralizada, orientavam-se para os seus beneficiários” (Pereira, 2011:553), isto é, a metodologia de intervenção proporcionava uma democratização do trabalho técnico que possibilitava a discussão junto das populações organizadas, como as associações de moradores e cooperativas, de onde partiam as iniciativas, com o intuito de encontrar soluções ao nível habitacional. Havia, portanto, uma implicação dos moradores envolvidos desde os inquéritos iniciais, à elaboração dos projetos e a construção propriamente dita (Pereira, 2014).

Vários foram os entraves na execução deste programa, essencialmente devido à falta de uma política formal que regulamentasse as ações e à falta de financiamento e, deste modo, o número de intervenções revelou-se inferior às necessidades.

Apesar de caber às Câmaras um papel fundamental, de acordo com o despacho de 31 de Julho de 1974, essa relação nunca foi regulamentada (...) Por um lado, os serviços camarários, dominados pela rotina burocrática, não correspondiam às necessidades de um processo de intervenção urbana com princípios, metodologias e objetivos inovadores, que exigia rapidez nas decisões e nos procedimentos administrativos. Em contrapartida, o SAAL, por pressão das organizações dos moradores ou em defesa da celeridade do processo, ignorou muitas vezes o papel das Câmaras como «interlocutores diretos da organização dos interessados», segundo a letra do despacho (Pereira, 2014: 15-16)

Com estes entraves e com os conflitos entre as várias entidades, o SAAL acabou por ser extinto a 27 de outubro de 1976 (Rodrigues, 1999).

Os problemas persistiam e foram agravados pela crise económica de 1977 e consequente intervenção do Fundo Monetário Internacional (FMI). Apesar das tentativas de reabilitação, de forma a manter os laços sociais no centro urbano, designadamente no Porto, a deslocação para a periferia continuava a acontecer (Pereira 2011; Rodrigues, 1999; Vilaça, 2011). O Estado fica limitado e a sua ação "orienta-se preferencialmente para o apoio ao investimento dos setores privado e cooperativo, consagrando-se, em termos gerais uma transferência progressiva das responsabilidades com a promoção e o acesso à habitação para a administração local, para as cooperativas de habitação e para o próprio sistema de crédito bancário" (Pereira, 2011:554)

A partir de 1981 a responsabilidade de alojamento de famílias mais carenciadas passa a ser atribuída aos municípios que, em conjunto com as entidades mencionadas, passaram a promover ações neste sentido.

O FFH é extinto e, já no fim da década de 80, é criado o Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado (IGAPHE) que promove políticas diferenciadas de acordo com os diversos grupos sociais. Ao aderir à Comunidade Económica Europeia em 1986, são também desenvolvidas novas políticas sociais e novas instituições do Estado Social (Pereira, 2011). "(...) assumida a habitação como um direito, as políticas de habitação não se podem desarticular das políticas sociais tanto mais que por ela passa o combate à exclusão social e à pobreza" (Mendes, 1997: 75)

A partir de meados dos anos 90, a promoção da habitação passa a reger-se pelo Programa Especial de Realojamento – PER –, estabelecido nas Áreas Metropolitanas do Porto e Lisboa, tentando resolver de forma mais eficaz os problemas de habitação. (Mendes, 1997; Pereira, 2011; Decreto-Lei n.º 163/93).

A habitação social sofreu várias transformações e está sujeita a uma maior regulamentação. É maioritariamente da responsabilidade dos Municípios e financiada pelo Estado para oferecer melhores condições a pessoas com baixo poder socioeconómico. Entendem-se, assim, por habitações sociais aquelas que são "(...) promovidas com o apoio financeiro do Estado, nomeadamente pelas câmaras municipais, cooperativas de habitação, empresas privadas e instituições particulares de solidariedade social, destinadas à venda ou ao arrendamento; as que obedeçam aos limites de área bruta, custo de construção e preço de venda fixados na presente portaria" (Portaria nº828/88).

As políticas criadas pelo Estado Central e promovidas pelos municípios no sentido de colmatar as necessidades que se iam fazendo sentir ao longo do tempo revelaram-se sempre insuficientes.

O problema habitacional continua atual, ainda que com algumas nuances, sendo que continua a afetar extensamente as cidades. As notícias que nos chegam hoje nos *media*<sup>3</sup> da cidade do Porto, apontam para o despovoamento dos centros, em prol, essencialmente, do turismo. Em algumas casas devolutas opta-se pela solução mais barata e rentável que é a sua venda ou requalificação para investimento no turismo, ao invés de uma requalificação para criar melhores condições aos moradores atuais. Famílias são despejadas sem grandes alternativas de realojamento e perdem também, em consequência desse realojamento, as relações de vizinhança que tinham, relações essas que são frequentemente o seu único suporte.

O facto de Portugal pertencer à União Europeia (UE) significa que é influenciado por uma instância transnacional de formulação de regras, orientações e questões prioritárias ao nível da formulação das políticas públicas. A UE não tem responsabilidade direta na formulação de políticas de habitação ou outras políticas públicas, sendo tarefa dos governos nacionais desenvolver as suas próprias políticas mas, o facto de os Estados-Membros enfrentarem situações semelhantes neste domínio, faz com que seja um tema em debate, envolvendo outras questões como a pobreza e a exclusão social (Comissão do Emprego e dos Assuntos Sociais, 2013; Eurostat, 2017).

No ano 2000, com a Carta dos Direitos Fundamentais, foram estabelecidos direitos importantes para uma vida digna, onde a habitação merece também o seu destaque:

(...) a fim de lutar contra a exclusão social e a pobreza, a União reconhece e respeita o direito a uma assistência social e a uma ajuda à habitação destinadas a assegurar uma existência condigna a todos aqueles que não disponham de recursos suficientes, de acordo com o direito da União e com as legislações e práticas nacionais (Capítulo IV, art. 34.º).

A questão habitacional foi ganhando notoriedade, principalmente pelos efeitos da crise económica e social, sabendo-se como o direito da habitação condiciona também a concretização de outros direitos fundamentais políticos e sociais. Assim, considera-se que a

---

<sup>3</sup> Exemplos de notícias:

Diário de Notícias, 23 de setembro de 2017: <https://www.dn.pt/lusa/interior/cerca-de-100-pessoas-manifestaram-se-no-porto-contrapressao-do-turismo-na-habitacao-8793020.html>

Público 3, janeiro de 2018: <http://p3.publico.pt/actualidade/sociedade/25269/ana-resiste-alice-resignou-se-luta-invisivel-dos-despejados>

resolução destas questões é crucial para ajudar a UE a ultrapassar a crise que se configura ao nível económico, social e mesmo ambiental, favorecendo uma abordagem integrada, que combata a segregação e discriminação dos indivíduos (Comissão do Emprego e dos Assuntos Sociais, 2013). Neste sentido, cabe aos Estados-Membros, como é o caso de Portugal, responsabilizarem-se pela formulação de políticas públicas a este nível, sendo que a “oferta habitacional deve satisfazer um elevado padrão de qualidade, segurança e acessibilidade de preços, promovendo a igualdade de tratamento e os direitos dos utentes” (*ibidem*:8). Assim, a problemática dos bairros sociais não pode residir só no edificado, mas deve centrar-se também nas pessoas, nos seus projetos de vida, emprego e formação profissional, etc.

Recentemente em Portugal, a 4 de outubro de 2017, foi aprovado pelo Conselho de Ministros, um plano estratégico que resultou na elaboração do documento «Para Uma Nova Geração de Políticas» (PNGP) que, não descurando o caminho feito até então neste âmbito, essencialmente a nível quantitativo, mostra

(...) a necessidade de uma abordagem integrada ao nível das políticas setoriais, das escalas territoriais e o envolvimento dos vários atores. Esta abordagem, embora prosseguindo uma visão global, tem de ser adaptada aos desafios e às características específicas dos edifícios, territórios e comunidades (PNGP, 2017:3).

Esta abordagem prevê uma intervenção mais abrangente, olhando o problema de forma global ao mesmo tempo que tem em consideração as questões particulares de cada território e, desta forma, corresponder aos desafios económicos, funcionais, ambientais e sociais (PNGP, 2017) pois, mais do que um teto, é necessário garantir a inserção social de cada indivíduo (Mendes, 1997).

De entre os instrumentos apresentados no documento, destaca-se o 1º Direito – Programa de Apoio ao Direito à Habitação com o objetivo de “(...) garantir o acesso a uma habitação adequada e a condições de vida dignas aos agregados familiares em situação de grave carência habitacional” (PNGP, 2017:15) A importância de ter uma habitação que temos vindo a destacar, encontra-se refletida desde logo na designação de «1º Direito». Além da ajuda na requalificação, arrendamento ou aquisição de imóveis às famílias mais carenciadas, o programa pressupõe que, em paralelo, seja assegurado apoio técnico e social.

Para sustentar este programa, foi elaborado um diagnóstico de carências habitacionais graves a nível nacional pelo Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU). Dos dados recolhidos podemos destacar os seguintes: 25.762 famílias como estando

em situação habitacional claramente insatisfatória; existem 14.748 edifícios e 31.526 fogos sem as condições mínimas de habitabilidade; existem municípios onde a percentagem de famílias em situação de carência habitacional face ao total famílias residentes assume uma expressão bastante significativa (acima dos 3%); forte concentração das carências habitacionais nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto (74% do total de famílias identificadas; é também na periferia de Lisboa e Porto que se localiza um elevado número de municípios com mais de 150 famílias a realojar). Relativamente à tipologia urbana, 47% das famílias habitam essencialmente em «Barracas e Construções Precárias» (maior prevalência na Área Metropolitana de Lisboa – 45%) ou 25% em «Conjuntos Urbanos Consolidados Degradados» (maior prevalência na Área Metropolitana do Porto – 70%). O «Bairro Social» é a terceira tipologia mais frequente (15%), verificando-se construções edificadas na primeira metade do Sec. XX que se encontram degradadas, ultrapassando, em alguns casos, a sua duração expectável (IHRU, 2018).

A atualidade é pois marcada por um passado pobre em políticas habitacionais que respondessem àquilo que eram as necessidades emergentes, o que provocou efeitos significativos nas pessoas que vivem nestas condições. Para além da privação de uma habitação digna, os territórios habitacionais destinados a pessoas com baixo poder socioeconómico, tais como os bairros de habitação social, passaram a ter uma imagem negativa construída socialmente, o que reforça a importância da constante reflexão sobre estas questões como está a acontecer atualmente.

## **2. Um olhar sobre os Bairros Sociais - «É ali que...»**

Através da análise da contextualização histórica, é possível constatar que os bairros de habitação social são espaços sujeitos a uma maior discriminação e vulnerabilidade, derivado não só da sua localização frequentemente excêntrica, mas também das características socioeconómicas e culturais de quem lá habita. Constatamos assim, uma tendência para a segregação espacial e consequentemente social das classes mais baixas, isto é, com menores recursos.

Os bairros sociais são tratados tendencialmente como homogéneos, uma vez que estes foram construídos para dar resposta às carências habitacionais essencialmente da população com baixo poder socioeconómico (Augusto, 2000; Queiroz & Gros, 2002). Além disso, a estes lugares de pobreza são associadas as dependências e outros comportamentos desviantes (Augusto, 2000; Fernandes, 1994), ainda que não se possa afirmar, como refere

Robert Merton (cit. in Queiroz & Gros, 2002), uma correlação direta entre pobreza e delinquência, havendo outros aspetos que podem despoletar estes comportamentos como as metas culturais de cada sociedade<sup>4</sup>. Para além destes fatores, contribuem também para a marginalização destes territórios a sua localização frequentemente periférica e a construção com materiais de menor qualidade – homogeneidade arquitetónica (Augusto, 2000). A questão da homogeneidade arquitetónica é facilmente exemplificada, pois é frequente identificarmos um bairro de habitação social mesmo sem sabermos que o é à priori. Esta conjugação fatorial leva, por vezes, à interiorização de uma imagem negativa, socialmente atribuída, pelos habitantes destes territórios. Segundo alguns estudos, esta interiorização tem implicação na forma como olham para si mesmos e como agem perante os outros (Fernandes, 1994; Guerra, 1994; Queiroz & Gros, 2002).

Goffman fala-nos desta etiquetagem dos indivíduos através do conceito de estigma. Este conceito vem da sociedade grega que designava por “(...) sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou de mau acerca do status moral de quem os apresentava” (1990:5), assim era possível distinguir, por exemplo, um escravo ou criminoso. O conceito atual assume uma maior amplitude, prevalecendo o lado depreciativo. O estigma é tudo aquilo que não se coaduna com as expectativas sociais ditas «normais», criadas sobre determinado indivíduo e que, por isso, se tornam estranhas e sujeitas a julgamento. A este conjunto de características expectáveis, Goffman define como «identidade social virtual» em oposição à «identidade social real». O autor distingue ainda três tipos de estigma: as deformações físicas, culpas de carácter individual, (ex: distúrbios mentais, vícios, comportamentos sexuais.) e estigmas tribais (raça, religião e nação). O estigma irá afetar a relação entre os estigmatizados e os «outros», pois estes últimos tendem a sentir-se inseguros na forma como agir perante os primeiros e estes, por sua vez, poderão distorcer atitudes não intencionais. Para evitar constrangimentos, os indivíduos estigmatizados tendem a encobrir determinados detalhes da sua vida para evitar o confronto com os outros. Wacquant (2010) chama a atenção para o facto de a tipologia de estigma apresentada por Goffman não incluir uma categoria dedicada ao território onde o indivíduo habita e de como esse fator pode contribuir para o desqualificar. No entanto, segundo a sua análise, a «infâmia territorial» possui características que se aproximam dos tipos físicos e

---

<sup>4</sup> Exemplo: “(...) quando as motivações culturalmente induzidas tendem para uma certa uniformização, em torno de um único modelo de prestígio e sucesso material/ financeiro, as infracções contra os códigos sociais afiguram-se como uma reação adaptativa altamente previsível por parte de indivíduos cujas oportunidades reais de virem a alcançar a meta pelas vias legítimas são muito limitadas” (Queiroz & Gros, 2002:130).



tribais, sendo com este último a maior relação, no sentido em que "(...) pode ser transmitido por via da linhagem e contamina de igual modo todos os membros da família"<sup>5</sup> (Goffman 1990:14). Apesar disso, o estigma territorial é mais fácil de contornar do que os estigmas tribais, pois é possível a mobilidade geográfica (Wacquant, 2010).

Os moradores dos bairros sociais tendem a «sofrer» com o estigma. Esta imagem dos indivíduos resulta de uma etiquetagem primeiramente territorial. Quando se diz que um bairro é perigoso, é quase imediatamente assumido que todos os que lá vivem são perigosos e, portanto, são lugares a evitar, tal como nos diz Isabel Guerra (1994:11): "(...) habitar nesses bairros é arriscar a imagem de se ser marginal, delinquente, indesejável". A simples crença dotada de preconceito é o suficiente para causar danos sociais (Wacquant, 2010).

Como já anteriormente mencionado, muitos estudos referem a interiorização desta imagem negativa pelos moradores, construída quer por elementos externos, quer por elementos internos ao bairro, pois as próprias trajetórias desses territórios são um fator determinante na perceção que os moradores têm do seu local de habitação. É importante uma reflexão sobre que razões levaram os indivíduos àquele lugar e como é que as suas relações sociais foram afetadas e/ou reconstruídas. Só considerando estas experiências vividas pelos moradores é que será possível perceber sentimentos de pertença e/ou rejeição face ao seu território habitacional (Gonçalves e Pinto, 2001).

No que diz respeito aos fatores de rejeição, podemos destacar as más condições urbanísticas (degradação dos espaços habitacionais), a escassez de equipamentos e serviços (ex. sociais e recreativos), as dificuldades socioeconómicas dos sujeitos, o tráfico de droga e conflitualidades com a vizinhança, muitas vezes oriundas de culturas e etnias diferentes. Um dos casos mais comuns que gera conflitualidade é a presença da etnia cigana. Pelas características culturais que apresentam é muitas vezes criada uma barreira entre ciganos e não-ciganos por questões ditas de «segurança», pois normalmente a comunidade cigana aparece nos discursos associada aos roubos, aos negócios ilícitos, sobretudo ao tráfico de droga. O facto de serem alegres e organizarem festas também leva a que sejam apontados como barulhentos. (Castro *et al*, 2001). Todos estes fatores estão também na origem da rejeição por parte de elementos externos. (Gonçalves e Pinto, 2001; Guerra, 1994; Queiroz & Gros, 2002).

Sendo certo que a desvalorização com base no habitat tende a ter um impacto generalizado sobre os habitantes que são vítimas dessa desqualificação, é preciso começar por assumir

---

<sup>5</sup> Texto original: "that can be transmitted through lineages and equally contaminate all members of a family".

uma atitude de vigilância crítica relativamente à tentação de pressupor que a partilha de um mesmo território desvalorizado induz reacções e modos de construir a identidade uniformes (Queiroz & Gros, 2002:164).

Mesmo considerando a existência de características comuns entre moradores que tendem a homogeneizar determinado espaço, cada morador é único e, portanto, os efeitos desta desvalorização levam a mecanismos de reacção distintos, através do que Paugam (2003) define como «estratégias de distinção social» como forma de se desprender da conotação negativa. São três as estratégias apresentadas pelo autor: o evitamento, a reconstituição das diferenças e a derivação do descrédito que, embora não incompatíveis, são passíveis de se caracterizar. No que diz respeito à estratégia de evitamento, tal como o próprio nome indica, os indivíduos evitam o contacto com os restantes ditos «indesejáveis», fechando-se na sua esfera pessoal ou familiar. Desta forma, estreitam relações ou cortam com elas definitivamente, o que trará também consequências negativas, como o isolamento. A reconstituição das diferenças, remete para uma categorização feita pelos moradores, ao encontrar diferenças para se destacarem dos seus vizinhos, de forma a elevar o seu estatuto social relativamente ao outro. Por fim, a derivação do descrédito ou desvio de estigma, consiste em atribuir a um dado grupo (ex: minoria étnica) a responsabilidade pela imagem negativa, rejeitando-o. Queiroz & Gros (2002), considerando outras leituras, acrescentam ainda uma outra estratégia que designam por denegação ou fuga da realidade que, mais do que uma demarcação ou diferenciação do outro, o sujeito nega mesmo aquela realidade. Na mesma lógica destas autoras referidas, Wacquant (2010:29) diz-nos que:

O sentido agudo da indignidade social que envolve os bairros de relegação social só pode ser atenuada pela transferência do estigma para outra entidade, diabolizada e sem rosto - os vizinhos de baixo, a família imigrada que mora num prédio paredes meias, os jovens do outro lado da rua dos quais se diz que «se drogam»

Mas esta rejeição por parte dos moradores não é linear e transversal a todas as pessoas de todos os bairros sociais, pois é possível verificar que em determinados territórios existem pessoas com discursos positivos por relação ao local em que vivem, realçando a sua ligação afetiva ao mesmo, pelo tempo que lá habitam e as boas memórias desse passado, e aos seus vizinhos com quem mantêm uma relação de proximidade. É de destacar também o facto de, em certos bairros, ser muito comum os habitantes permanecerem mais tempo na rua, uma vez que a população externa contorna o bairro e o trânsito é menor, onde se criam espaços de convívio e é potencializada a vida comunitária (Fernandes, 1994 & Fernandes, 1997).

Este discurso mostra que existem aspetos positivos percebidos de se viver num bairro e que as percepções acerca de um local variam consoante as pessoas, as suas circunstâncias, o seu universo de relações (dentro e fora do território «bairro»). Realçar potencialidades existentes neste tipo de contexto poderá contribuir para desmistificar a ideia de que se trata de um «espaço perigoso» onde tudo é mau (Fernandes, 1994). Queiroz & Gros (2002), chamam assim a atenção para outro tipo de estratégias que envolvem processos coletivos de revalorização, contrárias às estratégias de distinção social de Paugam (2003), em que os indivíduos invocam as vantagens e potencialidades da vida no bairro. Deste modo, são valorizados, acima de tudo, os laços comunitários, ainda que possam ser ilusórios, de modo a compensar o estigma exterior. Invertem, assim, a imagem pública estigmatizante para uma forma de distinção positiva, o que leva à interrogação de quais são os pilares de sustentação do seu sentir positivo num contexto potencialmente adverso.

As pessoas atribuem diferentes sentidos e significados a determinado objeto, neste caso concreto, ao bairro social, consoante as suas vivências no mesmo e trajetórias pessoais e coletivas, no entanto, é interessante perceber o porquê de as percepções negativas serem mais concentradas nestes territórios.

O conceito de comunidade surge como potencialmente relevante nesta análise, considerando as características comuns, e não só, das pessoas que habitam os espaços de que falamos. A conceção sobre a comunidade tem vindo a evoluir ao longo dos tempos, não sendo, hoje, um conceito entendido como algo delimitado por determinadas características rígidas. Se anteriormente era encarada como uma “(...) forma de vida social baseada na tradição, no hábito e no sentimento, em relações hierárquicas estáveis entre pessoas que se conheciam na totalidade e com um forte sentimento do «nós» (...)” (Lima, 2003:216), atualmente ela aparece como uma conceção mais flexível daquilo que se entende por comunidade, uma vez que se consideram as individualidades sem, no entanto, invalidar o sentimento de pertença. Apesar de os habitantes dos bairros sociais comungarem de algumas características comuns que os identificam com uma visão tendencialmente homogeneizadora, sabe-se que, muito por força da diversidade de experiências, como por exemplo, da emigração, são espaços bastante heterogéneos culturalmente (Guerra, 1994.) Partindo das diferentes conceções de comunidade, Anthony Cohen desenvolveu a sua perspetiva, defendendo que a comunidade deveria ser encarada enquanto construção simbólica, já que existe na mente das pessoas, isto é, não há marcos tangíveis que a delimitem de forma exclusiva, são, portanto, «fronteiras simbólicas» (Castro *et al*, 2001).

Assim, o conceito de comunidade é "(...) um campo cultural (...) em que os símbolos partilhados podem variar nos seus significados sem pôr em perigo a sua comunalidade" (Lima, 2003:253), sem pôr de lado as diferenças e o pluralismo existente. "É um espaço de vida onde se concretizam os problemas, as necessidades, os projetos, as esperanças de um amplo grupo de pessoas que, a partir da sua organização em diversas instituições, pretendem dar resposta aos desafios do seu meio" (Gomez, Freitas & Callejas, 2007:132).

Segundo Fernandes (1994) o que faz dos bairros sociais uma comunidade, e não um mero aglomerado de pessoas em tensão, são essencialmente dois fatores: as características eco-sociais ligadas à adaptação ao espaço físico-ambiental e a história interna daquele espaço (cruzamento da história pessoal e a história do bairro em si), que permitirão ou não uma ligação afetiva e um sentimento de pertença. Não se trata de homogeneizar na totalidade, mas sim de encontrar pontos comuns que permitam às pessoas daquele lugar se sentirem bem e ultrapassar dificuldades, valorizando as particularidades de cada um. Segundo Augusto (2000), a comunhão de características sociais, económicas e culturais fortalece os laços relacionais pela identificação dos sujeitos entre si. Paugam (2003) acrescenta ainda que os laços comunitários só acontecem e são mais proveitosos quando se admite uma certa homogeneidade social, uma apropriação simbólica do espaço e ainda uma renúncia face a estratégias de ascensão social que acabam por reforçar o distanciamento entre os moradores. Este último ponto parece um pouco controverso, tendo em conta que, numa lógica de intervenção social, pretende-se, por norma, uma inserção e ascensão social dos indivíduos, mas Paugam, por outro lado, fala-nos em renúncia da ascensão social. No nosso entender, esta visão do autor faz algum sentido se considerarmos que esse estatuto, ou ilusão de estatuto, pode levar ao distanciamento, ao evitamento e até mesmo à competitividade entre os sujeitos como vimos anteriormente e, conseqüentemente, a uma rutura dos laços sociais. Ainda assim, na nossa opinião, é importante que se valorizem os aspetos particulares de cada um, ou seja, é necessário encontrar potencial na diversidade e na miscigenação para que esta não sejam impedimento de uma vivência harmoniosa.

É importante um olhar crítico e reflexivo sobre esta problemática através do conhecimento das razões que levaram à construção das imagens negativas, para assim trabalhar no sentido da desconstrução dessas mesmas imagens. Para tal, é necessário a compreensão das dinâmicas existentes nos territórios, a qual contemple uma contextualização histórica do espaço e das pessoas, bem como o seu potencial endógeno, contrariando o estigma legitimado através do rumor do «é ali que...» reforçado pelos *media*

(Fernandes, 1994 & Fernandes 1997). Como diz Isabel Guerra (1994) “As pessoas não são coisas que se ponham em gavetas”.

Torna-se mais uma vez pertinente reforçar a ideia de que a formulação de políticas habitacionais deve ter por base uma visão concreta e holística da vida e dos modos de viver, isto é, não basta criar um teto para as famílias, colocando-os numa “gaveta habitacional”, mas importa garantir condições que lhes permitam a sua inserção societal, ao invés de reforçar a condição social que os levou até ali. Uma intervenção meramente assistencialista apenas com a atribuição de fogos promove, como refere Augusto (2000), uma resistência à mudança, pois as pessoas tornam-se meros recetores de bens e serviços. A construção de uma habitação não deve cingir-se à execução da obra em si, mas sim ao conjunto de ações que englobem a obra e outras iniciativas de cariz educacional que envolva os moradores e, deste modo, proporcionar uma melhor adaptação destas pessoas ao seu novo espaço e à sociedade (Queiroz & Gros). Neste sentido, as pessoas deveriam estar envolvidas na fase de discussão, conceção do projeto e construção, tal como vimos no âmbito do SAAL. Destacamos assim o papel da educação no desenvolvimento pessoal e das comunidades como veremos de seguida.

Com a Nova Geração de Políticas de Habitação parece haver esperança de que, de facto, todas as dimensões se conjuguem, bem como abra portas à participação mais ativa dos próprios habitantes e uma integração natural dos bairros no espaço da urbe:

(...) assumir a necessidade de complementar este avanço criando condições para que os referidos bairros passem a ser parte integrante e integrada das áreas urbanas onde se inserem, bem como para que os seus moradores possam beneficiar de uma melhoria, que vá além da questão habitacional, e abranja de forma global as suas condições de vida. Para este fim, assume especial importância a implementação de intervenção com base em modelos de governança multinível e participativos e que promovam respostas integradas (...) aos desafios específicos dos territórios e agregados familiares em causa (PNGP:23).

### **3. Educação e Desenvolvimento Comunitário**

Ao longo do tempo, a sociedade foi sofrendo diversas transformações que fizeram com que as pessoas tivessem que procurar alternativas e se adaptassem a novas realidades. Esta conjuntura levou à criação de uma nova perspetiva de intervenção socioeducativa que “(...) se anteriormente esteve muito centrada nos primeiros anos de vida [e sobretudo no contexto escolar], agora assume com a mesma importância e interesse que se trata de um processo permanente” (Osório, 2003:9) que engloba todas as idades e os diferentes espaços

de socialização. Neste sentido, é possível perspetivar a educação de muitas formas, ela transpõe os muros dos edifícios escolares e é possível reconhecê-la não só dessa forma, como também numa dimensão não-formal e informal que atravessa todas as faixas etárias.

Amado e Boavida (2006) identificam a educação com a humanização em que o indivíduo passa por um processo de apropriação da cultura em que está inserido, isto é, dos objetos, das práticas, das ideias, valores, etc. Portanto, a educação tem patente uma história e um processo individual que resulta das suas interações com as pessoas e o meio que as rodeia. Além da apropriação cultural, a educação tem como objetivo a criação de competências criativas e de transformação, sendo o indivíduo simultaneamente produto e produtor de cultura. Cada pessoa é fruto de fatores individuais e sociais, tendo o território um papel muitas vezes determinante no seu desenvolvimento. A educação é, assim, um processo de construção de sujeitos, um processo de desenvolvimento que engloba não só a pessoa individual como o coletivo, as comunidades (Amado & Boavida, 2006; Lima, 2003). É neste processo educativo menos formal, através de diferentes meios de socialização que se moldam comportamentos e que leva a criação de representações e atribuição de significados. No que diz respeito aos bairros de habitação social, estes são locais frequentemente estigmatizados e que, como vimos, esse estigma pode ter repercussões nos seus habitantes. Apesar de já existirem alguns trabalhos que chamam à atenção para esta questão, ainda há um longo trabalho a fazer, principalmente no que toca ao próprio território bairro, iniciando um trabalho interno que ajude no combate ao estigma que existe de fora e, sobretudo, um aumento do bem-estar destas pessoas a vários níveis.

Falar de desenvolvimento comunitário implica colocar as pessoas e as comunidades como protagonistas da ação e tomar o desenvolvimento como o exercício pleno da cidadania. Neste sentido, são as próprias pessoas que tomam consciência das suas fragilidades e se mobilizam no sentido de as combater, usando para isso as suas próprias potencialidades (Roque Amaro, 2003). É uma ação que parte do local para o local, com repercussões nos indivíduos que se tornam cada vez mais conscientes, ativos e responsáveis, capazes de tomar as suas vidas nas próprias mãos em todos os contextos em que se inserem.

A participação, surge, neste âmbito, como algo fulcral e determinante. Assim, quando se fala em projetos participativos, significa que desde a análise da realidade, passando pela conceção, pelo desenvolvimento até à avaliação, são participados pelos principais atores sociais, que são os elementos que vivem naquele determinado contexto, ainda que possam ter a mediação de profissionais. Segundo Sastre (2000 cit. in Lopes, 2006:431) a participação

(...) envolve o sentido grupal ou o sentido de coletivo de comunidade, na qual participa necessariamente a consciencialização individual. (...) deve ser definida (...) como um direito de cidadania que implica estar informado, opinar, intervir na vida política e social da comunidade; deve ser orientada para um objetivo concreto (um projeto, uma organização, uma tarefa, etc.); deve ser organizada e intencional, pois não se trata de uma manifestação humana espontânea, mas antes de uma ação social coordenada e organizada.

É possível considerar os movimentos associativos, talvez, como um bom exemplo da participação e da tomada de consciência e iniciativa local. Estas associações têm como intuito contribuir para o «(...) desenvolvimento integral e harmonioso dos sócios e das famílias, atendendo aos aspetos intelectual, físico, moral, estético, profissional e cívico.» (Malheiro, 1996:21). Pressupõe-se, então, que as associações sejam formadas com um propósito e de forma espontânea, mas consciente das necessidades existentes. Um exemplo deste movimento associativo nestes territórios habitacionais são as Associações de Moradores. Algumas destas comissões/associações de moradores surgiram no âmbito do SAAL com um papel preponderantemente na reivindicação de melhores condições ao nível da habitação, partindo de um local e de problemas concretos. Os seus membros são pois representantes de um grupo de pessoas, comunidade, território.

Para além destas associações, existem outras instituições que se relacionam de várias formas e com diversos propósitos, envolvendo profissionais maioritariamente externos ao local. A sua ação tem um potencial de conhecimento técnico e científico, contudo, nem sempre é feita uma análise da realidade profunda e junto das pessoas e comunidades para que haja um conhecimento da mesma e se adequem as intervenções. Havendo um trabalho implicado no conhecimento da realidade, tendo como principais fontes de informação as pessoas que lá habitam, fazendo, não só, um levantamento de problemas e de necessidades como também das potencialidades, a intervenção será muito mais adequada, fará sentido para todos os intervenientes e terá mais hipótese de sucesso.

Os projetos comunitários devem focar-se não só nos problemas e nas necessidades, mas também nas potencialidades da comunidade que são instrumentos importantes para a mudança. Mas, nem sempre são as próprias pessoas a alegar a pertinência do projeto, mas sim alguém do exterior (à comunidade) que acha necessário. Assim, é importante também refletir acerca do papel das instituições e dos profissionais nos projetos de âmbito comunitário. Os profissionais devem ter acima de tudo uma adequada capacidade de escuta ativa, compreensão empática, criatividade e a espontaneidade. É fundamental uma postura

flexível, capaz de se adaptar às diferentes pessoas e situações, de modo a criar uma relação de confiança com as pessoas e, conseqüentemente, envolvê-las numa iniciativa que é delas e para elas. Neste sentido, é necessário considerar questões como: Para quem? Para quê? Por quanto tempo? Quem considera adequado? Segundo Associação Nacional de Animadores Socioculturais (n.d. cit Lopes, 2006:520), os profissionais que trabalham neste âmbito devem:

Promover o desenvolvimento das comunidades favorecendo o desenvolvimento de relações interpessoais centradas no interagir à volta de projetos e iniciativas que estimulem a criatividade e a autonomia. [devem também] Potenciar a educação multi e intercultural como fatores de valorização e combater a exclusão social.

Na ótica de Paulo Freire (cit. in Fernandes, 1998:132) passa por ajudar as pessoas a “(...) questionar a realidade, a problematizá-la, a desocultá-la através do desenvolvimento dos conhecimentos acerca dela e do espírito crítico.”. Não é, portanto, um trabalho mecanizado, com métodos e soluções pré-definidos, daí a dificuldade da intervenção. É nestas relações entre os diferentes atores sociais, entre grupos, instituições e o meio que o processo educacional ganha corpo (Lima, 2003).

Olhando mais concretamente para a problemática que se aborda neste trabalho, é importante atuar sobre os fatores que produzem segregação e vulnerabilidade, não só com sentido de colmatar os problemas, mas de provocar efetivamente mudança social. Neste sentido, é necessário a criação de organizações, pois têm um papel fulcral para que, num trabalho de parceria com as populações, consigam assegurar a sua inclusão. “(...) o desenvolvimento social implica instituições vivas, participadas e verdadeiramente representativas” (Queiroz & Gros, 2002). Segundo Santos Silva, “(...) desenvolvimento é um processo de mudança social [que] pode e deve ser compatível (...) com o conjunto cultural característico de cada grupo [tendo em conta as suas necessidades, interesses e potencialidades], quer dizer, com a globalidade (e não com a totalidade) dos seus valores, operadores e práticas simbólicas (1988 cit. in Lima, 2003:303), completando, Rosa Lima diz “(...) que a mudança é produzida pela interação da endogeneidade e da exterioridade, da tradição e da inovação, interações que são processadas pelos próprios atores sociais, protagonistas fundamentais.” (Lima, 2003:303-304). Assim, ao falar em desenvolvimento e, mais concretamente em desenvolvimento comunitário, pretende-se uma mudança positiva, ambicionada e despoletada pelas pessoas que são únicas e que trazem consigo uma bagagem pessoal, social, cultural, que tem de ser considerada. Assim, é importante a valorização da identidade cultural, isto é, o modo como as pessoas percecionam o seu passado e a sua



realidade presente (Roths, 2009), mas, mais que isso, a importância de as pessoas olharem o futuro para orientar os processos de desenvolvimento. Os movimentos associativos e outras instituições são marcos de referência no trabalho com as populações a este nível, sendo assim importante não deixar que a sua missão se perca e que os profissionais trabalhem neste sentido de valorização constante dos atores sociais e, como refere Paulo Freire, na sua consciencialização, isto é, na tomada de consciência do que os rodeia para que a sua participação contribua para um desenvolvimento positivo.

## **Parte 2. Olhar o Bairro do Sobreiro – Percurso Investigativo**

### **Capítulo II – Habitação Social na Maia: o Bairro do Sobreiro**

## **Nota introdutória**

A escolha do bairro de habitação social onde a investigação se desenvolveu, além das particularidades genéricas mencionadas acerca destes territórios, teve subjacente, essencialmente, dois critérios: a proximidade com o local de residência da investigadora e a presença de uma instituição no terreno que poderia facilitar a comunicação com os habitantes do mesmo e com o trabalho social ali desenvolvido. O Bairro do Sobreiro na Cidade da Maia reúne estes critérios pelo que, após um primeiro contacto junto do coordenador da instituição local, o Centro Comunitário Vermoim-Sobreiro (CCVS), bem como da Sra. Provedora da Santa Casa da Misericórdia da Maia, à qual o CCVS pertence, para avaliar a viabilidade da investigação, a mesma foi iniciada.

Este capítulo tem como objetivo caracterizar o contexto em que a investigação decorreu, o Bairro do Sobreiro, bem como refletir e questionar as informações recolhidas e que se revelaram mais pertinentes para o estudo.

### **1. Caracterização do bairro e sua envolvente**

O Diagnóstico Social do Município da Maia (2014), elaborado pelo Núcleo Executivo da Rede Social do concelho, dá conta da construção dos primeiros conjuntos de habitação social na década de 70 pelo FFH nomeadamente o Sobreiro, Maia I e Maia II, num total de 788 fogos. Ao contrário da maioria dos complexos habitacionais de cariz social, estes três primeiros situam-se na zona mais central da Freguesia da Maia e Vermoim que formam, atualmente, em conjunto com Gueifães, a Cidade da Maia. Embora à época da sua construção ocupassem uma posição periférica, com o desenvolvimento da cidade, estes bairros foram sendo abraçados por esta e passam, agora, a integrar o centro da Maia.

(...) a sua construção foi o resultado, muito mais do que de uma política habitacional e de desenvolvimento concertada a nível nacional, de uma vontade impulsiva de dar satisfação, no mais curto espaço de tempo, às carências habitacionais que genericamente afetavam o País, em especial as famílias de menores recursos económicos.<sup>6</sup>

Este propósito enunciado traduziu-se em construções baratas e de fraca qualidade.

Mais tarde, em 1994, com a celebração do Acordo de Adesão ao PER é criada a empresa Renovarum – Renovação Urbana e Gestão de Património, Lda., responsável pela gestão do património de habitação e a renovação urbana no Concelho da Maia, participada

---

<sup>6</sup> <https://www.cm-maia.pt/pages/1366>

em 90% pela Câmara Municipal da Maia e em 10% pela Santa Casa da Misericórdia da Maia. Esta empresa foi mais tarde, em 2001, substituída pela Espaço Municipal – Renovação Urbana e Gestão do Património, E.M., participada em 100% pelo Município da Maia.

No âmbito do Acordo de Colaboração celebrado entre a Administração Central e o Município da Maia e do Acordo Geral de Adesão ao PER, foram contruídos, por iniciativa municipal, novos conjuntos de habitação social, cerca de quarenta empreendimentos, na década de 90 e na primeira década do século XXI, correspondentes a 1765 fogos<sup>7</sup>. “A política de desenvolvimento da habitação social no Concelho da Maia teve em conta, entre outros aspetos, a origem e o contexto social e humano das famílias, a limitação do número de fogos por empreendimento e a criação de novas centralidades e de novos espaços de lazer, de cultura e de desporto”<sup>8</sup>

Cabe, neste momento, à Espaço Municipal – Renovação Urbana e Gestão do Património promover e gerir estes imóveis que se encontram neste momento em fase de estudo para um novo projeto de reabilitação urbana.

No último relatório da Espaço Municipal (2015) é feita uma referência aos três primeiros bairros de habitação social edificados na década de 70 no concelho da Maia, devido à sua expressão significativa em termos territoriais e também pelo facto destes se encontrarem em condições de degradação, com destaque especial no Bairro do Sobreiro, onde se centra a presente investigação.

Enquanto os núcleos de edifícios Maia I e Maia II partilham espaços de enquadramento com os arruamentos urbanos confinantes, o Bairro do Sobreiro apresenta, pela sua dimensão, problemas mais acentuados de desqualificação dos espaços públicos, que têm maior dimensão, mas que se encontram mais degradados e desintegrados do contexto, situação que contribui para a «guetização» e isolamento. Existem também neste bairro alguns espaços não habitacionais e equipamentos a necessitarem de intervenção (*ibidem*:48).

A «guetização» resulta, assim, da degradação do meio e do facto de o bairro estar desintegrado do contexto, não se restringindo a uma questão de localização.

---

<sup>7</sup> 623 fogos ao abrigo do Decreto-Lei n.º 226/87, de 6 de junho, nas freguesias de Águas Santas, Gondim, Gueifães, Maia, Milheirós, Moreira e Pedrouços; 1142 fogos PER ao abrigo do Decreto-Lei n.º 163/93, de 7 de maio, nas freguesias de Águas Santas, Folgosa, Gemunde, Gondim, Gueifães, Maia, Milheirós, Moreira, Nogueira e Pedrouços, S. Pedro de Fins, Santa Maria de Avioso, Silva Escura, Vermoim e Vila Nova da Telha;

<sup>8</sup> Retirado de: <http://www.espacomunicipal.pt/habita%C3%A7%C3%A3o-e-renova%C3%A7%C3%A3o-urbana/habitacao-de-interesse-social/>

Ao entrar no Bairro do Sobreiro é visível uma espécie de barreira, uma fronteira delimitada pelo tipo de construção. Fernandes (1997), refere que, de forma semelhante à etiquetagem de indivíduos referida por Goffman (1963), existe uma etiquetagem de espaços, que também é mencionada por Wacquant (2010). Num dos seus estudos, Fernandes (1997) constatou que esse pensamento derivava de um duplo processo: a redução cognitiva e a redução experiencial. A primeira reflete a interiorização de uma imagem sobre algo que não se conhece mas da qual se ouve falar, tomando essa perspectiva como sua. A redução experiencial reflete bem esta questão das fronteiras, pois por norma, as pessoas não frequentam lugares conotados negativamente, havendo mesmo razões topográficas, uma vez que os bairros são unidades próprias, possíveis de se contornar e, por isso, evitáveis. Tal facto é também referido por Augusto (2000: s/p):

(...) a arquitectura e a disposição demarcam a fronteira identitária do bairro com os outros bairros e outros edifícios, afirmando-se como um espaço específico, quer em termos sociais, quer arquitectónicos ou paisagísticos.

O Bairro do Sobreiro, construído em 1978, na freguesia de Vermoim, atual Cidade da Maia, tem uma dimensão significativa, destacando-se pelo seu tipo de construção igual e degradada em quase todos os blocos o que, por si só, já é um aspeto de destaque. Inicialmente era constituído por 666 fogos distribuídos por 63 blocos e 4 torres (Núcleo Executivo da Rede Social da Maia, 2014)

Segundo o coordenador do C CVS, o bairro tem sofrido alguns altos e baixos: as necessidades foram mudando, a população envelhecendo, o interesse das entidades públicas diminuindo, os edifícios degradaram-se, etc.

A propósito da degradação dos edifícios, a 12 de outubro de 2001, o *Público*<sup>9</sup> dava conta da seguinte notícia “Câmara da Maia quer acabar com Bairro do Sobreiro” na qual um vereador de então diz mesmo que o Bairro do Sobreiro "(...) não tem razão nenhuma de continuar lá, com a nova centralidade que se quer criar na cidade", perspetivando o realojamento dos moradores em outros locais do concelho, que aconteceria no espaço de 15/20 anos. Alguns realojamentos chegaram mesmo a acontecer. A localização central do bairro faz com que haja outros interesses, nomeadamente a criação de outros espaços que sejam mais atrativos para os restantes habitantes da cidade e do concelho da Maia. A solução não passava pois por uma requalificação dos edifícios, mas sim um novo realojamento para a criação de um espaço diferente. Esta ideia acabou por não ser levada a cabo. Mais tarde, a

---

<sup>9</sup> <https://www.publico.pt/2001/10/12/jornal/camara-da-maia-quer-acabar-com-bairro-do-sobreiro-162903>

10 de agosto de 2008, em notícia do site do *Jornal de Notícias* (JN)<sup>10</sup>, e tal como também deu conta o coordenador do CCVS, diz-se que estava previsto um projeto de intervenção, designado «Parque Maior» que resultaria numa requalificação do espaço e que envolvia a demolição de uma parte do bairro e a construção de um

(...) novo centro urbano, uma loja da ciência, um espaço do empreendedorismo, o telecentro da Maia, um novo centro comunitário, a «Praça Oxigénio», com novas valências em termos de comércio e serviços, e um amplo parque verde central, além de um gabinete de apoio ao residentes e ao comércio tradicional.

Alguns edifícios foram mesmo demolidos, mas a concretização do projeto não chegou a realizar-se, segundo o coordenador, derivado à falta de financiamento por conta da «famosa» crise, pelo que a instabilidade do bairro continuou a arrastar-se, como podemos ver no *Maia Primeira Mão* a 9 de Abril de 2010<sup>11</sup>:

Depois da dissolução da empresa Parque Maior, os habitantes do degradado bairro maiato vivem dias de angústia (...) O tempo não pára naquela zona mais pobre da Maia e o bairro avança para um estado de degradação que alguns moradores consideraram, durante uma rápida visita aos blocos habitacionais, estar a tornar-se insustentável. Há fendas nas paredes, caleiras que há muito estão no chão, vigas de cimento que ameaçam a segurança de moradores e transeuntes, um parque de jogos completamente degradado, blocos abandonados à mercê de quem os quiser invadir, paredes que ameaçam cair e angústia.

Entre 2013 e 2015, a Espaço Municipal levou a cabo obras em alguns blocos, contudo, ainda existem blocos e infraestruturas que carecem de reabilitação.

Atualmente, o bairro é constituído por 506 fogos divididos por 44 blocos e por 4 torres habitacionais. (Espaço Municipal, 2016).

No total são 1072 habitantes distribuídos por diferentes faixas etárias:

Faixas etárias	0-14 anos	15-24 anos	25-64	> 65 anos	Total
Nº de Habitantes	103	154	650	165	1072

**Quadro 3.** Distribuição dos moradores do Bairro do Sobreiro por faixas etárias (Espaço Municipal, 2015)

Dados não oficiais, fruto de cruzamentos de informações efetuados pelas técnicas do CCVS, apontam para um aumento do número de pessoas com mais de 65 anos. Ao analisar estes números podemos constatar que, de facto, a população do bairro se encontra envelhecida, o que vai ao encontro das palavras do coordenador do CCVS (apêndice VI):

<sup>10</sup> <https://www.jn.pt/local/noticias/porto/maia/interior/bairro-do-sobreiro-em-requalificacao-977685.html>

<sup>11</sup> <http://www.primeiramao.pt/2010/04/09/sobreiro-um-bairro-ao-abandono-video/>

(...) entretanto as pessoas envelheceram e, portanto, temos aqui este fenómeno do envelhecimento que ainda por cima vive em condições nada satisfatórias. Os jovens piraram-se todos do bairro, foi tudo embora, tudo. Há meia dúzia de jovens. Só os pais deles é que cá ficaram, eles vêm cá visitá-los ao domingo, os que vêm... portanto, houve aqui um envelhecimento, com toda a carga que esta palavra encerra (...)

Outros dados que poderão ser relevantes para a análise são a escolaridade e a empregabilidade.

<b>Nível de escolaridade</b>	<b>Nº de habitantes</b>
<b>S/ escolaridade</b>	177 <sup>12</sup>
<b>1º ciclo (4ºano)</b>	463
<b>2º ciclo (6º ano)</b>	161
<b>3º ciclo (9º ano)</b>	156
<b>Ensino secundário (12ºano)</b>	78
<b>Nível pós secundário e ensino superior</b>	37

**Quadro 4.** Distribuição dos moradores do Bairro do Sobreiro por níveis de escolaridade (2015)

Constatamos que a maioria da população possui apenas o 1ºciclo, sendo um nível de escolaridade considerado baixo.

Quanto à questão do emprego, a situação mais preocupante, relativamente ao concelho, concentra-se no Bairro do Sobreiro, Maia I e II. Em 2015, no bairro em análise, 64 pessoas estavam a receber o subsídio de desemprego e 29 o subsídio social de desemprego. No total de prestações sociais, incluindo as mencionadas, são 613 os beneficiários, o que corresponde a metade da população do Bairro do Sobreiro. São ainda beneficiários de pensões pela Caixa Geral de Aposentações e Segurança Social 430 pessoas (Comissão Interministerial dos CLS, 2017).

Ao nível dos equipamentos no bairro, existem dois estabelecimentos de restauração, um café e uma Sede do Grupo Recreativo e Cultural Vermoim-Sobreiro (cuja atividade se

<sup>12</sup> Este número poderá incluir crianças que ainda estão em idade não-escolar e, por não terem terminado um ciclo de estudos, aparecem registados como não tendo escolaridade.

extinguiu e atualmente funciona apenas como café onde os moradores convivem), uma loja de conveniência comumente chamada «loja dos 300» e uma mercearia tradicional. Ao nível associativo existe uma associação de proteção animal «O Cantinho do Tareco», que acolhe gatos abandonados na rua, e a Associação de Moradores do bairro. Relativamente às respostas sociais existem o Centro de Animação de Infância de Vermoim (CAIV), com berçário, educação pré-escolar e Centro de Atividades de Tempos Livres e o Centro Comunitário Vermoim-Sobreiro, cujo o seu papel é preponderante no bairro em análise como veremos de seguida. O CCVS possui ainda dentro do bairro um armazém de alimentos que são distribuídos no âmbito de um programa de ajuda alimentar à população. Quer o CAIV como o CCVS pertencem à Santa Casa da Misericórdia da Maia. Para além destes equipamentos em funcionamento, existe um polidesportivo devoluto na zona central do bairro onde outrora se organizavam torneios com pessoas do bairro e fora do bairro e ainda três espaços destinados à construção de parques infantis não-concluídos e sem qualquer uso<sup>13</sup>.

Mas o bairro nem sempre foi dotado destas infraestruturas, segundo o coordenador do CCVS, inicialmente, nos primórdios da sua construção, “Não havia passeios, só havia uma rua, não havia espaços coletivos de fruição coletiva, não havia pátios, não havia nada (...) o bairro era um aglomerado de prédios com uma rua...todos os restantes espaços em terra e muito lixo, muito ferro velho” (apêndice VI), o que não beneficiava a criação de dinâmicas internas, designadamente de vizinhança.

Recentemente a Câmara Municipal da Maia efetuou uma candidatura através do Programa Norte 2020 de forma a reabilitar os prédios e zonas envolventes, o Centro Comunitário, bem como os espaços vazios (derivado às demolições efetuadas)<sup>14</sup>. No entanto, segundo o coordenador do CCVS, o plano que deveria ter iniciado no ano de 2017 (como podemos ver no documento disponível online), apenas será iniciado no ano de 2019.

São constantes as notícias acerca do Bairro do Sobreiro em matéria de reabilitação, de facto, parece ser um dos aspetos com maior destaque em termos de comunicação social, pelo que é importante tentar perceber como lidam os moradores com esta questão. Além disso, verificamos que grande parte da população do bairro é beneficiária de reformas e

---

<sup>13</sup> Informações recolhidas através de uma técnica, do coordenador do CCVS e em visita ao bairro com a Associação de Moradores.

<sup>14</sup> [http://www.cm-maia.pt/uploads/writer\\_file/document/965/Reabilita\\_xC3\\_xA7\\_xC3\\_xA3o\\_espa\\_xC3\\_xA7o\\_urbano\\_setor\\_norte\\_do\\_Bairro\\_Sobreiro...\\_Pra\\_xC3\\_xA7a\\_Oxig\\_xC3\\_xA9nio\\_1\\_xC2\\_xAA\\_fase.pdf](http://www.cm-maia.pt/uploads/writer_file/document/965/Reabilita_xC3_xA7_xC3_xA3o_espa_xC3_xA7o_urbano_setor_norte_do_Bairro_Sobreiro..._Pra_xC3_xA7a_Oxig_xC3_xA9nio_1_xC2_xAA_fase.pdf)



outros apoios de baixo rendimento, tendo também, como já referido, uma escolaridade baixa, o que constituem fatores de vulnerabilidade. Para além destas características, o Contrato Local de Segurança, como veremos mais à frente, invoca também problemas de segurança no território em estudo.

Esta conjugação de fatores implica uma reflexão por parte das entidades que intervêm diretamente no local, pelo que se torna pertinente abordá-las neste sentido. Além disso, torna-se importante perceber se, de facto, os moradores percecionam as intervenções e de que forma as encaram.

## **2. Intervenção Comunitária no Bairro do Sobreiro**

### **2.1. Centro Comunitário Vermoim - Sobreiro**

O Centro Comunitário de Vermoim-Sobreiro<sup>15</sup> está situado no coração do Bairro do Sobreiro e faz no ano corrente (2018) 18 anos de existência enquanto instituição, sendo resultado de vários anos de trabalho, essencialmente desde 1992, com o desenvolvimento de vários projetos no âmbito da luta contra a pobreza. Com o término dos projetos, não fazia sentido abandonar repentinamente a comunidade, pelo que, através de um protocolo atípico com a Segurança Social, foi fundado o Centro Comunitário. A sua atividade era inicialmente voltada apenas para o Bairro do Sobreiro, alargando-se posteriormente à restante freguesia de Vermoim, atual Cidade da Maia, ao concelho da Maia e a toda a gente que quisesse frequentar, como refere o coordenador da instituição. Tudo começou em 1986, quando este foi convidado a desenvolver um projeto de intervenção comunitária. Houve um realojamento de pessoas no bairro que, na sua opinião, não foi acompanhado, em que vieram pessoas de diversos pontos do concelho e não havia uma identificação das pessoas com o local, facto que é também mencionado no Diagnóstico Social da Maia. Além disso, criou-se um foco de pobreza, “(...) que era ampliada pela falta de condições estruturais da própria urbanização” (apêndice VI).

Consoante as necessidades específicas daquele território ao longo do tempo, foram desenvolvidas ações que procurassem dar respostas às mesmas. Inicialmente, as ações voltaram-se para o conhecimento e relacionamento com os vizinhos, pois as pessoas viviam isoladas nas diferentes zonas do bairro. Para além disto, havia uma preocupação muito grande em travar os laços de pobreza e, por isso, as ações também se direcionavam muito

---

<sup>15</sup> Esta caracterização tem como suporte maioritariamente a entrevista realizada ao coordenador do CCVS, sendo por isso também reflexo da sua visão.

para as crianças e jovens, procurando a sua formação e integração dentro e fora do bairro. Atualmente as atenções abarcam também nos idosos e o seu isolamento, uma realidade transversal ao país e sentida também no contexto deste bairro.

Ao nível da intervenção, é possível destacar três grandes áreas: o Apoio ao Emprego e à Empregabilidade, o Apoio Ocupacional e o Apoio às Necessidades Básicas (ver organigrama - anexo I). A primeira grande área presta apoio à integração no mercado de trabalho, englobando ações de formação e um Gabinete de Inserção Profissional (GIP). A segunda área diz respeito à animação sociocultural que, nas palavras do coordenador, “(...) é uma área vital, é uma ferramenta para mobilizar saberes, conhecimentos, formas de estar, filosofias de encarar o mundo (...), portanto, é uma área estruturante, sob ponto vista pessoal e coletivo.” (apêndice VI). Esta área integra várias atividades de ocupação desportivas, artísticas, culturais e tudo o que for do interesse da comunidade. A última grande área, correspondente ao Apoio das Necessidades Básicas, presta apoio sobretudo à população mais vulnerável, através da alimentação, cuidados de higiene diária, tratamento de roupas, ajudas técnicas, programa de saúde oral, etc. Esta área abarca também o projeto «S.A.I» – Serviço de Apoio à Integração que, para aquelas pessoas que revelem potencial de autonomia, é proporcionada reabilitação em contexto de habitação cedida pela Câmara Municipal.

O CCVS tem presença e intervenção no terreno desde muito cedo na vida do bairro e, por isso, torna-se um elemento-chave na investigação. Deste modo, pretendemos também perceber o papel que a população atribui a esta instituição para a melhoria das suas condições de vida.

## **2.2. Contrato Local de Segurança: um projeto de intervenção**

Após ser referido pelo coordenador do CCVS que estava em desenvolvimento um Contrato Local de Segurança (CLS) na Maia, promovido pelo Ministério de Administração Interna (MAI), com enfoque especial no Bairro do Sobreiro, consideramos que seria pertinente debruçarmo-nos sobre este assunto.

Os CLS têm como eixos de intervenção a redução de vulnerabilidades sociais, a promoção da cidadania e da igualdade de género, a prevenção da delinquência juvenil, a eliminação de fatores criminógenos e reforço da visibilidade policial. Pretende-se, no fundo, encontrar respostas específicas para combater a insegurança das populações através da cooperação da administração central e local. Os CLS podem ter três tipologias: MAI

Município, MAI Bairro e MAI Cidadão. No caso do Município da Maia, enquadra-se no MAI Bairro, com vista à intervenção nas zonas urbanas em risco social, através da prevenção e repressão dos diferentes tipos de crime (Nova Geração de Contratos Locais de Segurança, 2016 & Comissão Interministerial dos CLS, 2017).

Pode ler-se na página do *Maia Primeira Mão* a 26 de Agosto de 2016<sup>16</sup>:

No caso da Maia, o acordo com o MAI vai focar atenções no Bairro do Sobreiro, na freguesia da Cidade da Maia (...) Será formado um núcleo operacional do Bairro do Sobreiro que irá implementar as medidas no âmbito do CLS e poderá contar com parcerias de diversas instituições públicas e privadas, que se entenderem necessárias e com as quais o CLS prevê se possam implementar um «protocolo de associação».

Considerando os objetivos deste CLS, a sua celebração e o enfoque no Bairro do Sobreiro causa-nos desde início algumas questões, nomeadamente: porquê a ênfase neste bairro? Será o bairro um local comparativamente mais inseguro? Até que ponto as questões da segurança e este contrato devem ser priorizados? E que argumentos sustentam a sua fundamentação e realização?

A nossa preocupação está no foco que é dado ao problema da segurança/insegurança, que pode despoletar algum tipo de reação na população, como as questões já levantadas, quer nos moradores do bairro, quer nos moradores dos locais circundantes. O documento «Contrato Local de Segurança – Diagnóstico de Segurança» resultante de uma primeira análise do contexto, que nos dá conta de alguns dados estatísticos, refere que o CLS tem como objetivo “(...) encontrar respostas participadas e localizadas para fazer face às necessidades e problemáticas específicas do Bairro do Sobreiro em matéria de criminalidade e de comportamentos antissociais” (Comissão Interministerial, 2017:3), o que deixa pressupor a existência de crime ou outro tipo de comportamentos naquele local. Ao longo deste diagnóstico são destacados alguns aspetos considerados relevantes para a intervenção.

No que diz respeito à segurança, os autores do diagnóstico verificaram o número de participações de crimes às forças e serviços de segurança entre 2010 e 2015. Na freguesia em que o bairro se insere foi registado o maior número de participações em 2012 (930 participações), valor que, tendencialmente, veio a diminuir sendo desconhecido o valor em 2015. No que diz respeito ao Bairro do Sobreiro o número foi oscilando, sendo em 2015 o número mais elevado de participações (22 participações)<sup>17</sup>. Os autores têm consciência das condicionantes e reserva na leitura destes números e reforçam a necessidade de serem

---

<sup>16</sup> <http://www.primeiramao.pt/2016/08/29/bairro-sobreiro-contrato-local-seguranca/>

<sup>17</sup> Valor que corresponde apenas aos casos participados.

cruzados com outros dados, inclusive com a visão dos atores em exercício no território.

Para além da segurança, é dado um enfoque às questões da justiça, salientando que no Bairro do Sobreiro, regista 2 jovens de jovens a cumprir medidas tutelares em 2015 e 28 residentes com penas e medidas de segurança no mesmo ano.

Um outro parâmetro que é destacado é a saúde, nomeadamente os casos de consumo de substâncias ilícitas e o consumo de álcool. Os dados disponibilizados referem-se maioritariamente à freguesia de Vermoim/Cidade da Maia em 2015. Nesse ano, foram registados 99 pessoas consumidoras de substâncias ilícitas, inscritas em Centros de Respostas Integradas e 51 alcoólicos em tratamento. Para além destas pessoas, existem outras que são acompanhadas pela Equipa de Rua, não inscritos nos Centros de Respostas Integradas, destacando-se 17 pessoas do Bairro do Sobreiro: 5 por consumo de substâncias ilícitas e 8 por consumo excessivo de álcool.

Os dados retratados poderão ter alguma expressão, no entanto, serão expressivos suficientemente para focalizar uma intervenção de pendor securitário neste território em particular? Bogdan e Biklen (1994) chamam a atenção para o facto de os dados estatísticos darem mais do que uma imagem numérica, eles mudam a forma como experienciamos o fenómeno, pelo que estes dados podem ter impacto na forma como moradores e não moradores olham para o bairro e percecionam a segurança do mesmo.

É com base neste «diagnóstico» que surge um plano de ação fruto do contributo de vários parceiros<sup>18</sup>, o qual tem como eixos de intervenção: a) a prevenção da delinquência juvenil (15 medidas de intervenção), b) a intervenção no espaço urbano (5 medidas), c) a redução de vulnerabilidades sociais (42 medidas), d) a promoção da cidadania (9 medidas) e e) a promoção do aumento do sentimento de segurança das populações (2 medidas). O plano de ação foi iniciado durante o período de investigação e encontra-se disponível no anexo II.

Mais à frente, na análise das entrevistas aos moradores, pode ver-se a forma como estes percecionam a segurança, reforçando ou não a necessidade deste enfoque no seu território habitacional.

---

<sup>18</sup> Ministério de Administração Interna (incluindo a PSP), Ministério da Justiça, Ministro-adjunto, Ministério da Educação, Ministério da Saúde, Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, Associação Nacional de Municípios, Associação Nacional de freguesias e Câmara Municipal da Maia.

### **Capítulo III -Enquadramento Metodológico**

## Nota introdutória

*- Podias fazer o favor de me dizer para onde devo ir a partir de agora?*

*- Isso depende muito de para onde é que queres ir – disse o Gato.*

*- Não me importa muito onde... – respondeu a Alice.*

*- Então também não importa por onde vás – disse o Gato.<sup>19</sup>*

Iniciamos este capítulo com o presente excerto, pois nos pareceu um bom ponto de partida para uma reflexão metodológica. A investigação implica uma finalidade, um propósito, e é mediante essa definição que escolhemos o caminho que nos levará a alcançá-lo. Portanto, a escolha de um caminho ganha sentido com a definição de onde se pretende chegar. A Alice não fazia ideia onde queria ir, por isso o Gato respondeu-lhe que, sendo assim, não interessa por onde vá. Deste modo, percebemos a importância da clarificação da boa definição do objeto de estudo e dos objetivos de investigação, pois só assim conseguimos traçar um caminho coerente.

No desenho de uma investigação, ao identificar o objeto de estudo, devem ser consideradas questões como: que opções metodológicas usar, quais as opções teóricas e conceituais e que métodos e técnicas se adequam. Implica também uma reflexão acerca destas opções, pois são estas decisões que permitirão atingir os objetivos pretendidos e manter o foco na investigação.

No presente capítulo apresentamos o percurso metodológico, nomeadamente a escolha da metodologia à luz dos objetivos apresentados, bem como os procedimentos e tomadas de decisão ao longo de todo o processo investigativo.

### 1. Posicionamento Metodológico

A investigação em causa parte de uma lógica de valorização dos atores sociais presentes na realidade em estudo, os moradores do Bairro do Sobreiro, colocando-os como protagonistas, detentores de informação e experiências. Assim, ao pretendermos extrair a natureza das suas vidas como moradores, a investigação configura-se numa metodologia de investigação qualitativa, tendo por base, mais concretamente, o paradigma fenomenológico-

---

<sup>19</sup> Passagem do livro “As Aventuras de Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll

interpretativo. As investigações de caráter qualitativo “(...) estão mais preocupadas com o processo social do que com a estrutura social; buscam visualizar o contexto e, se possível, ter uma integração empática com o processo objeto de estudo que implique melhor compreensão do fenómeno” (Neves, 1996:2).

Considerando o percurso histórico que levou ao surgimento destes territórios, bem como as problemáticas comumente associadas, pretende-se conhecer quais as percepções e significados que os moradores do Bairro Social do Sobreiro atribuem ao seu bairro, mais concretamente:

- (a) identificar as razões que levaram os indivíduos a habitar aquele bairro social;
- (b) identificar elementos de valorização e/ou desvalorização relativamente ao bairro;
- (c) identificar expectativas/anseios relativamente à vida no bairro;
- (d) conhecer que percepções têm os moradores em relação aos outros bairros de habitação social;
- (e) conhecer que percepções têm os moradores acerca da opinião externa e de que forma isso afeta a sua relação com o bairro e com o exterior.

A investigação de realidades centra-se, [portanto], no modo como elas são interpretadas, entendidas, experienciadas e produzidas pelos próprios atores com o objetivo de passar do registo descritivo de condutas, gestos, expressões, afirmações, etc. à sua compreensão e interpretação no contexto em que tudo isso se verifica (Amado, 2014:43).

O paradigma interpretativo-fenomenológico serve-se, preferencialmente, e como já mencionado, de métodos qualitativos, apropriados para captar e analisar as dimensões subjetivas.

Segundo Quivy e Campenhout (2008), a observação constitui-se como uma das etapas do procedimento da investigação e é entendida como o conjunto das ações através das quais as hipóteses e conceitos são testados e confrontados com o que é observável no local. Os procedimentos da observação são importantes, quer para a construção da problemática, quer durante a recolha e análise da informação, logo, têm um papel crucial na investigação. Existem duas formas de observação, a direta e a indireta. No caso da observação direta, o investigador faz diretamente a recolha da informação através de indicadores, sem necessidade de interpelar os sujeitos e, portanto, os dados são recolhidos de forma independente, com recurso a um guião de observação. Na observação indireta, o investigador necessita de se dirigir aos sujeitos para recolher informação e, assim, o conhecimento é menos objetivo pela interveniência de outros atores além do investigador.

Considerando que o objeto de estudo são as percepções dos moradores do Bairro do Sobreiro, foi necessária uma abordagem aos próprios. Para tal, a técnica privilegiada foi entrevista. Ao contrário de um inquérito por questionário, a entrevista permite um contacto mais direto e pessoal com os entrevistados. Esta pode ser classificada de diferentes modos de acordo com a sua estrutura: estruturada ou diretiva, semiestruturada ou semidiretiva, não estruturada ou não diretiva e informal – conversação (Amado, 2014). Para efeitos desta investigação, escolhemos a entrevista semiestruturada que pressupõe a elaboração de um guião com algumas perguntas orientadoras, essencialmente baseadas nos objetivos da investigação. Apesar de serem elaboradas questões orientadoras, fica aberta a possibilidade de mudar a sua ordem, bem como integrar novas questões que se revelem pertinentes para o estudo (*ibidem*), isto é, permitem flexibilidade desde que sob controlo dos objetivos do estudo. Segundo Bogdan & Biklen (1994:68), as entrevistas efetuadas pelos investigadores qualitativos

(...) são mais semelhantes a conversas entre dois confidentes do que a uma sessão formal de perguntas e respostas entre um investigador e um sujeito. Esta é a única maneira de captar aquilo que é verdadeiramente importante do ponto de vista do sujeito.

Tal como refere Bourdieu (2001:695), no Capítulo *Compreender* da sua obra *A Miséria do Mundo*, é necessária uma relação de escuta ativa e metódica em que o investigador

(...) associa a disponibilidade total em relação à pessoa interrogada, a submissão da singularidade de sua história particular, que pode conduzir, por uma espécie de mimetismo mais ou menos controlado, a adotar a sua linguagem e a entrar em seus pontos de vista, em seus sentimentos, em seus pensamentos, com a construção metódica, forte, dos conhecimentos das condições objetivas.

A entrevista semidiretiva permite, assim, captar o sentido que os atores sociais dão a determinadas práticas e acontecimentos, evidenciando os seus valores e formas de agir perante diversas situações, reconstruindo também as suas experiências (Quivy & Campenhoudt, 2008).

Outra técnica usada na investigação qualitativa é a discussão focalizada. Esta técnica é realizada em grupo onde é dado espaço aos intervenientes para a discussão dos assuntos relevantes para a investigação. O investigador lança o assunto e os participantes vão discutindo entre si, com a intervenção do investigador sempre que necessário para indução do diálogo, para centrar a discussão, pedir, encorajar, sem demasiadas interferências (o que é diferente de dizermos o porquê daquele debate, isso tem de ser feito por uma questão de ética. Deve ser tudo devidamente informado e autorizado). Durante a discussão podem surgir



novos assuntos/temas, cabendo ao investigador encontrar relações entre os objetivos inicialmente definidos e as novas informações (Galego e Gomes, 2005). Apesar da discussão focalizada, eventualmente, nos permitir aceder a dados bastante ricos pelo confronto de diferentes formas de vivenciar e pensar, considerando a natureza da informação a que se pretende aceder na presente investigação, tal não seria viável, pois poderia inibir os intervenientes nas suas intervenções. Neste caso, a informação fornecida poderia ser pobre e distanciada da realidade.

Para além das entrevistas, procedemos a uma análise documental para aceder a informações sobre o bairro em estudo, como por exemplo alguns dados estatísticos ou dados históricos, numa atitude reflexiva e crítica. Foram consultados relatórios da Câmara Municipal da Maia, Diagnóstico de Segurança da Comissão interministerial dos CLS e plano de ação do CLS. As informações resultantes desta análise possuem um caráter importante, na medida em que servem de referência no suporte e na confrontação *in loco*, além de despoletarem o surgimento de novas questões que se revelem pertinentes para o estudo (Bogdan & Biklen, 1994).

## **2. Procedimentos Metodológicos**

### **2.1. Estratégia e técnicas de recolha dos dados**

Para aceder às perceções dos moradores do Bairro do Sobreiro, tornou-se fundamental encontrar um elo de ligação entre investigador-sujeitos. A escolha do bairro teve como um dos critérios a existência de uma instituição no próprio território. Através desta pretendeu-se aceder ao conhecimento do bairro e orientar a pesquisa, servindo também como meio de aproximação aos sujeitos que, à partida, pela atuação daquela instituição no bairro, podem sentir-se mais à vontade e seguros na participação deste estudo (não ignorando que podem existir também constrangimentos).

Em conjunto com o coordenador do CCVS foram discutidas estratégias para uma primeira abordagem à população. Inicialmente, foi pensado elaborar um questionário para recolha de alguns dados sociodemográficos, pois era uma necessidade da própria instituição e seria um primeiro contacto entre a investigadora e os moradores. No entanto, as questões de calendário não permitiam que tal fosse possível, devido também à grande dimensão do bairro. Mas, uma vez que a investigação coincidiu com o desenvolvimento de um projeto de intervenção do CCVS no âmbito do CLS, consideramos que, ao integrar esse projeto, poderia participar em visitas que iriam ser realizadas no bairro. Devido a questões burocráticas, o

arranque deste projeto foi sendo condicionado, pelo que foi necessário redefinir constantemente as estratégias à medida que as situações apareciam. Com a autorização do coordenador do CCVS a comunicação passou a ser feita maioritariamente com as técnicas responsáveis na instituição pelo CLS e, desta forma, conseguimos aceder a alguns moradores e a membros da Associação de Moradores, bem como a alguma documentação relativa a dados sociodemográficos e planos de ação.

Além desta comunicação com as técnicas, durante as idas ao CCVS, foi possível estabelecer algumas conversas informais, mas de certa forma intencionais, com alguns utentes de modo a compreender aspetos sobre a atividade institucional e para nos aproximarmos das pessoas que frequentavam o local.

Após uma primeira abordagem aos moradores, as entrevistas foram agendadas com os próprios e realizadas na instituição. Em nenhuma altura foi sugerido para as entrevistas serem realizadas em casa dos moradores para não ser entendido como algo abusivo, tal aconteceria se houvesse iniciativa por parte da própria pessoa. Uma vez que a maioria também tinha ligação ao CCVS, inclusive frequentava alguma ação por este desenvolvida, tornou-se o local privilegiado. Tivemos consciência da existência de certos constrangimentos, como por exemplo, o facto de a investigadora «integrar» a equipa técnica, o que pode, eventualmente, influenciar o discurso dos moradores, todavia sem este contacto a pesquisa seria mais dificultada, pelo que foi um risco necessário. Para além disso, o facto de a entrevista ser gravada causa também em algumas pessoas um certo desconforto e desconfiança. Não é possível eliminar completamente estes efeitos, no entanto, colocar o outro à vontade, criando um ambiente de confiança através de uma abordagem natural que não seja abusiva nem ameaçadora, leva a que o entrevistado se sinta mais à vontade para ser ele próprio (Bogdan & Biklen, 1994).

## **2.2. Participantes**

Num estudo qualitativo, a amostra rege-se predominantemente pela sua diversidade, tentando abarcar o maior número de situações. (Quivy & Campenhoudt, 2008).

Inicialmente, definimos como principais critérios de seleção dos participantes para a realização das entrevistas, o tempo em que habitam no bairro (abrangendo mais e menos tempo), a tipologia familiar (com filhos e sem filhos) e a idade (mais velhos e jovens). Esta amostra teria no total 10 participantes, no entanto, derivado à dificuldade no contacto com as pessoas, por questões já mencionadas, tivemos de limitar as escolhas às pessoas que

frequentavam ou tinham alguma ligação ao CCVS. Existiram ainda alguns casos de desistência, por motivos não especificados<sup>20</sup>, o que também não permitiu que a amostra fosse tão diversificada como era desejável. Tendo em conta estes fatores e condicionantes, alcançamos uma amostra de 9 participantes, cujos dados sociodemográficos se encontram registados no quadro seguinte, por nós elaborado.

<b>Entrevistados</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Situação Profissional</b>	<b>Agregado Familiar</b>	<b>Tempo que vive no Bairro (anos)</b>
<b>M1</b>	M	63	6º ano	desempregado	1	38 anos
<b>M2</b>	F	34	4ª classe	reformada	7	+/- 30 anos
<b>M3</b>	F	64	4ª classe	reformada	2	36 anos
<b>M4</b>	F	72	4ª classe	reformada	1	37 anos
<b>M5</b>	F	79	3ª classe	reformada	1	37 anos
<b>M6</b>	F	62	5º ano	reformada	1	35 anos
<b>M7</b>	F	43	4ª classe	empregada	3	34 anos
<b>M8</b>	M	54	s/ escolaridade	desempregado	3	+/- 30 anos
<b>M9</b>	F	30	12º ano	empregada	6	30 anos

**Quadro 3.** Dados sociodemográficos dos participantes/ inquiridos

A maioria dos entrevistados mudou-se para o bairro devido à sua situação socioeconómica, sendo que as casas anteriores não possuíam condições dignas para habitação e os próprios não tinham capacidade financeira para recorrer a outras formas de aluguer ou habitação própria. As duas entrevistadas mais novas nasceram no bairro.

Para além das entrevistas aos moradores, foram realizadas entrevistas complementares ao coordenador do CCVS e à Presidente da Junta de Freguesia da Cidade

<sup>20</sup> Considerando o discurso dos desistentes, supomos que poderá estar relacionado com o facto de se exporem, mesmo sabendo que as suas identidades não seriam reveladas.

da Maia (União de Freguesias de Vermoim, Gueifães e Maia). Estes elementos estão ligados ao bairro, ainda que de forma mais externa, sobretudo pelo cargo que ocupam, e detêm um conhecimento do mesmo, bem como um papel fundamental ao nível da intervenção/decisão local. Foram também entrevistados dois membros da Associação de Moradores, pelo trabalho de proximidade que, à partida, desenvolvem para e com os “seus”.

<b>Entrevistados</b>	<b>Sexo</b>	<b>Cargo que ocupam</b>	<b>Tempo que ocupam o cargo</b>
<b>E1</b>	M	Coordenador do CCVS	30 anos <sup>21</sup>
<b>E2</b>	M	Membro da direção da Associação de Moradores	14 anos
<b>E3</b>	M	Membro da direção da Associação de Moradores	14 anos
<b>E4</b>	F	Presidente da Junta de Freguesia da Cidade da Maia	5 anos

**Quadro 4.** Entrevistas complementares – dados dos participantes

Tentamos também entrevistar um membro da Câmara ligado à Espaço Municipal, uma vez que é a entidade responsável pelo bairro, no entanto, após algumas tentativas de contacto não conseguimos obter uma resposta.

As entrevistas complementares efetuadas foram importantes na caracterização do contexto, como pudemos ver no capítulo anterior. Além disso, os seus discursos são também essenciais durante a interpretação dos dados de modo a estabelecer, sempre que possível, um diálogo com os discursos dos moradores.

De modo a preservar os princípios éticos, foi elaborado um consentimento informado que, após a explicação dos objetivos da investigação, foi lido e assinado por todos os entrevistados, salvaguardando também a confidencialidade das informações. A confidencialidade e anonimato dos dados devem ser respeitados, no entanto, há situações em que não faz sentido a ocultação da identidade pela natureza da informação fornecida (Bogdan

---

<sup>21</sup> Desde que se iniciou o trabalho no bairro que coordenava os projetos, no entanto, apenas há 18 anos, com o surgimento do CCVS, exerce oficialmente o cargo coordenador.

& Biklen, 1994), como aconteceu com o coordenador do CCVS, cujas informações prestadas derivam do papel que este ocupa na instituição e consequentemente no bairro. Sendo assim, a informação resultante da entrevista não faria sentido sem esta identificação associada, o mesmo acontece com a entrevista realizada à Presidente da Junta de Freguesia da Cidade da Maia. Esta divulgação da entidade foi devidamente autorizada em consentimento informado pelas diferentes entidades. Relativamente aos membros da Associação de Moradores são apenas reconhecidos enquanto membros da direção.

Como referido, optamos pela realização de entrevistas semiestruturadas que pressupõem um guião. Foram elaborados quatro guiões: um para os moradores do bairro e um para cada entidade acima mencionada. Para a sua elaboração, baseamo-nos no modelo proposto por Estrela (1994) adaptado por Pires (2004) (ver guiões – apêndices I, II, III e IV). Todas as entrevistas mencionadas foram gravadas e transcritas posteriormente (apêndices V, VI, VII e VIII).

### **2.3. Modalidade de tratamento e análise dos dados**

Após a recolha de dados, estes foram tratados através de uma análise de conteúdo que consiste, segundo Bardin (1979:42), num

(...) conjunto de técnicas de análise de comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos, de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

De um modo geral, trata-se de organizar a informação através de categorias e interpretá-la, tentando perceber os significados e sentidos que lhe são atribuídos e que podem ser reflexivamente extraídos. Interpretar não é apenas descodificar e atribuir significado, mas sim compreender, captar o sentido. Não basta descrever, transcrever aquilo que foi dito, mas compreender o que está por trás do discurso ao olhar para além do senso comum ou de um olhar desprevenido, pois se não aprofundarmos o que nos é familiar caímos numa ilusão do conhecimento através do que é apenas visível a olho nu. Esta perspetiva aproxima-se de Durkheim e Bourdieu na luta contra a «ilusão da transparência», pois tenta afastar-se dos perigos de uma compreensão espontânea, isto é, uma leitura simplista e aparentemente fácil da realidade e, por isso, é importante uma postura crítica de análise face à informação.

De forma a esquematizar a análise tivemos como referência Amado (2014), Bardin (1979) e L'Ecuyer (citado por Leite, 2002). Assim sendo foram definidas as seguintes fases:

1. Definição do problema e dos objetivos do trabalho – fase inicial do processo investigacional essencial à definição do posicionamento e procedimento metodológico;
2. Explicitação de um quadro referencial teórico – reflexão sobre referências teóricas que permitem questionar e interpretar os dados;
3. Constituição de um corpus documental – definição dos documentos a ser analisados, cujos critérios para a sua constituição devem ser a exaustividade, a representatividade, a homogeneidade e a adequação;
4. Leituras preparatórias – o que Bardin (1979) designa por «leitura flutuante», ou seja, uma leitura exaustiva de todo o material recolhido de modo a deixarmo-nos “(...) invadir por impressões e orientações” (*idem*:96) e captar o que é essencial. São estas leituras que irão despoletar o surgimento das categorias, pela repetição de palavras, frases, ideias e/ou padrões de comportamento nos diferentes textos – unidades de análise;
5. Processo de categorização – definição e enunciação das categorias de análise;
6. Construção de quadros de análise – construção de um quadro com categorias, subcategorias e as unidades de análise retiradas do corpus documental para ser interpretada;
7. Interpretação dos resultados.

O *corpus* documental da nossa análise é constituído pelas diversas entrevistas realizadas. Depois de transcritas, estas foram sujeitas a uma leitura atenta de modo a captar as ideias-chave do conteúdo de cada uma e fazendo o registo destas ideias em jeito de categorização temporária, de modo a começar a organizar o material.

As categorias de análise podem ser elaboradas *à priori*, *à posteriori* ou uma combinação dos dois (Bardin 1979; Silva & Pinto, 1989). Nesta presente investigação, previamente à leitura das entrevistas, foram elaboradas pré-categorias de análise, considerando os objetivos da investigação e o referencial teórico. Deste modo, ao efetuar as primeiras leituras, já tínhamos como objetivo identificar alguns pontos em concreto apresentados no quadro seguinte.

Dimensões	Categorias
<b>Relação com o Bairro</b>	Razões pelas quais habitam no bairro <sup>22</sup>
	Aspetos positivos/ de valorização
	Elementos negativos/ de desvalorização
	Expectativas/ Desejo de mudanças
	Integração e sentimento de pertença
	“O meu bairro” vs “os outros bairros (ou territórios)”
<b>Relação com o meio envolvente</b>	Perceção acerca das opiniões externas
	Estratégias face à opinião externa

**Quadro 5.** Dimensões e pré categorias de análise

Com uma leitura repetida e mais atenta da informação recolhida foram sendo formadas novas categorias e subcategorias. Apresentamos de seguida o quadro final com as dimensões, categorias e subcategorias.

<b>Análise de Conteúdo – Entrevistas aos moradores</b>		
Dimensões	Categorias	Subcategorias
<b>A</b> <b>Relação com o bairro</b> (Esta dimensão abarca todas as categorias que digam respeito à	<b>1. Aspetos positivos/ de valorização</b> (Pertencem a esta categoria os enunciados que revelem aspetos que caracterizem positivamente o bairro)	1.1 Alojamento
		1.2 Segurança
		1.3 Localização/ Acessibilidades
		1.4 Outros
	<b>2. Aspetos Negativos/ de desvalorização</b> (Pertencem a esta categoria os enunciados que revelem aspetos	2.1 Más condições de alojamento/bairro
		2.2 Conflitos Sociais
		2.3 Dinâmica do bairro

<sup>22</sup> Esta categoria deixa de existir uma vez que, face ao tempo que os moradores habitam o bairro, sob o ponto de vista de análise, não se justifica a criação de uma categoria. Esta informação é revelada na caracterização dos participantes como pudemos ver.

forma como os moradores veem e vivem o seu bairro)	que caracterizem negativamente o bairro)	2.4 Outros
	<b>3. Expectativas/ desejo de mudanças</b>	3.1 Melhoria das habitações
	(Pertencem a esta categoria os enunciados que revelam sugestões de mudança para se viver melhor no bairro)	3.2 Vida coletiva
		3.3 Outros
	<b>4. Mudar de local de residência</b>	
	(Pertencem a esta categoria os enunciados que revelam vontade de sair do bairro)	
	<b>5. Integração/ sentimento de pertença</b>	5.1 Fronteiras Simbólicas
	(Pertencem a esta categoria os enunciados que revelam aspetos ligados ao sentimento de bem-estar ou mal-estar no bairro, ligação afetiva e símbolos partilhados)	5.2 Ligação afetiva/ gosto pelo bairro
		5.3 Relação com a vizinhança
	<b>6. “O meu bairro” vs. “Os outros bairros/ territórios”</b>	
	(Pertencem a esta categoria os enunciados que revelam uma comparação do bairro em que habitam com outros territórios habitacionais)	
<b>B</b>	<b>7. Perceção acerca da opinião externa</b>	



<p><b>Relação com a opinião externa</b></p> <p>(Esta dimensão abarca todas as categorias que digam respeito às percepções dos moradores acerca da forma como os outros olham para o bairro e como lidam com essa visão)</p>	<p>(Pertencem a esta categoria os enunciados que reflitam a percepção dos moradores acerca da imagem que os outros têm do bairro)</p>	
	<p><b>8. Reação face à opinião externa</b></p> <p>(Pertencem a esta categoria os enunciados que reflitam a forma como os moradores reagem à opinião externa acerca do bairro)</p>	
<p><b>C</b></p> <p><b>Intervenção</b></p> <p>(Esta dimensão abarca todas as categorias que digam respeito à intervenção realizada no bairro)</p>	<p><b>9. Percepção acerca da intervenção realizada no bairro</b></p> <p>(Pertencem a esta categoria os enunciados que reflitam a forma como os moradores percebem a intervenção realizada no bairro)</p>	
	<p><b>10. Ações entendidas como necessárias para valorizarem o bairro</b></p> <p>(Pertencem a esta categoria os enunciados que sejam sugestões de ações que combatam o estigma relativo ao bairro)</p>	<p>10.1 Reabilitação (casas e espaços envolventes)</p>
		<p>10.2 Dinamizar e publicitar o bairro</p>
		<p>10.3 Outros</p>

**Quadro 6.** Entrevistas aos moradores do Bairro do Sobreiro – categorias e subcategorias de análise

Foi também elaborada um quadro de análise para as entrevistas complementares de forma a facilitar o diálogo entre os diferentes discursos.

<b>Análise de Conteúdo – Entrevistas complementares</b>		
<b>Dimensões</b>	<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>
<b>A</b>  <b>Relação com o bairro</b>  (Esta dimensão abarca todas as categorias que digam respeito à forma como os entrevistados percebem o bairro)	<b>1. Aspectos positivos/ de valorização</b>  (Pertencem a esta categoria os enunciados que revelem aspectos que caracterizem positivamente o bairro)	
	<b>2. Aspectos negativos/ de desvalorização</b>  (Pertencem a esta categoria os enunciados que revelem aspectos que caracterizem negativamente o bairro)	2.1 Más condições de alojamento/bairro
		2.2 Conflitos sociais
		2.4 Outros
	<b>3. “O Bairro do Sobreiro” vs. “os outros bairros/ territórios”</b>  (Pertencem a esta categoria os enunciados que revelem uma comparação do bairro em que intervêm com outros territórios habitacionais)	
	<b>4. Perceção externa do bairro</b>  (Pertencem a esta categoria os enunciados que revelem a imagem geral que os entrevistados consideram que o bairro tem no exterior)	

<p><b>B</b></p> <p><b>Intervenção</b></p> <p>(Esta dimensão abarca todas as categorias que digam respeito à intervenção realizada no bairro)</p>	<b>5. Trabalho desenvolvido</b>	5.1 Respostas Sociais
	(Pertencem a esta categoria os enunciados que dão conta da intervenção realizada no bairro)	5.2 Outras dinâmicas
		5.3 Representação do bairro
		5.4 Manutenção dos Espaços
	<b>6. Planos de intervenção futuros</b>	
	(Pertencem a esta categorias os enunciados que revelem propostas e planos de intervenção a serem desenvolvidos no futuro)	

**Quadro 7.** Entrevistas complementares – categorias e subcategorias de análise

Após esta definição foram elaborados quadros de análise de conteúdo com os enunciados referentes a cada dimensão, categoria e subcategoria (ver apêndices IX e X).

## **Capítulo IV – As vozes do Sobreiro: apresentação, análise e discussão dos dados**

## **Nota introdutória**

Uma escuta ativa e um olhar atento são essenciais para captar o que de mais rico os contextos e as pessoas têm para nos transmitir e ensinar. Assim, procuramos escutar as vozes do Bairro do Sobreiro numa lógica de co-construção do conhecimento. Após recolhermos um conjunto de informações, tornou-se crucial uma análise e reflexão articuladora com os propósitos e instrumentos analíticos do/para o campo da Ciências da Educação.

O presente capítulo apresenta, primeiramente, os dados obtidos através da análise de conteúdo das entrevistas aos moradores do Bairro do Sobreiro e das entrevistas complementares realizadas ao coordenador do CCVS, aos membros da Associação de Moradores e à Presidente da Junta de Freguesia da Cidade da Maia (ver apêndices IX e X).

Reforçamos que as entrevistas aos moradores assumem uma maior relevância neste trabalho, considerando os objetivos por nós definidos, contudo, recorreremos às entrevistas complementares para dialogar com estes discursos, dado que é focado muitas vezes o papel destas entidades no bairro, além de darem conta de perceções acerca do contexto em análise. A visão de cada um dos participantes é fruto da sua própria experiência enquanto morador do Bairro do Sobreiro, pelo que diferirão mesmo tratando-se do mesmo contexto.

Após esta primeira análise procedemos à interpretação e discussão dos dados, em articulação com os elementos teóricos discutidos anteriormente.

### **1. Apresentação e análise dos dados por categorias**

A análise de conteúdo efetuada teve por base três dimensões: A – relação com o bairro, B – relação com a opinião externa e, C – intervenção no bairro.

#### **A-Relação com o Bairro**

Na primeira dimensão de análise tentamos perceber qual o tipo de ligação e visão que os moradores possuem acerca do lugar em que habitam. Esta dimensão abarcou as categorias: 1. aspetos positivos/ de valorização; 2 aspetos negativos/ de desvalorização; 3. expectativas/ desejo de mudanças; 4. mudar de local de residência; 5. integração/ sentimento de pertença; e 6. “O meu bairro” vs. “Os outros bairros/ territórios”.

### **A.1. Aspetos positivos/ de valorização**

No que diz respeito à primeira categoria, os elementos positivos mais destacados pelos moradores inquiridos para caracterizar o bairro dizem respeito à localização e acessibilidades do bairro, à segurança, e ao alojamento.

A localização central do Bairro do Sobreiro faz com que este esteja perto de diferentes serviços como é o caso dos serviços de saúde e rede de transportes, o que é valorizado pelos moradores.

*(...) porque eu estou colocado num sítio que tem hospitais, eu tenho tudo... (...) tenho meios de transporte tudo, tudo, tudo (...) tem tudo ao meu alcance, está tudo aqui comigo, é no centro, a 5 minutos estou ali e acolá, tenho tudo aqui, por isso é bastante importante. (M1)*

A maioria também considera o bairro como um local seguro e que as casas estão bem estruturadas, com divisões bem dimensionadas para as necessidades das pessoas.

*Eu muito sinceramente não tenho medo, eu sinto-me mais segura ao entrar para o bairro do que andar noutros lados. Eu até posso estar a ser seguida noutros parâmetros, mas se eu estiver a entrar dentro no bairro eu sinto-me segura, seja a hora que for. Às vezes dizem-me assim "Ai não sei como é que tu consegues!". Mas eu sinto-me mais segura, porque eu sei que é onde eu vivi, tenho segurança ali e noutros espaços não tenho e não são bairros. (M9)*

*Para mim é bom, porque estou numa casa em condições, as casas são jeitosas, não se pode dizer o contrário, são jeitosas. (M5)*

Os elementos referidos como positivos pelos moradores são também referidos pelas entidades entrevistadas:

*Aqui é mais seguro. Se reparar, a maior parte das pessoas que trabalha no centro da Maia vem trazer os carros para guardar aqui no bairro e vão a pé. (E2)*

*A Urbanização do Sobreiro está no centro da cidade, não há nenhum outro bairro que conheçamos tão no centro da cidade. (E4)*

Para além destes aspetos, são ainda realçados como aspetos positivos o facto de já conhecerem os vizinhos e ter os amigos e familiares perto de si. Constatamos, assim, a existência de uma teia de relações entendidas como positivas e securizantes.

*(...) tenho os meus filhos perto de mim, conheço já muita gente, pronto, conheço o pessoal... (M3)*

### **A.2. Aspetos negativos/ de desvalorização**

Quanto aos aspetos negativos que caracterizam o bairro destacam-se as más condições do alojamento e do bairro no geral, mencionadas por todos os moradores entrevistados.

*(...) porque o que dá mau, o que está a dar presentemente mau ao bairro é a degradação em que os prédios se encontram. (M4)*

*Estão muito degradados, a menina sabe que está, tem casas que ali até chovem e tudo, a verdade temos que dizer, tem casas que é um nojo, desculpe lá o termo, chove dentro de casa, é humidades e tudo. (M6)*

*(...) não há um parque para crianças... Já houve um coiso [campo] acho que era de futebol ou não sei quê, mas acabaram com isso, as pessoas também destruíram, não é? que é uma verdade. (M7)*

Tais aspetos foram mencionados também pelas entidades entrevistadas, o que, na sua opinião, se reflete na forma de estar destas pessoas:

*E este abandono tem um impacto no aspeto geral do bairro que se tornou feio, degradado, tem zonas degradadíssimas, os prédios estão degradadíssimos, nunca levaram manutenção, as habitações das pessoas... e isso tem um impacto também nas pessoas que vivem mal, as habitações são de facto de muito fraca qualidade, tem humidades, tem enfim... as pessoas vivem mal e não se sentem bem. (E1)*

*(...) o povo está desmoralizado, isto só normaliza quando se fizer obras, mais nada! Enquanto não se fizer obras isto continua tudo a monte, as pessoas não têm gosto, os jardins é só erva, não tem fundamento nenhum, prontos. (E2)*

Outro aspeto relevante prende-se com os conflitos sociais. Embora os participantes digam que atualmente já não existem tantos problemas como antigamente, admitem a presença de droga, ainda que em pequena escala, alguns conflitos com pessoas de etnia cigana e ainda referem várias vezes a presença de pessoas externas que frequentam o bairro como principais causadoras de problemas entre pessoas e estragos na via pública.

*Agora pelo meio dos blocos há muita jabardice. Não sei se é, também é, faz parte disso, não haver emprego, os familiares perdem o controlo e por aí fora e depois há pessoas que não sabem que as outras pessoas ao lado não têm nada a ver com as situações deles e depois arma-se uma confusão terrível. (M1)*

*Digo eu, nem tudo é as pessoas do bairro, porque há pessoas que vêm de outros sítios, nem eu sei de onde e que ajudam a fazer a festa, a estragar as coisas. (M2)*

*Não, existe, pode não ser drogas pesadas, mas existe. Não os daqui, os que vêm de fora é que vêm cá vendê-la. Tenho visto muito, muito, muito. Não me manifesto, porque sabe que a gente que não pode falar, mas é muita coisa. Eles vêm de fora vendê-la aqui ao bairro, vêm trazê-la e depois os daqui já sabe metem-se nela, mas muitos dos que vêm para cá não são daqui, não moram aqui no bairro, vêm de fora para fazer isso mesmo. (M4)*

Tivemos oportunidade de entrevistar um senhor de etnia cigana (M8) que admitiu que as pessoas da sua etnia têm por vezes atitudes “estúpidas” e que acham que “Para eles é tudo deles”, por essa razão, não se identifica tanto com elas, pois não gosta de criar conflitos. A questão ligada à etnia cigana foi mais destacada pelos elementos da Associação de Moradores, também estes residentes no bairro em análise:

*Há um prédio alugado que está cheio de moradores e inclusive tinha lá dois casais ciganos, mas os ciganos como se queriam apoderar de tudo foram lentamente pondo os outros moradores todos de lá para fora (...) A menina não queira saber como está aquele prédio... passa-se dum andar para o outro e de um quarto para o outro sem estar a passar por portas, deitaram paredes todas a baixo, tiraram... não há lá um bocado de tubo de cobre da água, não há um palmo de fio de electricidade que tiraram tudo, partiram tudo! Não há nada que se aproveite ali! (...) Eu como digo não sou racista o que eu gosto de ver é as coisas direitas. (E3)*

Estes admitiram que não têm propriamente uma boa relação com as pessoas de etnia cigana, uma vez que o cargo que ocupam os leva a apresentar várias queixas, devido principalmente ao estado das habitações. As restantes pessoas entrevistadas, no geral, dizem não ter qualquer tipo de problema, pois são “humanos como nós” (M5), dizendo que quem faz mais estragos são os que vêm de fora e não propriamente os que habitam o bairro. Tal facto foi também mencionado pela Presidente da Junta de Freguesia:

*(...) fazem mais estragos os ciganos que vem de fora do que aqueles que residem (E4).*

Ainda assim, houve quem se referisse às pessoas de etnia cigana como pessoas que em geral vandalizam, justificando esta atitude através da sua condição social e económica.

*Sim, [os ciganos] têm trazido um bocadinho de conflitos por aqui têm, têm trazido e depois são pessoas que estragam as coisas, vandalizam (...) É, até porque para mim o desemprego... eles não terem ocupação, onde passarem o dia, isso faz com que haja mais vandalismo, eu considero isso vandalismo. (M4)*

Os moradores mencionaram também que o problema estava num dos cafés existentes no bairro, pois é lá que se concentram as pessoas que consomem droga e provocam mais distúrbios.

*(...) que aquilo que é uma pouca-vergonha aqui no café, vão sempre as mesmas de manhã até à noite, podem não ter para comer, mas é de manhã até à noite. Estão ali não estão a falar da vida delas, é dos outros, olhe não sei amor, se é o que ouço? Ouço! (M6)*

*(...) há droga, claro que há, em todo o lado há droga e eu acho que eles aqui metem-se todos juntos num sítio deles. (...) Por exemplo, aqui à beira do café, eles juntam-se ali. Eu se for aos blocos ao lado do meu prédio, pronto não vou falar dos outros, porque não passo lá, não se vê eles todos juntos e assim, não, acho que é mais concentrado ali no café. (M7)*

Devido a estas situações a polícia faz rondas com alguma frequência.

*Volta e meia, olhe ainda foi faz amanhã oito dias que veio duas carrinhas cheias de polícias, arrombarem as portas, entrarem por lá dentro... (...) Foi rusga. (M6)*

*Há sempre uma pessoa ou duas que fazem mal e a polícia tem de vir e ver, é o trabalho deles. (M8)*



Relativamente à dinâmica do bairro, os moradores revelaram que este não é muito movimentado nem existe uma oferta de atividades diversificadas. Na opinião dos participantes, já não há muitas crianças a brincar na rua ou pessoas a conversar como acontecia antigamente, prevalecendo o silêncio no bairro, principalmente ao fim de semana.

Além disso, não há oferta de atividades que reúnam as pessoas e que permitam conhecerem-se uns aos outros.

*Eu acho que as crianças não brincam tanto como antes. Antes, nos estávamos na janela e estávamos cá em baixo, aqui na torre nem que fosse as raparigas atrás dos rapazes e os rapazes atrás das raparigas, mas agora nem se vê isso (...) falta aquela cantada, aquela criança a jogar sarumba ou bola e agora você vem à janela e não vê nada disso, mas nada de nada de nada o que era antes (M2)*

*(...) é um sossego, parece que morreu tudo! (M3)*

*(...) a gente não tem nada aqui, aqui para passar tempo não... (M3)*

*Negativos é esse que falamos de não haver união, não haver atividades para que as pessoas se juntem (M4)*

*Às vezes até é deserto, mesmo ao fim de semana e tudo é muito deserto. Antes não, antes era muito vivido o bairro. (M9)*

Para além destes aspetos, um morador destacou o envelhecimento da população que habita o bairro.

*(...) aqui o bairro está a ficar só com velhice, porque os jovens saem daqui, os jovens começaram a sair, agora é quase só velhinhos (...) (M1)*

O envelhecimento já havia sido destacado pelo coordenador do CCVS, como podemos ver no capítulo da caracterização do contexto.

*(...) há um fenómeno agora novo, não é só aqui na Maia, nem no bairro, é em todo o país, e penso que me todo o mundo ocidental, que é os idosos que vivem mais tempo e que ficam isolados em casa... (E1)*

Apenas um morador mencionou que o bairro é inseguro.

No geral, os moradores entrevistados conseguiram identificar tanto elementos positivos, como elementos negativos, mas foram os negativos que mais facilmente conseguiram verbalizar, como podemos verificar através da quantidade de enunciados nesta categoria (ver apêndice IX), com destaque nas más condições urbanísticas e os conflitos sociais.

### A.3. Expectativas/ desejo de mudanças

Os aspetos mencionados para uma melhor vivência no bairro prendem-se com a resolução dos pontos negativos destacados na categoria anterior. A reabilitação do bairro é o ponto principal focado por todos os participantes, sendo que esta envolve a reabilitação dos prédios no seu interior e exterior e também o espaço envolvente aos mesmos com jardins e equipamentos (ex.: espaços infantis, lar de terceira idade.) Apenas uma entrevistada referiu que seria melhor deitar tudo abaixo por já estar velho.

*(...) a primeira coisa que nós precisamos é que eles tratem das casas, as casas estão a ficar podres por fora e por dentro (M1)*

*(...) punha aqui um lar, assim umas coisas para pessoas com a minha idade poder passar o seu tempo... nada não temos nada disso. (M3)*

*Punha lá está, punha os jardins para as crianças brincarem, com baloiços e assim, ajeitar os blocos, porque estão uma desgraça e se calhar mais segurança da polícia a nível de ciganos e assim, de estarem aqui no café, porque é assim vindo crianças e tudo é complicado. Acho que era a única coisa que mudava, era espaços para as crianças brincarem... (M7)*

Para além da reabilitação, os moradores gostavam de ver o bairro mais dinâmico, com atividades que juntassem as pessoas de diferentes faixas etárias e que estas se pudessem conhecer, pois propiciaria um ambiente de maior união entre todos.

*Em cima da torre sítios onde as crianças pudessem... pais que não pudessem estar com eles, em cima da torre ter um convívio, ou piscina ou parque ou onde eles pudessem se conhecer uns aos outros (M2).*

*Sim, sim, para mim sim, por isso é que eu aderi ao programa onde estou agora aqui (Clube Sénior no CCVS), porque senão não tinha vindo. Para mim faz falta isso, precisamente isso. Se houvesse de princípio logo isso, talvez os moradores se dessem mais uns com os outros. (...) mudaria isso para haver mais união. (M4).*

Uma vez que consideraram que o foco dos problemas está num café em específico do bairro, uma das coisas que sugeriram foi o fecho desse mesmo café.

*Eu vou-lhe dizer uma coisa, se fechassem aquele café acabava tudo (as confusões). Quando está fechado ao domingo isto é um silêncio, não se ouve nada. (M3)*

O respeito pelo outro e ainda a abertura de outros estabelecimentos/serviços foram também referidos.

*Olhe um cabeleireiro, tiravam aquele café dali, um cabeleireiro, abrir ali uma confeitaria que a gente se quiser temos que ir à Maia. (M3)*

*Olha se se respeitassem muito uns aos outros e não se metessem muito na vida uns dos outros. (M6)*

#### A.4. Mudar de local de residência

Na presente categoria apenas três pessoas manifestaram vontade de se mudarem para fora do bairro, em parte, pelas condições degradadas das casas, mesmo estas tendo uma boa dimensão e localização, por essa razão, só mudariam se fossem garantidas estas condições. Um dos moradores admitiu que sentiria saudades dos amigos e ver caras conhecidas.

*Eu gosto de viver, mas assim não, mas sou obrigado porque não tenho outro sítio, não é? (...) Eu se tivesse oportunidade saía daqui no momento em que eles me colocassem num sítio melhor que este, mas com as mesmas condições, porque eu estou colocado num sítio que tem hospitais, eu tenho tudo... (M1)*

Podemos, pois, constatar que a maior parte dos moradores entrevistados não manifesta vontade em mudar de local de residência, querendo permanecer no bairro.

#### A.5. Integração e sentimento de pertença

Nesta categoria procuramos perceber como os moradores se sentem no bairro, se há uma ligação afetiva e explorar aspetos ligados à vida comunitária. Da análise de conteúdo resultaram as subcategorias «fronteiras simbólicas», «ligação afetiva/gosto pelo bairro», «relação com a vizinhança».

Na primeira subcategoria notamos uma diferenciação feita pelos moradores entre a cidade da Maia e o bairro. Apesar de o bairro integrar a zona central da urbe, quatro dos moradores entrevistados referiram-se à Maia como algo que é externo àquele lugar.

*(...) vem muita gente de fora, de lá de cima da Maia, pousar os carros aqui... (M3)*

*Se tiver de ir à Maia buscar alguma coisa vou... (M6)*

Na segunda subcategoria a maioria dos moradores disse gostar de estar no bairro, uma vez que moram no local há bastante tempo e, portanto, criaram as suas raízes, memórias e estabeleceram uma ligação afetiva, independentemente de não gostarem de todas as pessoas ou de viverem num bairro de habitação social.

*Eu gosto, agora hei-de morrer aqui, a minha terra é no Porto, sou tripeira, mas está bem. Trouxeram-me para aqui, hei-de morrer aqui. (...) Porque gosto de estar aqui, porque tenho uma casa grande, tenho os meus filhos perto de mim, conheço já muita gente, pronto, conheço o pessoal, os meus filhos andaram aqui nesta escola, isto aqui era a sala da diretora, pronto. (M3)*

*Gosto, não estou arrependida de ter ficado por cá, porque depois tive hipótese de outras casas, mas não quis, porque gostava e gosto, continuo a gostar e não me sinto diminuída por viver num bairro social. (M4)*

*O Bairro do Sobreiro para mim é a minha terra, é a minha cidade e onde eu gosto de estar, onde as minhas filhas nasceram e foram criadas. (M8)*

*(...) mas eu sinto-me bem aqui no meu canto, no meu sítio, onde eu cresci, onde eu vivi, onde eu tive várias aventuras, também muitas traquinices que é verdade (risos), mas eu gosto de morar no bairro. (M9)*

Na categoria em análise, destacamos também a relação com a vizinhança. Nesta subcategoria os discursos oscilam um pouco, no entanto, a expressão “cada um mete-se na sua vida” destaca-se por ser mais frequente. Os moradores consideram que, no geral, a relação passa por um “bom dia” e “boa tarde”, estabelecendo mais ligação com as pessoas que moram no seu bloco/torre ou nos edifícios mais próximos. Referem haver pessoas mais conflituosas, tanto ciganos como não-ciganos, e tentam afastar-se dessas mesmas pessoas. Apesar disso, há moradores que referiram que, quando é necessário, as pessoas unem-se para resolver problemas comuns. Não dão confiança a qualquer um, mas gostam de ver caras conhecidas.

*(...) as pessoas logo que não me façam mal, é cada um no seu canto. (...) Às vezes falo, mas já me afastei um bocadinho. (M2)*

*As pessoas são assim, mas são muito unidas. (...) Tudo, se acontecer algum mal uuuui... é... nisso são muito humanos. (M3)*

*Há pessoas que se dão, como digo em todo lado, há pessoas que se são, acho que são mais unidos aqui no bairro do que fora, (...) eu conheço muitas pessoas de vista, posso não me dar com elas, nem com todas eu me dou, como disse, mas com algumas sim, tenho tido boas relações, não tenho tido motivo para ficar triste, tanto que se eu estivesse triste já tinha saído daqui há muitos anos. (M4)*

*Os meus é "boa tarde" e "bom dia" se os conhecer, se não conhecer eu saúdo toda a gente. Em relação ao ambiente cada um mete-se na sua vida. (...) No bairro do Sobreiro não me meto na casa de ninguém, dou-me bem com toda a gente, saúdo, quem não saúda vai com Deus. (M5)*

*Vê-se, vai-se a um bloco vê-se as pessoas ali de outros blocos ali a conversar e não sei quê, mas é assim, eu não, não tenho essa coisa de conversar com as pessoas assim fora. (...) No meu ver não, dar assim confiança e assim não. No meu ver não, mas acho que tanto aqui como fora, acho que cada um no seu sítio. (...)E depois há pessoas aqui que não sabem ser amigas, ouve aqui, vai contar ali e depois há muitos barulhos que era o que se via antigamente, muitos barulhos e, portanto, eu levo a minha vidinha, os de fora é só se passar por um ou outro e é "Bom dia" "Boa tarde", mas assim parar conversar e assim não. (M7)*

Os moradores admitem também a existência de várias zonas dentro do próprio bairro.

*Isso existe [zonas dentro do próprio bairro], existe agora presentemente que se afastaram mais daqui, porque os que estão lá na ponta eram os que moravam aqui, foram daqui destes blocos que foram deitados abaixo. Começaram a sair pessoas que compraram casas (...) A gente conhece-se e dá-se, mas não se junta (M4)*

Este facto foi também mencionado pela Presidente da Junta de Freguesia e pelo coordenador do C CVS, embora este último considere que é algo que acontecia mais no passado e que devido ao trabalho que desenvolveu com a sua equipa, esta questão foi atenuada.

*(...) porque no bairro havia vários bairros, havia várias zonas, as zonas do norte do bairro, do princípio dos blocos 1, 2, 3 e 4 nunca vinham aqui para a zona dos blocos 60 nem pensar, porque era outra coisa e esta mentalidade refletia-se depois na relação com o espaço exterior, com o resto da comunidade. Ora nós criámos aqui uma primeira fase, esta dinâmica de movimento dentro do bairro, conhecer quem é que são os meus vizinhos*

#### **A.6. “O meu bairro” vs. “Os outros bairros/territórios”**

Na última categoria da primeira dimensão tentamos perceber se os moradores consideravam o seu bairro social diferente de outros bairros ou outros territórios habitacionais.

Por comparação a outros bairros com mais “fama”, consideram que o seu bairro está melhor, pois não há tantos conflitos ou problemas graves com drogas como em outros bairros sociais destacados pelos *media*. Para além disso, não consideram menos seguro do que um outro local habitacional, pois, na sua opinião e experiência, tanto é possível ser assaltado no bairro como num condomínio privado. No que diz respeito às pessoas, referem que há de tudo como em todo o lado, pelo que não é por ser um bairro social que só existem pessoas com algum tipo de problema ou que provocam desacatos, existindo, inclusive, pessoas com formação superior. Dois moradores referiram que há bairros em que fazem maior investimento na requalificação das casas e espaços envolventes, o que não acontece no Bairro do Sobreiro.

*No bairro gosto, sempre gostei, há pessoas más, pessoas boas, há de tudo, tanto num bairro social como num condomínio fechado, acho que é em todo lado. (M2)*

*(...) um bairro como outro qualquer, em qualquer coisa, porque a minha filha mora ali nos altos e eu não vejo que ela tenha melhor situação do que a que eu tenho, a não ser a degradação. (M4)*

*Sim, àquilo que se vê e que se ouve na televisão, este bairro é muito sossegado (M7)*

*Os bairros são todos iguais, há umas pessoas que são adequadas... há pessoas que vivem no bairro, mas não são bairristas, não fazem desordens, não é? Tem pessoas que tem bons carros, tem boas casas, outras que já degradam as casas que tem, há de tudo, num bairro há de tudo e principalmente este acho que... este como alguns que há aí que agora é que estão a começar a fazer as obras, mas o que eu acho é que estão muito degradados. (M9)*

## **B – Relação com a opinião externa**

Na segunda dimensão de análise procuramos perceber quais as percepções dos moradores acerca da forma como os outros olham para o bairro e como é que eles próprios lidam com essa visão externa. Para tal, foram criadas duas categorias: 7. percepção acerca da opinião externa; e 8. reação face à opinião externa.

### **B.7. Percepção acerca da opinião externa**

Os moradores entrevistados consideram que o Bairro do Sobreiro tem má fama. Apesar de a maioria afirmar não se sentir discriminada, admitem já ter ouvido alguns comentários depreciativos que apontam para a alegada falta de segurança, a degradação do espaço, o tráfico, etc. Quando acontece algum assalto é frequente dizerem que é alguém do seu bairro.

*Má [imagem] e já tenho tido bastantes discussões por causa disso (...) que assaltam, eu falei ainda agora que nunca me fizeram (...) Ainda há pouco tempo me disseram que assaltaram duas pessoas lá em cima à beira do Plaza, mas eu não vi, disseram-me, lá está, e as pessoas "Ah é o bairro, o bairro..." (M4)*

Também o facto de ser um bairro de habitação social, na sua opinião, contribui, por si só, para que se crie esta imagem mais negativa.

*Eu tenho uma prima a viver aqui que os filhos estão a estudar, tenho outra irmã a viver na Venepor que não deixa os filhos atravessar por aqui e eu disse: "Porquê? É mais seguro eles irem por dentro do bairro do propriamente que por fora!" (...) Diz ela: "Ah mas eu tenho medo" "Mas podes deixar que ninguém faz mal nenhum" e eles agora começaram, já vão pela rua acima e ninguém lhes faz mal. Lá está a tal mentalidade que as pessoas têm de um bairro social. (M4)*

*Nunca ouvi, a única coisa que eu ouvi, estava a trabalhar na loja social, foi que "Ah ir ao bairro não!", mas o porquê não sei. (...) Muita gente só de pensar que é um bairro não entra, porque é um bairro e têm medo de ser assaltados e outras coisas, mas acho que só o facto de ser bairro, dizer "o bairro" já é muito mau. (M7)*

*(...) porque depois as pessoas optam por achar que o bairro é onde fazem os crimes, onde roubam, onde matam e não. (...) Tudo o que é falado num bairro, quando se fala num bairro, as pessoas é onde há tráfico, onde fumam charros, onde matam, onde roubam e não é bem assim, porque nem todas as pessoas que moram no bairro têm esse contexto. (M9)*

Neste sentido, os moradores têm consciência de que o local onde habitam está sujeito a discriminação e a maioria já teve de enfrentar atitudes deste cariz. Na sua opinião, os bairros sociais possuem uma conotação negativa, no geral, e, por isso, o local é, desde logo, julgado e apontado pelas pessoas como um local perigoso.

## B.8. Reação face à opinião externa

Relativamente à opinião que o exterior possa ter acerca do bairro, os moradores dizem, na sua maioria, não se sentirem afetados nem com vergonha de afirmar que é naquele local que residem.

*Eu não tenho problema em dizer que sou do Bairro do Sobreiro, moro no Bairro do Sobreiro, torre x, andar x, casa x, não tenho problema. (M3)*

Apenas uma moradora mencionou que, no passado, omitia o seu local de residência, mas que isso mudou com o tempo, inclusive, e, tal como outros moradores, defende o seu bairro quando ouve algum comentário depreciativo acerca do mesmo.

*Eu houve uma altura que eu até não dizia que morava no bairro, tinha preconceito de dizer que morava no bairro, quando era mais novinha, agora não, também já é mais pacífico, é mais calmito e mesmo o meu filho está a ser criado neste meio no bairro, é diferente. (M9)*

*Mas eu agora ataco mais. porque estão a falar de onde eu sempre vivi, eu não posso rebaixar onde eu vivi, onde me deram abrigo. Tudo bem que até pode ter fama, tem, mas nós não podemos transparecer aquilo que era antigo para agora, mas muito sinceramente gostava muito que isso fosse muito diferente... (M9)*

A moradora em questão revela, assim, uma mudança de pensamento e atitude, fruto de uma trajetória pessoal no território bairro.

Segundo o coordenador do CCVS, era frequente, no passado, as pessoas do bairro omitirem o seu local de residência, o que segundo ele, já não acontece.

Há também quem admita tristeza pelo facto de as pessoas de fora dizerem mal do bairro. Os moradores justificam a má fama de diferentes formas: culpabilizando outros moradores pelos distúrbios que existem, como acontece frequentemente com os ciganos; acontecimentos passados em que a droga e os conflitos eram mais frequentes; a degradação dos prédios que se destaca e que dá mau aspeto ao bairro; desconhecimento do bairro; e ainda a própria conceção de bairro que despoleta pensamentos estigmatizantes.

*Tem fama, o bairro tem fama, não é o bairro que tem culpa, são as pessoas que moram é que têm culpa não é o bairro, porque o bairro há de tudo. A menina não vê aí nenhum bairro social que não tenha os seus problemas. (M6)*

*Antigamente acho que era mais barulho, mais porrada, havia mais conflitos entre vizinhos, não no meu prédio, mas os outros à volta. (M7)*

*É assim, o nosso bairro em si eu acho que nunca apareceu na televisão, que eu me lembre, agora é assim os outros bairros tem muito mau aspeto, tem mau ambiente, são muito falados, pronto tudo negativo e se calhar as pessoas é por aí que pensam "É um bairro não vamos", acho que seria por aí. (...) Fico triste, fico triste porque é assim, as pessoas não podem falar se não conhecessem, deviam de vir conhecer e ver se realmente é como as pessoas dizem,*

*por ser um bairro... há gente boa, há gente má, em todo o lado é assim, mesmo fora do bairro, só que as pessoas não entendem e eu sinto-me triste por essas pessoas. (M7)*

*Nós é que fazemos o bairro, não é? Quem vem para o bairro, quem faz as asneiras, quem rouba, quem fuma é que faz com que pareça um bairro, mas isto no fundo no fundo é um bairro social sim, mas não comparece daquilo que possam dizer acerca do bairro, porque lá está e depois uns pagam por equivalência àquilo que não são. Eu pelo menos falo por mim, eu moro no bairro, mas não sou daquelas pessoas de fumar, não sou pessoa de andar a roubar e há esse contexto, nem todas as pessoas têm o mesmo contexto daquilo que falam do bairro (M9).*

Relativamente às restantes entidades entrevistadas, estas partilham um pouco da mesma perceção dos moradores referindo que a má fama do local se deve a eventos passados relacionados com droga, tiroteios e outros conflitos que levaram à conotação de *gueto*, causando o medo e todo um estigma agravado pelo facto de se tratar de um bairro social. O coordenador do CCVS e um elemento da Associação de Moradores referiram que as mentalidades têm vindo a mudar e que apenas uma percentagem reduzida da população que habita aquela zona ainda tem este tipo de preconceito relativamente ao local em questão, principalmente pessoas de classe socioeconómica mais elevada.

*Há ainda uma certa franja da população... A Maia é um território de origem rural, ainda hoje é, tirando aqui o centro da cidade, ainda hoje é um bocado. E essa origem rural... os seus pontos negativos são os preconceitos, portanto, a moral associada a essa cultura... o preconceito ainda é uma coisa que pesa muito nas pessoas e, portanto, há uma certa franja da população, população de nível socioeconómico elevado, que ainda vê o bairro como um mal menor aqui no meio da cidade "está aqui o bairro no meio da cidade, isto é um escarro", chegam a dizer isto...(...) "Aqui no centro da cidade ter uma coisa destas? Credo, que horror!" (E1)*

*Já houve há uns tempos atrás um bocado o medo, considerando receio até de atravessar este bairro, há uns tempos atrás, mas as pessoas também foram mudando, não só aqueles que vieram, mas aqueles que já foram, infelizmente, mas aqueles que vieram também já vieram com uma mentalidade mais apaziguadora das coisas e tal e a coisa foi-se compondo (E3)*

A Presidente da Junta de Freguesia refere muito a questão do estigma criado em tornos dos bairros de habitação social. Um dos aspetos focados na entrevista refere-se ao facto de, segundo a própria, facilmente se identificar as pessoas do Bairro do Sobreiro nos cafés que frequentam, pela regularidade com que o fazem, e que vivem de apoios estatais (ex. subsídio de desemprego, RSI – Rendimento Social de Inserção), o que causa uma certa revolta na restante população e aumenta o preconceito. Segundo a Presidente, é necessário trabalhar no sentido de acabar com este e outros preconceitos, pois até há mais famílias “normais” (ditas sem problemas) a habitar estes territórios do que famílias com problemas.

*(...) porque segundo me dizem houve problemas graves de droga no passado, houve alguns problemas de tiros e por aí fora e depois é a questão do estigma, é um bairro, é um bocado*



*como o caso do Bairro do Cerco e outros no Porto que, não quer dizer que não haja problemas, mas a verdade é que há muito mais famílias normais do que famílias com problemas e que pratiquem crimes. Pode haver eventualmente alguns problemas de alcoolismo de alguns moradores, isso também há, mas acho que de facto isso tem a ver com o passado e criou-se um estigma e vamos ter que resolver essa questão e mudar. (E4)*

## **C – Intervenção no bairro**

### **C.9. Perceção acerca da intervenção realizada no bairro**

Fomos focando ao longo do trabalho, essencialmente, quatro entidades que atuam direta ou indiretamente no Bairro do Sobreiro.

No subcapítulo acerca Centro Comunitário, sustentado pela entrevista ao seu coordenador, tomamos conhecimento das respostas sociais existentes para prestar apoio à comunidade local e não só.

No que diz respeito à Associação de Moradores, o seu trabalho atual passa mais pela representação dos moradores em assuntos que digam respeito ao bairro e aos seus moradores junto das entidades competentes.

Relativamente à Junta da Freguesia, segundo a Presidente, uma vez que é a Câmara Municipal e, mais concretamente, a Espaço Municipal, a principal responsável pelo bairro, apenas é feito um trabalho de mediação entre os moradores e esta entidade, de modo a não interferir no trabalho que não é da sua competência. A Junta de Freguesia estabelece também uma relação de proximidade com o CCVS estando atenta às situações que surjam e prestando o apoio que consideram adequado.

Os moradores manifestaram-se de diferentes formas acerca das diferentes intervenções realizadas, sendo que a Junta de Freguesia não foi mencionada por nenhum dos entrevistados residentes.

No que concerne à atividade do CCVS, esta foi mencionada por cinco dos moradores entrevistados. No geral, os moradores apreciam o trabalho realizado por esta instituição em prol das pessoas e que devam continuar e promover ainda mais atividades. As atividades que promovem, além de constituírem respostas sociais importantes na resolução de problemas e necessidades sentidos pela população, são uma forma de mobilizar pessoas externas e trazê-las ao bairro e mudar a imagem que têm do mesmo.

*Eu penso que sim, vejo aqui crianças, vejo jovens, vejo adultos [no CCVS], aqui acho que sim, que foi [importante]... (...)Sim é isso que eu digo, ora vá e essas pessoas [de fora que*

*frequentam o CCVS] mesmo já devem ter uma visão diferente daquilo que as outras que nunca cá entraram com certeza, porque diz que têm medo de passar no bairro (M4)*

*Acho, acho, que ajuda muita gente, não é? Que haviam de ajudar, mas verem quem precisa e quem não precisa, está a entender menina? Agora virem aqui e você ir ali e verem pessoas e pessoas que às vezes... porque é assim, eu não posso fugir ao fisco... (...)E há aqui pessoas com grandes possibilidades e têm tudo e mais alguma coisa e são novas que nunca trabalharam, estão com os rendimentos mínimos, estão com isto, vêm buscar despesa, vão para acolá. (M6)*

*Também gosto deles (CCVS) agora estarem ali mais no bairro a ajudar as pessoas. Acho que sim que até deviam fazer mais atividades com as pessoas, cativar mais as pessoas. (M7)*

Mobilizar pessoas externas para o bairro é algo que faz parte das intenções do CCVS na planificação da sua atividade, como referiu o coordenador.

*(...) param aqui por ano mais de duas mil pessoas. Só utentes são mil e tal, mil e cem, mil e oitenta utentes que usufruem de serviços e depois pessoas que vem cá fazer formação, fazer ações de informação... são outras mil ou duas mil, estás a perceber? Este fluxo constante... que nós fazemos isto propositado, não é? Há coisas que... por exemplo, as ações de formação do centro de emprego, eu peço para serem aqui. Isto não é de todo inocente, digo mesmo lá no centro emprego... eles chamavam-nos lá e iam ali para aquele lado, ao centro de emprego que é no centro da cidade, do outro lado da cidade e eu disse à minha colega "Não, vamos fazer no Bairro do Sobreiro, no Centro Comunitário" e isto não é inocente, é mesmo de propósito para criar aqui fluxo. (...) Dá-me menos trabalho não ter a sala ocupada, mas interessa-me mais ter aqui 30 pessoas a vir aqui fazer formação, lidar com esta realidade e com a realidade que é uma realidade normal da vida. Portanto, é esta... a nossa influência é esta, para além do impacto que já temos na comunidade em geral, portanto, as pessoas já nos conhecem, já sabem, já fizeram coisas connosco, já sabem o que é que podemos dar já sabem... portanto, e essa ligação afetiva também é muito importante e também destigmatiza. (E1)*

Ainda acerca da intervenção realizada pelo CCVS, há quem refira que antigamente havia mais apoios prestados.

*Antes nós ainda tínhamos ajudas, acho que agora não temos ajudas para nada. Eu quando andava aqui na escola, andei no infantário, sou do tempo do Mário, nós não tínhamos possibilidades para ir para a praia ou para o campismo e o Mário estava sempre lá. Víamos as outras pessoas a ir e nós não irmos porque não tínhamos possibilidades, mas lá nisso o Mário tinha muitos acessos para muita coisa. (M2)*

Para além disso, também mencionam que, na sua opinião, há pessoas a usufruir de ajudas às quais têm direito ou não as sabem gerir, como por exemplo, apoio alimentar e o RSI, o que parece revelar algum preconceito dentro do próprio bairro.

Os moradores que se pronunciaram acerca da Associação de Moradores confessaram que não têm muita perceção do trabalho que é feito ou consideram que este é insuficiente, revelando alguma descrença na representação que estes têm feito, principalmente junto da

Espaço Municipal para a reabilitação das habitações. Sentem-se pouco informados acerca do trabalho realizado, sendo que há pessoas que nem tiveram um contacto próximo com esta associação e, por isso, não têm uma opinião muito formada. Também sentem falta de reuniões com os condóminos para que os coloquem a par do trabalho desenvolvido e para serem discutidos temas do interesse comum e ainda a promoção de atividades para envolver os moradores.

*(...) não estou a vê-los a caminhar para a frente com isto, o coiso de Moradores... nós temos, mas não estou a ver estes a caminhar para a frente. (M1)*

*Uuuui isso é mentira! Eles não fazem nada, isso é mentira, eu não me acredito neles, eles nem me querem... Eu digo logo "isso é mentira" Eu já fui sócia, tirei logo, já não sou sócia [da Associação de Moradores], não quero nada disso, eles não fazem nada filha, não fazem nada... (M3)*

*(...) aqui também nunca houve uma coisa que deviam ter feito que era... quer dizer reuniões de condóminos, a gente tem ali uma associação [de moradores], que eu estou a pagar quotas presentemente, não é muito, mas pago não sei para quê. A princípio ainda fizeram, houve aí umas excursões, agora não fazem absolutamente nada, nadinha mesmo. (M4)*

*Eu sei que há essa Associação de Moradores, porque ouço falar dela, senão não sabia, porque eles não divulgam, não são capazes de ir ou pôr cartas às pessoas no correio, não é? A explicar o trabalho deles, o que fazem, se a gente precisar eles estão ali? Não, não é divulgado o trabalho deles, pelo menos que eu tenha conhecimento. (M7)*

Os membros da Associação de Moradores têm consciência desta descrença dos moradores no seu trabalho, inclusive, admitem ter perdido sócios, mesmo assim, não negam ajuda a ninguém, mesmo que estes não sejam associados, pois trabalham para todos os moradores do bairro. Segundo estes, a descrença deve-se ao facto de as obras de reabilitação do bairro ainda não terem arrancado, mas eles próprios dizem não conseguirem fazer mais nada, pois é algo que não depende de si. Uma vez que estes membros são igualmente moradores do bairro, também eles se sentem desanimados pela situação em que se encontra o local em que habitam.

*Nós tentamos...Vamos à Câmara, vamos à Espaço Municipal, conversamos com o engenheiro, conversamos com A, conversamos com B, a conversa é sempre a mesma (E2)*

*(...) nós, Comissão de Moradores, por muito que queiramos debater, por muito que tentamos melhorar isto ou aquilo temos sempre um senão da Espaço Municipal, temos sempre um senão da Espaço Municipal (E3)*

*É que nós quando formamos há uns anos a Comissão de Moradores, tínhamos muitos associados. (...) Até no Centro Comunitário que estava aí nós íamos para lá. Mas uma coisa é certa, nós fomos perdendo esses tais ditos associados, alguns deles, por descrédito. (E3)*  
*Por causa das obras e mentiras [da Câmara Municipal]. (...) Nós até baixamos as quotas. E nós defendemos, porque a Associação é para o bairro todo, pague ou não pague. (E2)*

De facto, o aspeto mais referenciado ao nível da intervenção pelos habitantes do Bairro do Sobreiro prende-se com a falta de reabilitação das habitações e espaços envolventes, o que lhes provoca tristeza, revolta e descrença na entidade responsável para esse efeito. Os moradores consideram mesmo que o bairro está abandonado e que ali foram fechados, pois não sentem interesse da outra parte em melhorar o local.

*Acho que nos fecharam aqui. Portanto se daqui para ali fazem tudo e muito mais... e esqueceram que nós estamos aqui fechados, ou melhor, não nos abrem a porta, porquê? Nós não fizemos mal a ninguém. São umas coisas que nos complica, que nos põe assim um bocadinho de parte e eu não aceito isso. (M1)*

*(...) eles vêm nas eleições que iam fazer isto e fazer aquilo aaaai... mentira! (...) Está [abandonado], está filha, eu estou sempre a ver quando é que cai um prédio, estou sempre a ver... (M3)*

*Só estou triste é porque a Câmara não tem ajudado em... quer dizer a arranjar o bairro, em dar outras condições aos moradores. Eu sei que a renda que é pouca, que a gente não paga muito, mas se eles levassem mais um pouco e conservasse... (M4)*

*Acho que eles haviam de ter mais cuidados com isso, o Espaço Municipal. Acho que haviam sim de ter mais cuidado, ter mais gosto em trabalhar no bairro, que eu acho que eles não têm. Eles chegam ali passam, andam e não devem ter gosto, no meu ver, eles não têm gosto neste bairro também. (...) Eu acho que sim, no meu ver sim [está abandonado o bairro]. (M7)*

#### **C.10. Ações entendidas como necessárias para valorizarem o bairro**

De modo a valorizar o bairro, os moradores apontaram algumas ações que consideram importantes colocar em prática. A primeira passa pela reabilitação tanto das casas como dos espaços envolventes, o que seria bom para os residentes, que passariam a ter melhores condições, e também causaria melhor impressão para as pessoas de fora que, provavelmente, já não se importariam de entrar, uma vez que já não teria a dita aparência de bairro social.

*(...) o que era bom para nós moradores era que eles tratassem os blocos, porque os blocos estão podres por fora, estão podres por dentro. (...) para fora tinha uma visão diferente, eu acho que sim, via-se com outros olhos de ver, era muito mais simpático era, ficava muito mais bonito para eles e para nós. (M1)*

*Eu acho que sim, acho que é a forma do bairro em si estar assim, porque é um bairro muito antigo, está feio, está degradado. Acho que se fosse um bairro mais limpo, uns blocos mais limpos, mais modernos, se calhar as pessoas não tinham tanta impressão do Bairro do Sobreiro. (M7)*

*(...) que o bairro melhorasse desse outro aspeto mais vivo, ter uns jardins mais bonitos, ter luz, podermos passar e não termos medo. (M9)*

A realização de atividades que envolvessem o exterior e a publicitação do que acontece de bom no bairro também são ações tidas como necessárias para a diminuição do estigma.

*Incentivar mais coisas aqui, trazer as pessoas mais de fora para dentro do bairro, para verem que as pessoas que moram cá que não são assim tão bichos como elas pensam que são. (M4)*

*(...) se calhar até as atividades, ser mais publicado coisas que acontecem no bairro, coisas boas, talvez aí sim as pessoas tenham mais vontade de vir conhecer o bairro. (M7)*

O fecho do café que já havia sido mencionado numa outra categoria, ocupa também aqui o seu destaque:

*Para mim o mal está no café que está ali aberto e nas pessoas que “residem” lá, porque não são daqui, não está cá, mas estão a explorar aquilo e por vezes dá-se bastantes conflitos, já tenho visto. Muitas vezes chegámos aqui e está ali a polícia e quando há problemas é sempre, eles vêm dali daquele café, começam ali naquele café, não sei porquê, não me pergunte porque não lhe sei explicar (M4).*

*Que aqui muitas coisas havia de se fazer uma limpeza, havia...(...) Limpeza (risos) que aqui há de tudo. Olhe muita gente diz que aqui o café havia de ser fechado, outras coisas sei lá... (M6)*

Outras ações sugeridas passam por um controle maior feito por entidades como a Segurança Social para assegurar que são dados os devidos apoios à população; a prestação de esclarecimentos acerca dos direitos dos moradores; e ainda a mobilização da população para ajudar no que for necessário em parceria com as entidades que intervêm no local.

## **2. Discussão dos dados – entre vozes e olhares**

De modo a facilitar o cruzamento da informação que consideramos tornar a discussão mais rica e com sentido, dividimos este subcapítulo em três, correspondendo cada parte a uma das dimensões da análise de conteúdo efetuada.

### **A- Relação com o bairro**

Cada uma das vozes que ouvimos possui uma trajetória pessoal e comunitária própria, pelo que a forma como veem e se relacionam com o seu território habitacional é também diferente, contudo, verificamos que são bastantes os pontos em comum.

Através de uma reflexão teórica, constatamos que os fatores mais comuns de rejeição se prendem com as más condições urbanísticas, a escassez de equipamentos e serviços, as dificuldades socioeconómicas dos sujeitos, o tráfico de droga e conflitualidades com a

vizinhança (Gonçalves e Pinto, 2001; Guerra, 1994; Queiroz & Gros, 2002). Os aspetos negativos face ao bairro em análise realçados pelos nossos entrevistados vão ao encontro destas questões e foram muitas vezes alvo de destaque nos seus discursos.

As más condições do alojamento e do bairro em geral foram o ponto negativo mais destacado. O bairro está degradado e não foi alvo de uma efetiva reabilitação desde a sua construção na década de 70, contando apenas com algumas demolições e melhoramentos em blocos específicos. O Bairro do Sobreiro, à semelhança de outros, foi construído para dar uma resposta rápida às carências habitacionais existentes, o que se traduziu numa construção de fraca qualidade, com uma arquitetura característica – homogeneidade arquitetónica (Augusto 2000) – que nos faz identificar o local quase de imediato como um bairro de habitação social. Muitas são as queixas dos moradores neste sentido, as casas estão a cair por dentro e por fora e ainda não há uma oferta de equipamentos sociais e recreativos que satisfaça as necessidades dos habitantes, muito embora saibamos que apresenta mais respostas sociais do que à data da sua construção. A degradação das habitações é uma das situações que mais entristece os moradores quando falam do seu bairro, tornando-se muitas vezes no foco principal dos seus discursos e, por isso, é algo que gostariam de ver mudado futuramente. Deste modo, começamos a perceber o quanto as condições habitacionais afetam os moradores e o porquê de a habitação se constituir como um direito fundamental.

Além das questões físicas, os moradores admitiram a existência de alguns conflitos sociais que comumente e de forma estigmatizada caracterizam estes bairros, nomeadamente conflitos entre as pessoas e o tráfico de droga. Frequentemente as pessoas usam algumas estratégias de distinção social, como vimos através de Paugam (2003), relativamente a vizinhos, a vizinhos de etnia cigana, a pessoas externas que frequentam o bairro, as quais consideram ser causadoras dos maiores problemas, e ainda a um café em particular que, segundo estes, é frequentado pelas pessoas mais conflituosas. Para além disso, houve quem apontasse o desemprego como uma causa para estes acontecimentos. No entanto, não deixam de frisar que tais problemas têm vindo a diminuir e que as coisas não são assim más como se possa pensar, aliás, por comparação a outros bairros, consideram que o Bairro do Sobreiro está bastante bem a este nível. Ainda assim, não podemos deixar de constatar que, de certa forma, estamos perante um certo estigma dentro do próprio bairro pela atribuição de culpa a determinados grupos sociais.

Diferentemente ao que refere Isabel Guerra (1994), neste caso em particular, as condições de conservação dos fogos e edifícios, assim como as carências ao nível de

equipamentos, prevalecem sobre as razões socioculturais, no que toca ao desgosto pelo bairro, embora todos os aspetos sejam tidos em consideração.

Apesar dos aspetos negativos apontados, principalmente as más condições do alojamento e do bairro, bem como os conflitos sociais, aos quais os moradores atribuíram maior importância, tendo em conta a frequência com que os abordaram, também são destacados aspetos positivos relevantes de morarem naquele local.

Quando o bairro foi construído, a Maia não tinha a configuração territorial atual, pelo que a cidade foi crescendo e desenvolveu-se em torno do bairro que, contrariamente ao que vimos, destaca-se da maioria dos bairros de habitação social pela sua localização central. Esta localização é valorizada pelos moradores, uma vez que lhes permite ter acesso a um conjunto de rede de transportes, serviços de saúde, entre outros, não causando constrangimentos no que diz respeito às acessibilidades. A dimensão das casas também é algo que lhes agrada, ainda que, como vimos anteriormente, não é de todo um elemento suficiente para garantir a satisfação das pessoas.

Um outro ponto de destaque, apreciado pela maioria moradores entrevistados, é a segurança, o que nos leva a questionar novamente o enfoque do CLS neste local. Através dos discursos dos moradores percebemos que a segurança abarca diferentes dimensões/entendimentos como por exemplo, o facto de conhecerem as pessoas mesmo que seja apenas de vista, poder circular à noite sem sentir receio, as crianças estarem à vontade para brincar na rua, poderem estacionar os carros no bairro, o facto de não haver assaltos e ainda a ideia de segurança por comparação a outros locais mais “*mediatizados*”. É, portanto, um conceito mais associado à questão física e não, propriamente à possibilidade de desenvolvimento, isto é, ser um ambiente propício ao desenvolvimento. Sabendo que o CLS vai um pouco além destas questões, como é possível verificar através do plano de ação (anexo 2), o seu nome não deixa de nos colocar algumas reservas. Apesar de tudo, o importante é que de facto os moradores parecem sentir-se seguros no seu local de habitação, mesmo que pontualmente haja algum problema que necessite de intervenção policial.

Outro aspeto positivo prende-se com o facto de ter os amigos e a família perto, as pessoas conhecem-se e isso traz segurança e facilidades como a questão do pedir fiado. Aqui começamos a entrar no campo da integração e do sentimento de pertença.

Tal como refere o autor Luís Fernandes (1994 & 1997) os discursos positivos dos habitantes destes territórios remetem muitas vezes para uma ligação afetiva despoletada pelo

facto de habitarem o local há muito tempo e, por esse motivo, criaram boas relações com as pessoas e boas memórias. Todos os moradores entrevistados habitam o bairro, no mínimo, há 30 anos, pelo que viveram uma boa parte da sua vida naquele lugar e, apesar dos aspetos menos bons, a maioria não sente vontade de mudar de local de residência. Estes recordam com algum saudosismo outros tempos em que o bairro era mais ativo, as pessoas passavam mais tempo na rua, assim como as crianças, pois agora é muito mais deserto. Este é outro aspeto que os participantes gostariam de ver melhorado, no sentido de “dar vida” novamente ao bairro.

O Bairro do Sobreiro destaca-se também pela sua dimensão, mesmo após a demolição de alguns blocos, continua a ocupar uma área extensa, o que se reflete também nas relações entre os diferentes moradores. Nem todas as pessoas se conhecem, o que num universo de 1072 habitantes se traduz em algo complicado de concretizar, no entanto, estabelecem-se relações significativas de amizade e entreajuda com os vizinhos dos blocos ou torres mais próximas. Relativamente à etnia cigana, uns não têm nada a apontar e até se relacionam normalmente, outros consideram que estes causam muitas confusões e mantêm-se afastados (Castro; Duarte; Afonso; Sousa; Antunes & Salgueiro 2001). Alguns moradores mostram interesse em conhecer melhor as outras pessoas e gostavam que os moradores do bairro se unissem ainda mais de modo a organizarem não só atividades de lazer como também para resolverem problemas que dizem respeito ao bem-estar de todos. Apesar de não se conhecerem todos, como já mencionamos, conhecem-se por se cruzarem nas ruas e, o facto de verem as mesmas caras, traz-lhes consolo e segurança.

Começamo-nos assim a aproximar do conceito de comunidade defendido por Anthony Cohen. Apesar das diferenças entre si, os moradores partilham de símbolos que fazem com que se crie uma ligação entre eles, como o facto de habitarem o mesmo local, o descontentamento e luta por condições de habitação melhores e a ligação afetiva ao local e às pessoas. O fator socioeconómico é também uma característica partilhada por grande parte dos moradores, razão pela qual habitam o bairro, ainda que este não seja tão salientado nas entrevistas. Além destes aspetos, a diferenciação feita pelos moradores entre a Cidade da Maia e o Bairro do Sobreiro realça de forma óbvia a existência de uma fronteira simbólica. Algo que não ficou claro foi se esta fronteira territorial é fruto de um sentimento de pertença vincado e/ou fruto de um estigma externo, a começar desde logo pela estrutura arquitetónica do bairro.



No geral, os moradores gostam do seu bairro e criaram uma ligação afetiva ao mesmo que os faz querer permanecer neste local. No que diz respeito a outros locais, consideram que o seu território se assemelha a qualquer outro local, onde a segurança não é menor e onde habitam pessoas de todos os estratos sociais. Realçam que relativamente a outros bairros sociais, o seu demarca-se por ser muito mais calmo, não se assemelhando ao que os *media* transmitem dos demais. A sua tristeza reporta-se às condições físicas que este apresenta e anseiam, por isso, melhorias a este nível, bem como uma maior convivência entre as pessoas, tal como existia em tempos atrás.

## **B – Relação com a opinião externa**

A resposta a esta dimensão enfatiza a questão do estigma em torno dos bairros sociais, mais concretamente, do Bairro do Sobreiro. Através das perceções dos moradores, entendemos que estes não rejeitam o seu bairro, pelo contrário, sentem-se, no geral, integrados e gostam de viver ali, no entanto, sentem que visão externa é diferente da sua.

Os moradores consideram que o bairro tem má fama e, por isso, não é bem visto pelas pessoas de fora, sendo vítimas de comentários desagradáveis. A imagem dos indivíduos resulta primeiro da etiquetagem territorial, neste caso, o facto de ser um bairro social leva à criação de uma imagem que abrange os indivíduos que nele habitam, muitas vezes, amplificada pelos meios de comunicação social (Fernandes, 1994). Através dos testemunhos dos moradores, tomamos conhecimento de que existem pessoas que se recusam a entrar no bairro, pois consideram um local inseguro, além disso, culpabilizam as pessoas do bairro por assaltos que acontecem noutros locais. Retomando o pensamento de Isabel Guerra (1994), habitar estes territórios é arriscar ser intitulado como perigoso, sendo que a própria palavra bairro encerra em si mesma uma conotação negativa. A propósito, uma moradora entrevistada falou na sua própria visão sobre o “ser bairrista”. Através das suas palavras, percebemos que ela própria tinha uma conotação menos positiva acerca de quem vive no bairro:

*Os bairros são todos iguais, há umas pessoas que são adequadas... há pessoas que vivem no bairro, mas não são bairristas, não fazem desordens, não é? (...) Um bairrista, lá está, é a situação de andarmos a roubar, de fazer degradação, da droga, tudo isso, todo esse contexto, agora eu não tenho essa conclusão (M9).*

Confidenciou-nos também que tinha inclusivamente vergonha de mencionar o local onde habitava de modo a evitar o confronto com as opiniões dos outros. Wacquant (2010)

diz-nos que esta forma de agir é uma consequência do estigma que leva a constrangimentos no que toca a estabelecer relações com pessoas de outros locais. Segundo a moradora em causa, esta atitude foi mudando e atualmente já não faz essa omissão, assim como também defende o seu bairro sempre que considera abusivo o que dizem sobre ele, uma vez que está bem mais calmo e afinal é o lugar onde nasceu e cresceu. Quanto aos restantes moradores, dizem não sentir qualquer vergonha de revelar onde moram e também não se sentem muito afetados pelos comentários, mas ao longo dos seus discursos percebemos que isso os deixa de certa forma tristes e incomodados.

O coordenador do CCVS revelou que o Bairro do Sobreiro já teve a conotação de *gueto* em que as pessoas viviam mais fechadas, sem grandes envolvimento com o exterior e eram, nas suas palavras, “ostracizadas” pelo exterior, pelo que omitiam o seu local de residência, mas que tal visão se desvaneceu, restando apenas uma certa franja da população que ainda olha o local de forma mais negativa. Como nos referiu a direção da Associação de Moradores, há pessoas que trabalham na Maia que estacionam ali os carros, pelo que a insegurança nem sempre é percecionada pelo exterior. A Presidente da Junta de Freguesia referiu que o bairro ainda é visto de certa forma como um *gueto* muito devido ao seu aspeto físico, pelo que esta visão de *gueto* depende assim de diferentes fatores.

Ao longo do trabalho destacamos a aparência do bairro e como isso deixa os moradores entristecidos. Uma moradora referiu que sente vergonha de convidar pessoas a sua casa, não por estar num bairro de habitação social, mas pelo facto de esta ter mau aspeto. A degradação do alojamento e do bairro em geral é apontada como uma das causas da conotação negativa do bairro e que impede outras pessoas de entrar. O seu aspeto degradado leva a que se torne num lugar obscuro da cidade, gerador de insegurança e, por consequente colocado à margem (Augusto, 2000; Fernandes, 1994; Wacquant, 2010).

Perante os comentários externos, além das condições habitacionais, os moradores usam outros argumentos para justificar as opiniões externas e defenderem-se delas. Alguns, recorrem a estratégias de distinção e culpam outros moradores pela fama do bairro pelos desacatos que provocam, outros, por outro lado, afirmam que esta imagem é fruto de um passado problemático e que já não corresponde à realidade atual. Para além disso, ainda destacam a conotação negativa derivada do simples facto de ser um bairro social, o que, por si só, provoca pensamentos negativos, quer se tratando do Bairro do Sobreiro quer de outro bairro qualquer. Esta conjugação de fatores impede que as pessoas entrem no território e o conheçam verdadeiramente.

Notamos assim uma concordância de todos os entrevistados de que existe, ainda que não tanto como anteriormente, uma visão estigmatizada do bairro de habitação social em estudo. O Bairro do Sobreiro parece estar marcado por um passado que levou à criação de percepções mais negativas por parte de algumas pessoas que vivem naquela cidade. Os moradores dizem não se sentir afetados, no entanto não parecem indiferentes aos comentários depreciativos que ouvem quando frequentam outros espaços ou convivem com pessoas que não habitam o bairro, levando-os a reagirem.

### **C – Intervenção no bairro**

No que diz respeito à intervenção do bairro, a Câmara Municipal, através da Espaço Municipal, detém um papel de destaque. Esta entidade é responsável pela atribuição das casas, manutenção e reabilitação do complexo habitacional e, por essa razão, é também a quem os moradores mais recorrem para a resolução dos seus problemas. No entanto, é também para com esta entidade que revelam maiores críticas, pois não obtêm respostas para os seus pedidos, principalmente no que à reabilitação diz respeito. Os moradores dizem estar cansados de promessas que não veem concretizadas, chegando mesmo a usar a palavra “abandonado” para conotar o bairro. Ao longo dos últimos anos, o Bairro do Sobreiro foi alvo de alguma atenção relativamente ao seu futuro. Foram desenhados alguns projetos de melhoramento e ainda foram pensadas medidas mais radicais que implicavam a demolição total do bairro. Atualmente, a visão passa pela melhoria das casas e dos espaços envolventes que tornem o local mais convidativo e, acima de tudo, que satisfaça as necessidades dos seus residentes. No entanto, as questões burocráticas e económicas têm vindo a atrasar o processo o que leva à descrença dos moradores. Também a centralidade que o bairro ocupa no espaço da urbe e que os moradores tanto apreciam acaba por surgir, no seu entender, como fator pelo qual existe um desmazelo, sendo invocados outros interesses para aquele espaço. Uma vez que não foi possível contactar com alguém da Câmara Municipal no período de tempo destinado para a presente investigação, não dispomos de dados que nos permitam dar uma resposta a esta inação percecionada pelos moradores.

Além da Câmara Municipal, existem outras entidades que operam diretamente no bairro e cujo o seu trabalho tem um papel importante na vida das pessoas e famílias que habitam no bairro.

Já realçamos anteriormente a importância de colocarmos as pessoas no centro dos projetos, tornando-as protagonistas das ações, algo que só se torna possível através da participação. Os movimentos associativos são um bom exemplo da mobilização e participação uma vez que partem do local para o local. No Bairro do Sobreiro, existe uma Associação de Moradores, cujo seu papel atual assenta na representação dos moradores em assuntos diversos, procurando também dar algumas respostas mais pontuais naquilo que a população necessitar. O facto de ser algo que parte do próprio local faz com que haja um envolvimento mais implicado da parte dos elementos que a compõe, uma vez que os problemas são também sentidos por estes. Durante a entrevista realizada aos membros desta associação percebemos o quanto o bairro significa para eles e o quanto se entristecem pelas condições atuais que ele apresenta. Revelaram que cada vez têm menos apoios e associados, pois as pessoas deixaram de acreditar no seu trabalho, muito devido à falta de reabilitação. Segundo eles, são bastantes as idas às entidades competentes e chegaram mesmo a estar presentes numa Assembleia da República para dar conta do problema, mas sem qualquer efeito. Os moradores referiram que esta direção não tem mostrado muito o seu trabalho e que deviam dar-se mais a conhecer, por exemplo, através de reuniões, talvez assim pudessem ter um pouco mais de apoio. Parece-nos que o problema da falta de condições das casas tem tomado conta da atenção de todos, inclusive da Associação de Moradores, o que faz com que esta se foque mais nesta questão. Seria, pois, importante uma reflexão acerca do trabalho que está a ser desenvolvido e motivar as pessoas para a importância de trabalharem todos juntos em prol de um bem comum, para que, dentro do possível, em comunidade, consigam transformar obstáculos em potencialidades e resolver algumas situações, quer de forma interna, sempre que possível, ou recorrendo a entidades superiores.

O CCVS ocupa também uma posição de destaque, intervindo no bairro há mais de 30 anos e, por isso, é conhecido dos moradores que apreciam o trabalho desenvolvido por esta instituição. Tal como o nome indica estamos perante uma instituição que atua ao nível da comunidade, procurando ajudar na resolução dos problemas e colmatar necessidades existentes no local onde intervém, neste caso, no Bairro do Sobreiro. Uma vez que a sua atividade tem vindo a ser alargada ao restante concelho e até mesmo fora dele, mobiliza outro tipo de pessoas que se deslocam ao bairro. Como foi referido pelos moradores, é necessário que as pessoas que não habitam o bairro o frequentem e o conheçam na primeira pessoa, de modo a dissipar as imagens menos positivas que possam ter criado. Deste modo, o CCVS torna-se um elo de ligação entre o bairro e o exterior. Na nossa opinião, apesar do

trabalho já desenvolvido, ainda há um caminho a fazer no que toca à diminuição do estigma, onde o CCVS pode e deve ter um papel ativo juntamente com a população local, através, por exemplo, da organização de atividades que impliquem o exterior, a publicitação do bairro de forma positiva acerca do que acontece, testemunhos, entre outros, como também sugeriram os moradores. Mas para que tal aconteça, é também necessário um trabalho primeiramente com os residentes locais no sentido da sua consciencialização e orientar, assim, a ação no sentido da transformação social (mesmo no que toca à questão do café, apontada por muitos dos entrevistados). Para tal, seria fulcral a parceria com a Associação de Moradores que estabeleceria a comunicação entre ambos.

Os entrevistados, assim como os membros da Associação de Moradores falaram com alguma revolta no que toca à atribuição de subsídios, pois consideram que há pessoas beneficiárias que não fazem um uso correto destes apoios. Para colmatar este problema, consideram que os técnicos sociais devem ver a realidade de perto e estar mais vigilantes no que respeita à forma como os cidadãos beneficiários usam os apoios, fazendo um acompanhamento efetivo dos casos. Este tipo de comentários também nos leva a refletir no que são as perceções acerca das pessoas que usufruem de alguns subsídios estatais. Esta imagem é bastante sensível, estando presente nos discursos quotidianos de forma mais entranhada, parecendo não haver qualquer explicação que consiga amenizar esta espécie de conflito entre diversas modalidades de apoios públicos. A própria Presidente da Junta de Freguesia salientou um aspeto estigmatizante ao referir que facilmente se identificava os moradores do bairro por estarem no café sempre de manhã e que isso causava revolta nas restantes pessoas. O facto de no bairro habitarem pessoas com dificuldades a nível socioeconómico leva a que se criem imagens deste género, quer por parte dos restantes moradores (estigma interno), quer pela restante população (estigma externo), aumentando, deste modo, a conotação negativa do lugar e das pessoas que o habitam, tornando-se, por conseguinte, uma forma de exclusão social.

Apesar das reservas que colocamos ao nome, o CLS assume-se, no momento, como o principal projeto de intervenção a decorrer<sup>23</sup>. O plano de ação engloba muitas das preocupações sentidas pelos moradores, como podemos ver anteriormente, e também como nos foram referindo as entidades entrevistadas. Está previsto nomeadamente uma

---

<sup>23</sup> Os moradores entrevistados não sinalizaram este contrato e também não foram questionados acerca deste no decurso da entrevista.

reabilitação física do bairro, ao mesmo tempo que é desenvolvido um trabalho próximo com a população residente, como refere o coordenador do CCVS (E1):

*Envolvendo as pessoas, porque fazer só obra não presta, fazer só obra não. É fazer a obra e envolver as pessoas na assunção do seu novo espaço, compreendes? No seu novo bairro, da sua nova urbanização e é por isso que estamos nós aqui. Nós temos projetos concretos para fazer isso. Foram feitas propostas concretas, portanto, há as propostas do edificado e há as propostas do trabalho comunitário que têm de ser ao mesmo tempo, têm de funcionar de uma forma complementar, se isso for feito é pah em 2022 falamos.*

É através do envolvimento efetivo das pessoas na conceção, planificação e execução das ações que é possível o desenvolvimento positivo.

## Notas Conclusivas

Através de uma metodologia de investigação qualitativa com base no paradigma fenomenológico-interpretativo, colocamos os moradores do Bairro do Sobreiro como protagonistas do processo, numa lógica de co-construção do conhecimento. Procuramos conhecer quais as perceções e significados que estes atribuem ao seu bairro e que argumentos estão por trás dessa construção da realidade, muitas vezes estigmatizada pelo exterior e, daí, a nossa preocupação para com este contexto e para com as pessoas que lá vivem. Para tal, recorremos a um quadro teórico que nos permitisse compreender melhor a forma como surgiram estes territórios e que fatores poderiam estar na origem do estigma, assim como algumas consequências que esta conotação negativa tem nos seus moradores. Esta reflexão revelou-se bastante útil pela introdução analítica que permitiu, pela sua vantagem na abordagem aos participantes, assim como na discussão dos resultados.

Através da análise às entrevistas efetuadas, procuramos encontrar respostas às nossas questões inicialmente delineadas e tirar algumas conclusões.

A maioria dos participantes habita o bairro derivado a situações socioeconómicas, uma vez que viviam anteriormente em condições mais precárias e, por isso, foram realojadas naquele lugar, como acontece com a maioria das pessoas que vivem em habitação social, sendo que duas das moradoras nasceram no local. Esta mudança de alojamento foi na sua opinião positiva do ponto de vista das casas, pois passaram a ter, na altura, condições bem melhores do que as anteriores. Expressam assim um “(...) sentimento de satisfação face à mudança residencial, centrado (...) na melhoria das condições de vida que os realojamentos proporcionaram” (Gonçalves & Pinto, 2001). Passados estes 30 e tal anos desde que habitam o bairro, os moradores possuem já uma trajetória pessoal e social bastante rica, acompanhando as mudanças do mesmo ao longo do tempo.

Nenhum dos entrevistados revelou unicamente sentimentos de rejeição. No geral, têm gosto no bairro e são capazes de identificar tanto elementos de desvalorização como de valorização.

Os aspetos que mais valorizaram no seu bairro são a dimensão das casas, a segurança, a localização/acessibilidades e ainda as relações familiares e de amizade construídas. Quanto aos aspetos negativos o enfoque está na falta de condições do alojamento e do bairro que se traduz também na falta de equipamentos sociais e recreativos. Para além disso, mencionaram

os conflitos sociais (ex. conflitos entre vizinhos, tráfico de droga), a dinâmica empobrecida do bairro e até mesmo o facto de a população estar cada vez mais envelhecida.

De modo a melhorar a sua vivência no bairro, os moradores apontam para a necessidade de reabilitação integral do bairro, sua principal preocupação, a realização de mais atividades e convívios entre os moradores e, ainda, o fecho do café apontado como o local onde se concentram os principais problemas (ex. droga).

Relativamente à imagem externa, os moradores consideram que o bairro tem má fama e que só o facto de ser um bairro desperta pensamentos negativos, que estão muitas vezes longe da realidade. Apesar dos participantes afirmarem não serem afetados por este estigma, o seu discurso revela alguma tristeza e revolta. No entanto, estes não se deixam ficar perante os comentários, por isso, tomam atitudes de defesa e procuram valorizar o seu bairro.

Ao escutarmos as vozes do Sobreiro, conseguimos perceber que nem sempre a realidade percecionada pelo exterior corresponde à perceção de quem habita o local e que estes últimos nem sempre detêm a mesma perceção entre si devido à sua trajetória de vida pessoal e social, no entanto, partilham de símbolos que os aproxima. No caso concreto do Bairro do Sobreiro, a questão da segurança é um exemplo bastante evidente da disparidade de pensamentos entre o interior e o exterior. Para os moradores a segurança é um aspeto valorizado, no entanto, os comentários do exterior revelam receio de entrar no bairro por temerem pela sua segurança.

Por muito que procuremos desmistificar a questão da homogeneidade dos bairros de habitação social, há aspetos inegáveis desta semelhança, principalmente no que toca à arquitetura destes lugares, “(...) maciços, estereotipados nas formas, com os edifícios mal conservados” (Fernandes, 1994:20), às questões socioeconómicas e ainda à existência de conflitos entre vizinhos, principalmente quando estes são oriundos de culturas e etnias diferentes. Mas, independentemente desses lugares estarem ou não deteriorados, sejam ou não lugares perigosos e inseguros, e as pessoas que lá habitam sejam pobres e minorias étnicas ou não, isso não tem muita importância pois “(...) a crença preconceituosa de que assim são, basta para engendrar consequências socialmente nocivas” (Wacquant, 2010:29).

Para a realização desta investigação foi necessária sensibilidade para a problemática abordada e uma disposição e abertura para entrar num espaço que todos julgamos conhecer, mas que no fundo nos é desconhecido. Para contrariar a tendência estigmatizante, fomos olhar o bairro a partir de dentro através das vozes que lhe dão vida. Através dos



entendimentos sobre os modos de viver o bairro tentamos de certa forma contribuir para a diminuição do estigma e consequente exclusão social, pensar novas formas de intervenção e suscitar um olhar crítico no que toca à forma como são pensadas as políticas habitacionais. Os processos educacionais ocupam assim um lugar de destaque a este nível, uma vez que a educação transforma o ser humano, não só através dos processos formais, mas também através do que o meio lhe proporciona. O ser humano é, pois, produto e produtor de cultura. (Amado e Boavida, 2006). A frase “Nós é que fazemos o bairro”, proferida por uma moradora durante a sua entrevista, mereceu a nossa atenção. Nem tudo o que acontece de menos bom num bairro de habitação social é da responsabilidade de determinados moradores, como a moradora pareceu estar a dizer, no entanto, o que queremos aqui refletir com esta citação é que não nos podemos esquecer de que o bairro é muito mais do que aquilo que possamos ouvir nos *media* ou nos discursos do «diz que disse». Os bairros são compostos por pessoas diferentes, com trajetórias de vida muitas vezes de luta por melhores condições, com situações profissionais e modos de viver distintos. Só conseguiremos perceber de facto esta realidade se nos permitirmos embrenhar nestes contextos. O governo, as instituições, os profissionais e até os *media* têm um dever de contribuir para a desconstrução do estigma, no entanto, esta mudança começa também em cada um de nós e na forma como interpretamos a informação que nos chega. Os moradores «fazem» o bairro através das suas vivências e nós, sociedade, «fazemos» uma imagem do bairro pelo que nos é transmitido – redução cognitiva (Fernandes, 1997). Assim, esta conceção de educação permite-nos refletir não só sobre o modo de viver ou perceber dos moradores, como também dos que para o bairro olham como um lugar à margem, pois efetivamente essa construção é fruto da socialização, do que o meio oferece. É também através desta forma de encarar a educação que é possível repensar a intervenção e atuar sobre os principais fatores que contribuem para uma construção estigmatizada destes territórios.

No que se refere às políticas habitacionais estas necessitam de abarcar não só a questão física, através da atribuição de uma casa digna a quem mais necessita, mas também um acompanhamento efetivo das pessoas e famílias de modo a permitir a sua reinserção social (Mendes, 1997). Mesmo no que toca ao alojamento em si, seria interessante conseguir envolver as pessoas durante todo o processo de intervenção, tal como vimos acontecer no programa SAAL.

Rodrigues (2009) chama-nos a atenção para alguns aspetos importantes no que toca à forma como são pensadas as políticas sociais e levanta questões importantes neste sentido.

Se por um lado defendemos a importância de uma intervenção localizada mais próxima dos cidadãos, por outro, não podemos deixar que estas dinâmicas se traduzam num mais ou menos «subtil» controle social das pessoas mais vulneráveis e, ainda, a total responsabilização dos destinatários quando muitas vezes os problemas são de natureza estrutural. Como tornar um cidadão ativo na sociedade, quando se encontra em situação de desemprego ou outra forma de exclusão? Como criar respostas globais que sejam possíveis mobilizar localmente e simultaneamente englobem todas as formas de discriminação, vulnerabilidades e desvantagens ou outras condições excludentes? Guerra (2001) foca a simbiose entre o «local» e o «global» no que diz respeito à intervenção social e urbana, como forma de repensar os processos de intervenção e alternativa à «discriminação positiva» que muitas vezes leva a uma intensificação do estigma. A autora chama assim a atenção para a necessidade da construção de referenciais comuns à cidade e estruturar projetos de forma não estigmatizada, onde as práticas participativas sejam disseminadas por toda a cidade, abarcando todos os grupos sociais. Há ainda necessidade de um aprofundamento de novas metodologias de ação e difusão de experiências inovadoras.

Durante a realização do estudo, algumas limitações e constrangimentos aconteceram. Primeiramente, tivemos alguma dificuldade no que toca ao primeiro contacto com a população, uma vez que estávamos à espera que o CLS se iniciasse e pudéssemos acompanhar a equipa do CCVS nas visitas que estavam previstas no bairro. Com as questões burocráticas a atrasarem o processo, tentamos através das técnicas e outros colaboradores, contactar com quem frequentava o CCVS e, deste modo, fomos conseguindo chegar a algumas pessoas. Devido a esta situação, a amostra não foi tão diversificada em termos de idade como desejaríamos, pelo que não temos a perceção da camada mais jovem que habita o bairro. Também não foi possível entrevistar as 10 pessoas inicialmente idealizadas, mas sim 9. Além das entrevistas aos moradores, selecionamos outras entidades a serem entrevistadas, entre elas, alguém da Câmara Municipal, inicialmente devido à responsabilidade que detém pelo bairro e, porque ao longo das entrevistas aos moradores, a necessidade de ouvir a outra parte se tornou cada vez mais pertinente, no entanto, tal não se revelou possível. Considerando a natureza subjetiva do trabalho, focarmo-nos nos objetivos nem sempre foi tarefa fácil, principalmente pela riqueza dos discursos que escutamos e pela riqueza do contexto em si.

O tempo que se dispôs para a concretização da presente investigação nem sempre permite aprofundar todos os aspetos tal como gostaríamos, até porque durante o processo surgem sempre novas curiosidades.

Assim, no nosso entender, como propostas futuras, consideramos que seria importante uma presença no bairro mais prolongada que colocasse o investigador no papel de observador participante, de modo captar aquilo que são as rotinas do local e as vivências dos moradores de forma mais natural. Também seria relevante explorar um pouco mais o trabalho desenvolvido quer pelo CCVS, quer pela Associação de Moradores pela intervenção de proximidade junto das pessoas com o objetivo de refletir de forma mais aprofundada sobre o papel das instituições em termos do desenvolvimento comunitário e, mais concretamente, sobre o seu papel no combate ao estigma. A nossa ideia inicial passava pela recolha quer das perceções dos moradores, quer das perceções de pessoas externas ao bairro que nos permitissem fazer um confronto entre ambas e, uma vez que tal não foi possível com este trabalho, seria, por isso, interessante num trabalho futuro explorar esta dualidade em confronto.

A presente investigação revelou-se importante a nível pessoal para a investigadora uma vez que se constituiu como uma oportunidade de melhor conhecer um contexto que ambicionava abordar desde a licenciatura. Foi também uma forma de experienciar a prática de investigação e pôr à prova novas competências. Lidar com o imprevisto, confrontar pessoas e ouvir os seus desabafos, reconstruir as próprias conceções, ser persistente, conciliar inúmeras tarefas pessoais, profissionais e académicas, arriscar, desanimar, voltar a tentar. É isso que aqui se apresenta, uma investigação não isenta de limites e constrangimentos, mas que valoriza a voz e as perceções dos que quotidianamente vivem o espaço de um bairro de habitação social (onde se cruzam aspetos de comunalidade com lugares idênticos, mas também de especificidades).

## Referências Bibliográficas

- Amado, João (coord.) (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra
- Amado, João & Boavida, João (2006) *Ciências da Educação. Epistemologia, Identidade e Perspectivas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra
- Augusto, Nuno Miguel (2000). Habitação Social – da intenção de inserção à ampliação da exclusão. *IV Congresso Português de Sociologia*. Retirado em janeiro 10, 2018 de: [http://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR462df3cd04e3f\\_1.pdf](http://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR462df3cd04e3f_1.pdf)
- Bardin, Laurence (1979). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, Lda
- Bogdan, Robert & Biklen, Sari (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora
- Castro, Alexandra; Duarte, Isabel; Afonso, Joana; Sousa, Mafalda; Antunes, M.J. Lobo; & Salgueiro Margarida (2001) Os Ciganos Vistos pelos Outros. *Cidades, Comunidades e Territórios*, nº2, 73-84
- Castro, Monica Rabello; Ferreira, Giselle & Gonzalez, Wania (2013). *Metodologia da Pesquisa em Educação*. Rio de Janeiro: Marsupial Editora
- Domingues, Diana Batista (2014) *Percepções sobre a cidade e vivências do bairro: um estudo num bairro social do Porto*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal.
- Fernandes, Luís (1994). Topografia urbana do medo: «os espaços perigoso». *Revista do Ministério Público*, 59, 11-27.
- Estrela, Albano (1994). *Teoria e Prática de Observação de Classes. Uma Estratégia de Formação de Professores*. (4ª edição). Porto: Porto Editora
- Fernandes, Luís (1997). Os lugares onde a cidade se interrompe. In Cândido Agra (Ed.) *Biopsicossociologia do comportamento desviante*. Lisboa: Revista do Ministério Público
- Fernandes, João Viegas (1998). Da Alfabetização/Educação de Adultos à Educação Popular/Comunitária: relevância do contributo de Paulo Freire. *Paulo Freire: Política e Pedagogia*. (pp.131-150) Porto: Porto Editora, Lda.
- Galego, Carla & Gomes, Alberto (2005). Emancipação, ruptura e inovação: o “focus group” como instrumento de investigação. *Revista Lusófona de Educação*, 5, 173-184

- Goffman, Erving (1990). *Stigma. Notes of management Spoiled Identity*. London: Penguin Books. (Edição Original 1963)
- Gomés, J. A. C., Freitas, O. M. P & Callejas, G. V. (2007) *Educação e Desenvolvimento Comunitário Local*. Porto: Profedições, Lda/Jornal a Página da Educação
- Gonçalves, Alda & Pinto, Teresa Costa (2001). Os Bairros Vistos por Si Mesmos. *Cidades, Comunidades e Territórios*, nº3, 111-131
- Guerra, Isabel (1994). As Pessoas não são Coisas que se Ponham em Gavetas. *Sociedade e Território*, nº20, 11-26. Porto: Afrontamento
- Guerra, Isabel (2001). Intervenções face à exclusão social urbana: Uma luta inglória? *Cidades, Comunidades e Territórios*, nº2, 47-56
- Lima, Rosa (2003). *Desenvolvimento levantado do chão... com os pés assentes na terra. Desenvolvimento local – Investigação Participativa – animação comunitária*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal.
- Lopes, Marcelino de Sousa (2006). *Animação Sociocultural em Portugal*. Amarante: Gráfica do Norte
- Malheiro, José. (1996). *Associativismo Popular: Originalidade do Povo Português*. Almada: Câmara Municipal de Almada
- Matos, Fátima Loureiro (1994). Os bairros sociais no espaço urbano do Porto: 1901-1956. *Análise Social*. Vol. XXIX, 677-695.
- Mendes, Maria Clara (1997). A política de Habitação Social em Portugal. In Carlos Pestana Barros & José Carlos Gomes Santos. *A Habitação e a Reintegração social em Portugal*. (pp. 65-77). Lisboa: Editor Vulgata
- Neves, José L. (1996). Pesquisa Qualitativa – características, usos e possibilidades. *Caderno de pesquisas em administração*. V.1, N.º 3, 2º SEM. Retirado em janeiro 12, 2017 de: [http://ucbweb.castelobranco.br/webcaf/arquivos/15482/2195/artigo\\_sobre\\_pesquisa\\_qualitativa.pdf](http://ucbweb.castelobranco.br/webcaf/arquivos/15482/2195/artigo_sobre_pesquisa_qualitativa.pdf)
- Osório, Augustin Requejo (2003). Educação permanente e educação de adultos. Lisboa: Instituto Piaget

- Paugam, Serge (2003). *A Desqualificação Social. Ensaio sobre a nova pobreza*. Porto: Porto Editora (obra francesa traduzida, original de 1991)
- Pereira, Virgílio Borges (2011). A política de habitação do Estado e os seus efeitos sociais no Porto contemporâneo: Uma perspetiva sintética e panorâmica. *Família, Espaço e Património*. 547-564. Porto: CITCEM
- Pereira, Gaspar Martins (2014). SAAL: um programa de habitação popular no processo revolucionário. *História Revista da FLUP Porto. IV Série, vol. 4*, 13-31.
- Pires, Ana Carolino (2004). Monodocência, coadjuvação pluridocência? Um estudo exploratório sobre as opiniões de docente e futuros docentes do 1ºCEB. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal.
- Queiroz, Maria Cidália & Gros, Marielle Christine (2002). *Ser Jovem num Bairro de Habitação Social*. Porto: Campo das Letras
- Quivy, Raymond & Campenhoudt, Luc Van (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva
- Rodrigues, Fernanda (2009). Novas Políticas Sociais: uma janela (in)discreta sobre o “outro” lugar do Estado. In Potyara Pereira, Ivanete Boschetti, Rosa Stein & Sílvia Yannoulas. *Política Social, Trabalho e Democracia em questão*. (pp. 179-208). Brasília: Universidade de Brasília
- Rodrigues, Maria (1999). *Pelo direito à cidade. O Movimento de Moradores no Porto (1974/76)*. Porto: Campo de Letras
- Roque Amaro, Rogério (2003). Desenvolvimento – um conceito ultrapassado ou em renovação? Da teoria à prática e da prática à teoria. *Cadernos de Estudos Africanos* (online) 4. Retirado em setembro 16, 2016 de <http://cea.revues.org/1573>
- Roths, Luís Areal (2009). *A Recomposição Induzida do Campo da Educação Básica de Adultos*. Porto: FPCE-UP
- Silva, Augusto Santos & Pinto, José Madureira (1989). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento

Teixeira, Manuel C. (1994). A habitação popular no século XIX – características morfológicas, a transmissão de modelos: as ilhas do Porto e os cortiços do Rio de Janeiro. *Análise Social*, 29, 555-579.

Vilaça, Eduardo (2001). O “Estado da Habitação”. Medidas sem Política num País Adiado. *Cidades, Comunidades e Territórios*, nº3, 83-92

Wacquant, Loïc (2010). Estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 16, 27-39.

### **Outras Referências**

Comissão do Emprego e dos Assuntos Sociais (2013). *Relatório sobre a habitação social na união Europeia (2012/2293(INI))*. Retirado de janeiro 11, 2018 de <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//NONSGML+REPORT+A7-2013-0155+0+DOC+PDF+V0//PT>

Comissão Interministerial dos CLS (2017). *Contrato Local de Segurança da Maia. Diagnóstico de Segurança. Bairro do Sobreiro*. República Portuguesa (Documento fornecido pelo coordenador do CCVS)

Espaço Municipal (2015). *Relatório 03 – Definição da Operação de Reabilitação Urbana (Fase 2)*. Retirado em novembro, 2017 de [http://www.cm-maia.pt/uploads/document/file/136/Relato\\_rio\\_Final\\_-\\_Definic\\_a\\_o\\_da\\_Operac\\_a\\_o\\_de\\_Reabilitac\\_a\\_o\\_Urbana.pdf](http://www.cm-maia.pt/uploads/document/file/136/Relato_rio_Final_-_Definic_a_o_da_Operac_a_o_de_Reabilitac_a_o_Urbana.pdf)

Espaço Municipal (2016). Caracterização Quantitativa do Património sob Gestão da Empresa. Retirado em janeiro, 2018 de [http://www.espacomunicipal.pt/media/1435/20160920\\_caracterizacao\\_patrimonio.pdf](http://www.espacomunicipal.pt/media/1435/20160920_caracterizacao_patrimonio.pdf)

Eurostat, Statistics Explained. *Estatísticas da habitação* (2017). Retirado em janeiro 11, 2018 de [http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Housing\\_statistics/pt](http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Housing_statistics/pt)

Nova Geração de Contratos Locais de Segurança (2016). Retirado a dezembro 4, 2017 de <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=12e5d402-2b1f-442c-9e7e-78c2ff8078ec>

Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (2018) *Levantamento Nacional das Necessidades de Realojamento Habitacional*. Retirado em julho 21, 2018 de:

[https://www.portaldahabitacao.pt/opencms/export/sites/portal/pt/portal/habitacao/levantamento\\_necessidades\\_habitacionais/Relatorio\\_Final\\_Necessidades\\_Realojamento.pdf](https://www.portaldahabitacao.pt/opencms/export/sites/portal/pt/portal/habitacao/levantamento_necessidades_habitacionais/Relatorio_Final_Necessidades_Realojamento.pdf)

Núcleo Executivo da Rede Social da Maia (2014). *Diagnóstico Social do Município da Maia 2014*. Retirado em novembro, 2017 de <http://maia2014.cm-maia.pt/index.php/documentos/category/12-rede-social>

*Para uma Nova Geração de Políticas de Habitação. Sentido estratégico, objetivos e instrumentos de atuação* (2017). Retirado em novembro 5, 2017 de <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=95621259-fdd4-4099-82f3-2ff17c522882>

Portaria nº828/88 de 29 de dezembro de 1988. *Diário da República – I serie, nº300*, 5132-5133. Recuperado em maio 31, 2017 de <https://dre.pt/application/file/a/353861>



## **Apêndices**

## Apêndice I. Guião de entrevista aos moradores do Bairro do Sobreiro

Dimensões	Objetivos	Questões Orientadoras
Dados Sociodemográficos	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conhecer objetivamente o entrevistado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Idade</li> <li>Profissão</li> <li>Escolaridade</li> <li>Agregado Familiar</li> </ul>
Aspetos anteriores ao Bairro	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conhecer trajetórias pessoais até se mudar para o Bairro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Sempre viveu aqui?/ Onde vivia anteriormente?</li> <li>Como era viver nesse outro lugar?</li> <li>Porque se mudou para o bairro?</li> </ul>
Por relação com Bairro	<ul style="list-style-type: none"> <li>Identificar elementos de valorização e/ou desvalorização relativamente ao seu bairro;</li> <li>Identificar expectativas/anseios relativamente à vida no bairro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Há quanto tempo vive no Bairro do Sobreiro?</li> <li>Como é viver no bairro? (Aspetos positivos e negativos)</li> <li>Gosta de viver cá? Porquê?</li> <li>Como é a relação entre moradores?</li> <li>Acha que o seu bairro é diferente dos outros? Porquê?</li> <li>O que mudaria no seu bairro? Porquê?</li> <li>Quem acha que pode ajudar a mudar o bairro?</li> <li>Se tivesse oportunidade gostaria de se mudar para outro local? Porquê?</li> </ul>
Por relação com o meio envolvente	<ul style="list-style-type: none"> <li>Considerando a perceção pessoal que os outros terão sobre o bairro, identificar elementos de valorização e/ou desvalorização relativamente ao mesmo;</li> <li>Identificar a existência de estratégias de defesa e/ou revalorização</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Qual acha que é a opinião das pessoas que vivem fora do bairro acerca deste? Que razões estão na base dessa opinião?</li> <li>Que aspetos são salientados? (Aspetos de revalorização e/ou desvalorização)</li> <li>Considera essas opiniões importantes? De que forma?</li> <li>Essas opiniões têm efeito na maneira como se relaciona com as pessoas dentro e fora do bairro?</li> <li>Já se sentiu discriminado alguma vez? Se sim, pode relatar essa situação? Como lida com esse tipo de situação?</li> <li>O que acha que se poderia fazer para evitar e/ou resolver as imagens negativas sobre o bairro?</li> </ul>

## Apêndice II. Guião de entrevista ao Coordenador do Centro Comunitário Vermoim – Sobreiro

Dimensões	Objetivos	Questões Orientadoras
Introdução	<ul style="list-style-type: none"> <li>Contextualizar a entrevista</li> </ul>	
Pessoal	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conhecer o entrevistado e o seu percurso no Bairro e no CCVS</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Em que circunstâncias conheceu o bairro? Há quanto tempo foi?</li> <li>Há quanto tempo ocupa o cargo de coordenador do CCVS?</li> </ul>
Organizacional	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conhecer o trabalho desenvolvido pelo CCVS</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Como surgiu o CCVS?</li> <li>Quais as valências existentes e quando surgiram e porquê?</li> <li>Além das valências que outro tipo de atividades já foi/é desenvolvido?</li> <li>Existe outro tipo de instituições que intervêm no bairro? Quais as que se articulam mais com o trabalho do CCVS?</li> </ul>
Por relação ao bairro	<ul style="list-style-type: none"> <li>Identificar elementos de valorização e/ou desvalorização relativamente ao bairro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Quando chegou ao bairro pela primeira vez qual foi a sua primeira perceção, recorda-se?</li> <li>Mudou a sua opinião? Porquê?</li> <li>Como descreve o bairro e as pessoas que o habitam? (aspetos positivos e negativos)</li> <li>Considera o bairro um território estigmatizado? Porquê?</li> </ul>
Intervenção do CCVS no bairro	<ul style="list-style-type: none"> <li>Perceber qual o impacto que o CCVS tem na vida do bairro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Componentes da intervenção do bairro mais alcançadas e componentes menos bem-sucedidas.</li> <li>Que outras dimensões de intervenção poderiam ser exploradas?</li> <li>Como definiria o contributo do CCVS para o bairro? Porquê?</li> <li>Qual a relação entre as perceções negativas sobre o bairro e o trabalho desenvolvido pelo CCVS?</li> </ul>
Conclusão	<ul style="list-style-type: none"> <li>Perceber se o entrevistado considera a pesquisa importante</li> <li>Agradecimentos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Que contributo espera desta investigação no âmbito do Mestrado para a intervenção do CCVS?</li> <li>Gostaria de acrescentar alguma informação? Algum conselho?</li> </ul>

### Apêndice III. Guião de entrevista aos elementos da Associação de Moradores

Dimensões	Objetivos	Questões Orientadoras
Introdução	<ul style="list-style-type: none"> <li>Contextualizar a entrevista</li> </ul>	
Pessoal	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conhecer o entrevistado e o seu percurso no bairro e na Associação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Há quanto tempo mora no bairro?</li> <li>Há quanto tempo ocupa o cargo de coordenador da Associação?</li> <li>Porque se interessou em fazer parte da Associação?</li> </ul>
Organização e Intervenção	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conhecer a Associação de Moradores e o trabalho que desenvolve</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Como surgiu?</li> <li>Quais são as prioridades?</li> <li>Que tipo de trabalho desenvolve/desenvolveram? Que pertinência?</li> <li>Que planos de intervenção conhece para o bairro? (eventual relação com o CCVS)</li> </ul>
Por relação ao Bairro	<ul style="list-style-type: none"> <li>Identificar elementos de valorização e/ou desvalorização relativamente ao bairro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Como descreve o bairro e as pessoas que o habitam? (aspetos positivos e negativos)</li> <li>Considera este bairro diferente dos outros bairros?</li> <li>Considera o bairro um território estigmatizado? Porquê?</li> <li>Considera que as opiniões externas têm impacto nos moradores? De que forma?</li> </ul>
Conclusão	<ul style="list-style-type: none"> <li>Perceber se o entrevistado considera a pesquisa importante</li> <li>Agradecimentos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Considera que esta investigação poderá contribuir para o trabalho da Associação de Moradores?</li> <li>Gostaria de acrescentar alguma informação? Algum conselho?</li> </ul>

## Apêndice IV. Guião de entrevista à Presidente da Junta de Freguesia da Cidade da Maia

<b>Dimensões</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Questões Orientadoras</b>
Introdução	<ul style="list-style-type: none"> <li>Contextualizar a entrevista</li> </ul>	
Pessoal	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conhecer o entrevistado e o seu percurso na Junta de freguesia.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Há quanto tempo ocupa o cargo de Presidente da Junta de Freguesia?</li> <li>Qual a sua motivação para o cargo?</li> </ul>
Organizacional	<ul style="list-style-type: none"> <li>Perceber como se organiza a JF ao nível da intervenção local</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Quais as áreas mais relevantes de intervenção da JF?</li> <li>De que forma a Junta de freguesia se organiza no apoio à comunidade/freguesia?</li> <li>Que intervenção pode/tem no setor da habitação social?</li> </ul>
Por relação ao Bairro do Sobreiro	<ul style="list-style-type: none"> <li>Identificar elementos de valorização e/ou revalorização relativamente ao bairro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Como descreveria o bairro e os seus moradores? (aspetos positivos e negativos) Porquê?</li> <li>Considera este bairro diferente dos outros bairros?</li> <li>Considera o bairro um território estigmatizado? Porquê?</li> <li>Que tipo de intervenções considera importantes para o bairro?</li> </ul>
Conclusão	<ul style="list-style-type: none"> <li>Perceber se o entrevistado considera a pesquisa importante</li> <li>Agradecimentos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>O que pensa dos objetivos desta investigação? Considera pertinente?</li> <li>Gostaria de acrescentar alguma informação? Algum conselho?</li> </ul>

## **Apêndice V. Transcrição das entrevistas aos moradores do Bairro do Sobreiro**

**1ª entrevista**

**8 de março de 2018**

**Observações:** Sexo masculino; 63 anos; 6º ano; desempregado; vive sozinho.

**Local:** Centro Comunitário (Biblioteca)

**Investigadora (I)**

**Morador 1 (M1)**

**I:** O Sr. J. já está cá no bairro há quanto tempo? Viveu sempre aqui?

**M1:** Não, não vivi sempre aqui, mas estou aqui há volta de 38 anos, mais ou menos isso.

**I:** E qual foi o motivo de ter vindo para cá?

**M1:** O motivo de ter vindo para cá é porque eu estava numa coisa precária mesmo e então aproveitei e inscrevi-me para ver se conseguia vir para cá e consegui, mas já vi aqui o Bairro do Sobreiro melhor. Isto tem uma duração de 25 anos<sup>24</sup>, essa duração já passou há muito tempo. Isto está tudo podre, tudo a cair, não estão interessados em arranjar isto. As pessoas saem por algumas situações, não sei...e eles fecham os blocos, não sabem arranjar, não há dinheiro para arranjar os blocos. O que há dinheiro é para meterem aqui uma rua que vai passar aqui, que é importante ter aqui uma rua e muitos carros e as pessoas podem ficar na rua a ver passar os carros (ironia).

**I:** Acha que vai trazer movimento?

**M1:** Vai trazer movimento... vão gastar o dinheiro a passar aqui uma rua de 50 metros...têm dinheiro... para arranjar os blocos não existe dinheiro para isso, não têm dinheiro. O dinheiro entra, mas só para meter a calçada que vai passar aí. Eu acho mal e, portanto, quer dizer nós achamos mal isso e outras situações que não estão bem visíveis para nós ou nós percebemos muito mal, ou uma coisa ou outra. Achava que isto dá para se fazer uma mudança radical cá

---

<sup>24</sup> Refere-se às habitações.

dentro do bairro. Assim a cinco minutos do bairro está-se mais ou menos, mas nós aqui então estamos isolados.

**I:** Acha que não há assim muita comunicação de fora para dentro e de dentro para fora?

**M1:** Acho que nos fecharam aqui. Portanto se daqui para ali fazem tudo e muito mais... e esqueceram que nós estamos aqui fechados, ou melhor, não nos abrem a porta, porquê? Nós não fizemos mal a ninguém. São umas coisas que nos complica, que nos põe assim um bocadinho de parte e eu não aceito isso. Nós temos o direito, mais direito do que aquilo que eles estão pensando, só que eles não nos dizem quais são os nossos direitos, nós não temos o conhecimento de direito... dos direitos que nós temos não temos o conhecimento, portanto isso também está mal. Quer dizer tem terríveis coisas... circula por aqui muita gente que não é de cá, mas vem cá parar, porque tem muitos primos e não sei que mais. Eu digo isto... dizendo os ciganos, por exemplo, eles vêm de outro sítio fazer aqui as asneiras todas, mas são mandados pelos que cá estão, não é? Mal também o policial ... eles não conhecem aqui esta zona, passam por aqui com uma carrinha e vão-se embora, as horas que são precisas não estão cá. Tem assim coisas complicadas.

**I:** Acha que é inseguro o bairro?

**M1:** É um bocado inseguro

**I:** Em termos de...

**M1:** De segurança, porque pah tiram aí carros sem mais nem menos, gente quando dá por ela não tem ali o carro "Ai Senhor!". A polícia passa aí como eu acabei de dizer, mas passa sempre em frente. Uma grande carrinha cheia de tantos polícias e o caramba pah eles veem cá e passam aqui... que eles devem ser colocados noutra sítio qualquer, mas foi para aqui que eles foram chamados, mas eles passam aqui e vão se embora. Não percebo... aqui o bairro está muito em baixo, o bairro está abandonado, porque nós precisamos... a primeira coisa que nós precisamos é que eles tratem das casas, as casas estão a ficar podres por fora e por dentro, já passou o tal limite, como eu disse, e em vez de porem aqui uma rua a passar aqui para aquela autoestrada, não sei o que é que eles querem, deviam de arranjar os blocos, deviam arranjá-los todos, não é fechar os que deixaram de ser habitados...fecham-nos à espera que mais alguns também sejam fechados para atirar a pessoas ao chão, eu acho que deve ser isso o que eles pensam...

**I:** Acha que deve ser isso?

**M1:** Eu acho que é isso até... eu quase tenho a certeza que é isso, o que está mal... há muita gente que precisa de uma casa e não a tem e elas aqui, portanto, porque é que eles fecham as casas e com pessoas à procura de uma casa para morar com tantas casas aqui fechadas, porque é que estão fechadas? Porque para se arranjar custa dinheiro e então eles não querem arranjar e querem que o resto também se feche. Oh pah devem ter um contrato com alguém que quer comprar isto. São assim as tais coisinhas que nos põem assim um bocado tristes, mas não podemos ser comidos por lorpas, digo eu, nós não podemos parar de lhes dizer a eles que não vão mandar naquilo que não lhes pertence, nós temos de saber quais são então os nossos direitos e o que temos de fazer para que eles compreendam que nós estamos mais ou menos por dentro da situação.

**I:** Mas acha que é tudo mau? Não há assim nada de bom? Não gosta de viver cá?

**M1:** Eu gosto de viver, mas assim não, mas sou obrigado porque não tenho outro sítio, não é?

**I:** Então se tivesse oportunidade saía daqui?

**M1:** Eu se tivesse oportunidade saía daqui no momento em que eles me colocassem num sítio melhor que este, mas com as mesmas condições, porque eu estou colocado num sítio que tem hospitais, eu tenho tudo...

**I:** Ou seja, aqui está próximo de tudo?

**M1:** Aqui estou dentro, exatamente... aqui tenho tudo, tenho meios de transporte tudo, tudo, tudo...só não tenho...

**I:** A casa em si?

**M1:** Só isso é que nós não temos, não temos isto, também se precisa de arranjar... por aí onde nós passamos por aí está tudo partido, eles arranjam um bocadinho onde se vê, assim como fizeram nos blocos, arranjam 3, 4 blocos que é onde as pessoas passam na autoestrada ou na rua vêm "Ah ali a coisa pah é espetacular". São essas coisas que nós ficamos assim pah caramba! É só uma coisa para nos dizer que vão... e dizem que vai dar continuidade, mas essa continuidade demora muitos anos, está a perceber? São as tais coisas que ficamos muito tristes, eles dizerem e cumprir está fora de questão, como eu acabei de dizer há bocado, aqui deve passar uma autoestrada, uma rua, não percebi, 50 metros dali até fazer ligação a esta, 50 metros, metem aquele bloco a baixo, passa ali uma rua e gastam milhões e nós ficamos a olhar "Temos aqui uma rua espetacular", mas a rua não nos interessa,



não nos faz qualquer sentido, a rua não é precisa, já temos tantas ruínas aqui, mais uma rua para quê? Agora se eles gastassem o dinheiro a arranjar os blocos isso era importantíssimo para nós, isso era o que nós estamos a precisar e não de rua nenhuma, já temos tantas ruas.

**I:** Quem acha que poderia ajudá-los nesta vossa luta?

**M1:** Para nos ajudar nesta grande luta eu não tenho muito conhecimento disso, mas deve haver alguém que nos pode ajudar.

**I:** Não acha que o Centro Comunitário ou a Associação de Moradores...

**M1:** Eles também fazem a forcinha deles, mas se calhar também são enganados como nós ou se não estão enganados fazem as coisas depois a modos que a gente fique mais algum tempo parado a pensar qualquer coisa, porque temos aqui [Associação de Moradores], mas não estou a vê-los a caminhar para a frente com isto, o coiso de Moradores... nós temos, mas não estou a ver estes a caminhar para a frente. Não sei se eles estão à espera de ter melhores ideias, se dizem por dizer, que eu penso que é isso, dizem por dizer, porque se calhar eles também têm alguma coisa que lhes importa.

**I:** Ou se calhar também não podem fazer mais do que fazer pressão...

**M1:** Ou então também não têm o conhecimento dos direitos que temos. Têm conhecimento, porque senão também não havia essa parte aí da Associação de Moradores, têm conhecimento, mas lá está... são coisas que não está ao nosso alcance. Como disse há bocado, nós não temos informação qualquer nenhuma dos direitos que nós temos e isso nós precisávamos de saber onde, quem, e os direitos que nós temos para podermos-nos abrir e falar com eles e dizer "Nah os nossos direitos são estes e vocês estão-nos a enganar e queremos saber quando vocês resolvem aquilo que vocês dizem "Amanhã", mas esse amanhã é em que ano? Os anos tem muitos dias e por aí fora e nós precisamos de saber isso.

**I:** Já agora e a relação aqui com os outros moradores, entre vizinhos...o que você acha?

**M1:** Quer dizer, eu acho que a vizinhança podia ser mais unida, a vizinhança podia ter mais respeito uns pelos outros. Algumas coisas estão mal. Eu do meu lado não tenho problemas que eu tenho uma boa vizinhança, desde sempre respeitamos sempre os outros...

**I:** Isso no seu bloco?

**M1:** Na minha torre, eu moro numa torre sim. Mais ao lado também tem a outra torre. Agora pelo meio dos blocos há muita jabardice. Não sei se é, também é, faz parte disso, não haver emprego, os familiares perdem o controlo e por aí fora e depois há pessoas que não sabem

que as outras pessoas ao lado não têm nada a ver com as situações deles e depois arma-se uma confusão terrível. Ainda bem que sou uma pessoa com muita calma e não me misturo, porque o que eu mais quero é paz, sossego para mim é importantíssimo, mas há assim as pessoas que têm de discutir, de fazer mil e não sei quantos coisas para fazer grandes filmes e se repararem as pessoas que estão ao lado não têm nada a ver, está a perceber? Mas isto é em todos os blocos, não é neste aqui, é por aí fora, em todo o lado.

**I:** Ou seja, não é só um problema só deste bairro, é geral?

**M1:** Exatamente, isto é geral. Ora coisas assim... são as tais coisas que nos faltam. A assistente social deve de procurar falhanços, que há muitos, perceber que há pessoas que estão a ter os direitos e não precisam deles, mas até os tem e têm de ver as pessoas que precisam e não têm, ir a casa dos familiares das pessoas, sabendo isso, e outras situações a ver se isto melhorava um bocadinho, porque isto está mal. Eu vivo sozinho, não tenho problemas, mas já tive os meus filhos comigo, mas fomos sempre gente que procuramos sempre o nosso bem, não arranjando problemas aos outros e neste momento moro só, não é que esteja muito bem, porque uma pessoa só é só, mas vou tendo saúde e vou tentando... ando nas formações...

**I:** Costuma vir aqui ao Centro [Comunitário]?

**M1:** Sim eu estou na formação aqui, de logística tem de ser nesta zona aqui, para mais longe não dá.

**I:** Claro, claro.

**M1:** Complica-me a vida, então tudo o que esteja aqui próximo eu estou sempre disponível para fazer. Já fiz 4 formações.

**I:** Acha que é uma forma também de não ficar sozinho em casa?

**M1:** Exatamente, é isso mesmo, é uma forma de conhecer mais amigos, conhecer mais algumas coisas sobre as matérias, umas já conhecia, mas perdi-as e é bom para passar o tempo.

**I:** O Sr. está desempregado?

**M1:** Sim estou desempregado, estou a receber o RSI. Eu sou operador de metalomecânica, mas nunca consegui arranjar trabalho aqui perto, é sempre para Lisboa, para Braga, por aí fora e agora a minha idade não me dá a possibilidade de eu conseguir arranjar um trabalho, tenho 63 anos.

**I:** Já tem 63 anos?

**M1:** Fiz na segunda-feira, dia 5.

**I:** Parabéns!

**M1:** Muito obrigado. E, portanto, estou inscrito no fundo de desemprego na mesma, mas não consigo arranjar nada, a única coisa que consigo arranjar é vendo assim umas formações e tal e eu sendo aqui pertinho e tal vou-me adaptando a algumas coisas que eu preciso, mas também me fica um bocado cansativo já para a minha idade.

**I:** A escola fez até que ano?

**M1:** Tenho o 6ºano, mas para logística preciso ter o 9ºano e queria ver se eu fazia, vou terminar esta [formação] no dia 28 e queria ver se fazia o 9ºano, mas já sei que para emprego eu não vou conseguir nunca.

**I:** Com a idade que tem acaba por ser complicado, não é Sr. J.?

**M1:** É isso exatamente.

**I:** Mas olhe não há assim nada de positivo no bairro?

**M1:** De positivo? não sei, o que é que você...

**I:** Ai não que isto não é a minha opinião (risos), é a sua...

**M1:** O que há de positivo? É aquilo que eu lhe disse há bocado...o que era bom para nós moradores era que eles tratassem os blocos, porque os blocos estão podres por fora, estão podres por dentro.

**I:** Eu irei visitar numa outra oportunidade.

**M1:** Nós estamos fartos de os chamar a ir lá para verem como nós temos as casas. "Ah nós vamos fazer uns filmes, tirar umas fotografias etal e e vamos apresentar..." Eh pah dizer, é como eu disse há bocado, eles dizer dizem, mas fazer não fazem e depois dizem assim "Ah isso vai ser arranjado por fora e por dentro, não sei quando", essas coisas que nós ficamos assim, eh pah eles contam cada história que nós ficamos aqui cheios de confusão na cabeça. Pedimos "Ola já que vocês não sabem fazer o trabalho vocês deem tinta que eu pinto aquilo, arranjo eu", "A gente precisava deste material assim, vocês arranjam? E nós pintamos isso". Uuuu há para aí há três anos que já lhes pedi isso "Não ainda não temos". Depois a assistente social, a minha técnica que me disse "J. eu vou ver se lhe arranjo alguma tinta", mas também lá está elas também demoram o seu tempo e não vão comprar, conseguem por intermédio de

empresas que ajudam também, assim como aqui para o Centro [Comunitário] e consiga arranjar alguma tinta que faz...estou à espera que o tempo mude, para que eu consiga pôr aquilo...aquilo que está tudo...está preto... tenho assim a casa terrível... que não posso fazer melhor porque não... e eu vou arranjar aquilo por fora, se eles por dentro não me arranjam eu vou arranjar aquilo por fora...amanhã ou passado algum tempo vai ficar igual, porque aquilo é de fora para dentro, tem que ser arranjado...se não for o arranjo de dentro para fora...

**I:** Sr. J. relativamente àquilo que as outras pessoas que não moram cá pensam sobre o bairro, acha que elas têm uma boa imagem, uma má imagem? Já ouviu algum comentário?

**M1:** Já, algumas [pessoas] já aqui estiveram e saíram porque "Ah o bairro não vale nada, se soubesse nunca vinha aqui parar e tal" e saem, mas logo a seguir estão cá, quer dizer as pessoas "Eh pah isto não é tão mau assim". É como estava a dizer, está assim um bocado triste, tem assim umas coisas que pode-se fazer a mudança aí, mas é preciso que as pessoas... que eles digam e ajudem. Se virem que não podem, nós os moradores ajudamos, nós estamos... nós precisamos que isto fique melhor e como então eles sozinhos não podem, nós ajudamos, mas eles que não digam só para nos porem calados, não, eles que digam, que façam, que apresentem as coisas, se não aqui ok são vocês desse lado, estamos nós aqui, vamos por isto em condições. As ruas aqui estão todas cheias de buracos e o *caramba*, mas ali ao lado aquilo até brilha, parece que andaram a polir fogo! Aqui também é preciso, embora aqui... aqui o bairro está a ficar só com velhice, porque os jovens saem daqui, os jovens começaram a sair, agora é quase só velhinhos e tem criançada que...alguns... e isso aqui há uns anos atrás não... podia-se morar mais ou menos aqui que isto não estava assim tão trengo como agora e é isso que eu digo...isto está a ficar terrível e o dinheiro para o que precisamos que seja arranjado eles colocam noutro sítio.

**I:** Já se sentiu discriminado por morar aqui? Quando diz lá fora que mora no Bairro do Sobreiro já ouviu alguma coisa que não gostou?

**M1:** Não, porque...e mesmo que digam alguma coisa não é bem o que as pessoas dizem...

**I:** Não lhe afeta?

**M1:** Não me afeta, não me afeta, porquê? Porque eu sei morar, aqui, ali, acolá... o mais importante de nós é sermos educados, é sabermos que os outros precisam de respeito e nós respeitarmo-nos um aos outros, eu creio que em qualquer lugar nós podemos estar colocados. A importância é a educação, é sabermos ser educados, respeitar os outros, nós precisamos ser respeitados, tudo isso eu creio que falta precisamente essa parte.

**I:** E acha que, por exemplo, se os edifícios fossem reabilitados passavam uma imagem muito mais agradável para fora? Além de ser o ideal para vocês.

**M1:** Sim passava. Sim e para fora tinha uma visão diferente, eu acho que sim, via-se com outros olhos de ver, era muito mais simpático era, ficava muito mais bonito para eles e para nós.

**I:** Acima de tudo para vocês, não é?

**M1:** Sim para nós era importante por fora e por dentro [das casas], não é? Mas para quem não conhece e ficava passando por aqui... até porque eu conheço outros bairros com grande classe. Alguns mais antigos que nós, mas estão a ser reabilitados e são constantemente e nós aqui nunca! Nós aqui, já vai há 40 anos quase. Fizeram uma vez uma pinturasita numa coisa só e esqueceram-se que o bairro também é isto, porque acho que havia uma empresa qualquer estrangeira que queria comprar isto e então deve ter sido essa ideia "Nah, vamos deixar ficar isto meio podre que depois as pessoas são obrigadas a sacudir-se daqui", a sair daqui, não é? São as tais coisas que nos atrapalha, porque não querem arranjar para nós desistirmos, mas nós não vamos desistir, vamos aguentando enquanto pudermos, mas temos é que saber que eles estão a esconder-nos, a pôr-nos num sítio isolado a ver se a gente adormece, mas acho que não, nós não vamos adormecer.

**I:** Sr. J., não lhe quero tomar muito mais tempo, uma última pergunta, para me completar uma frase: O Bairro do Sobreiro para mim é...

**M1:** O Bairro do Sobreiro para mim é o sítio onde eu tenho algum espaço, onde eu posso morar, onde tenho tudo ao meu alcance, tudo encostado a mim e, portanto, para mim o Bairro do Sobreiro é importante, porque tem tudo ao meu alcance, está tudo aqui comigo, é no centro, a 5min estou ali e acolá, tenho tudo aqui, por isso é bastante importante.

**I:** Muito obrigada.

## **2ªentrevista**

**21 de março de 2018**

**Observações:** Sexo feminino; 34 anos; 4ªclasse; reformada; vive com os dois filhos, os pais, uma irmã e um sobrinho. Fui alertada pouco antes da entrevista que a senhora teria esquizofrenia.

**Local:** Centro Comunitário (sala do GIP)

**Investigadora (I)**

**Moradora 2 (M2)**

**I:** Sempre viveu aqui? Não viveu sempre aqui, pois não?

**M2:** Não, não vivi sempre aqui, eu vivi em casa dos meus tios, depois voltei para os meus pais, depois casei, divorciei-me e voltei novamente para o bairro.

**I:** Antes nunca tinha morado num outro bairro social, este foi o único em que morou, certo? Na altura porque se mudou para o bairro? Mudou-se com os seus pais?

**M2:** Era bebé.

**I:** Era bebé, então não se lembra muito bem dessa altura, não é? Vive cá então desde os seus primeiros meses já é muito tempo. Como foi a infância, como foi crescer aqui?

**M2:** Aqui... foi...é assim viver com colegas...não sei se é isso...

**I:** A sua infância, como foi crescer aqui, costumava brincar no bairro, ia para a rua vinha aqui ao centro comunitário...quais as suas recordações?

**M2:** As minhas recordações foi mesmo no infantário e na escola, aqui que agora é Santa Casa, ainda tenho recordações até nesta sala. Tive uma boa infância...eu era pestinha um bocadinho...

**I:** E relação com as outras crianças aqui do bairro era costume vocês brincarem?

**M2:** Sim, sim, sarumba, havia festas em cima da torre, íamos para acampamentos, mesmo que nós não tivéssemos possibilidades o Mário ajudava... tive uma infância mais ou menos...

**I:** Quem organizava essas festas na torre?

**M2:** Oh pah aquilo que me recordo era a Sede ali naquele café, era o Sr. C. no meu tempo que me recorde, agora já não me recordo muita coisa. Passei bons momentos, agora não é isto, agora não é nada do que eu passei aqui.

**I:** Não? Então o que está diferente?

**M2:** Acho que agora não há sarumbas, não há elásticos, não há piões, agora é tudo telemóveis e *playstations*...

**I:** Isso agora é muito comum, não é? Nem é só cá, é em todo lado. Sente falta dessas brincadeiras. Acha que o bairro é um lugar seguro para brincar cá fora?

**M2:** Sempre foi. Eu acho que neste bairro que eu saiba nunca... acho que é um lugar seguro e as pessoas conhecem-se umas às outras... sim é um lugar seguro.

**I:** Acha que isso é uma coisa boa as pessoas conhecerem-se umas às outras?

**M2:** Sim, de certa maneira acho que sim.

**I:** Em que pode ser útil esse conhecimento?

**M2:** Em muita coisa.

**I:** Por exemplo?

**M2:** Certeza que se alguém vir uma pessoa diferente vão estar com um olho mais aberto, digo eu.

**I:** Há entreajuda entre as pessoas?

**M2:** Eu acho que sim, eu acho que sim.

**I:** Consegue dar-me algum exemplo dessa ajuda?

**M2:** É o que lhe digo se vier uma pessoa estranha e anda a rondar e se nós virmos nós começamos a comunicar uns aos outros para ver se conhece se não conhece e se acha isso normal, é isso que eu acho. Mas o bairro já foi mais violento, agora não é tanto

**I:** Então houve aí uma fase menos boa é isso?

**M2:** Sim, sim, era eu solteira, era eu solteira, foi uma fase menos boa, havia mais confusões. Aliás há, mas não há tanto como dantes.

**I:** Mas que tipo de confusões? Brigas...?

**M2:** Bebedeiras...brigas..."porque eu sou mais forte" "porque aquele é mais forte que o outro..." é essas coisas, dantes, mas agora não acho tanto.

**I:** Se eu viesse aqui circular à noite acha que é tranquilo fazê-lo?

**M2:** À noite não sei, mas acho que sim...

**I:** Se tivesse que me dizer coisas positivas e coisas negativas do bairro o que seria? Coisas positivas?

**M2:** (Silêncio) Sei lá...não lhe sei dizer...as positivas... não sei...

**I:** Gosta de viver cá?

**M2:** Eu não.

**I:** Porque não gosta de viver cá?

**M2:** É assim eu não gosto de viver cá não é o viver cá no bairro, é viver onde eu estou... No bairro gosto, sempre gostei, há pessoas más, pessoas boas, há de tudo, tanto num bairro social como num condomínio fechado, acho que é em todo lado. Gosto, gosto do bairro, não desgosto.

**I:** A casa é um problema?

**M2:** Sim, sim, para mim é.

**I:** Em que sentido? São as condições físicas?

**M2:** Tudo. Não é uma coisa minha, peço para ajeitar não ajudam. Nós já pedimos para ajeitar uma persiana há anos, já vieram ajeitar a toda a gente menos a minha mãe, também é ...é por causa dessas coisas.

**I:** Portanto, se tivesse oportunidade saía daqui?

**M2:** Saía, para uma coisa minha, não é que eu desgoste das pessoas, as pessoas logo que não me façam mal, é cada um no seu canto.

**I:** É boa a relação que tem com os vizinhos?

**M2:** (silêncio)

**I:** Ou não costuma falar muito com eles?

**M2:** Às vezes falo, mas já me afastei um bocadinho.



**I:** Acha que se perdeu essa relação que se calhar... que há bocado falou que até havia as festas e tudo...

**M2:** Sim, sim, é diferente mesmo. Agora que estou livre, agora que eu estou livre não há... na altura em que era nova havia as festas e o meu pai só me dizia que tem hora. Agora que sou independente, sou maior de idade, que havia de haver não há.

**I:** Porque será que não há? O que terá acontecido para deixarem de existir?

**M2:** Possibilidades, peditórios que fosse... Nós fazíamos peditórios, por isso acho que é por não haver possibilidades... eu só em saber que estou a ser gravada....

**I:** Não se preocupe, a serio, esteja tranquila, porque não há repostas certas nem erradas e acredite eu sou a que tenho menos conhecimento aqui, ou seja, eu neste momento estou em desvantagem em relação a si, você sabe mais do que eu, deste assunto eu não "pesco nada", porque eu não sou daqui, eu não conheço, portanto neste momento você é que é licenciada no Bairro do Sobreiro e eu estou no curso e estou a aprender, não se preocupe e quando à sua confidencialidade pode estar descansada. Não há respostas certas, não há respostas erradas, é simplesmente a sua opinião. Eu não conheço nada, não sei como era o bairro antes, a única forma de o conhecer é através das pessoas que vivem aqui, porque de facto vivem cá, conhecem e podem dizer-me alguma coisa, é nesse sentido, não precisa mesmo de estar preocupada, pode estar à vontade, está bom? pode ser?

**M2:** Pode.

**I:** Diga-me lá então, o que mudava aqui no bairro? Se tivesse uma varinha mágica e a pudesse agitar o que mudava?

**M2:** Ai eu mudava muita coisa, ainda hoje estive a pensar nisso, mudava muita coisa mudava.

**I:** O que mudava?

**M2:** Em cima da torre sítios onde as crianças pudessem... pais que não pudessem estar com eles, em cima da torre ter um convívio, ou piscina ou parque ou onde eles pudessem se conhecer uns aos outros, em cima da torre fazia... ai fazia tanta coisa.

**I:** Diga lá mais alguma coisa...

**M2:** (silêncio) Eu agora de repente e a saber que estou a ser gravada... (risos)

**I:** Esteja à vontade... já ouvi tanta coisa... estou aberta aquilo que me quiser dizer.

**M2:** Mudava isso.

**I:** Acha que há falta de espaços para as crianças brincarem aqui?

**M2:** Eu acho que as crianças não brincam tanto como antes. Antes, nos estávamos na janela e estávamos cá em baixo, aqui na torre nem que fosse as raparigas atrás dos rapazes e os rapazes atrás das raparigas, mas agora nem se vê isso e se houvesse alguma coisa em cima da torre que pudesse fazer com que as crianças se unissem, porque acho que há falta disso. Você se morasse aqui no bairro antes vinha a janela e falta aquela cantada, aquela criança a jogar sarumba ou bola e agora você vem à janela e não vê nada disso, mas nada de nada de nada o que era antes

**I:** Está mais parado o bairro?

**M2:** É e acho que as pessoas prendem mais os filhos dentro de casa. Por um certo lado é, por outro não... Se os pais não prendem ou dão asas a mais depois à noite vão para a discoteca beber cerveja.

**I:** Não há um equilíbrio entre o deixar e o prender?

**M2:** É o que eu acho.

**I:** E, por exemplo, temos aqui o centro comunitário, as crianças não vem até aqui? Não tem essa ideia?

**M2:** Antes nós ainda tínhamos ajudas, acho que agora não temos ajudas para nada. Eu quando andava aqui na escola, andei no infantário, sou do tempo do Mário, nós não tínhamos possibilidades para ir para a praia ou para o campismo e o Mário estava sempre lá. Víamos as outras pessoas a ir e nós não irmos porque não tínhamos possibilidades, mas lá nisso o Mário tinha muitos acessos para muita coisa.

**I:** E não acha que agora há alguém que pode ajudar? Não vê o centro comunitário como uma ajuda?

**M2:** Não, não. Eu quando andei aqui, eu e os meus irmãos, tínhamos mais ajudas, agora as coisas são mais carinhas, a minha filha e o meu filho andaram aqui também, mas tivemos de pagar para andarem aqui e tiveram que carregar. Não sei se é com o passar dos anos que as coisas estão a aumentar, mas acho que tínhamos mais facilidade de ir para a praia ... no meu tempo de escola

**I:** E a associação de moradores, conhece?

**M2:** Só por falar... e conheço um vizinho mais nada, é só conhecer, saber que pertence à associação de moradores, mais nada.

**I:** Nunca recorreu para fazer algum tipo de queixa, para tentar saber algum direito?

**M2:** Eu não, só se fosse a minha mãe. Direitos já tentei ir à Renovarum e à Câmara, mas não.

**I:** Não sente que há apoio vindo daí?

**M2:** Nenhuma, veja lá, eu e a minha mãe já andamos a pedir para ajeitar a banca para meter as persianas, que eu moro ali, ao tempo... nós não temos persianas em lado nenhum, ao tempo que estamos a pedir uma persiana e eles a nós não meteram. Acho que agora não há assim tantas ajudas mesmo para os pobres, acho que é mais para os que têm... para as que têm os maridos a trabalhar fora e essas coisas eu acho

**I:** Sente que não tem muito apoio?

**M2:** Não, os pobres agora não têm apoio nenhum.

**I:** Acha que o bairro está abandonado?

**M2:** Muito, o bairro só não está abandonado na altura dos votos. Na altura dos votos ele não está abandonado, porque até metem cenas na torre e ainda não ajeitaram, os elevadores é a mesma coisa, temos um elevador que está sempre avariado. Quando vêm ajeitar está 5 minutos a dar e um mês sem dar, não sei se me está a entender... não, o bairro já teve mais ajudas do que o que tem agora, muito mais, é o que eu penso.

**I:** E diga-me uma coisa o que acha que as pessoas que moram aqui à volta do bairro o que é que elas pensam aqui do bairro?

**M2:** Eu tive uma colega que morou no 8º andar e ela diz que não gosta nem desgosta, é igual para ela, só que é assim eu não sei que hei de dizer, para mim as pessoas são todas iguais. Se for para outro sítio vai ser igual. A minha colega que já morou aqui já lhe fiz essa pergunta e ela diz que gosta.

**I:** E se lá fora disser que é do Bairro do Sobreiro olham para si com um olhar desconfiado ou que tanto faz?

**M2:** Depende, depende. Mas há, há... se eu disser que moro no Bairro do Sobreiro há pensamentos... Quando a minha mãe esteve internada por causa da perna, houve lá um

comentário duma doente como quem diz "Oh são do Bairro do Sobreiro". Há eu acho que sim, nem todas as pessoas, mas acho que sim.

**I:** Olham para vocês com desconfiança?

**M2:** Desconfiança não, mas se calhar pela maneira de nós falarmos...

**I:** Acha que tem um rótulo em cima?

**M2:** Depende, depende...

**I:** Mas olham e pensam coisas más ou nem por isso?

**M2:** Eu só me deparei com esse comentário.

**I:** E como se sentiu quando ouviu esse comentário? É-lhe indiferente? Não lhe afeta?

**M2:** Não, se for para um condomínio se calhar é pior, não sabemos. Não, não me afetou. Tipo o que é que tem nós sermos do bairro?

**I:** Ficou a questionar-se: "mas e depois, que tem isso a ver?" Se lhe dissessem alguma coisa negativa do género "os moradores do Bairro do Sobreiro são isto e são aquilo" teria alguma interferência em si?

**M2:** Claro que sim...

**I:** Mas nunca ouviu?

**M2:** Não, não, a não ser esse. Estava lá o meu irmão, a minha cunhada e eu e estávamos na brincadeira e essa senhora é que disse "Bem se vê que são do bairro", nós estávamos na brincadeira, foi esse tipo de...

**I:** Ficou mais pensativa.

**M2:** É assim eu quando vim para aqui eu era bebé, mas eu fui para casa da minha tia e quando fui para casa da minha tia não era num bairro, eu praticamente vivi na minha tia quando casei, eu estou a viver mais bairro agora... Quer dizer eu... sim é mais agora, estou a viver mais o bairro agora.

**I:** Regressou há quanto tempo para cá?

**M2:** Vim em bebé, fui com 11 para casa dos meus tios, mas não gostei de lá morar, porque eram muitas regras na altura e não gostava de regras (risos), depois fugi e vim para casa dos meus pais, depois casei-me, depois de casar divorciei-me e vim novamente para os meus pais. Eu vivi na infância, mas conhecer as pessoas... que eu não conhecia... é agora...

**I:** Falando ainda um bocadinho nas opiniões das outras pessoas, acha que as opiniões são importantes? As pessoas sentem essa visão do exterior, o olhar? Ou para as pessoas está tudo bem?

**M2:** O olhar é, eu acho que sim, o olhar diz muita coisa.

**I:** Mas nunca se sentiu discriminada.

**M2:** Aqui? Então não já?

**I:** Já?

**M2:** Já.

**I:** Alguma situação que queira contar.

**M2:** Há coisas que eu não gosto muito de falar, mas sinto, já me senti discriminada.

**I:** Mas por parte dos vizinhos ou por pessoas que nem são daqui?

**M2:** Por parte dos vizinhos, já me senti muito ui.

**I:** E como lidou com isso?

**M2:** Ignorei e fica cá comigo, mais nada.

**I:** Mas isso não acaba por criar alguma tensão e impacto na vossa relação? Depois não cria afastamento?

**M2:** Eu já fui discriminada desde que conheci como gente, já estou habituada a isso. Mas guardo...

**I:** Criou a sua barreira para não se deixar afetar, é isso?

**M2:** Claro, já desde pequenina que sinto isso, até na escola e no infantário. Eu às vezes não fazia, mas pagava por fazer e certas coisas que já passou, o que passou, passou.

**I:** Mas, por exemplo, na torre tem relação com muitos vizinhos? Conhece um ou outro?

**M2:** Sim, conhecemo-nos, ainda hoje vou conhecendo.

**I:** Costuma ir à outra parte do bairro ou fica aqui por a sua zona?

**M2:** Mais por aqui.

**I:** Mas conhece o bairro todo?

**M2:** Conheço, mas não sei o número dos blocos.

**I:** Sabe que tem um ringue polidesportivo?

**M2:** Sei já andei lá a jogar futebol.

**I:** No tempo em que estava bonito? Sabe como está atualmente? Já foi ver?

**M2:** Já, está tudo destruído, por acaso o meu menino vai lá jogar e eu fui lá e reparei que estava tudo destruído, é o mal disto.

**I:** O que é que sentiu?

**M2:** Às vezes nem são gente do bairro e digo-lhe mais uma coisa eu já morei em São Romão do Coronado que não era um bairro, ali à beira da estação, nuns amarelos, aquilo não é um bairro, aquilo são casas... quando comprei a primeira vez e o meu ex-marido, quando compramos aquilo estava lindo e se agora for lá aquilo está horrível, aquilo está pior que um Bairro do Sobreiro, o Bairro do Sobreiro nem está assim tão mal para um bairro...

**I:** Quando me diz que "para um bairro não" também é a imagem que tem dos bairros, acha que os bairros têm um aspeto mais degradado?

**M2:** Tintas, essas coisas, pintar nas paredes (graffitis), mas até está um bairro mais ao menos para o que conheço...

**I:** Não é um bairro muito diferente dos outros que conhece?

**M2:** Há bairros que ninguém pode entrar lá porque... não sei nunca fui...a não ser o bairro de Francos, mas se for lá você diz que aquilo é que parecia mesmo um bairro... isto até nem está mal. O Bairro aqui do Sobreiro nem está mal.

**I:** Uma coisa que me têm falado também é que há pessoas de etnia cigana aqui...

**M2:** Há pessoas que falam muito...

**I:** É um problema para si?

**M2:** Para mim não, porque não me chateiam a mim, mas chateiam os outros vizinhos.

**I:** Os outros vizinhos costumam comentar?

**M2:** Sim comentam. Há sempre comentários, sabe que os ciganos gostam de cantar, gostam... até nós gostamos de cantar e se cantamos um bocadinho mais alto já estão a "bater".

**I:** Mas cantar até dá animação não?

**M2:** Animação e faz bem à alma, depende das músicas (risos).

**I:** Queria retomar a questão do polidesportivo, porque disse-me que foi lá e que esta destruído, senti alguma coisa quando viu que estava nesse estado já que passou lá parte da sua infância?

**M2:** Está feio, está destruído aqui, está feio.

**I:** E falou-me também nem eram pessoas daqui, que vinha muita gente de fora...

**M2:** Digo eu, nem tudo é as pessoas do bairro, porque há pessoas que vêm de outros sítios, nem eu sei de onde e que ajudam a fazer a festa, a estragar as coisas.

**I:** Mas conhecem alguém no bairro?

**M2:** Exatamente.

**I:** O que poderia acontecer para isto ser melhor?

**M2:** O que havia de acontecer? Ai... acho que se voltasse atrás, se o Vieira voltasse... precisava de um novo presidente...de um novo Vieira, um novo Vieira é que nós precisávamos... Mas agora ele foi para onde teve que ir.

**I:** O problema está na entidade superior que toma conta disto?

**M2:** Também, também, muito...

**I:** Não sei se tem conhecimento, mas está um novo projeto a decorrer no âmbito de um Contrato Local de Segurança, uma medida em conjunto com o governo e com um plano para o bairro com ações a vários níveis, há ações voltadas para as próprias pessoas e ações, por exemplo, voltadas para a reabilitação física do bairro, ou seja, obras e construção... acha que o bairro ficando os blocos todos como aqueles que estão reabilitados...

**M2:** Já estão pior que estes...

**I:** Por acaso pareceram-me bonitos... Mas acha que faria diferença os edifícios serem reabilitados?

**M2:** Por fora! e por dentro? Aliás e ao tempo que vem falar que vão deitar torres abaixo, blocos abaixo que nós vamos passar para outras casas ao tempo, até hoje...

**I:** Vocês acreditam?

**M2:** Eu só acredito vendo, eu nestas coisas só acredito vendo.

**I:** Demasiadas promessas para si?

**M2:** Para mim e para o povo... quantas vezes! Mas para agora até já estão a começar a deitar os blocos... mas já desde muito tempo que dizem que vão deitar torres abaixo...as torres estão a cair aos bocados, quase caia na cabeça de um vizinho...Vão ajeitar por fora...e por dentro? Acho injusto... Eu já sou ... há 34 anos, nunca puseram lá um a tijoleira, nada, nada a nós... eu fiz a Maia, sou Maiata, pedi casa não tenho direito, tenho de arranjar um homem para arranjar uma casa, é o que eu acho. Por fora não vai mudar muito, vai mudar o quê? A aparência? e por dentro?

**I:** Teria que ser uma reabilitação interna e externa...

**M2:** Eu acho que sim, a casa está a cair aos bocados, as pessoas reclamam por causa da humidade.

**I:** Sim a humidade também tem a ver com a parte exterior, necessita da parte externa também e depois a parte interna e fazer um pouco de tudo.

**M2:** Eu não estou a dizer para ajeitarem tudo, tudo, ao menos ajeitarem as persianas e pintarem...

**I:** Mas essa decisão de por os blocos e as torres abaixo, concorda? Ou prefere reabilitar o que há?

**M2:** Eu acho que mais vale deitar a baixo, acho que quando se estraga...está velho e está...

**I:** Para si não fazia muita diferença se tivesse que passar para outro lugar? Não tem nenhuma ligação forte?

**M2:** Não, não, mas somos todos, não sou a única a falar, se calhar somos os únicos que não temos tijoleira, somos pessoas pobres... mas toda a gente (silêncio). Claro que se for morar para outro sítio vou sentir falta...

**I:** O que sentiria mais falta?

**M2:** Dos amigos, dos conhecidos, além de não falar para eles, mas uma pessoa está habituada a ver aquelas caras.

**I:** Traz conforto ver pessoas conhecidas?

**M2:** É isso.

**I:** Pronto uma última pergunta, não é bem uma pergunta é para completar uma frase: O Bairro do Sobreiro para mim é...



**M2:** (risos) O Bairro do Sobreiro para mim é um companheiro (risos)... não sei... diga-me você...

**I:** (risos) não pode ser, não moro aqui, não que não gostasse, mas não moro (risos)

**M2:** O Bairro do Sobreiro...veja lá que nem sei o que hei de completar... O Bairro do Sobreiro... a sério... Vai passar...

**I:** Primeira coisa que lhe vem à cabeça ou sentimento quando pensa no Bairro do Sobreiro?

**M2:** Bairro do Sobreiro, Bairro do Sobreiro... Estou mesmo...

**I:** (risos) Olhe assim para lá pela janela, o que é que lhe vem à cabeça?

**M2:** O Bairro do Sobreiro não sei, acredite que não consigo... sinceramente não sei, é um sítio como os outros.

**I:** Foi muito difícil?

**M2:** Foi foi.

**I:** Pronto, não vou pressioná-la se se cruzar comigo na rua e lembrar-se de alguma coisa

**M2:** Eu digo-lhe.

**(a gravação foi terminada, mas a senhora começou a dizer algo acerca da relação com os vizinhos e a gravação foi retomada por breves instantes)**

**I:** é diferente havia aquela relação de vizinhança e pedir o pacote de arroz e assim?

**M2:** "olha arranja me um pacote de açúcar e café tens?" era bom isso

**I:** agora acha que não é assim tanto, não é?

**M2:** Não é diferente, as pessoas...

**I:** As pessoas mudam um bocadinho

**M2:** Até eu mudei!

**I:** Pois cresceu (risos) é assim...

**22 de março de 2018**

**Observações:** Sexo feminino; 64 anos; 4ªclasse; reformada; vive com o marido.

**Local:** Centro Comunitário (sala de reuniões)

**Investigadora (I)**

**Moradora 3 (M3)**

**I:** Sempre viveu aqui? Veio de algum sítio morar para cá?

**M3:** Vim, vim de Gueifães para aqui, já moro aqui há 36 anos.

**I:** Muito bem e como era o seu outro lugar? Era muito diferente daqui?

**M3:** Eu gosto mais daqui, aqui tenho uma casa grande e condições, eu vivia numa garagem, só tinha uma filha, vim grávida para aqui e nasceu outra...

**I:** E como é que é viver aqui? O que há de bom e menos bom?

**M3:** Há bom, aqui tenho tudo perto de casa.

**I:** E de menos bom?

**M3:** Menos bom... menos bom não tenho nada. Tenho a casa que eles não ajeitam, é isso que tem, mais nada.

**I:** Mas gosta de viver aqui?

**M3:** Gosto, mas minha terra não é aqui, mas está bem. Eu gosto, agora hei-de morrer aqui, a minha terra é no Porto, sou tripeira, mas está bem. Trouxeram-me para aqui, hei-de morrer aqui.

**I:** E porque gosta de estar aqui?

**M3:** Porque gosto de estar aqui, porque tenho uma casa grande, tenho os meus filhos perto de mim, conheço já muita gente, pronto, conheço o pessoal, os meus filhos andaram aqui nesta escola, isto aqui era a sala da diretora, pronto.

**I:** E como é que é a relação com os vizinhos?

**M3:** Aaaai isso... Cada uma mete-se na sua vida e está feito, se tiver que levar um raspanço leva e fica na mesma.

**I:** Mas não há uma boa relação?

**M3:** Há, então não há? Estou ali muitas vezes sentada ao sol, ainda bem que temos ali uns banquinhos para nos sentar ao sol!

**I:** Ai é? Gosta de ir para lá muitas vezes?

**M3:** Ai vou, porque estou sozinha, eu e uma colega minha estamos ali...

**I:** A conversar e a ver quem passa (risos)

**M3:** Ah ainda agora estendi duas máquinas de roupa das minhas filhas.

**I:** Acha que este bairro é diferente dos outros?

**M3:** Agora! Quando eu vim para aqui tinha muitos blocos daquele lado, da minha janela da minha sala, sabe? Não sabe onde é? Ali onde fomos estender a roupa, eram muitos prédios, agora não tem nada, é um sossego, parece que morreu tudo!

**I:** Mas acha que está melhor agora depois desses blocos irem a baixo?

**M3:** Tanto estava melhor agora como estava melhor quando eles estavam, era a mesma coisa. Cada uma metia-se na sua vida filha, podiam estar-se a matar o sangue enquanto não chegasse à minha porta estava feito.

**I:** Mas concordou com a demolição?

**M3:** Aaa! a mim não me vieram a pedir nada e as que saíram agora trocem a orelha que não deita uma pinga de sangue, estão arrependidas! Diz que iam fazer isto e fazer aquilo e está tudo em relva.

**I:** Ou seja, iam construir novamente edifícios para as pessoas voltarem e isso nunca aconteceu?

**M3:** Diz que iam, os espanhóis compraram isto, se calhar vieram ver isto e já nem quiseram. Isto ficou assim e está assim, está assim. Diz que as rendas estão congeladas até ao ano 2020.

**I:** Quando diz que as rendas estão congeladas isso quer dizer o quê?

**M3:** Está tudo... ai como quer dizer... está tudo empenhado... só no ano 2020 é que seclhar começam a fazer alguma coisa, quando nós já estivermos debaixo dos torrões. Eles podem dizer que vão ajeitar isto... nada, nadinha... no tempo do Vieira de Carvalho eles vinham despejar as fossas, eles vinham ver o que era preciso, era lâmpadas, agora não fazem nada, nada, nada, só querem o dinheiro ao fim do mês mais nada! Ai eu digo, nem que seja ao

presidente, não tenho medo nenhum, que é verdade! Todos os meses ao dia 2, ao dia 1 lá está a minha renda a cair e sabe o que eles dizem? "Ah o dinheiro que você paga não dá..." Não dá pois não, agora é quase tudo de graça, mas quando eu vim para cá 6 contos, 6 contos, era escudo! Era muito dinheiro, 6 contos e dez, foi quanto paguei! Era muito dinheiro e eu tinha já quase duas filhas, era só o meu marido e agora também é só o meu marido a trabalhar só.

**I:** O que mudaria aqui no bairro?

**M3:** Muita coisa!

**I:** Como por exemplo?

**M3:** Mandava ajeitar primeiro as casas todas. As janelas dá um vento é cada pedaço de madeira que cai do beiral da Janela. Mudava, por exemplo, punha aqui um lar, assim umas coisas para pessoas com a minha idade poder passar o seu tempo... nada não temos nada disso.

**I:** Vai existir aqui [no CCVS] um clube sénior.

**M3:** Mas eu tenho o meu neto, como é que eu posso ir?

**I:** Eu acho que não tem obrigatoriedade de horas, seria quando a senhora quisesse e pudesse aparecia.

**M3:** Ah pois a Dra. V...

**I:** L...

**M3:** A L. já sabe...

**I:** Pronto...

**M3:** Eu sou muito conhecida aqui dentro, ui eu conheço as pessoas desde ui... não era assim, não estava esta gente [sem-abrigo]. Eu vir para aqui com esta gente a mim não dá, mete-me impressão.

**I:** Sente-se incomodada com a presença de pessoas sem-abrigo aqui?

**M3:** Sem-abrigo... eles aqui fazem isso, fazem tudo o que o Mário manda, lá fora são... não digo...

**I:** Mudaria então as casas e mais?

**M3:** Para já, tirava a droga daqui... Aquela sapatilha, há-de reparar quando vai por aqui fora tem ali uma sapatilha... [pendurada no fio da eletricidade]

**I:** Sim, eu reparei hoje quando estava a estacionar o carro.

**M3:** Isso é sinal que há droga aqui dentro.

**I:** Ai é? Já viu alguma coisa?

**M3:** Nunca vi. Mas também lhe digo, a droga é como eu também tomo todos os dias os meus remédios, se eu não os tomar ando tola da cabeça, eu tenho de tomar e aquilo é uma coisa para eles, mas eles estão-se a matar a eles próprios. Eu já estou aqui há muitos anos e já vi morrer muitos jovens, muitos jovens! Rapazes bons que eram meiguinhos a falar para a gente, educação e o Senhor levou-os... Uuuuuui muitos, agora não, parou a morte.

**I:** Mas continua a existir droga aqui?

**M3:** Estão ali as sapatilhas, só se ninguém sabe o significado que tem aquilo!

**I:** E confusões costuma haver?

**M4:** Não.

**I:** Acha o bairro seguro?

**M3:** Sim, posso sair à noite, posso ir pôr o lixo, podem eles estar ali, nuuunca fizeram... às vezes estão sentados ali perto da minha janela e nada, nunca me fizeram isto (gesto com a mão). Posso ter janelas abertas, posso ir à Maia, é um bairro seguro, nunca tive problemas! Também não me meto com eles, se eles me saudar, saúdo, se não saudar não saúdo. Eles já me conhecem, eu já sou velhota aqui dentro.

**I:** Quem acha que pode ajudar a mudar estas coisas?

**M3:** Uuuui filha, eles vêm nas eleições que iam fazer isto e fazer aquilo aaaai... mentira! Eu comecei a dizer logo ao presidente "Isso é mentira, isso é mentira, vocês não fazer nada que eu sei, as rendas estão congeladas!" Por isso eles não mandam os papéis para a gente meter para o aumento das rendas.

**I:** Acha que o bairro está abandonado?

**M3:** Está, está filha, eu estou sempre a ver quando é que cai um prédio, estou sempre a ver... quando cair vou logo por as trancas à porta... o ladrão roubou, vamos por aqui as portas... Ai eu não tenho medo já disse, nem que viesse aqui o presidente eu dizia-lhe. Olhe o Primeiro-Ministro veio aqui, mas não veio aqui ao bairro, não veio aqui ao bairro, andou sempre.

Porque é que ajertaram quatro casas ou seis? Porque está à vista da rua e a miséria está toda cá atrás. Eu tenho tudo, tenho tudo na minha cabeça.

**I:** Mas se tivesse oportunidade de sair daqui...

**M3:** Não! Daqui não! Daqui não, vim para aqui, é daqui que eu sou, é daqui que eu parto lá para baixo mais nada!

**I:** O que é que viu mudar nestes anos todos?

**M3:** Nada!

**I:** Havia alguma coisa que fosse melhor e que agora não é ou o contrário?

**M3:** Não... Por acaso mudou. Nós agora temos aqui o metro, vamos ao Porto, vamos a todos os cantos, temos o aeroporto, temos transporte, temos farmácia, temos hospitais, temos tudo à porta, por isso é que não quero sair daqui. Se fosse viver para as bouças onde é que tenho? Se for ali para a Barca ou Vermoim onde tenho transporte? Só daqui por uma hora. Não filha, eu estou muito bem aqui (bate com mão na mesa), nem que eles venham dizer que dão isto que dão aquilo, não, não, a mim não me tiram que eu já moro aqui há muitos anos.

**I:** Eu já vi que no bairro moram pessoas de etnia cigana, isso para si é um problema?

**M3:** Não, não filha, não, não, não tenho nada a ver com os ciganos, nadinha, nem uma ponta de unha, estão no sítio deles, eles são boas pessoas, a gente passa por eles saúda, não tenho ponta de uma unha que se diga dos ciganos, são umas boas pessoas.

**I:** Para si não é problema nenhum?

**M3:** Não, não, eu já os conheço, muitos até já nasceram aqui, já os conheço.

**I:** Fazem parte do bairro?

**M3:** Fazem, fazem!

**I:** Acha que as pessoas que moram foram do bairro...

**M3:** Às vezes é os que vêm de fora é que vêm fazer o barulho para aqui, é os que trazem a droga, não é os que estão cá dentro, é os que vêm de fora.

**I:** Mas porque acha que vêm de fora para aqui? Porque escolhem o Bairro do Sobreiro?

**M3:** Eu vou-lhe dizer uma coisa, se fechassem aquele café acabava tudo. Quando está fechado ao domingo isto é um silêncio, não se ouve nada. Cada um mete-se na sua vida filha.

**I:** Mas não gostava que houvesse mais convívios entre moradores?

**M3:** Houvesse, mas que não houvesse barulho. Eu como não paro aqui, ao domingo vou sair, o meu marido trabalha e eu olhe *laréu*...

**I:** (risos)

**M3:** Não, não, mas cada um é quem é.

**I:** Não lhe fazia diferença haver ou não festas para toda a gente.

**M3:** Aaaaai filha, se houvesse festas começavam a beber então é que era, não, não, nem fazem aqui S. João, fazem, mas cada um faz a sua como querem.

**I:** Ok, retomando aquilo que lhe ia perguntar há bocado, acha que as pessoas que moram fora do bairro, à volta, vocês estão no centro da cidade, se acha que as pessoas à volta têm uma imagem negativa do bairro?

**M3:** Têm, têm, porque o meu marido uma vez ouviu um a dizer na Maia "Eu sou contra o Vieira", foi o que ele ouviu, "Sou contra o Vieira fazer estes galinheiros aqui na Cidade da Maia". Os galinheiros são as casas. Mas olhe se não fosse os galinheiros eles não tinham tantos votos, a Maia morria, porque é o bairro que traz o *coiso* aqui à Maia. Não é só o nosso, há mais para ali bairros.

**I:** Os bairros é que dão o ser à Maia?

**M3:** Agora é que já não moram aqui, mas eramos 800 e tal pessoas, mas agora não sei... então na minha torre são 12 andares, a contar com o rés-do-chão, noutra são 10 andares, cada andar tem quatro casas, faça as contas.

**I:** Sim são muitas. Mas a senhora já ouviu algum comentário ou quando diz que é do Bairro do Sobreiro...

**M3:** Eu não tenho problema em dizer que sou do Bairro do Sobreiro, moro no Bairro do Sobreiro, torre x, andar x, casa x, não tenho problema.

**I:** Já ouvi algum comentário por causa disso?

**M3:** Se eu ouvisse eu dizia "Não, no Bairro do Sobreiro mora muita gente séria, muita gente séria" pronto e acabou.

**I:** Não lhe afeta?

**M3:** A mim não me afeta nada. Eu saio e entro, saio e entro, vou pela rua, a mim nunca me fez mal nem aos meus, nada.

**I:** Então não considera que essas opiniões sejam importantes?

**M3:** Não, não. E criei quatro netos e eles andam na rua, vão brincar e tudo e nunca ninguém fez mal, aí daquele que faça mal a uma criança aqui do bairro, isto tudo uuuui... matavam. As pessoas são assim, mas são muito unidas.

**I:** Apesar daquilo que me estava a dizer há bocado de cada um estar na sua vida, mas depois na hora da necessidade conseguem unir-se?

**M3:** Tudo, se acontecer algum mal uuuui... é... nisso são muito humanos. Toda a vida ouvi dizer que os portugueses são muito humanos, são muito unidos, por isso vêm muitos estrangeiros para cá, porquê? Porque o povo aqui é mais sossegado, é mais carinhoso e mais coiso para as pessoas e as pessoas gostam do povo português. Vai-se à ribeira na época de verão e só se vê estrangeiros e estrangeiros, porque é que eles vêm? Vêm para onde apanham pessoas amigas, pessoas humanas, não vão para a Síria e onde há muita guerra, aqui não há nada disso.

**I:** É um ponto positivo de viver aqui, essa união?

**M3:** É, eu sou portuguesa, não sou estrangeira, eu gosto muito de viver em Portugal, nunca fui para lado nenhum, mas gosto. É um povo sossegado, pode haver... não digo que não...quando há futebol... eu sou portista e quando há alguma coisa claro... eles não são santos, mas também não fazem barulhos, não são barulhentos.

**I:** O que se podia fazer para evitar os pensamentos negativos que as outras pessoas têm, do bairro?

**M3:** Vou-lhe dizer, ali em frente ao estádio tem um monte de vivendas, nunca ninguém disse "Olhe assaltaram ali, foi um do bairro" e às vezes não é do bairro é de fora, nunca houve nada disso. Eles têm as casas abertas e tudo, a gente tem as casas abertas e tudo... Os de fora é que fazem asneiras e depois dizem que é do Bairro do Sobreiro...

**I:** O que se poderia fazer para resolver isso? Porque pensam que são pessoas daqui que vão assaltar?

**M3:** Não é.

**I:** Sim eu sei que me está a dizer que não é, mas as outras pessoas pensam que é, porque pensam isso?



**M3:** "É do Bairro do Sobreiro, vêm do Sobreiro..." e é mentira, que me venham dizer isso à minha frente.

**I:** Mas o que estou a perguntar é porque é que elas têm essas ideias? Porque não dizem que é outra pessoa qualquer?

**M3:** Sabe porquê? Porque para ali muita gente, não é drogada, mas muitos rapazes, mocidade que até os vi nascer, ainda ontem vi um que disse "Ai como tu estás, como tu eras e como tu estás..." Andaram aqui nesta escola e agora estão ali metidos com os ciganos, mas olhe os ciganos não fazem mal, podem ser barulhentos que são, mas...

**I:** Costuma ver a polícia a passar no bairro?

**M3:** Oh isso vem sempre, às vezes até põe se ali encostados a fumar eu às vezes até digo assim "Já chegou o táxi"

**I:** Não acha a ação da polícia relevante?

**M3:** Não, eles já os conhecem todos, eles já sabem onde vão buscar as pessoas que assaltam...

**I:** Vão ali mais àquele café?

**M3:** É aquele café... Eu como nunca fui lá... Ui meu Deus, nunca fui lá... Eu aquele café fechava!

**I:** E os outros estabelecimentos comerciais aqui do bairro, costuma frequentar?

**M3:** É só um que há, só vou buscar o pão à noite, mais nada, eu vou aos supermercados.

**I:** Eu vi que tem uma lojinha ao lado deste café e depois tem outra loja mais à frente e o café da Sede.

**M3:** Tem a loja dos 300.

**I:** E o café da Sede, mas não costuma ir?

**M3:** À loja dos 300 vou à outra não.

**I:** Mas é completamente pacífico?

**M3:** Ai não me importa, podem estar ali a matar, quero lá saber, não são os meus, deixa-te andar.

**I:** Os vizinhos não comunicam muito entre blocos e torres?

**M3:** Não, não.

**I:** Nem ao fim de semana?

**M3:** Não, ao fim de semana é que é grande tristeza, ao fim de semana nunca estou em casa por isso...

**I:** Vê-se crianças na rua?

**M3:** Não, não.

**I:** E antigamente viam-se?

**M3:** Via-se alguns já grandinhos, agora não, morreu tudo, até as crianças. Vão para a escola, vão de manhã, vêm à noite. Agora é que vêm as férias é que andam mais, mas eles nem param aqui, vão para os estádios, vão jogar bola para aqui e para acolá. Antes havia, por exemplo, pessoas que andavam sempre grávidas, agora não. A ciganada é que sim, mas agora tem direito aos infantários e tudo e levam-nos para lá também.

**I:** Já não se veem crianças então?

**M3:** Não, não, as crianças não, só se vierem outros ciganos de outros lados é que trazem a canalha, os filhos, é que vê, se não, não se vê ninguém. Não se vê um miúdo. Eu não sou racista, mas não se vê um miúdo dos nossos a brincar com um cigano.

**I:** Mas na sua opinião, acha que deviam brincar todos juntos ou não?

**M3:** Aí podia-me cortar... (parar a gravação)

(gravação interrompida a pedido da entrevistada)

**M3:** Os carros abertos, não há problema, às vezes o meu marido "Ai, deixei o porta-moedas no carro" e ele levanta-se e vai buscar", mas se não pode ficar no carro. Estão aí muitos carros, vem muita gente de fora, de lá de cima da Maia, pousar os carros aqui olhe os que estão lá em cima, vem por ali. Não há problema.

**I:** Porque é seguro?

**M3:** Pois e as pessoas não vão abrir os carros nah, e se a gente vir a estragar começamos a ralhar pronto.

**I:** Acha que eles respeitam as pessoas aqui do bairro?

**M3:** E agora é como lhe disse não há miúdos não há nada para vir estragar só se vier os de fora de resto...

**I:** É muito pacato este bairro.

**M3:** Ao pé dos outros, ao pé do porto, por exemplo, no bairro social João de Deus, ali ao pé das Antas aquele bairro grande de ciganada, não isto é um sossego.

**I:** É agradável viver aqui?

**M3:** Eu deito-me à noite, moro no rés-do-chão e nunca ninguém me abriu as janelas.

**I:** Mas eu reparei que na sua torre a questão da luz...

**M3:** Ai isso da luz é o senhorio, a gente paga a renda o senhorio é que tem obrigação de arranjar as coisa não somos. A minha eu pus, pus uma coisa assim, eu e a minha vizinha. A minha luz estando fundida eu ponho, agora a luz, o resto é o senhorio.

**I:** Porque nós subimos lá cima, fomos com os telemóveis, parece um bocado perigoso...

**M3:** Não, ninguém assalta.

**I:** Não, perigoso no sentido de alguém se poder magoar e cair.

**M3:** Eu já tenho dito, se um dia houver alguma coisa que haja para cima, eles vêm todos por ali a baixo, logo tudo... E eles começam a dizer "você só pensa em maldade", mas não é maldade, porque a gente vê a televisão, muitos prédios, até se atiram das janelas e tudo e aqui ainda vai ser pior, porque do 10º cá baixo chegam cá mortos. Já me caiu um menino há anos, caiu-me um menino nos meus pés, do 10º cá abaixo, eu estava a varrer o pátio e ele deu com as costinhas, nunca mais me esquece, tinha agora 30 anos agora, o meu filho tinha 3 anos quando ele caiu... E então eu ouvi aquilo "Aaaai" e eu disse "olha estão a bater no catraio coitadinho". Eu andava a varrer o pátio, quando olho para cima, ai meu Deus, eu ainda peguei assim na carinha dele, ainda me caiu aqui sangue na minha mão, agora teria 30 anos, caiu do 10º cá abaixo. Foi no dia mundial da criança, ia a passar um helicóptero, ele queria ver para onde ia, a mãe... ou aquilo tinha um bocado de cera na beira da janela e ele debruçou-se assim e brrruuum...

**I:** Uma história complicada...

**M3:** Uuuui isso andei dias...o povo andou dias... andei dias e dias a ouvir gritar... Na minha janela tem lá uma racha que até está agora a abrir que foi onde ele caiu, abriu aquela racha nunca mais fechou. E a mãe o que é? Agora é do Reino de deus, da ceita do Reino de Deus. Aquela ceita...

**I:** Costuma vir aqui ao Centro Comunitário?

**M3:** Agora já não venho, agora vou ao armazém.

**I:** O armazém tem a ver com a alimentação, não é? A senhora vai lá buscar a alimentação?

**M3:** Vou, vou.

**I:** E em termos de atividades não costuma participar?

**M3:** Não, não.

**I:** Mas porquê? Algum motivo em especial?

**M3:** Não me dá para isso. Não, porque eu tenho a minha casa, tenho a minha vida, não vou largar a minha vida. Eles já me conhecem, não vou largar a minha casa e a minha vida.

**I:** E se surgir aquela oportunidade de frequentar aqui o clube sénior de vez em quando, o que é que acha disso?

**M3:** Vamos a ver o que é isso. Eu tenho uma prima minha que mora em Barcelos que vai de manhã e vem à noite, mas eu tenho a minha vida, tenho marido, tenho a casa, isso não posso de manhã à noite.

**I:** Combina uma horinha ou outra.

**M3:** Por acaso tenho o cartão disso que eu vou aos passeios da Câmara e tudo. Não sei, quando vai abrir isso?

**I:** Acho que vai começar na próxima semana, mas depois fala com a Dra. L. e vê.

**M3:** Mas também vão estes? (sem-abrigo)

**I:** Não, é só para pessoas do Bairro do Sobreiro.

**M3:** Uuuui, então vai (???) Então vamos ver.

**I:** É uma questão de ver.

**M3:** Vamos ver... Eu não sou contra eles, mas não queria estar a conviver com eles.

**I:** Não se sente muito à vontade?

**M3:** Não, eu passo por eles e eles "Bom dia D. P." e tal, mas eu...

**I:** Não considera um serviço importante este apoio que dão a estas pessoas?

**M3:** Eu entendo que isto é bom para eles, mas já deram a pessoas que não precisavam disto e tiravam a quem precisava. Não precisavam disto e vinham com as sacas aqui. Agora parece que já acabou.

**I:** Queria acrescentar mais alguma coisa acerca do bairro?

**M3:** Queria, queria que eles viessem ajeitar... dizem que é em maio, mas que maio? Ouço sempre "É agora em janeiro" ou "É em fevereiro" Quantos fevereiro já ouvi? Quanto maios?

**I:** Já falou alguma vez com a associação de moradores?

**M3:** Uuuui isso é mentira! Eles não fazem nada, isso é mentira, eu não me acredito neles, eles nem me querem... Eu digo logo "isso é mentira" Eu já fui sócia, tirei logo, já não sou sócia, não quero nada disso, eles não fazem nada filha, não fazem nada... É o que lhe estou a dizer, se as rendas estão congeladas só no ano 2020 é que se calhar vão fazer alguma coisa. Eles fazem mas é... vão agora ajeitar um prédio ou dois e o resto? Como fizeram à frente, tem ali aqueles prédios bonitos e nós? A miséria está toda aqui. Por acaso as minhas janelas não caem que eu moro no rés-do-chão e o meu marido anda sempre a ajeitá-las, mas há muitas que até as beiras das janelas já nem tem madeira, não tem nada e chove, chove tudo e têm lá em cima... a primeira coisa a fazer até era ajeitar aquele terraço que tem muitas ervas das pombas e tapam os respiros das casas de banho e depois a água infiltra-se por ali a baixo e vem ter aos contadores da luz e aquilo BOOM, estoirou! Eles nem as ervas vem limpar, não querem saber de nada, nada... só sabem dizer "em maio, em maio..." Que maio?

**I:** Está neste momento a decorrer um novo projeto de intervenção, não sei se tem conhecimento, no âmbito do Contrato Local de Segurança, em parceria com o governo, e estão previstas de facto obras no bairro já com proposta...

**M3:** Quando filha? Quando? Eu só me acredito, sou como S. Tomé, só me acredito quando vir, vir as coisas a ajeitar, agora vir fazer deixar as obras e só daqui por um ano é que tornam a pegar nas coisas mais vale estar como está. Oh filha não te acredites que é mentira.

**I:** Queria que me completasse uma frase: O Bairro do Sobreiro para mim é...

**M3:** Para mim é a minha casa, é onde vivo, onde criei os meus filhos e os meus netos. Aqui andou a minha neta, aqui só andou ela o resto anda ali em Currais numa escola só de meninos da Câmara e tudo... filhos de lá da Câmara. Aqui, aqui foi onde andou as minhas filhas, entrei por muitas vezes por aqui fora... Tenho aí a C., eles antes faziam campismo, levavam as crianças para o campismo, levaram muitas vezes as minhas filhas ao colo, a minha M. tem ali uma fotografia à entrada, tenho lá as minhas filhas, por isso é que eu conheço isto como as palmas da minha mão. E gosto de viver aqui, porque tenho uma casa grande e tenho condições para estar lá. Está velhinha? O meu homem ajeita. Este ano vai pintar tudo, ainda o ano passado pintou e este ano vai tornar a pintar, mas ele trabalha e primeiro está o trabalho

e depois está... é assim, pergunta ali à C. quem eu sou que ela diz já... O Sr. Mário, a M... a M. já veio mais tarde e aquela doutora era a outra doutora que estava aqui que eu gostava muito dela a G.

**M3:** Não conheço.

**M3:** Também gostava muito dela, havia mais. Eu gosto daqui. Agora é que não, mas antes tinha ali muita roupa e a gente vinha de tarde para aqui e estávamos ali toda a tarde a escolher roupas, agora é que deixaram de fazer isso, mas nós vínhamos para aqui, pronto.

**I:** Sente falta disso?

**M3:** É, às vezes era um passatempo, era um passatempo que a gente não tem nada aqui, aqui para passar tempo não, temos que ir para a Maia, para a Maia já...

**I:** Acha que faz falta mais atividade no bairro, é isso?

**M3:** E mais assistentes sociais a andar pelo bairro, não é sentadas nos gabinetes que as coisas vão aparecer. Pegar no livrinho e telefone... As assistentes sociais, tem de ser, não é sentadas, que o trabalho não aparece sentado... Eu já disse e torno a dizer, as assistentes sociais tem que vir por aí fora ver as condições, as casas, às vezes é um cheiro aí a água choca menina! Eu gasto tanto dinheiro em lixívia na minha banca e na minha casa de banho na banheira que é um cheiro a água choca e sou logo eu que apanho... e depois sobe para cima, mas quando sobe para cima já o cheiro vai ... eu apanho isto e ninguém quer saber disto. Antes, quando vim para aqui, isto era melhor, era mais limpinho, andavam a limpar isto, a limpar aquilo, a ver o que estava feio...quando era o tempo do Sr. Dr. Vieira de Carvalho, que eu devo muito a esse homem, foi ele que me deu a minha casinha. E então andava tudo limpinho, agora...

**I:** Que tipo de atividades gostava que houvesse aqui no bairro?

**M3:** Aqui olhe, agora vem as crianças para casa ...elas depois de acabar a escola tem aquele tempo depois até pronto...aqui olhe para as pessoas, que há pessoas aí de 80 anos, há sim senhora, aí convivência, por exemplo, um dia havia aí umas pessoas a cantar, outras a fazer isto, outras a fazer aquilo, outras a fazer rendas, outras a aprender a fazer renda, outras a bordar...isso chama a pessoas, que há muita pessoa que ui tem umas mãos para trabalhar, para fazer renda e tudo.

**I:** Se houvesse um espaço para bordar, para fazer renda, a senhora ia?

**M3:** Eu não sei fazer...

**I:** Vinha aprender...

**M3:** Pois, eu não sei fazer, mas vinha de tarde, às vezes quando não tenho que fazer, arrumava cedo e vinha. Assim vamos para o sol, não há nada vamos para o sol.

**I:** Temos de propor isso aqui, que me diz?

**M3:** Pois, mas devia ser um sítio...

**I:** Que não fosse aqui?

**M3:** Aqui, mas que não juntasse aí... (que não houvesse contacto com os sem-abrigo)

**I:** Já percebi... pronto, vamos fazer essa proposta.

**M3:** Acho bem, vamos lá ver. Eles têm tantos sítios, o bairro tem tanta... olhe aqui em cima desta torre tem tantas coisas fechadas...

**I:** Está mal aproveitado o bairro?

**M3:** Uuuui meu Deus, meu Deus... Agora puseram ali lojas de gatos, para que é os gatos? Olhe eu não sou contra os bichos que eu meu Deus, não tenho bichos, mas também não quero que lhes façam mal, mas...

**I:** A loja estava vazia e foi o espaço que encontraram para aproveitar.

**M3:** E se alugassem isso a pessoas que querem fazer, por exemplo, a pessoas que querem vender rendas e fazer bordados e isso tudo?

**I:** Podem não ter dinheiro para pagar o aluguer, isto pode ser um motivo, eu não sei.

**M3:** Mas isto deve ser um aluguer muito grande (ironia). Olhe um cabeleireiro, tiravam aquele café dali, um cabeleireiro, abrir ali uma confeitaria que a gente se quiser temos que ir à Maia.

**I:** Mais equipamentos aqui no bairro era uma coisa que mudaria também?

**M3:** Pois, pois, ajeitar, fazer ali um jardim, um parque para as crianças brincarem e tudo... não tem nada, nada, não querem saber, não querem saber... depois vamos ali para o Bairro do Cerco no Porto e eles tem parques das crianças, tem tudo ajeitadinho e é o Bairro do Cerco, que é um bairro onde tem muita ciganada, muitas pessoas da droga... "Olha queres? Vai ao Bairro do Cerco" e aqui não há nada.

**I:** A sorte é terem tudo perto?

**M3:** Pois se não morríamos aqui, ah mas eu não estou aqui muitas vezes, ao domingo lá vou eu.

**I:** Vai passear, também é preciso.

**M3:** Vou muitas vezes para Vila do Conde para o pé da ria, ponho-me ali com o carro, vou à Póvoa [de Varzim].

**I:** A senhora ainda conduz?

**M3:** Não, o meu marido. Vou para a Póvoa, vou para muitos sítios.

**I:** Faz bem também é preciso.

**M3:** Ainda no domingo fui para o Pinhão. É assim.

**I:** Pronto, olhe muito obrigada.



**5 de abril de 2018**

**Observações:** Sexo feminino; 72 anos; 4ª classe; reformada; Vive sozinha

**Local:** Centro Comunitário (sala de informática)

**Investigadora (I)**

**Moradora 4 (M4)**

**I:** Gostaria que me dissesse há quanto tempo é que vive por cá e em que condições é que veio morar para cá.

**M4:** Ora bem eu vim para cá para o bairro, porque não havia casas para alugar na Maia e porque tinha vindo de África e como vim de África... não vim com a descolonização, mas sim um acidente que o meu marido teve, ele ficou lá e veio-me pôr uma questão de segurança em Portugal e depois teve um acidente grande e eu tive de ir buscá-lo para ele ser operado cá, foi operado na Cruz Vermelha em Lisboa, porque foi onde estava mais perto, desembarcamos e ele foi para a cruz Vermelha. Foi operado e como não ficou em condições não regressámos a Angola. E depois como não havia casas tive primeiro em casa de uma irmã minha, [casa] emprestada, mas houve problemas que agora não interessa e depois soube que havia o bairro e concorri e então saí da casa e vim para aqui para o bairro. Gosto, não estou arrependida de ter ficado por cá, porque depois tive hipótese de outras casas, mas não quis, porque gostava e gosto, continuo a gostar e não me sinto diminuída por viver num bairro social. Só estou triste é porque a Câmara não tem ajudado em... quer dizer a arranjar o bairro, em dar outras condições aos moradores. Eu sei que a renda que é pouca, que a gente não paga muito, mas se eles levassem mais um pouco e conservasse... A gente por dentro tem feito o possível, agora por fora tem um aspeto muito mau, é isso que me... sinto-me triste por causa disso. Em respeito ao resto as pessoas, há de bom, há ruins, mas eu como já vivi noutras casas sei perfeitamente lidar, quer dizer eu vivo dentro de minha casa, não vivo fora na rua. Se me cumprimentarem, eu cumprimento, mas se não me cumprimentarem eu também... há muita pessoa aqui, que estou cá há 37 anos e que nem as conheço se quer, é a minha vivência cá no bairro.

**I:** São quantos anos?

**M4:** 37. Vim para cá em 1981 parece, portanto estamos em 2018 está a ver que... 37, vai fazer 37.

**I:** Já é bastante tempo, é uma vida.

**M4:** Ora vá, fui das primeiras, foi esta torre aqui, foi das primeiras que foram habitadas as casas, as outras diziam que depois era para venda, as outras depois vieram um ano e pouco, quase dois anos após a gente estar aqui já a viver.

**I:** O que mudou desde que veio para cá até agora?

**M4:** Ora vá, as pessoas evoluíram um pouquinho, as mentalidades também um pouquinho, mas ainda há muita pessoa que precisava de aprender muito.

**I:** Mas em que aspetos? Quando refere que evoluíram estamos a falar em que aspetos?

**M4:** Na maneira social, de socializarem uns com os outros, de não haver tantos problemas, porque a princípio quando viemos para aqui as crianças eram pequenas, vinham brincar cá para fora para a rua, havia muitos problemas entre as mães, porque elas lutavam e agarravam e faziam... Aqui na escola, porque isto antigamente foi uma escola, havia muitos problemas, bastantes, porque vinham para aqui para a porta da escola e queriam proteger os filhos, porque as crianças pegam, como é normal, é o crescimento e houve assim um bocadinho de problemas. Como foram estes blocos depois deitados abaixo, as coisas começaram a acalmar. Entretanto os jovens, que eram muito pequenos, começaram a ficar mais adultos, começaram a ter mais consciência e acabou um bocadinho os problemas que haviam. Fora disso, não há problemas de maior.

**I:** Então acha que o bairro é calmo e que as coisas melhoraram ao longo do tempo é isso?

**M4:** Sim para mim é. Como disse, tenho pena é da situação em que está, que está degradado por fora e a Câmara nada faz. A Câmara não, a Espaço, nada faz para modificar, de resto era um bairro como outro qualquer, em qualquer coisa, porque a minha filha mora ali nos altos e eu não vejo que ela tenha melhor situação do que a que eu tenho, a não ser a degradação.

**I:** Em termos da relação entre moradores, já me falou um pouquinho, mas queria que me falasse um bocadinho mais, como acha que é essa relação?

**M4:** Há pessoas que se dão, como digo em todo lado, há pessoas que se são, acho que são mais unidos aqui no bairro do que fora, porque talvez por andarem cá fora um pouquinho socializam um pouquinho mais e são mais unidos e não tem havido, por exemplo que a gente não conheça este ou aquele, eu conheço muitas pessoas de vista, posso não me dar com elas,

nem com todas eu me dou, como disse, mas com algumas sim, tenho tido boas relações, não tenho tido motivo para ficar triste, tanto que se eu estivesse triste já tinha saído daqui há muitos anos.

**I:** Acha que dentro do próprio bairro, uma vez que o bairro em si ainda é bastante grande, acha que, por exemplo há zonas dentro do próprio bairro? Ou seja, quem mora naqueles blocos ali mais ao fundo é ali que convive, quem mora aqui nas torres é aqui que convive, acha que é assim?

**M4:** Sim, sim, sim. Isso existe, existe agora presentemente que se afastaram mais daqui, porque os que estão lá na ponta eram os que moravam aqui, foram daqui destes blocos que foram deitados abaixo. Começaram a sair pessoas que compraram casas, outras foram morar para o ??? e então eles daqui foram morar lá para cima, A gente conhece-se e dá-se, mas não se junta, porque aqui também nunca houve uma coisa que deviam ter feito que era... quer dizer reuniões de condóminos, a gente tem ali uma associação, que eu estou a pagar quotas presentemente, não é muito, mas pago não sei para quê. A princípio ainda fizeram, houve aí umas excursões, agora não fazem absolutamente nada, nadinha mesmo.

**I:** Na sua opinião, fazem falta atividades que reúnam as pessoas?

**M4:** Sim, sim, para mim sim, por isso é que eu aderi ao programa onde estou agora aqui (Clube Sénior no CCVS), porque senão não tinha vindo. Para mim faz falta isso, precisamente isso. Se houvesse de princípio logo isso, talvez os moradores se dessem mais uns com os outros.

**I:** Compreendo. O que mudaria?

**M4:** Isso que acabamos de dizer mudaria isso para haver mais união. Por exemplo, a gente ir ver uma associação que a gente fosse conversar com eles e que eles nos ouvissem para que isto mudasse um pouquinho do aspeto, porque o que dá mau, o que está a dar presentemente mau ao bairro é a degradação em que os prédios se encontram.

**I:** Mas diga-me uma coisa, fala-se também na questão da droga, qual é a sua opinião relativamente a isso? Acha que há, não há?

**M4:** Não, existe, pode não ser drogas pesadas, mas existe. Não os daqui, os que vêm de fora é que vêm cá vendê-la. Tenho visto muito, muito, muito. Não me manifesto, porque sabe que a gente que não pode falar, mas é muita coisa. Eles vêm de fora vendê-la aqui ao bairro,

vêm trazê-la e depois os daqui já sabe metem-se nela, mas muitos dos que vêm para cá não são daqui, não moram aqui no bairro, vêm de fora para fazer isso mesmo.

**I:** Mas ainda assim, considera o Bairro do Sobreiro um bairro seguro?

**M4:** Sim, visto que sobre as informações que tenho e aquilo que vejo na televisão é.

**I:** Acha que às vezes as televisões querem fazer mais do que aquilo que é?

**M4:** Sim, para mim também, isso também é. Nunca fui assaltada, posso andar... eu não ando muito cá fora à noite, mas quando preciso, não tenho carro, vou daqui para a Maia, venho da Maia, sempre me respeitaram, nunca tive problemas, nunca, nunca, nunca. Dizem que assaltos que há isto, que há aquilo, a mim nunca me fizeram isso não posso dizer porque senão mentia.

**I:** Claro. Assim então fazendo um resumo do que falamos diga-me aspetos positivos e aspetos negativos.

**M4:** Negativos é esse que falamos de não haver união, não haver atividades para que as pessoas se juntem, também muitas lutam pela vida, porque têm de trabalhar para ganharem e isso também é uma verdade, mas se houvesse assim mais incentivos... as pessoas começam, mas depois ao fim de um tempo cansam-se e desaparecem, como é o caso da associação dali e como outras coisas que têm feito.

**I:** E os positivos de morar aqui?

**M4:** Para mim é uma coisa normal, eu moro aqui e eu gosto de onde moro, a não ser como digo a degradação, mas para mim é um bairro como outro qualquer.

**I:** Mas o que é que a faz gostar de estar aqui?

**M4:** Ora vá, porque estou perto de tudo, estou perto do centro, a 5 minutos, nem tanto, tenho farmácia, tenho tudo, tenho transportes, tenho tudo, acho que é uma coisa boa e estou satisfeita com aquilo que tenho.

**I:** E apesar de viver sozinha sente-se tranquila?

**M4:** Sim, nunca tive medo, nunca tive medo.

**I:** Se precisar de algum apoio sente que tem alguém próximo para ajudar?

**M4:** Sim, tenho uma vizinha, até que lhe digo a si, uma coisa que é capaz de uma pessoa pensar impensável, a minha vizinha desde que o meu marido faleceu tem a chave da minha casa e quando eu me sinto doente eu não ponho o trinque de segurança na porta, deixo-a só

fechada, porque sei que lhe ligo do telemóvel e que ela que vem logo, por isso está a ver que é uma coisa segura.

**I:** Exato e tem uma boa relação com a vizinhança, não é?

**M4:** É, é. Como digo eu não ando de casa em casa, tenho, ora vá, aquela torre tem 42 habitações agora há meia dúzia deles que eu já não conheço muito bem, são novas, entretanto as pessoas foram falecendo e as casas foram habitadas por outros e a gente já não convive tanto. Fui eu que implantei a limpeza ali naquela torre, porque fazia uma, a outra não fazia e ainda era censurada e eu então a mais o meu marido fizemos uma folha, eu pus o nome das casas todas e fui pelas casas. Hoje temos uma senhora que faz a limpeza, damos uma... aquilo para mim é ridículo, mas as pessoas mesmo assim ainda se pegam por causa disso, 5 euros por mês e ela todos os dias limpa a entrada que está sempre ao menos limpa e, por isso conheço, como digo não vou de casa em casa, há duas ou três casas que sim, vou quando preciso, é mais a vizinha que vive no lado esquerdo, eu vivo no direito e ela vive no esquerdo, a gente convive mais.

**I:** É bom ter sempre alguém...

**M4:** Sim, mas também tenho ali uma ex-cunhada que também me dou bem ela e tenho, como digo, são meia dúzia deles.

**I:** Acha que este bairro é diferente dos outros?

**M4:** Nunca vivi nos outros, portanto não posso fazer comparações. Vivi em Lisboa, vivi em Queluz, por isso sei como é, sei como era o bairro e era muito pior do que viver aqui, pelo menos quando vim, por isso nunca tive problemas.

**I:** Era pior em que aspetos?

**M4:** Pior no aspeto... não que houvesse tanta coisa, mas distantes, frios. Os lisboetas não são como os nortenhos, não me digam a mim que são, porque eu vivi lá sei perfeitamente que não.

**I:** Outra questão, que prende-se mais com a visão do exterior, de quem não vive aqui no bairro, qual acha que é a visão que essas pessoas que não moram aqui têm sobre o bairro?

**M4:** Má.

**I:** É má?

**M4:** Má e já tenho tido bastantes discussões por causa disso. E há pessoas que agora vêm, portanto, desde que fiquei reformada tenho mais tempo e as pessoas vêm a minha casa e tenho muita pena, continuo a dizer, da degradação, porque se não era uma casa como uma outra qualquer, era uma casa como um apartamento, porque eu vou a casa das minhas amigas, que não moram aqui no bairro, não são daqui, e as casas são na mesma.

**I:** Mas essas discussões que estava a falar, ouviu algum comentário relativamente ao bairro? Pode-me dar exemplo, por favor?

**M4:** Sim sim, que assaltam, eu falei ainda agora que nunca me fizeram... Às vezes são 10h (da noite), venho por aí abaixo e essas coisas assim, agora não tanto, devido à idade que tenho, mas eu quando vim para aqui tinha 30 e poucos anos, por isso sei perfeitamente e nunca me fizeram mal, mas há pessoas que já ouvi dizer que assaltam, nunca vi... Ainda há pouco tempo me disseram que assaltaram duas pessoas lá em cima à beira do Plaza, mas eu não vi, disseram-me, lá está, e as pessoas "Ah é o bairro, o bairro..." E eu digo, o bairro... até porque há pessoas que eu sei daqui que se coíbem de pôr Bairro do Sobreiro, põem Urbanização, eu não, eu não tenho vergonha de onde vivo, se ele é bairro, eu quando vim para aqui era bairro, agora é o nome da rua, agora temos de pôr por ruas, mas não tenho vergonha de viver num bairro social, não... logo que as coisas estejam... ora se fossem todos como eu não havia problemas, já se sabe há bom e há mau, mas não vejo assim grandes problemas como disse não vejo.

**I:** Mas e porque é que acha que as pessoas ficam com a ideia que é daqui do bairro e que aqui é mau?

**M4:** Porque talvez no princípio houve coisas más aqui, coisas más como disse e depois houve uma coisa que a gente teve aqui que depois o presidente de lá de cima nesse caso interveio. Veio para aqui a raça cigana, não é que seja contra, são seres humanos como eu e nunca tive problemas com eles, mas ali a parte de baixo da torre não era fechada e um dia a gente foi dormir e quando voltamos tinha lá uma lona e eles estavam lá a habitar aquilo. Já sabe, foi um transtorno não por eles lá estar, porque eles não tinham casa de banho e iam fazer as necessidades à porta dos outros. Ora já sabe, eram crianças, era uma família bastante numerosa que agora ainda têm aqui descendentes deles, andam aí netos, bisnetos e tudo e então depois houve bastantes problemas e talvez isso tenha dado mau ambiente aqui, porque tiveram que chamar muitas vezes a polícia, a polícia vinha aqui muito. A própria polícia também começou a falar muito mal disto aqui e talvez isso tenha feito com que o bairro

tivesse uma má fama. Depois o Presidente conseguiu um terreno aqui, pô-los aqui deste lado, aqui onde estão estes prédios, pôs-lhes água, água eles tinham de uma mina, mas pôs-lhes luz e eles foram viver para ali e deixou de haver problemas. Agora sei que vem muitos de fora para aqui. Para mim o mal está no café que está ali aberto e nas pessoas que “residem” lá, porque não são daqui, não está cá, mas estão a explorar aquilo e por vezes dá-se bastantes conflitos, já tenho visto. Muitas vezes chegámos aqui e está ali a polícia e quando há problemas é sempre, eles vêm dali daquele café, começam ali naquele café, não sei porquê, não me pergunte porque não lhe sei explicar.

**I:** E considera essas opiniões externas importantes?

**M4:** Não, para mim não, até porque eu faço sempre debate.

**I:** Defende sempre o seu bairro é isso?

**M4:** Sim, sempre, sempre, continuo a defendê-lo sempre, porque, como digo, se eu tivesse razões eu dizia assim "Não, aquilo é assim, aquilo é assado", não eu não tenho razão.

**I:** Mas sente-se discriminada de alguma forma?

**M4:** Não, sim pelas... por pessoas que nem sequer conhecem o bairro. Eu tenho exemplo, eu estive com um senhor que não é daqui, tem uma bruta de uma vivenda lá em baixo, ele diz que nunca metia aqui o carro que era um Mercedes, porque dizia que lhe davam conta do carro. Pois ele viveu comigo dois anos e meio e o carro ficou ali estacionado e nunca lhe estragaram absolutamente nada, por isso, está a ver que há uma teoria que as pessoas têm de fora para dentro do bairro.

**I:** E que na sua opinião não se justifica?

**M4:** Não, para mim não. Já sabe que houve, roubaram acho que aí dois ou três veículos, mas isso em qualquer lado. A minha filha tem uma garagem, tem um condomínio fechado e foram lá pegaram numa mota do meu genro, que nem se quer tinha andado com ela, porque ainda não tinha tirado a carta, uma 125, era um monstro e levaram-na novinha e as carrinhas todas que estavam roubaram os pneus, já é a segunda vez que fazem isso na garagem e é aqui a dois passos, por isso está a ver, o bairro para mim ainda continua a ser seguro.

**I:** Mas acha que, por exemplo, essas opiniões podem ter efeito na forma como as pessoas lidam com o exterior? Acho que há bocado me disse que havia pessoas que negavam que eram daqui ou escreviam o nome de outra forma.

**M4:** Sim, talvez por vergonha, é como digo, eu não tenho vergonha de onde vivo, se as pessoas têm vergonha tem de assumir as suas responsabilidades ou dizer porque é que talvez... ou por razões ou sem elas tenham feito isso.

**I:** Que acha que se poderia fazer para diminuir essa visão negativa que as pessoas têm do bairro?

**M4:** Incentivar mais coisas aqui, trazer as pessoas mais de fora para dentro do bairro, para verem que as pessoas que moram cá que não são assim tão bichos como elas pensam que são.

**I:** Portanto, falta aqui uma dinâmica de fora para dentro e de dentro para fora. Eu sei que o Dr. Mário se calar conhece-o bem já está cá há muito tempo...

**M4:** Conheço de vista, muito embora nunca tenha lidado com ele a não ser agora.

**I:** Porque sei que há uns anos atrás, quando ele veio para cá, tentaram fazer essa promoção de, pronto, até havia torneios ali no polidesportivo, agora sabemos as condições em que ele se encontra...

**M4:** É isso que eu digo, o que está a fazer mal aqui é precisamente a degradação...

**I:** Pronto eu não sei se é dessa altura se recorda-se e se considerava isso importante.

**M4:** Sim, sim, até porque fizeram a proposta, ora vá, para explicar, a minha filha ficou desempregada e foi para o fundo de desemprego e nessa altura ela vivia comigo, ela tinha casado e ficou a viver aqui e então um dia cheguei a casa do meu emprego e o telefone tocou. Era uma Doutora a ver se o meu marido, porque a minha filha no questionário pôs o pai reformado, e então pediram para ver se o meu marido ia para lá como guarda, uma vez que já estava reformado e eles queriam uma pessoa que não fizesse descontos para a Segurança [Social].

**I:** Desculpe, fazer de guarda onde?

**M4:** Ali no gimnodesportivo, não era aqui...

**I:** Não é neste no bairro é no outro?

**M4:** Não, não, neste do bairro que tem aqui no meio.

**I:** Ah ok, o que está degradado?

**M4:** Sim, sim ali mesmo. E eu disse, agradeci muito e disse que não, porque o meu marido muito embora fosse uma pessoa reformada, ainda tinha um part-time na firma. Trabalhava



da parte da manhã e não podia, mas como tinha uma pessoa na família que estava desempregada... ele não era meu familiar, mas pronto vivia com a minha mãe... eu fui à minha cunhada que era sobrinha desse senhor e disse-lhe a ela "Olha há isto assim-assim, fizeram uma proposta para o tio ir, mas como ele ainda trabalha não quero que ele vá, não pode de maneira nenhuma, o teu tio não quererá?" porque era desempregado, eu sabia que ele que estava no fundo de desemprego e então ele foi falar com a Doutora e não aceitou precisamente porque ele tinha que fazer descontos, não aceitou, mas deu emprego à minha cunhada, porque dali ela foi fazer o curso de trabalhar com idosos. Deu emprego, não para o tio, mas para ela, e ela ainda trabalhou, fazia a limpeza aqui neste pavilhão que havia aqui, quando não existia aqui ainda a Santa Casa, porque isto depois é que surgiu.

**I:** Foi importante esta instituição (CCVS) para o bairro?

**M4:** Eu penso que sim, vejo aqui crianças, vejo jovens, vejo adultos, aqui acho que sim, que foi...

**I:** Sim? Mesmo para as dinâmicas? Porque não vêm aqui só pessoas também do bairro vem pessoas...

**M4:** Sim é isso que eu digo, ora vá e essas pessoas mesmo já devem ter uma visão diferente daquilo que as outras que nunca cá entraram com certeza, porque diz que têm medo de passar no bairro. Eu tenho uma prima a viver aqui que os filhos estão a estudar, tenho outra irmã a viver na Venepor que não deixa os filhos atravessar por aqui e eu disse: "Porquê? É mais seguro eles irem por dentro do bairro do propriamente que por fora!"

**I:** Ir pela estrada, não é?

**M4:** Ora vá, foi o que lhe disse a ela. Diz ela: "Ah mas eu tenho medo" "Mas podes deixar que ninguém faz mal nenhum" e eles agora começaram, já vão pela a rua acima e ninguém lhes faz mal. Lá está a tal mentalidade que as pessoas têm de um bairro social.

**I:** Mesmo a questão da etnia cigana pode ser promotora dessa imagem?

**M4:** Sim, têm trazido um bocadinho de conflitos por aqui têm, têm trazido e depois são pessoas que estragam as coisas, vandalizam, porque nós temos ali o *coiso* do lixo e tinha umas ripas de madeira e num dia... eu não disse nada, porque sei que me inquietar... foram lá e tiraram as ripas e queimaram, coisa que aquilo fazia... agora está simplesmente o saco de plástico e mais nada, porque não haviam de destruir uma coisa que estava feita, eu vi eles

irem, eram jovens, eu penso que não eram daqui, que é uma família que está acampada aqui perto, mas que estragam as coisas.

**I:** É muito complicado controlar este fluxo de pessoas que vêm causar estes conflitos?

**M4:** É, até porque para mim o desemprego... eles não terem ocupação, onde passaram o dia, isso faz com que haja mais vandalismo, eu considero isso vandalismo.

**I:** Portanto, a condição social também não ajuda?

**M4:** Sim, a gente sabe que muitos deles auferem do Rendimento Mínimo ou que têm o apoio social, não sei como se chama, mas há uma coisa, eles recebem e se for reparar ali já não é miséria, é miséria moral, porque eles recebem, se for preciso eles e elas estão lá em cima à espera do correio, já têm ameaçado o correio, mal o recebem metem-se logo nos cafés e no *coiso*. Gastam tudo e depois não têm para as outras coisas e aí é que está o mal.

**I:** Embora a gente saiba que também não é um valor extraordinário.

**M4:** Mas se formos a ver a nossa vida também não é, porque o salário mínimo o que é? A minha filha ganha o ordenado mínimo e o meu genro. A gente tem de viver com as nossas possibilidades, ainda ontem foi uma coisa que eu debati... fui tomar um café com uns amigos e soube de uma outra colega que está em má situação, porque vai ser operada, não tem nada a ver com o bairro, mas ela está, quer dizer, não só preocupada com a operação, como vai correr, mas ficar com baixa, porque neste momento ela está a pagar 300 euros de renda e ela é uma cozinheira, auferir de 600 e tal euros e a cabeça dela já está a dar... porque já sabe que se ela "baixar" eles não lhe pagam logo e ela não vai ter como fazer face à vida, porque não tem um bocadinho de lado, porque não dá para fazer isso e é isso, é o país que nós temos.

**I:** Temos que ir sobrevivendo. Para terminar gostaria que me completasse a frase: o Bairro do Sobreiro para mim é...

**M4:** Para mim é a minha vida, o meu lugar, onde eu habito, onde me sinto bem e estou feliz por isso.

**I:** Ainda bem. Muito obrigada.

**(Depois de parada a gravação a senhora diz algumas coisas importantes e foi ligado novamente o gravador)**

**M4:** Há maus, mas também há bons.

**I:** Acha que essa questão da imagem física degradada também contribui para aquela imagem negativa, não é?

**M4:** Sim, sim, muito, muito. Eu digo, não tenho vergonha de morar no Bairro do Sobreiro, tenho vergonha de levar as pessoas a minha casa, só levo as mais íntimas, as que me conhecem. Os elevadores, a entrada, tudo isso a mim faz-me...

**5 e 9 de abril de 2018**

**Observações:** Sexo feminino; 79 anos; 3ªclasse; reformada; Vive sozinha

**Local:** Centro Comunitário (sala de informática e biblioteca)

**Investigadora (I)**

**Moradora 5 (M5)**

**I:** Há quanto tempo é que vive aqui e porque veio para cá?

**M5:** Eu vim para aqui... eu nasci no Porto, pertença a Campanhã, depois da calçada das Antas vim para morar para Pedrouços, fiz a Comunhão na igreja de Pedrouços, depois vim para S. Gemil, perto da Senhora da Guadalupe e estive lá a viver... o meu filho mais novo nasceu lá e a casa foi vendida... ela era da minha comadre e a casa foi vendida a uma francesa, eu andava a trabalhar na ponte da Pedra e quando cheguei a casa tinha uma carta para ir ao tribunal de S. João que queriam vender a casa e depois tive que falar aqui na Câmara. Foi o Sr. Engenheiro Vieira de Carvalho que me deu a casa. Passei um bom bocado, porque havia aí um cliente que tinha coisa de receber prémios e tudo e não dava a casa, tive de perder o trabalho e vim com a roupa que estava, meter-me no autocarro e sair...era na Câmara velha em frente ao ?? na Maia, nem conhecia o Sr. Vieira de Carvalho... nem sei quem me pagou o autocarro que eu andava meia...

**I:** Quando soube que ia perder a sua casa, não é?

**M5:** Eu perdi, fui para tribunal e tudo, só que o meu advogado era meu advogado, advogado da minha comadre que era senhoria e advogada da compradora. Acabou por pedir e dinheiro a um e a outro... eu estava a criar cinco filhos não tinha possibilidades para estar estas coisas, tive que socorrer. Socorri então a esse senhor, o Sr. A. e depois vim ter com o Sr. Vieira de Carvalho, eu e mais dois vizinhos (que se tornaram vizinhos no Bairro do Sobreiro) que morou nesse tal bloco que era um sítio onde fizeram hortas agora e eles também moram para aqui. Então eu disse-lhe a ele... também já tinha passado muito tempo e ele disse-me que tiveram a abrir as gavetas e tudo e nada de papelada. Então o Sr. Vieira de Carvalho deu-me umas chaves a mim e aos outros para ir buscar onde tem a igreja da maia, tem a polícia, a seguir à polícia de cima para baixo tem ali um coisinho de um apartamento por baixo para ir buscar chaves e então fomos lá, o tipo não queria dar as chaves que eu que esperasse. E eu

disse "Não, não posso esperar que eu já tenho o caminhão à minha espera" que eu liguei ao homem eu preparasse qualquer coisa que eu já tinha a chave na mão e então ele não queria deixar... havia pessoas que ficavam sem casa, porque ele não queria dar e se eu não me pusesse a pau também não tinha casa. Então ia morar para o 3º... esse senhor morava logo no 1º por trás do banco Espírito Santo, o primeiro que foi abaixo até, veio-nos ajudar a pôr a luz que não tínhamos luz, depois trouxemos as nossas coisinhas fomos morando, morando e ali fiquei.

**I:** Há quantos anos?

**M5:** 37.

**I:** Então é do tempo da Dona A. também veio nessa altura.

**M5:** Não sei. Então o problema que aquela casa tinha era as telhas, vinha um temporal as telhas iam pelo ar. Então concorri ao Espaço e tudo até que cheguei a um ponto que fui ao seguro, por cima do turista, dizer que me estragou a carpete e estragou-me aquilo. "Mas não tem direito nenhum". Aos anos que o meu homem, que era no Porto, o meu homem era sócio daqui e nunca tivemos direito nada, portanto é a primeira vez que venho incomodar para falar com a engenheira e tudo e quando ele então entra lá dentro, parecia um juiz e a Sra. engenheira diz não, a Dona A tem direito a casa, por aquilo foi acidente, portanto tem direito ao concerto da casa". Deram-me o dinheiro para eu pôr alcatifa ou tijoleira e eu pus tijoleira, passado três ou quatro meses de ir para lá, foi abaixo. Fui para o 31 onde estão os deficientes (APPACDM), naquela rua estreitinha, moro logo a seguir. Ali estou, a casa é jeitosa, não se pode dizer o contrário, é muito jeitosa e tudo, mas eu quando cheguei ali disse que se houvesse qualquer problema, estamos todos em reuniões, todos em conjunto a falar uns com os outros sobre o que se passa, não é? Acho pelo menos que é assim. Lavar as escadinhas e tudo. A cave ficou sem concerto, se a menina lá for ver. Tem lá um móvel que mandámos fazer para o hall e estava a estragar-se na cave. Fizemos um buraco grande no fundo da cave por causa da água choca ou lá o que é, veio o Sr. Engenheiro B e eu disse-lhe a ele "Oh Sr. Engenheiro por favor este buraco aqui a pé das escadas" Ele tapou, quando foi a ver, mas é como papelão ou lá o que é, para não fugir dos lados, mas não é nada de especial aquilo está tudo estragado. Nós temos documentos a dizer assim "Estime as coisas por dentro", mas por fora não está nada estimado que a menina passa ali já vê como é... mas isto agora é em todo lado.

**I:** Vocês preocupam-se com a vossa condição...

**M5:** Pelo menos é assim... O que está a acontecer à minha vizinha, porque morou uma senhora lá que o homem depois foi para outro sítio onde tem uma rampinha, onde tem um prédio arranjado que foi o primeiro até que eles arranjaram este ano e ele foi para ali morar... estavam a morar e o senhor apareceu morto e depois não sei que aconteceu com a vizinha de baixo, não sei com chaminé, não percebe, não posso dizer à menina o que aconteceu. Sei que estive lá ainda um tempo e não acontecia nada e numa altura queimou-me, tem o fogão aqui, faz-me uma coluna assim e o fogão está encostado, para limpar o coiso da chaminé debaixo para cima, queimou-me.

**I:** Mas houve um incêndio na sua casa?

**M5:** Não, não. Queimou-me, qualquer coisa que me queimou, não sei se houve qualquer coisa entre a chaminé e entre as duas, não sei, não posso explicar isto à menina, só sei que me queimou. Que quando ligo o coiso eu limpo tudo e queimou-me. Eu educadamente fui à porta, faz de conta que estou eu e a senhora e eu disse "Eu não sei o que se passa que o cano da chaminé queima-me". E a resposta dessa senhora: "Vá descansada que já estão a arranjar". A menina o que fazia? Agradei, vim para cima. Passado dois ou três dias torna-me a acontecer a mesma coisa. Claro fiquei irritada. A filha veio à porta e eu disse "Oh P. faz-me um favor anda lá cima ver o que se passa.". Ela foi educadamente e viu que realmente estava, tinha apalpado e disse "Realmente isto não pode acontecer", ficou a sim, eu disse "Eu tenho pena da tua mãe, como o teu pai está muito mal, coitado passa mais a vida no hospital de que em casa, é normal que a tua mãe ande nervosa". eu assim, é natural. Passado outro dia veio o irmão: "Eu quero saber porque motivo é que anda sempre a incomodar a minha mãe", "Eu a incomodar a tua mãe, porquê a tua mãe contou-te à maneira dela? Eu não tenho a casa molhada, mas entra." Ele entrou foi logo direito à marquise, quase que dava com a cabeça na máquina de lavar e pôe-se a bater com as mãos no chão. "Estás a ver como não tenho nada molhado? Não percebo o que tu queres". Quando vieram a descobrir foram os canos dos quartos de banho que deu logo no sítio onde eles puderam abrir, ora se eu fosse má não deixava fazer nada, fazia como ela me fez a mim. Eles lá vieram, fizeram o rasgo à beira do quarto de banho, taparam o que tinham a tapar e pronto acabou. O que aconteceu foi além de me bater com a porta na cara, disseram que eu que estava bêbada. Ela bateu-me com a porta na cara que eu que fosse lá cima à Espaço que tinha metade da chaminé. Já foi lá a polícia, desculpando a frase, é curta, é comprida, que ando metida com este, metida com aquele, ando grávida do filho, tenho filho de outro homem, essas coisas. É cada palavrões enormes e junta-se ali e por causa da chaminé e ninguém me arranja.

**I:** Não é boa a relação entre os vizinhos?

**M5:** É tudo bom só que. Eu dava-me bem com ela, nem gosto de andar de casa em casa nem nada, foi por causa da chaminé que isso aconteceu não sei que lhe deu na cabeça para me insultar dessa maneira. (...) O que me admira é ouvir aquilo que eu ouvi, porque nunca lhe fiz mal nenhum e vítima de uma coisa que nunca fiz. Chego a casa e diz... posso falar? "Lá vem a p\*\*\* da velha"

**I:** Então não é assim uma boa relação...

**M5:** Agora não, oh menina por aquilo que ela me está a fazer eu não lhe vou perdoar por me estar a difamar, uma coisa injusta que aquilo foi com ela e com a vizinha que morava onde eu estou a morar, agora eu não, estar a ouvir uma coisa que eu não fiz, nunca fui, nem serei e estar a ouvir aquilo. (...)

**I:** Mas tirando essa relação, relativamente aos outros vizinhos, ao bairro como é que é?

**M5:** Os meus é "boa tarde" e "bom dia" se os conhecer, se não conhecer eu saúdo toda a gente. Em relação ao ambiente cada um mete-se na sua vida. (...) No bairro do Sobreiro não me meto na casa de ninguém, dou-me bem com toda a gente, saúdo, quem não saúda vai com Deus.

**I:** E gosta de viver aqui?

**M5:** Gosto, agora vim para uma casa pequenina para dar cabo de mobília ...não posso dizer que não gosto. Entro ali...o problema é que às vezes ameaçam-me. (...) Eles não me batem porque dizem que eu tenho 79 anos, mas para me provocar não tenho 79 anos. De resto não tenho mais nada a dizer. A cozinha tem um bocado de humidade, não arranjam as janelas, não arranjam as portas nem nada. A gente quer arranjar as coisas, mas também eles não arranjam por fora, não adianta nada a gente não arranjar as casas por dentro.

**I:** E aspetos positivos de viver aqui, coisas boas?

**M5:** Filha coisas boas é como eu disse é andar no sossego, meto-me nos passeios da Câmara, agora estou aqui metida é a coisa boa que eu tenho na minha vida, tenho os filhos, amigos, tenho amigas também e tudo, andei lá em baixo na estação na hidroginástica, mas como tenho ????.

**I:** Aqui está perto de tudo é isso?

**M5:** Estou, graças a Deus. Tenho um ambiente muito bom, tenho filhos bons e vizinhos bons. E ela não é má pessoa, só que...

**I:** É só essa vizinha pronto.

**M5:** Mas custa-me não saber porque motivo.

**I:** Às vezes há coisas que nós não conseguimos entender, é complicado.

**M5:** Mas chama-me tantos nomes, tantos nomes. (...)

**I:** Não pense nisso.

**M5:** Agora de resto tenho aqui tudo aquilo que é preciso, se precisar de alguma coisa também falo, prontos e passamos a vida aqui há 37 anos, a bem dizer fui das primeiras.

**I:** E se tivesse oportunidade saía daqui?

**M5:** Se fosse casa igual. Eu não queria dar mais cabo da minha mobília. A menina se fosse lá... pergunta à Dra. e às meninas [estagiárias], sou eu que faço a minha limpeza na casa e tudo.

**I:** Saía se fosse para uma casa melhor?

**M5:** Se fosse para uma casinha que dissesse assim... a bem dizer a gente em todo o lado há sempre, desculpando o termo, uma ranhosa, só que que desse para por as coisas todas, que eu tenho lá coisas que é tudo recordações.

**I:** Precisa de um cantinho que dê para guardar as suas coisinhas todas.

**M5:** Eu quando fui para ali morar só disse aos meus filhos "pela minha rica saúde vocês não me botais nada fora". A menina vai lá ver tem a cozinha que se pode ver e tenho a casinha tudo mobilado. Tenho bom ambiente, se não fosse essa senhora.

**I:** É um bairro seguro? Não há muitas confusões aqui, sem ser essa com a sua vizinha, no geral?

**M5:** O que se está a passar comigo não sei se há em todos os lados.

**I:** Mas no geral, acha que é um bairro seguro?

**M5:** Acho um bairro seguro, mas nas casas não, porque às vezes é água choca...

**I:** Tem a ver então com as condições da casa, mas em termos de outro tipo de problemas de segurança...



**M5:** Isso aí não sei, o único problema na minha casa é o outro dizer que anda lá um cigano que me quer assaltar, que eu que tenho muito dinheiro, faz aquele eco.

**I:** Tem medo?

**M5:** Tenho, não vou dizer que não tenho, tenho. (...)

**I:** Faz-lhe confusão a etnia cigana aqui no bairro?

**M5:** Há muitas ciganas aí que até vem aí comer e tudo.

**I:** Mas faz-lhe confusão?

**M5:** A mim não, são humanos como eu.

**I:** Nunca teve problemas.

**M5:** Não, eu até morava no alto da Areosa e cheguei a estar muitas vezes junta com eles, são humanos como nós. Vou à feira comprar qualquer coisa, compro a eles, nunca foram malcriados, não vou estar a dizer. Acho que há aí um que mora aí que ele diz que quer assaltar-me.

**I:** Mas não é daqui? Não mora cá?

Não sei, falam nos ciganos e que anda sempre a vigiar a porta.

**(interrupção por precisarem de ocupar a sala)**

**I:** Estávamos a falar da questão da etnia cigana, estava-me a dizer que não tinha nenhum problema com isso.

**M5:** Não tenho não. Eu digo "boa tarde", "bom dia", vou lá comprar coisas aos ciganos, não tenho problemas nenhuns. Olhe tenho mais problemas agora nessa aí, nem sabia o que ela era. Eles são humanos como nós, é bom que ajudemos uns aos outros, porque na nossa raça também há igual. Oh menina também na nossa raça não somos mais do que eles. (...) Eu também tive uma vida muito difícil e para criar os meus filhos que os casei quase todos ao mesmo tempo. Eu pedi dinheiro daquele para fazer uns enxovais dos meus filhos, vendia e tudo, dava um bocadinho, não podia dar naquele mês, falava com a menina. No entanto fiz os enxovalzinhos para os meus filhos, tenho 5 filhos. A outra já ia grávida, a mais velha, eu já tinha o vestidinho pronto eu disse "oh filha vamos então falar com o padre para cancelar o casamento para ela..." e quem emprestou o vestido para o casamento foi a minha nora, porque pronto para comprar roupa para ela para outra coisa de bebé, por causa da barriga. Passei muito e agora graças a Deus, eu disse mesmo à Dra. que não preciso do prato da sopa,

mas ela disse "Não, a Dona A. vai-nos fazer companhia que é muito gosto que eu tenho e tem direito ao almoço", foi quando eu disse que para mim, graças a Deus, para a tigela da sopa que vou juntando, não vou gastando.

**I:** Claro, tem as suas poupanças.

**M5:** Não tenho nada, porque às vezes chego ao fim do ano se for 500euros a cada filho ou presente, conforme estiver... porque eles são meus amigos também.

**I:** Pronto, isso é importante, ter filhos que a ajudem.

**M5:** E gasto na medicação também, não sou daquele que tenho milhares e milhares, não senhora, junto até ao fim do ano 2 ou 3 mil euros.

**I:** Não me precisa de dizer o que tem.

**M5:** Não, mas não interessa, não gosto de ser impostora nessas coisas. Porque ele diz que eu que tenho muito dinheiro...

**I:** Se tivesse mais dinheiro se calhar estava noutro tipo de casa não? (tom de brincadeira)

**M5:** Olhe quando estava aqui a desenrolar um novelo disse assim a Dra. "Agora passamos e vamos falar um desejo" e eu disse "Oh menina o que eu queria era que me saísse dinheiro para pagar a casa dos meus filhos", até foi aqui nesta sala. Outros queriam ver outros países e assim. Eu não sou daquelas que me gabo de ter coisas, eu gosto de ter tudo muito limpinho, aquilo que preciso. O quê dou aos meus filhos no fim do ano, prontos. Agora até fiquei muito contente de ter um convívio aqui com as minhas colegas, elas são muito alegres e ainda hoje andei aqui a dançar com este senhor J. Ele começou ali a dançar e eu "Oh Sr. J. venha dançar comigo". mais de resto não me meto na vida de ninguém. Agora acalmei muito, para mim e lá a menina [a casa] eu oferecia um chazito ou um cafezito ou assim, mandava-a entrar, sentava na salita e menina aceita ou não aceitava, prontos não forçava. Às vezes os jeovás... eu sou católica, mas não vou à igreja, mas rezo a minha oraçãozinha à noite e ao levantar, peço por mim e por todos. Se for preciso alguma coisa eu faço aquilo que posso, prontos, faço a minha vida assim.

**(pausa pelo avançar da hora, a senhora concordou continuarmos a conversa num outro dia, ainda assim acrescentou:)**

**M5:** Porque quem viu a Maia quando veio para aqui morar não é a Maia.

**I:** Não é a Maia?

**M5:** É que prometem e não fazem nada. O nosso bloco, segundo o que eu ouvi dizer, já lá foi a televisão, é águas chocas e tudo e diz que já estão outra vez as entradas. Há aí, desculpando o termo, muitas pessoas porcas, que tem os quartos de banho que são uma vergonha e botam tudo lá para dentro, claro que entopem tudo, mas a gente gostava de arranjar as casinhas e queríamos a parte de fora também arranjadinhas.

**(acordança do dia e hora)**

**9 de abril**

**(revisão da conversa do dia 5 de abril)**

**I:** Nós vimos a questão dos ciganos aqui...

**M5:** Eu disse à menina que os ciganos são humanos como nós. foi quando eu disse que tenho um vizinho, que não é cigano, e são ?? de língua e acusam pessoas inocentes.

**I:** O que me está a dizer que não importa se é cigano ou não cigano, porque se as coisas tiverem que acontecer acontecem com todas as raças, fio a palavra até que usou.

**M5:** Foi o que eu disse à menina. tenho um vizinho de baixo de mim que não são ciganos, aquilo por uma coisa inocente que não sei o que foi, insultou do piorio, que eu ando grávida do filho, que tenho um filho de outro homem que já foi meu vizinho. E por causa de uma chaminé que não sei o que foi... Agora não vou dizer que os ciganos são assim, são humanos como nós, é bom que ajudemos uns aos outros. Podem ser mais desarrumados, as crianças deixam isto, deixam aquilo, é natural, mas também há pessoas que deixam tudo em qualquer lado, depende da compreensão. O que tem o ambiente aqui é que está a Maia muito abandonada, quem a viu e quem a vê. Os blocos estão todos estragados, está com umas frinchas por fora, não sei se a menina viu. Nunca tive humidade naquela casa e agora tenho humidade onde durmo. As escadas, desculpando o termo, está ???, precisavam de ser arranjadas, que era ideia que eu tinha. Tem a cave que dá impressão, tem um grande buraco ao fundo da cave que pedi ao Sr. Eng. que nunca mais veio cá, andei atrás dele. Andaram lá com a televisão e tudo por causa da água choca que é o cúmulo disso, bem sei que há pessoas que não tem cuidado a botar as coisas todas para a sanita, que infelizmente vê-se muito, não é? O cuidado temos que ter nós e limpeza somos nós por dentro. temos de estimar por dentro, mas eles também têm de estimar a parte de fora, que aquilo está muito abandonado. para quê que a gente quer as pessoas que mandam nisto e não ligam? Só quando há eleições. Não é só aqui, até em Lisboa, infelizmente. Até chorei quando vi aquela que anda na política, uma rapariga nova, botar os idosos fora da porta e digo-lhe uma coisa, eu se a visse só dizia

assim: "Olhe oh menina desculpa também gostava que lhe botasse os seus pais fora da porta? É justo?". Não é justo isso, o mundo da maneira que está. Agora aqui o ambiente nós é que temos de nos meter ao respeito uns com os outros, mais nada. Eles é que deviam ter como chefes engenheiros e lá os procurados que metem estas coisas como os presidentes e tudo dizer assim "pronto metemos os pés ao caminho, vamos pôr as pessoas em condições." De vez em quando uma reunião, que é sempre bom para compreender o ambiente uns dos outros e fazer as coisas à maneira que a gente pode lutar. Agora assim não se vê nada de especial. Vou ao Espaço [Municipal], vou falar com o presidente não há. vou num dia marcado e não atendem, vou às outras pessoas atendem, mas que é que elas podem resolver? Fui também a ver se via lá o Sr. Presidente da Câmara, também ninguém o vê, então onde é que eles estão metidos? Quer dizer se houver alguma coisa perigosa a gente não tem onde se dirigir. Agora é o que estou a dizer o ambiente aqui não é por causa dos ciganos que os ciganos estão nas casinhas deles, se provocam a eles é claro... se me provocarem a mim como é o caso da minha vizinha...eu nunca falei mal na minha vida, já vai fazer quase dois anos e meio. De resto mais nada não tenho razão de queixa. Moro aqui há 37 anos nunca andei à porrada com ninguém, andei na fábrica tantos anos, andei a servir, andei nos gigos da terra a partir cascalho para fazer os passeios e tudo, andei e nunca tive problemas nenhuns, é sempre a rir. Eu não sei se a menina conhece o Dr. O. que andava em Matosinhos e foi quem me operou a cabeça. Acho que eu ia-me por a pé com a cabeça aberta e tudo, depois pus-me a pé que queria ir ao quarto de banho e foram-me buscar a aparadeira para fazer xixi e não era, era impressão e lá fui, botei-a de baixo da cama, parecia uma gata, segundo me dizem, que eu não estava lá muito bem. E estava sempre lá tão bem, eu lá até sou conhecida pela "pobre alegre". Agora o problema pior é aqui a minha vizinha.

**I:** É uma questão que tem que depois ver.

**M5:** Não para, não para palavra de honra. Eu chego a casa e posso lhe dizer uma coisa? Há um ano e tal, que eu nunca na minha vida falei como falei naquele diz. Eu ouvia, ouvia, ouvia, trazia aquilo que já contei à menina, eu respondi-lhe, não sei se ao pai se ao filho, são quatro, a filha não mora lá, mora logo ao correr, não é pegado ao meu mas é logo a seguir, e disse-lhe "Olha..." a menina não me tome a mal o que vou dizer, disse-lhe "Olha vais me ouvir uma coisa que te vou dizer..." e pedi ao meu Deus que me perdoasse... "Vais para a Via Norte, dás na traseira que depois metem-te na boa, ouviste seu porco? Que é para tu saberes." Agora anda furioso. "Ai gostas de provocar e não gostas de ouvir?" Olhe chorei tanto, tive que ir ao médico outra vez urgente.

**I:** Ficou muito nervosa.

**M5:** E estou envergonhada.

**I:** Olhe deixe lá, não se preocupe com isso.

**M5:** Mas envergonha-me isto e agora todos os dias "vem a vaca" é ela, é o marido, é sempre a mesma coisa. (...)

**I:** A senhora pode ter algum problema associado sabe e nós não sabemos, portanto...

(...)

**I:** Passando agora um bocadinho para o exterior do bairro, qual acha que é a opinião das pessoas que moram fora do bairro acerca do Bairro do Sobreiro?

**M5:** É o como eu digo menina, para mim é que o bairro é como outro sítio qualquer.

**I:** Mas acha que as pessoas que não vivem aqui pensam bem do bairro? Não é os moradores, quem vive de fora.

**M5:** Eu não sei, também tenho me dado bem com as pessoas também não falo... Uns são malcriados outros são coiso, isso tanto faz...

**I:** Nunca ouviu nenhum comentário quando diz que mora aqui a outras pessoas?

**M5:** Não, não, eles já sabem que em todo o lado há coisas de mal. Pelo menos não posso estar a mentir de uma coisa que não ouço e tenho me dado com muitas pessoas fora do bairro e tudo. Vou aos passeiozitos, aqueles passeios baratitos que é um casal que diz "Dona A. não quer ir a um passeiozito?" e eu vou e venho, vou ao passeio da Câmara, o ano passado fui ao passeio da Junta com pessoas, andei a dançar com deficientes e tudo. Não posso dizer... há alguns que dizem "Ai eu não morava no Bairro do Sobreiro!", pelo ambiente que ouvem, mandam aquelas bocas. Mas em qualquer sítio há uma ranhosa ou um ranhoso, desculpando o termo.

**I:** Acha que as pessoas têm uma ideia de que aqui as coisas não funcionam muito bem?

**M5:** Aqui o ambiente que a gente vê é os coisos dos blocos estarem deseparado como aquele...

**I:** Tem aspeto feito é isso?

**M5:** Arranjaram este ano... este ano arranjaram aquele lá em cima, tem outro todo esburacado... O meu bloco estava muito jeitoso, até foi melhor do que o que eu estava,

segundo ouço dizer, que este bloco onde eu estou a morar que é o pior que lá está. É o que mete aspeto fraco, a gente entra ali e dá má impressão, porque a gente tem as coisas... a menina lá não foi, mas as meninas já foram lá e eu com 79 ano, graças a Deus, pode-se ver cozinha e tudo. Impressiona porque as escadas... quando eu fui para lá disse-lhe... há lá uma senhora que lava as escadas, eu disse: "Se houver qualquer problema uma reunião com todos é bom, quem moramos aqui somos nós. Agora se eles arranjassem a parte de fora e as caves, nós depois tínhamos outro ambiente por dentro. Aconteceu isto, pronto.

**I:** Então acha que o aspeto que ele tem é que faz com que as pessoas não gostem muito daqui.

**M5:** É... o Porto também está na mesma, a gente vai para o porto vê, em todo o lado, infelizmente, mas a gente onde mora sente mais, não é? Mas de resto...

**I:** Sente-se triste quando ouve assim esses comentários.

**M5:** Sinto, sinto e digo e disse "Eu não tenho vergonha de morar no Bairro do Sobreiro" é isso que eu digo. Uma vez calhei de precisar de uma televisão que a minha era preta e branca, tinha comprado no Alto da Maia... eu ajuntei o enxoval dos meus filhos todos aos bocadinhos...

**I:** A senhora disse-me.

**M5:** Então fui lá à Maia, comprei a televisão também, fui à ali à beira dos chineses, em frente ao fórum. Fui lá era a N. e disse-lhe que queria uma televisão... precisava de um frigorífico e de um fogão, mas para as crianças... Então ele disse: "Onde é que a senhora mora?" e eu disse "Eu moro no Bairro do Sobreiro" e então ele ficou... mas eu disse "Olhe eu moro no Bairro do Sobreiro, mas eu dou um bocadinho por mês, quando puder dar mais dou, quando não puder dou a mesma coisa. "Ai não sei quê, não sei quê...", "Prontos, meu senhor, você fica com o material e eu fico com o dinheiro".

**I:** Mas acha que ele não facilitou porque a senhora morava aqui?

**M5:** Eu ia a sair, depois ao tempo que eu ia a sair diz ele "Oh Dona A. venha cá se faz favor", "Se é para me fazer isso com pena ou por esmola não quero, eu venho aqui é para pagar, eu fui sincera, eu queria levar, mas a pagar um bocado por mês.". Diz ele "Leva o que quiser" e diz assim a N., que eu conhecia porque a irmã dela vendia máquinas de costura também lá em baixo e eu comprei uma máquina de costura para a minha filha para a ajudar na costura que eu aprendi no corte e cose, e então ela veio dizer "Então e o frigorífico e a máquina? Leve as coisitas" e eu então levei as três coisas. Ficou todo contente. Há meses que com a

medicação a gente gasta mais. Quando vou falar aquilo que quero é aquilo que eu digo, se puder pagar pago, se não puder digo logo. E cumpro todo o pagamento e graças a Deus tenho ??? em todo lado.

**I:** Mas então o senhor ao início ficou "naquela", porque você era daqui, mas pronto...

**M5:** É isso que ouvi essa bronca, quando disse que morava no Bairro do Sobreiro...

**I:** Ele ficou desconfiado, não queria muito bem aceitar isso, pronto.

**M5:** Mas depois lá consentiu isso. Lá o Sr. F também entregava o gás e tudo e assim começamos a ter conhecimentos num lado e noutro...

**I:** E as pessoas começaram a conhecer e viam que não havia problema nenhum em confiar é isso?

**M5:** Sou mesmo assim, gosto de ser sincera, se uma pessoa pode pode, e ele respondeu-me assim " E quanto é que a senhora me pode dar", eu disse "os Sr. S vocês vai-me desculpar, você deve compreender a situação, eu tenho 5 filhos, é por isso que eu tenho que dar aos bocados, que estou a fazer o enxoval aos bocados também para eles, aquilo que puder dar mais acabo mais depressa, se puder dar menos um mês ou assim...", "Vá descansada." Assim fiquei.

**I:** Quem acha que poderia ajudar ou que se poderia fazer para diminuir estes pensamentos menos bons que as pessoas de fora tem daqui?

**M5:** Oh joia o que eu acho que fazia é como estão agora a fazer aqui aos ciganos. Equilibrar o ambiente de desviar de arrumações e assim... O ambiente... deviam dar conselhos, de vez em quando uma reunião a aconselhar este e aquele e depois aqueles que falam e que estão nisso e nós respondermos às perguntas.

**I:** Ou seja, reuniões com os moradores para ajudar a resolver problemas, encontrar soluções. Sim, o ambiente como fizeram acolá com aquela horta e o ambiente de contacto para dizer assim "Passa-se isto assim, isso é mal feito, tendes de vos entender uns com os outros" e compreender o ambiente o que tem de bom e o que tem de mau.

**I:** E ajudá-los a melhorar. E acha que isso depois ia acabar por transmitir uma imagem diferente para fora.

**M5:** Até há sítios em que fazem isso, mas muitos não querem aceitar. Há muitos que não aparecem, mas no meu ver comunicar uns com os outros... alguns passam por nós e são uns desconhecidos, há outros que dão aquelas bocas que a mim não me interessa.

**I:** Mas você passa pelos seus vizinhos e cumprimenta?

**M5:** A toda a gente, olhe ainda agora cheguei dei um beijo ao Sr. M. e um beijo ao Sr. J e digo boa tarde a toda a gente e bom dia e se vir uma criança a cair eu vou ter com eles, se vir uma pessoa que precisa de alguma coisa ...

**I:** Mesmo que não seja uma pessoa muito próxima?

**M5:** Eu apresento-me. Dentro de casa não estou parada, a casa dos outros não vou, só se a pessoa precisar, ajudar, se estiver doente ou assim. Já disse à minha vizinha de cima que tem o marido também e eu disse "Oh Dona A. se precisar de alguma coisa toca-me à campainha."

**I:** É viúva a senhora?

**M5:** Não, ela tem marido, mas está acamado. E a senhora que mora por baixo também tem o marido que está mais no hospital do que em casa, eu até disse que tivesse vergonha<sup>25</sup>, que tem o marido acamado, mas até disse que se precisasse de alguma coisa, se for preciso uma pessoa está dentro de casa todos os dias, precisamos uns dos outros, prontos.

**I:** Faz-se o que se pode, não é?

**M5:** Ainda ontem ou antes de ontem, ela ia a subir as escadas também anda de todo, eu ia a sair da minha, ela já estava a chegar à minha, eu peguei no carrinho, aqueles carrinhos de quatro rodas e ela "Oh Sra. A. não pode, você ainda é mais velha do que eu", eu disse "então pega na parte de trás que eu levo-a parte da frente" e levei até à porta dela. Às vezes vem a descer aquelas escadas e eu ajudei a descer e a trazer o carro e tenho 79 anos. É o que eu digo, nós podemos sofrer, mas dar a força que é precisa, porque se a gente "Ai a mim também me dói", não vamos a banda nenhuma. Temos que rir.

**I:** Isso acontece mais em cada bloco, porque depois quem mora num bloco não tem tanto contacto com as pessoas que moram noutro bloco, não é?

**M5:** Sim. Eu tenho uma pessoa que lava as escadas que mora pegada ao meu mesmo.

**I:** Mas, por exemplo, o bairro é grande, se calhar as pessoas que moram aqui em cima, não conhecem tao bem as pessoas que moram ali, não é?

---

<sup>25</sup> Devido ao desentendimento entre elas, referido anteriormente



**M5:** Eu tenho uma que mora nesse correr do meu, já fui ao passeio com ela, tenho uma que mora em frente ao 61 que também tenho falado com elas.

**I:** Vai conhecendo por causa dos passeios.

**M5:** Não, não... não é só de passeios, eu se for num autocarro as pessoas começam a falar para mim e eu não viro a cara, eu falo com eles, até juventude. eu não viro a cara a ninguém. Se a menina me conhecer, ainda me está a conhecer, toda a gente conhece a pobre alegre, eu gosto de me rir, gosto de conviver.

**I:** É a sua personalidade, gosta de falar, gosta de cumprimentar.

**M5:** Eu se vir uma coisa que esteja a prejudicar a outra eu digo "Olhe tenha calma, que não é assim que se fala que está a ofender a pessoa", não é nada comigo, mas é como se fosse, também se fosse comigo gostava que me viessem acudir. Às vezes há mau ambiente sem nada, estão a fazer aquilo e estão acompanhados e se puser ali um ambiente em condições melhor. é como na praia... aqui podia estar mais limpo, se tivesse limpeza, porque ali tem muitas coisas do lixo para botar. É tudo para o meio da erva, tudo para o mar, tudo no meio da areia, a gente vai a andar e começa aquelas latas a espetar os pés, é uma badalhoquice, e diz que os outros é que são porcos. É como nos quartos de banho, é assim que se faz? Não é. Às vezes dizem que devia estar calada, mas a mim custa-me ver isso. Ainda ali no continente fui ao quarto de banho, a senhora ia a sair e eu a entrar e eu "Olhe oh menina venha cá se faz favor" "Ah não fui que entrei" "tão foi a menina que saiu agora daqui que aqueles estão ocupados, faz favor de ver o que fez. É assim que faz em sua casa?". Depois pediu-me desculpa. Pah se a gente não vai fazer isso, se tiver um bocadinho de consciência, como às vezes me podem chamar a mim "Eh pah és uma rabugenta", não me interessa, porque sei que sou, mas costuma certas coisas que me enervam. É isso e fazer pouco das crianças. Quando vejo uma criança brrrrr "Calma, cumprimentai uns aos outros", é o meu feitio. O que tiver a dizer digo na cara das pessoas, prontos. Se for pedir qualquer coisa também... vou naquela caminhada por onde passava o comboio, ali quem vai por trás do jardim zoológico, fizeram ali uma coisa para a gente caminhar.

**I:** Ai fizeram? Não conheço.

**M5:** É, onde era a estação estão a fazer um restaurante e um café, café-restaurante, é assim qualquer coisa e dou-me bem com toda a gente. Tem lá uns senhores que já me deram umas laranjas. Eu ia com a que me lava as escadas e outra que mora ali ao pé da polícia, ele de cima a atirar e nós a amparar e reparti com elas.

**I:** É o seu feitio, espero que continue...

**M5:** A menina se visse a minha mãe, 2horas da manhã no S. João "A tua mãe está aqui na Avenida dos Aliados"... Aquelas cantigas do S. João dantes eram picantes.

**I:** A pegarem-se umas com as outras, não é?

**M5:** Não, a cantar naqueles jardins nos estudantes, iam buscar café e pão tudo, era muito caralheira também, para lavar e tudo, matar uma galinha ou qualquer coisa, eu arrumo casa, eu não gosto de estar parada em qualquer sítio. Gosto de ajudar ou varrer ou limpar quartos de banho ou qualquer coisa, não me interessava, com 79 anos olhar por uma criança ou por uma senhora que precise ou qualquer coisa, eu falei a uma doutora, eu falei se me arranjava um sítio. Eu não queria ganhar, queria-me entreter.

**I:** Pois, já está, está aqui.

**M5:** Era isso eu ia dizer. Não posso dizer que estou rica, mas também não vou gastar o dinheiro da reforma. deixo sempre ficar um bocadinho, porque a gente às vezes com a medicação gasta-se mais do que aquilo que...

**I:** Sim isso, de vez em quando surge ali qualquer coisa que a gente tem de investir e tem de ser, temos de estar prevenidos com as nossas poupançazinhas.

**M5:** Tenho medicação que a caixa não paga, pago eu. Olhe perdi a minha aliança na sexta-feira quando fui à caixa sem saber como ela saiu.

**I:** Passe por lá depois quando puder pode ser que tenham encontrado.

**M5:** Não, da maneira que foi, se calhar foi por causa do guarda-chuva. Aos anos... agora podem dizer que eu que sou viúva.

**I:** Mas pergunte que pode ter aparecido.

**M5:** É assim minha filha.

**I:** Para terminar então, queria que me completasse a frase: O Bairro do Sobreiro para mim é...

**M5:** Para mim é bom, porque estou numa casa em condições, as casas são jeitosas, não se pode dizer o contrário, são jeitosas. Se a pessoa tem a casa por dentro desarranjada isso é com elas, mas para mim é uma cas como outra qualquer. O ambiente somos nós que o fazemos, como àquela minha vizinha de baixo me está a estragar a minha situação, mas não me interessa estar lá a viver, é uma casa como as outras. Tem é que ter mais consideração, a

coisa das fossas e já chamaram a televisão lá e tudo, é evitar essas coisas. É como eu digo, ver estes ambiente e isso para a gente também ter as coisas como deve ser dentro de casa, que se tiver humidade por fora a entrar...

**I:** Faz falta as obras, não é?

**M5:** É isso.

**I:** Olhe muito obrigada.

**18 de abril de 2018**

**Observações:** Sexo feminino; 62 anos; 5ºano; reformada; vive sozinha

**Local:** Centro Comunitário (GIP)

**Investigadora (I)**

**Moradora 6 (M6)**

**I:** Há quanto tempo é que está cá a morar no bairro?

**M6:** Desde 1983.

**I:** 35 anos, foi o que tínhamos visto, não foi?

**M6:** Foi o que as meninas disseram.

**I:** Onde morava antes? Morava em algum bairro de habitação social também?

**M6:** Não, eu vivi em Pedrouços e quando trabalhei no Hospital de S. João inscrevi-me para vir para aqui para o Bairro do Sobreiro.

**I:** E como foi essa mudança?

**M6:** Eu gosto de estar aqui não tenho problemas com ninguém, graças a Deus, não tenho. A gente se se meter na nossa vida e não interessar a vida dos outros a nós não nos importa, né? Não temos problemas.

**I:** Na altura porque é que se decidiu mudar para aqui?

**M6:** Porque não tinha condições. Eu vivia na minha falecida mãe num quartinho com a minha filha pequenina e o meu falecido homem, aquilo era ratos por cima de nós e tudo. Pedi uma casinha, foi no tempo do Dr. Vieira de Carvalho e falei, não tinha coisa, porque o meu marido também era muito doente, morreu depois também com um tumor, morreu no Hospital de S. João, tinha bronquite, tinha tudo e a gente veio para aqui.

**I:** À procura de melhores condições.

**M6:** Claro que a gente não tinha condições, eu vivia na minha falecida mãe num quartinho muito pequenino onde dormia eu, a minha filha, que era pequenita, a minha filha veio aqui fazer 7 aninhos.

**I:** Quando veio para cá?

**M6:** Sim.

**I:** E então como é viver aqui no bairro? Quais são os aspetos positivos e os aspetos menos positivos?

**M6:** Eu não lhe posso dizer assim isto é em todo lado, tem coisas boas, tem coisas más, como acabei... há muita coisa que prontos... se se der ao nosso respeito e meter-se na nossa vida e não querer saber, ou que veja isto ou que veja aquilo não é nada connosco, seguimos o nosso caminho e não temos nada a ver com isso, não é menina? Você se não quiser... Eu graças a Deus nunca tive aqui problemas no bairro. A gente tem que se meter na nossa vida e não haver chatices com ninguém.

**I:** Mas disse-me que gostava de morar cá, então a minha pergunta é porque é que gosta de morar cá?

**M6:** Gosto, já vivo aqui há muito tempo, gosto, não tenho que dizer de ninguém, temos gente que gosta de nós, temos outras que não gostam de nós, não é? Há de tudo, infelizmente aqui.

**I:** É boa a relação com os vizinhos ou nem por isso?

**M6:** Eu não tenho problemas com vizinhos nenhuns, além de... tive uma vez aqui um problema há anos, que eu punha a música alta ou qualquer coisa e fizeram queixa, mas não fazem queixa das coisas que há em casa delas, entende? É que as pessoas só olham para a casa dos outros, mas não olham para a casa delas, mas nunca ouviu dizer que Deus não dorme? Aquilo que falam aos outros que a gente diz "Casa ralhada não é governada" e muitas vezes discutia-se e as pessoas punham-se a ouvir o que se passa na casa dos outros para estar a enxovalhar, a dizer aquilo que é, aquilo que não é e prontos... Tive um problema que me aconteceu quando fiquei viúva e prontos, mas nunca tive nada de problemas e depois tive lá uma vizinha, que prontos menina eu nem quero contar, quero guardar para mim, está a entender? E tive um deslize através de uma colega que trabalhava no hospital e ela começou a dizer que eu andava metida com o homem dela, está a entender? E houve chatices no princípio, mas eu ainda tenho mais vergonha, porque quando ela quer, eu eu... mas como eu não sei o que é rancor nem vivo com o mal dela, porque se a gente fosse a dizer o que se passa, mas vida de cada um é de cada um e ela enxovalhou-me, andou-me aí a enxovalhar e as pessoas não se acreditavam, diziam que era mentira, está a entender? E ela tentou-me prejudicar, pois ela volta e meia já há bastante tempo e tudo, chega-me ali bate-me à campainha... eu ainda me sinto com mais vergonha do que ela, está a entender? E se puder

dar... Há pessoas que é assim à sua beira dizem uma coisa, por trás dizem outra, aquelas pessoas que vivem de hipocrisia, mas sabem viver e dizem mentiras e prontos e adiante. Eu não sou ninguém para julgar ninguém, Deus é que é para julgar as pessoas está a entender? Eu não digo, só digo que a gente em antes era no outro mundo que se via, mas agora vê-se neste e a gente vê as coisas a pagarem-se dentro de casa delas. Foi o único problema que eu tive de resto nunca tive problemas aqui com vizinhos nenhuns, podem perguntar ali, até dizem que é uma joia de rapariga, não faz mais porque não pode. Você pode-me fazer muito mal, mas se eu a vir ali ou se me vier bater à porta eu não tenho coragem de lhe bater a porta. Até sou boa demais, até abusam de mim, às vezes, sou capaz de me prejudicar a mim para ajudar os outros, entende? Mas paciência.

**I:** Mas sente que há entreaajuda, por exemplo, se precisar tem quem a ajude?

**M6:** Pois o problema é esse, eu se tiver 10 euros no bolso, que é isso que eu já prejudiquei a minha vida com as penas, eu se tiver eu não tenho coragem de dizer que não, sou capaz de lhes dar a si e ficar sem nada para mim e às vezes a gente quer um euro para pão e não o tem. Já prejudiquei a minha vida por ser boa demais para muita gente.

**M6:** Então sente que não é recíproco, ou seja, você ajuda muito, mas depois não tem quem a ajude depois?

**I:** Tenho uma senhora muito minha amiga aqui na minha torre, que é uma senhora que merece muito respeito por mim e todas. E muita gente a gente não conta a nossa vida a ninguém, mas é muito minha amiga, está sempre preocupada se eu tenho o que comer, porque eu prejudiquei a minha vida por causa de ter pena de muita gente, fui fiadora, está a entender? Eu já prejudiquei a minha vida, muito e trabalhava e prontos e chegava ao fim ao cabo para pagar aquilo que nem comi e bebi. As telhas encobrem muito, é por isso que eu lhe digo menina, de resto olhe agora vivo... é muito minha amiga se eu disser "olhe preciso disto ou aquilo" 20, 30, 40 ou 50, está sempre ali, tem gente muito minha amiga, graças a Deus. A menina de certeza que não agrada a todos, a menina sabe que não agrada, há quem goste de si, há quem não goste, mas o que conta é aquilo que a menina é, o que os outros pensam não devia-lhe dizer nada, certo? E só para a julgar é Deus, porque eu à beira da menina posso dizer uma coisa e por trás "Ela é isto, ela é aquilo..." e vem "Oh amor, oh isto...", sabe é hipocrisia. Mas mais vale um amigo, mas que seja daqui, porque um amigo vê-se na hora da verdade. A menina é muito minha amiga se me der um conselho, mas que venha do coração, que você já é minha amiga, não é por me dar isto ou aquilo que pode ser

minha amiga, está a entender? Mas se vier daqui de dentro, do seu coração, a sua amizade, a sua pureza já é uma grande minha amiga, eu considero isso, entende menina? Por isso eu tenho quem me queira bem, tenho quem me queira mal, tenho pessoas que eu sei, mas entrego [a Deus]...

**I:** Acha que é por ser um meio pequeno?

**M6:** Não sei, não sei amor. Muita gente até diz assim "Ai oh Dona P. nunca posso esquecer aquilo que você me fez no hospital, você ajudou-me, você isto, você aquilo..." Já tive aqui pessoas que diziam... já passei por ser alcoólica, que eu guardo para mim, já passei por ser drogada, coisa que eu nem sei o que é isso, entende? Que eu nem sei o que é isso, olhe sei lá... Quando eu fui fazer as minhas análises à Doutora eu disse "Oh Doutora sabe que me disseram isto assim, assim", diz ela "Você não ligue, porque as análises acusam o alcoolismo..." e uma pessoa que esteja habituada a beber logo de manhã começa a tremer, a suar e ela disse assim "Não ligue, não ligue" e eu disse "Mas dói, mas dói" Aquilo que elas são é aquilo que julgam os outros e isso dói menina, está a entender? E eu disse "Não importa" e porquê? Porque eu uma vez, das coisas de chatices e não sei quê, olhe porque em primeiro lugar menina, eu se fosse uma pessoa alcoólica ou isto ou aquilo eu não saía de uma noite de 12 horas de trabalhar e tomava conta dos meus netos. Uma pessoa alcoólica nem tem coiso para fazer de comer, para fazer isto, para fazer aquilo, para fazer aqueloutro. Fui eu praticamente que os criei, está a entender menina? Há coisas que dói muito e eu sou uma pessoa muito cismática e às vezes digo assim "Filha da mãe a gente precisava..." quantas vezes eu digo assim para mim e para Deus "O bom é sempre, desculpando o termo, é sempre o filho da p\*\*\*, o mau parece que tudo lhes acontece do bom e do melhor e isto e aquilo". Sofro muito para mim em muitas coisas, pois vou, tenho os meus problemas como a menina tem, vê-se aí pessoas que não tem respeito por ninguém, nem isto e aquilo, essas são as boas, uma mulher que é séria, que convive dentro de casa, uma mulher que não anda aí... olhe paciência. Paciência, paciência menina! Eu não me importo do que... Olhe dizer-me assim "Olhe é ladra" "É prostituta", isso ninguém diz "É aquilo é aqueloutro" não, podem ir à outra que puderem ir a minha casa, a minha porta está aberta, tenho... luto para a minha vida, se me apetecer como, se não me apetecer não como, se me apetecer isto... Olhe entende? Sou uma pessoa que me meto na minha vida, a vida dos outros não me interessa, aquilo que aquela faz, aquilo que aquele diz, ou que aquela que é aqueloutro a mim não me interessa, interessa-me a mim que já tenho muito que olhar. De resto meu anjo é isto.

**I:** O que mudaria aqui no bairro?

**M6:** Olha se se respeitassem muito uns aos outros e não se metessem muito na vida uns dos outros.

**I:** Mas o que é que acha que se poderia fazer para haver esse respeito?

**M6:** Sei lá olhe amor muita gente diz, que se aqui o café daqui fechasse que isto que não havia tanta coisa aqui, tanta zaragata de drogas e isto e aquilo e aqueloutro.

**I:** Ou seja, existe a droga aqui...

**M6:** Entende? Volta e meia, olhe ainda foi faz amanhã oito dias que veio duas carrinhas cheias de polícia, arrombarem as portas, entrarem por lá dentro...

**I:** Uma rusga?

**M6:** Foi rusga. Veio de Matosinhos ou não sei quê. Já houve na minha torre, também já houve, eu estava sozinha e de manhã cedo começou "Puuuum" a porta... E eu vi que era da minha vizinha do lado, partiram a porta, foi uns poucos aqui, mas oh santa o que é que eu tenho a ver com isso? Não tenho nada a ver com isso, muitos dizem que o café que havia de fechar que aquilo que é uma pouca-vergonha aqui no café, vão sempre as mesmas de manhã até à noite, podem não ter para comer, mas é de manhã até à noite. Estão ali não estão a falar da vida delas é dos outros, olhe não sei amor, se é o que ouço? Ouço! Se é o que eu vejo a mim não me aquece nem me arrefece, não me afeta. É bom dia e boa tarde e casa. Se tiver de ir à Maia buscar alguma coisa vou, se tiver de ir pagar algumas coisinhas vou, de resto...

**I:** Mas se tivesse oportunidade saía daqui?

**M6:** Não, não saía daqui, não, não saía, porque eu tenho coisa na minha casa.

**I:** Tem gosto?

**M6:** Tenho gosto na minha casa, nunca chamei a Câmara ou isto para me fazer isto ou aquilo ou aqueloutro, o que eu quero é ter a minha renda em dia e tudo, mas eu daqui não saía, saio quando for para o cemitério de Vermoim.

**I:** (Risos) Esperemos que não tão cedo ainda.

**M6:** Pronto, não é? Mas é, eu daqui não saía, porque eu tanto me dá que vá para ali ou para acolá, filha não vou sair agora daqui para ir para ali ou para acolá, não, a minha casinha não deixo. Já estou habituada e respeito, não tenho nada a ver com a vida dos outros, meto-me na minha vida e os outros a mim não me aquece. O bairro a mim não me faz mal.

**I:** Não gostava que fosse diferente esta relação com os moradores?



**M6:** Claro então, a menina se tiver bem a menina também não fica bem? A gente... Se a menina estiver bem ou se vir um bom ambiente, é quase a mesma coisa que dizem "Ah aqui o café... há cafés aí com grandes coisas e são fechados e aqui que condições? Droga lá dentro, fumam..." se fumam não sei não paro lá dentro. "Ei uma casa de banho onde vai praticamente ciganos, é tudo ali, é fumar e aquilo é pequenino, tudo um cubículo".

**I:** Nunca viu tráfico de droga, nada aqui?

**M6:** E se visse eu não dizia nada amor! Tenho olhos e não vejo, boca e não falo e ouvidos e não ouço! Eu às 5h30 já estou cá em baixo.

**I:** Tão cedo?

**M6:** Venho com a cadelinha, às vezes, porque foi dos turnos de eu fazer, mas também às 20h30 ou 21h já estou a dormir.

**I:** Acorda cedo, mas também deita-se cedo.

**M6:** Por exemplo, esta miúda que ainda agora me ligou "Olhe quer vir ali à festa?" a mim não me dá para sair de casa, não me dá, quantas vezes tenho convívios para eu ir ali ou acolá "Venha, distrai-se, gosto de si que você é muito popular", mas eu não me dá e então ainda tenho a bicha ainda é pior.

**I:** É o seu feitio também, não é?

**M6:** É, não me dá, prontos, não me dá para sair, não me dá para ali nem me dá para acolá. Eu sou é casa, logo de manhã cedo levanto-me as 5h30, às 5h00 estou acordada, levanto-me às 5h30, venho cá para baixo até às 6h, trago a bichinha, olhe graças a Deus, nunca me fizeram mal, nem nunca me faltaram ao respeito.

**I:** Sente-se segura aqui? Acha que é um bairro seguro?

**M6:** Eu... se vieram da noite, se estão a fazer isto ou aquilo eu passo e ando, não tenho... nem que visse ali a assaltar eu não dizia nada, sabe porquê? Olhe eu não dizia nada, porque para quê? Para amanhã ou depois nos tirarem a tosse? Não, a gente tem olhos e não vê, boca e não fala e ouvidos e não ouve, entende? Tem de ser assim menina.

**I:** Já agora que falou também na questão dos ciganos, como é que vê esta presença dos ciganos aqui no bairro?

**M6:** Eu não tenho que dizer dos daqui, nunca me ofenderam, nunca tive que dizer de nenhum, nenhum, nenhum, nenhum. Eu era mentirosa se dissesse. Respeitam-me, tanto a G.

como o Sr. A. como as filhas, nunca tive de dizer de ninguém, não lhe vou dizer uma coisa que nunca me ofenderam, nunca me faltaram ao respeito. Vêm ciganos que vêm de outro lado, mas olhe que às vezes há aqui pessoas da nossa raça pior do que os ciganos, está bem filha? Há aqui pessoas que não são ciganas, mas são piores do que os ciganos. Olhe nunca se meteram comigo, via-os muitas vezes de noite, até tinha aqui uns ciganos que dormiam aí...

**I:** Isto é mesmo uma pergunta provocatória atenção...

**M6:** Eu não lhe vou dizer aquilo que nunca me ofenderam.

**I:** Claro, exatamente.

**M6:** Nunca me roubaram nada, nunca me fizeram mal, de manhã cedo ando aí. Uma vez assustei-me, sim senhora, porque tinha um carro ali parado eu até tinha aqui uns ciganos que dormiam, mas esses foram presos... a mim nunca me faltaram ao respeito, não tenho que dizer de cigano nenhum, nenhum! Eu tenho de ser positiva e estou a dizer à menina que há raça...coisa da nossa raça pior do que os ciganos, está bem? Por isso minha filhinha não vou dizer aquilo de dizer que os ciganos... eles são uns seres humanos como nós, nunca foram malcriados para mim, nunca me ofenderam, a ninguém, não vou dizer "Ai os ciganos, tenho medo dos ciganos" que não é verdade. Vivo aqui há 35 anos nunca tive ninguém de ciganos ou isto ou aquilo. A G. é uma joia de mocita, tanto o T. e tudo, nunca me ofenderam, nunca, nunca, não posso dizer o que não é. Passo, ando e lido com eles, às vezes até está ali a cigana a vender à porta da loja dos 300 e tudo "Olhe oh P. fique-me com uma camisolinha ou assim que eu quero fazer o comer" e eu até lhe ajudo, ela até me faz um bocadinho barato. Vivo aqui há 35 anos nunca tive problema com ninguém, com ninguém, meto-me na minha vida, foi à conclusão de eu dizer à menina que tive esse problema só, isto aos anos e sei de fonte limpa, que já me disseram a mim que a mim não me prejudicaram, porque não coisa, mas Deus não dorme. A menina se quiser ir comigo ao hospital ou assim tenho lá colegas que elas dizem assim "Olha não é como no nosso tempo, eramos amigas umas das outras, eramos sinceras, agora é meio mundo a lixarem-se uns aos outros e chegam ali e vão fazer queixa para a Renovarum", ali ao município. Foram fazer queixa por uma senhora que tem lá o filho que ficou sem a casita, foi penhorada, uma casa ali à beira da PSP, veja lá que tanta gente tem aqui pessoas a viver e adiante e a mulher por o ter ali foram logo fazer queixa da senhora, entende? E elas aqui, muitas têm... as filhas arranjam um homem, um namoro metam agora um, estão ali a receberem dinheiro... e ninguém faz queixa porquê? Para umas tem olhos e

para outros não têm. A menina vive com o meu mal? Eu não vivo com o seu, mas há mais quem viva com o nosso mal do que o bem, está a entender menina? A menina não me conhece, eu sou muito revoltada, acredite sou muito revoltada, porque vemos as pessoas a fazerem só mal umas às outras e não dizerem assim "O que é que eu ganho fazer queixa daquela pessoa ou o que ganho por viver com o mal daquela pessoa?" A menina ganha alguma coisa em estar a prejudicar a vida daquela ou da outra? Não. Dentro da porta daquela pessoa que me interessa? Não é na minha, não tenho nada a ver com os outros. Tenho a ver com a minha vida, entende menina? É por isso que eu digo, não gosto de ver as pessoas ali a tramarem-se umas às outras, viver com "vou prejudicar aquela!" "olha o que meteu em casa e agora fez isto!", mas isso interessa a alguém? A ninguém, minha santa!

**I:** Nós aqui no bairro temos o Centro Comunitário, também existe uma Associação de Moradores, o que pensa sobre essas entidades e sobre a intervenção delas no bairro? Acha que são importantes? Conhece ou não conhece?

**M6:** Eu nunca fui ter com eles para nada, sei que eles fazem parte da Associação de Moradores, a mim nunca me fizeram nada, nem nunca precisei deles para nada graças a Deus, o diabo seja surdo e mudo, até hoje!

**I:** Mas a Associação de Moradores pode ser para outras coisas, pode dinamizar o bairro.

**M6:** Oh mor há aqui pessoas, que é o que dizem, não sei se é verdade ou se é mentira, Deus que lhe responda que eu não posso responder, há casas aí que precisam disto ou daquilo, vão logo arranjar, outras pessoas querem arranjar uma persiana ou quem fazer isto...

**I:** Também tem a ver com a Câmara...

**M6:** Pois tem e para uns vai logo e tem aqui pessoas que estão ali com as casas todas cheias de humidade e não sei quê, não sei que mais, outras precisam disto e vão logo a correr e para outros não. Daqui do coisa<sup>26</sup> conheço o A. conheço o outro senhor, o...

**I:** M.?

**M6:** O M., conheço o M, o A. o L., o polícia que trabalhou comigo.

**I:** Esse não conheci, mas ouvi falar.

**M6:** Pronto, mas bom dia e boa tarde, de resto não tenho que dizer de nenhum deles, não vou dizer se fazem isto ou aquilo, acho que já ajudaram muitas pessoas aqui, isso já ouvi

---

<sup>26</sup> Refere-se à Associação de Moradores

dizer, tenho a certeza que se um dia eu precisar de uma ajuda que eu também tenho a certeza que eles também faziam tudo por mim, só se não pudessem, mas na graça de Deus foi como já disse à menina, até hoje nunca precisei, está a entender menina? Mas não há ninguém que não queira que lhe deem a mão.

**I:** E aqui o Centro Comunitário?

**M6:** Também não tenho que dizer de ninguém.

**I:** Acha importante?

**M6:** Acho, acho, que ajuda muita gente, não é? Que haviam de ajudar, mas verem quem precisa e quem não precisa, está a entender menina? Agora virem aqui e você ir ali e verem pessoas e pessoas que às vezes... porque é assim, eu não posso fugir ao fisco...

**I:** Aliás nem pode a senhora, nem podemos nós todos.

**M6:** Nós não podemos fugir ao fisco, porque entra tudo ali, está a entender? E há aqui pessoas com grandes possibilidades e têm tudo e mais alguma coisa e são novas que nunca trabalharam, estão com os rendimentos mínimos, estão com isto, vêm buscar despesa, vão para acolá. E foi como uma vez ali na Junta, quando eu fui ali para pedir uma coisa para ir ali à Loja do Cidadão, sabe o que a menina lá me disse? Eu disse "Vês...para umas..." Até estava lá o senhor que costuma conduzir a carrinha, diz ele "Pois é Dona, para uns há tudo, para outros...", diz ela "Olhe filha nem que gaste 1000 euros o que conta é o que ganha, o que gasta não tem nada a ver". E vê-se aí muitas...Isto eu estou-lhe a confessar a si como me confesso a Deus, porque então não têm dinheiro para comer... eu por mim vejo, que eu estou a tentar deixar ficar e deixo basta eu me mentalizar, olhe queimo dinheiro e queimo saúde...

**I:** O tabaco.

**M6:** A gente tem de ser positiva, eu tinha a minha chefe no hospital diz ela "Eu dou-lhe 1kg de rebuçados, deixe o cigarro!". Eu preferia ter um cigarro do que comer acredita? Mas não sou aquela viciada de fumar 2 ou 3 maços de tabaco por dia e vou ao mais barato, vou àquele de contrabando que vendem, ali um senhor que vão buscar ao Porto ou não sei quê... Até ainda há pouco tempo foi apanhado um camião, olhe é isto menina (mostra o maço de tabaco). Comprei-o ontem, por isso não fumo muito.

**I:** Está quase inteiro.

**M6:** Isto custa 3 euros, mas o homem já está a ganhar neste tabaco, já está a ganhar 1,30, porque isto é de contrabando este tabaco e então, à conclusão, digo assim "Fogo eu gasto às vezes 70, 50 e vê-se pessoas que tem despesa que têm tudo e vão aqui à máquina do café ou ali na Sede, se tiver fechado vai lá, custa cada maço desses, que não é, são dois e quando não vai o terceiro, custa 4,80, está a entender? 4,80! E você entra em casa, porque a minha casa você não viu, mas viram aquelas meninas ali, tinha a porta da janela aberta e dava corrente de ar e disse "oh meninas entrem que eu quero fechar a porta" e o que eu tenho é que quando eu trabalhava no hospital vinha pessoas... ofereciam-me, porque eu estive na urgência 20 anos, mais... e depois é que fui para a Medicina e eu mal entrava na Medicina, olhe "Quem é que está a auxiliar?" "É a P.". Menina eu sou-lhe muito pura, mas sou-lhe muito pura e Deus sabe que é verdade, eu podia dizer assim ser interesseira, ajudar aqueles que tinham e eu via aquelas pessoinhas coitadinhas que não tinham uma visitinha, porque em antes podia-se levar fruta e isto e aquilo...

**I:** Agora é mais controlado.

**M6:** Sim, pois, mas eu estou a falar em antes, já estou reformada desde 2005, certo? E eu via aqueles coitadinhos e a gente à noite servia o café e o pãozinho ou bolachas aos doentes, ou chá ou café ou leite, o que quisessem. Sobreva o pão eu pegava e dava aos que não tinham. Quantas vezes eu não tinha para mim e vinha buscar água lá baixo para dar para os doentinhos lá que não tinham uma água nem uma frutinha e chegavam ali... é por isso que eu digo, nunca me arrependi nem me arrependo de fazer o bem, entende? Eu tenho pessoas que passam às vezes por mim e "Oh eu nunca hei-de esquecer, você ajudou-me tanto no hospital". Ajudei, ajudei, eu não me lembro, mas elas lembram-se. Tem aqui um senhor que faz o terreno, que fui eu que tive a cuidar do senhor e a mulher "Oh foi uma santa para o meu homem!", toda a gente... Eu só não ajudava se não pudesse e à conclusão, e elas vêm aqui... eu olho para meu e digo "o meu não dá para nada e muitos dá para tudo, estica dá para comprar tabaco, dá para virem sempre cheias de sacadas, porem a casa não tinham nada, mas ter uma casa melhor do que muitas...

**I:** Numa outra perspetiva, relativamente ao bairro, é a opinião que as pessoas que não moram cá têm, se você acha que as pessoas que não moram cá pensam mal, pensam bem, qual é a opinião que elas têm aqui do bairro? Como acha que as pessoas veem o bairro?

**M6:** Sei lá, muitas dizem-me a mim, às vezes quando paro ali "Ai o quê estes bairros!" Estão muito degradados, a menina sabe que está, tem casas que ali até chovem e tudo, a verdade

temos que dizer, tem casas que é um nojo, desculpe lá o termo, chove dentro de casa, é humidades e tudo. Eu sou uma pessoa que tem muito medo do elevador, eu não posso estar em recintos fechados. Eles estavam a arranjar o elevador e eu disse "Ai senhor eu não vou no elevador que tenho medo!", diz ele "Olhe minha senhora tenha mais medo da casa do que do elevador", disse-me a mim!

**I:** E isso afeta como as pessoas de fora veem o bairro?

**M6:** Ai eu acho que sim, que muita gente diz... muitos até dizem "Ai eu não vivia ali no bairro, nem que me dessem uma casa de graça!"

**I:** Mas é só pelas condições físicas ou há mais alguma coisa?

**M6:** Sei lá... outros dizem que o bairro tem muita má fama... há de tudo aqui, há gente séria, há gente coisa, há de tudo, como se calhar onde a menina mora também há de tudo, mas a menina não tem nada a ver com os outros, tem a ver consigo. Eu já vi cenas na minha torre, cenas que eu... como eu vou pelas escadas, a menina pensa que eu alguma vez disse alguma coisa ou que digo?

**I:** Mas que tipo de coisas? Pode dar algum exemplo?

**M6:** Oh menina, é um vizinho lá...

**I:** Mas discussões, droga...?

**M6:** Não, vai para lá com uma mocinha que ela namora, até está há pouco temo, porque ele até esteve preso que ele também se deve meter na droga e tudo e ele leva para lá uma moça para as escadas e tem lá relações nas escadas, já duas vezes apanhei e uma vez ouvi "Ai, ai" a berrar, a mãe coitada, a mãe é moradora lá e ainda há pouco tempo veio a polícia, porque ele virou-se à mãe e depois não sei se a menina soube, deram um tiro no pé e ele foi preso e tudo.

**I:** Algumas confusões.

**M6:** E a mãe é uma joia de uma mulher, uma santa de uma mulher só que não faz farinha dele, ele até tem uns poucos de filhos aí, até dizem que ele que tem a SIDA, não sei se tem se não tem. Ele vai para ali... depois a luz apaga-se e a gente ia a subir e eles estavam tão tolos e eu disse cá para mim e para Deus "Olha que isto!" e depois disse "Olha tu tens de ter mais respeito, porque se desse com alguém de lá de dentro podia ser pior". Vão para lá, para as escadas, vai para lá com a moça, depois bebem, começam a beber, ele bate nela, olhe...

**I:** Ok, já deu para perceber. Mas acha que as situações que acontecem de mal aqui são as que passam para fora e que pode ser isso que dê a má fama ao bairro?

**M6:** Não sei menina, não lhe posso dizer. Tem fama, o bairro tem fama, não é o bairro que tem culpa, são as pessoas que moram é que têm culpa não é o bairro, porque o bairro há de tudo. A menina não vê aí nenhum bairro social que não tenha os seus problemas. Ainda há bocado estava a ouvir no rádio as notícias, aqui em Gueifães que deram com não sei quantos milhares de contos, tudo... Quando arrombam com as portas aqui no bairro, dá má fama claro...

**I:** Ainda por cima é notícia, não é?

**M6:** Vem a polícia. A menina está descansada, tem gentinha boa aqui, tem gentinha que não presta filhinha, é como tudo. Há gente civilizada e há gente que não tem respeito por ninguém e a menina está aí descansada e vem e vê aquilo e só isso já dá mau aspeto. Mas isto é em todos, filha, todos! Partirem as portas, aqui a polícia, isto e aquilo e as pessoas que estão aqui ou que estão há pouco tempo dizem: "ui meu Deus que é isto?" é ou não é? Oh menina, isso é como tudo. Eu quando vou ali ao Joia da Maia<sup>27</sup> havia um homenzito que trabalhava ali para os lados da feira, era mecânico e ele uma vez queria meter paleio diz ele assim "Olhe oh Dona eu sou viúvo queria arranjar uma mulher, diz que aí no bairro também tem mulheres, você também é viúva?", eu disse assim "Olhe você está a falar para quem? No bairro há de tudo!", "Ah mas diz que no bairro tem lá mulheres...", eu disse "No bairro há de tudo, há pessoas sérias como pessoas não sérias, você não meça tudo por igual".

**I:** De vez em quando ouve-se assim uns comentários é isso?

**M6:** É, é. Há de tudo.

**I:** Mas como é que lida com essas opiniões? Isso afeta-lhe?

**M6:** A mim não me afeta porque não sou eu, quero lá saber dos outros, a mim não me interessa. A menina se estiver na sua casa e a sua vizinha do lado ou até lhe acontecer alguma coisa, não é nada consigo, não tem nada que lhe afetar não é você, não sou eu. Oh menina é ou não é? Elas é que têm de resolver os problemas delas. Afeta, quer dizer, eu vou-me estar agora a meter na vida dos outros? A mim não me afeta, é com elas, elas é que têm de resolver não sou eu. Eu se tiver os meus problemas ou a menina quem os tem de resolver é você, não

---

<sup>27</sup> Pastelaria

é? Não são os outros que vão resolver por mim. A mim não me afeta nada para mim está tudo bem, uma vez que não me chateiem nem se metam na minha vida.

**I:** Nunca se sentiu discriminada por morar aqui?

**M6:** Não, eu não. Graças a Deus até pelo contrário, tenho gente que me respeita e gente de posições... Por eu viver no bairro?

**I:** Sim, sim.

**M6:** Que tem? A mim nunca me discriminaram nem tenho aquela coisa de "onde vive?" Eu até dizia "Bairro do Sobreiro, Torre x, andar x", nunca chegaram e disseram "Ah você vive no bairro?", não nunca tive problemas.

**I:** Mas o que acha que se poderia fazer para evitar ou para diminuir a imagem negativa que as outras pessoas têm do bairro.

**M6:** Sei lá filhinha. Que aqui muitas coisas... havia de se fazer uma limpeza, havia...

**I:** Que tipo de limpeza?

**M6:** Limpeza (risos) que aqui há de tudo. Olhe muita gente diz que aqui o café havia de ser fechado, outras coisas sei lá...

**I:** Alguma intervenção a nível social?

**M6:** Social entende?

**I:** Ver situação a situação.

**M6:** É ou não é menina? Vamos ter problemas, imagine que agora chegava ali e dizia "Olhe como ela tem isto ou aquilo ou aqueloutro!" era logo "sua p\*\*\*\*, sua isto, sua aquilo!" Era logo! A gente vai-se chatear? Deixa andar o barco.

**I:** Este bairro não é muito diferente dos outros?

**M6:** Não, para mim é... até ao que ouço, que não conheço praticamente os bairros, conhecia quando trabalhava no Hospital de S. João de pessoas... mas nunca lá fui, que era o Bairro Tarrafal ou lá o que era aquilo, abaixo da Areosa não sei quê, esse havia lá muitos problemas de droga e tudo, até diziam que às vezes iam a passar as pessoas que às vezes até pegavam e matavam e faziam...

**I:** Comparativamente aos outros...



**M6:** Não, eu ao que vejo não vejo grande coisa aqui no bairro que esteja melhor ou pior, eu não vejo. Não vou dizer assim à menina que me ofenderam ou faltaram ao respeito, como ainda agora lhe acabei de dizer. São 5h30, estou aqui fora, vejo aqui moços às vezes que vêm da noite ou da vida deles, a mim não me aquece. Quando vi ali a carrinha das polícias ali em frente aos ciganos, metralhadoras ali em cima e tudo eu passei e andei, quem não deve não teme, ninguém me chateou, ninguém me ofendeu, não tenho nada a ver com vida dos outros, tenho a ver com a minha amor. A menina só tem problemas se os quiser, se não quiser, não é nada com a menina, deixe andar o barco. Porque a gente... tem aqui gentinha muito boa, muito educada e muito civilizada, há de tudo aqui. Eu não tenho problemas nenhuns nenhuns aqui do bairro ser assim. Passo ando, respeito, "Bom dia", respeito, se tiver de falar falo e vou à minha vida, a dos outros não me interessa. Até em casa de particulares e andares há chatices, há chatices. Eu não tenho que dizer do bairro, a mim nunca me ofenderam ou prejudicaram, por isso...

**I:** Para terminar, gostaria que completasse a frase: o Bairro do Sobreiro para mim é...

**M6:** O Bairro do Sobreiro para mim é...

**I:** O quê?

**M6:** É bom, não tenho que dizer nada.

**I:** Muito obrigada.

**M6:** De nada menina.

**20 de abril de 2018**

**Observações:** Sexo feminino; 43 anos; 4º ano; empregada; vive com a mãe e o padrasto.

**Local:** Centro Comunitário (Biblioteca)

**Investigadora (I)**

**Moradora 7 (M7)**

**I:** Há quanto tempo mora cá e em que circunstâncias veio morar para cá?

**M7:** Eu moro cá acho que já fez 34 anos que moro aqui pronto. A minha mãe era sozinha na altura com 5 filhos, que ela ficou viúva muito cedo. Pronto, eu vim para aqui tinha 9, portanto, uns 34 anos, mais ou menos. Eramos pobres, a casa era pequenina em si. Quando vinham as cheias, entrava a água toda quando chovia, os temporais... a água subia para dentro de casa e a minha mãe tanto andou tanto andou, tanto batalhou que conseguiu aqui uma casa. Foram essas as razões, porque lá em baixo, que era no Arquinho, não tínhamos condições, nem para ela, nem para os cinco filhos pequenos.

**I:** E como é viver aqui no bairro? Se tivesse que dizer aspetos positivos, aspetos negativos, também passou aqui a sua infância, com certeza houve coisas que mudaram...

**M7:** É assim, na altura... eu não vou dizer que não gosto, porque eu gosto de morar aqui, quer dizer eu estou na minha vida, não tenho nada a ver com a vida dos outros. Antigamente acho que era mais barulho, mais porrada, havia mais conflitos entre vizinhos, não no meu prédio, mas os outros à volta. O meu foi sempre muito sossegado, portanto eu não tenho mesmo que dizer mal aqui do bairro, sempre gostei. E não vou dizer, nem tenho vergonha de dizer a ninguém que moro no Bairro do Sobreiro, não tenho, prontos.

**I:** Mas se tivesse de me definir coisas positivas...

**M7:** Em si acho que as casas são boas, é a única coisa positiva, positiva que eu tenho, porque é assim fora não vejo assim nada positivo, não há um parque para crianças... Já houve um coiso acho que era de futebol ou não sei quê, mas acabaram com isso, as pessoas também destruíram, não é? que é uma verdade. Agora assim mais positivas não, a única coisa que tem aqui é mesmo as casas, que acho que são boas, pronto, para o valor em si acho que

estamos de graça se posso assim dizer. É o que eu digo, no meu prédio é tudo bom porque ninguém se mete na vida de ninguém, cada um é por si, prontos.

**I:** Mas então não existe uma relação de proximidade com os vizinhos?

**M7:** Com os vizinhos sim, agora os outros prédios ao lado...

**I:** Ou seja, os vizinhos do seu bloco, é isso?

**M7:** Sim, sim.

**I:** Então acha que aqui não há muita ligação do bairro todo em si? O bairro é muito dividido?

**M7:** Não, não vou dizer isso, eu estou a falar de mim, percebe? Eu conheço muita gente agora que entrei para o Centro Comunitário. Eu quando trabalhava na fábrica, era numa fábrica que eu trabalhava de plásticos, eu não conhecia ninguém aqui dentro, porque eu entrava, ia trabalhar, chegava metia-me dentro de casa e não conhecia quase ninguém a não ser os meus vizinhos. Agora em si, eu acho que eles se conhecem muito bem uns aos outros. Vê-se, vai-se a um bloco vê-se as pessoas ali de outros blocos ali a conversar e não sei quê, mas é assim, eu não, não tenho essa coisa de conversar com as pessoas assim fora.

**I:** Nem considera que seja importante essa relação?

**M7:** No meu ver não, dar assim confiança e assim não. No meu ver não, mas acho que tanto aqui como fora, acho que cada um no seu sítio.

**I:** Para evitar...

**M7:** Conflitos e assim. E depois há pessoas aqui que não sabem ser amigas, ouve aqui, vai contar ali e depois há muitos barulhos que era o que se via antigamente, muitos barulhos e, portanto, eu levo a minha vidinha, os de fora é só se passar por um ou outro e é "Bom dia" "Boa tarde", mas assim parar conversar e assim não.

**I:** Essa questão dos conflitos e tudo na rua isso já não existe tanto, é o que me está a dizer?

**M7:** Não existe tanto, mas ainda existe.

**I:** Mas é um bairro seguro?

**M7:** Acho que sim, agora sim.

**I:** Outras questões, porque é uma coisa que se fala, que é em termos de droga ou conflitos com a etnia cigana, por exemplo. Qual é a sua opinião relativamente a isso?

**M7:** No princípio acho que havia mais droga. Conflitos com os ciganos acho que sim, que agora até acho que são eles mais que provocam as discussões agora na rua, são os ciganos, aqui à beira do café da Sede, acho que aí provocam. Acho que já não há tanta droga, embora haja na mesma. O que me perguntou, já me esqueci... (risos)

**I:** Era a relação com a etnia cigana e a questão da droga, ou seja, isto tem a ver com as questões de segurança também, que nós estávamos a falar, se se sentia segura aqui, se é possível andar no bairro de forma tranquila...

**M7:** Eu acho que sim, neste bairro sim, pelo menos até à data de hoje ainda não ouvi ninguém dizer que foi abordado na rua, que foi assaltado ou assim. Acho que é seguro aqui.

**I:** Diria que é diferente dos outros bairros habitação social?

**M7:** Sim, àquilo que se vê e que se ouve na televisão, este bairro é muito sossegado a esse nível e depois é assim, há droga, claro que há, em todo o lado há droga e eu acho que eles aqui metem-se todos juntos num sítio deles.

**I:** Há aqui algum sítio específico?

**M7:** Por exemplo, aqui à beira do café, eles juntam-se ali. Eu se for aos blocos ao lado do meu prédio, pronto não vou falar dos outros, porque não passo lá, não se vê eles todos juntos e assim não, acho que é mais concentrado ali no café. Portanto, mas acho que sim, é um bairro seguro.

**I:** Se tivesse oportunidade saía daqui?

**M7:** Acho que não, só se for mesmo caso... tipo a minha mãe ficar doente e não poder subir as escadas, um exemplo. Neste caso, pronto, ela está com um problema de saúde que custasse subir as escadas, mas para ela não ficar dentro de casa, um dia que isso aconteça, que ela não possa subir, saio sim por essa razão.

**I:** Ok, mas por outro motivo não?

**M7:** Não.

**I:** Ok, gosta então de estar aqui no bairro. Se pudesse mudar alguma coisa no bairro o que seria?

**M7:** Punha lá está, punha os jardins para as crianças brincarem, com baloiços e assim, ajeitar os blocos, porque estão uma desgraça e se calhar mais segurança da polícia a nível de ciganos

e assim, de estarem aqui no café, porque é assim vindo crianças e tudo é complicado. Acho que era a única coisa que mudava, era espaços para as crianças brincarem...

**I:** Equipamentos físicos?

**M7:** Sim, sim, era espaços para as crianças brincarem e assim, porque eles se fizeram obras, se puserem estes blocos como tem os outros fica mais bonito, mais elegante, não é? É diferente, era a única coisa que eu mudava aqui, era isso.

**I:** Acha que o aspeto do bairro em si tem influência na forma como as pessoas que moram fora do bairro tem acerca do Bairro do Sobreiro?

**M7:** Eu acho que sim, acho que é a forma do bairro em si estar assim, porque é um bairro muito antigo, está feio, está degradado. Acho que se fosse um bairro mais limpo, uns blocos mais limpos, mais modernos, se calhar as pessoas não tinham tanta impressão do Bairro do Sobreiro.

**I:** Já ouviu algum comentário de pessoas de fora? O que acha que elas pensam do bairro?

**M7:** Nunca ouvi, a única coisa que eu ouvi, estava a trabalhar na loja social, foi que "Ah ir ao bairro não!", mas o porquê não sei.

**I:** E porque é que acha que essas pessoas têm esse pensamento?

**M7:** Por ser bairro.

**I:** Só o facto de ser um bairro em si, acha que já faz a diferença?

**M7:** Muita gente só de pensar que é um bairro não entra, porque é um bairro e têm medo de ser assaltados e outras coisas, mas acho que só o facto de ser bairro, dizer "o bairro" já é muito mau.

**I:** O que pensa que contribui para essa imagem dos bairros?

**M7:** Não sei, não lhe sei dizer.

**I:** A televisão poderá ser?

**M7:** É assim, o nosso bairro em si eu acho que nunca apareceu na televisão, que eu me lembre, agora é assim os outros bairros tem muito mau aspeto, tem mau ambiente, são muito falados, pronto tudo negativo e se calhar as pessoas é por aí que pensam "É um bairro não vamos", acho que seria por aí.

**I:** E essas opiniões fazem algum efeito em si? Sente-se de alguma forma discriminada? Afetam ou não afetam?

**M7:** Fico triste, fico triste porque é assim, as pessoas não podem falar se não conhecessem, deviam de vir conhecer e ver se realmente é como as pessoas dizem, por ser um bairro... há gente boa, há gente má, em todo o lado é assim, mesmo fora do bairro, só que as pessoas não entendem e eu sinto-me triste por essas pessoas.

**I:** O que acha que poderia ser feito para ajudar a que essas pessoas tirassem a imagem menos boa que têm do bairro?

**M7:** Essa pergunta é um bocado difícil de responder, porque sinceramente eu não sei, é assim, mesmo que façam renovação dos prédios, vai ser sempre um bairro, nunca vai deixar de ser bairro. Para fazer atividades dentro do bairro também não me parece a onde, para chamar as pessoas para visitar o bairro, mas se calhar, não sei, se calhar até as atividades, ser mais publicado coisas que acontecem no bairro, coisas boas, talvez aí sim as pessoas tenham mais vontade de vir conhecer o bairro.

**I:** Mostrar outro lado do bairro?

**M7:** Sim, que não é... como hei de explicar... para tirar a imagem, que as pessoas pensam que é um bairro têm medo, por exemplo, que vão ser assaltadas, depois também vamos dizer que realmente há aí blocos que realmente metem medo, não é? Mas assim fora disso, não vejam assim o que é que eles possam fazer no bairro.

**I:** Antigamente acho que ainda faziam muitas atividades em que vinham pessoas de fora do bairro, pelo menos acho que o Dr. Mário chegou a falar comigo, isto na altura em que ele veio para cá. Certamente que só veio depois, o Dr. Mário já estaria por cá, ou foi na mesma altura. Eles promoviam atividades, torneios e tudo.

**M7:** Eu não me lembro de os conhecer, mas lá está eu vim para aqui com 9 anos, ele está aqui há 20 e quê, portanto sou mais velha que ele. Mas é como lhe digo, eu aqui no bairro era só casa - trabalho, trabalho - casa, nem conhecia mais nada, nem sabia que isto aqui era um Centro Comunitário, por isso não sei, não posso responder, porque não me lembro. Sei que às vezes no Carnaval eles iam vestidos por aí fora, mascarados e assim, mas eu nem se quer sabia que eram do bairro, pensei que era de escolas fora, nem sabia se quer que eram do bairro, portanto, não frequentei assim o bairro, frequentava a minha casa apenas.

**I:** Ok, não teve assim uma vivência... quando veio para cá não tinha, só agora é que está a conhecer, porque está a trabalhar aqui.

**M7:** Estou a trabalhar no Centro Comunitário.

**I:** E mudou a sua forma de olhar o bairro depois de começar a conhecer um bocadinho e a estar mais por cá?

**M7:** Eu não mudei, eu continuei a ser a mesma, porque é assim eu trabalho aqui e gosto de trabalhar aqui, prontos, mas eu sou igual, passo pelas pessoas cumprimento, portanto, elas vêm aqui falam comigo e eu falo com elas normal, às vezes vêm e desabafam e a gente está ali a ouvir, pronto, mas lá fora é exatamente igual.

**I:** E a imagem do bairro em si, mudou? Se quando chegou cá pensava uma coisa e depois mudou essa visão ou mantém-se igual?

**M7:** Eu acho que mantém-se igual, porque aqui nada mudou praticamente. Quando eu vim, os blocos eram novos, eram um luxo na altura para mim, mas eu acho que está igual, têm é um prédio ou outro danificado que a gente olha e realmente é um terror, mas eu gosto de morar aqui, para mim é igual.

**I:** E trabalhar aqui no Centro Comunitário?

**M7:** Também gosto. É um emprego diferente daquele que eu tinha e gosto. Tem momentos bons, tem momentos menos bons, mas gosto, gosto de ajudar. Tem uns dias bons, outros menos bons, mas isso é como tudo, mas gosto, gosto deste trabalho.

**I:** E ao nível do trabalho que o Centro Comunitário faz aqui no bairro, qual é a sua opinião acerca disso?

**M7:** Também gosto deles agora estarem ali mais no bairro a ajudar as pessoas. Acho que sim que até deviam fazer mais atividades com as pessoas, cativar mais as pessoas, mas há muitas de fora mesmo, além do bairro que eles queriam ir buscar pessoas fora que não vêm, porque lá está, é bairro! Mas, acho que sim é uma boa ideia aquilo que eles estão a fazer de momento.

**I:** Mas ainda há aqui um trabalho a fazer, essa questão de chamar pessoas de fora, não é?

**M7:** Muito, muito trabalho.

**I:** Se calhar era importante para colmatar as tais imagens menos positivas do bairro. Já agora tem conhecimento da existência da Associação de Moradores?

**M7:** Tenho conhecimento, mas nunca fui nem faço parte, porque é assim, não sei se vou responder correto ou não, mas acho que as pessoas em si deviam de ser outro tipo de pessoas, que eu também não sei aquilo que eles estão a fazer, mas por exemplo, eu acho que eles ao meu bloco nunca foram explicar o que é que eles fazem, percebe?

**I:** Então acha que falta da parte da Associação de Moradores um bocadinho mais de divulgação acerca do trabalho ou até uma apresentação feita de outra forma para se darem a conhecer à população, acha importante?

**M7:** Acho importante. Eu sei que há essa Associação de Moradores, porque ouço falar dela, senão não sabia, porque eles não divulgam, não são capazes de ir ou pôr cartas às pessoas no correio, não é? A explicar o trabalho deles, o que fazem, se a gente precisar eles estão ali? Não, não é divulgado o trabalho deles, pelo menos que eu tenha conhecimento.

**I:** Além da Associação de Moradores, além do Centro Comunitário, acha que há mais alguém, mais alguma entidade que pudesse contribuir aqui para o bairro?

**M7:** Talvez... mas também não sei quem é que possa...

**I:** A Espaço [Municipal]?

**M7:** (risos) A Espaço [Municipal] não faz, por isso é que eu disse se podia reclamar tudo, porque eu tinha a reclamar...

**I:** E pode reclamar.

**M7:** É assim a Espaço não faz, ou se faz talvez se houver cunha.

**I:** Mas já solicitou apoio à Espaço alguma vez?

**M7:** Já, já reclamamos várias vezes, por exemplo, no meu prédio foi reclamado mais de não sei quantas vezes e eles não lá vão, nunca vão, portanto eu não tenho luzes tipo há dois meses no prédio em si.

**I:** No corredor?

**M7:** Sim. Não tem luz, cheira muito a água choca, não sei se visitou os blocos dentro...

**I:** Já fui a um ou outro sim e vi um que até estava completamente inundado na parte de baixo.

**M7:** Prontos, depois o meu não fica assim tão inundado, mas nota-se a água assim molhado e cheira muito a água choca, a porta não fecha toda, nós é que temos de fechar, bater, mas à



chave não fecha e há pessoas que entram e não estão com aquela preocupação em fechar, então entra lá quem quer e lhes apetece.

**I:** Sim eu fui fazer visitas domiciliárias com as técnicas e de facto havia prédios que nós abríamos a porta na maior, ou seja, qualquer pessoa tem acesso.

**M7:** E o meu prédio é um prédio que tem pessoas já mais velhas, quase todas mais velhas ou então com problemas e acho que é um prédio que havia de estar, tanto o meu como os outros, não vou falar só do meu, haviam de estar mais cuidados, pelo menos as portarias, não é? Que é para uma pessoa chegar ali e ter que tocar a uma campainha para entrar e depois aí já fica à responsabilidade da pessoa que abre e perguntar quem é e quem não é para abrir a porta, prontos. Acho que eles haviam de ter mais cuidados com isso, o Espaço Municipal. Acho que haviam sim de ter mais cuidado, ter mais gosto em trabalhar no bairro, que eu acho que eles não têm. Eles chegam ali passam, andam e não devem ter gosto, no meu ver, eles não têm gosto neste bairro também.

**I:** Está abandonado o bairro?

**M7:** Eu acho que sim, no meu ver sim.

**I:** Porque será que não há interesse, porque não veem esse interesse da Espaço Municipal pelo bairro?

**M7:** Não sei responder, isso não sei responder, mas eles deviam ter mais interesse, haviam de dizer "Não, temos aqui um bairro que tem um centro comunitário até para chamar mais pessoas para o centro comunitário, vamos trabalhar nele." Para mim eles não trabalham o bairro. Agora o porquê não sei. Não sei se há verbas, se não há, não sei.

**I:** Gostaria de acrescentar mais alguma coisa que considere importante sobre a sua vida aqui?

**M7:** Não, acho que não.

**I:** Podemos então terminar com uma frase para me completar: O Bairro do Sobreiro para mim é...

**M7:** É a minha casa, não vou dizer que é a minha vida porque não é, prontos é assim, gosto de estar aqui, sinto-me bem no bairro, pronto, não tenho vergonha de dizer que sou bairrista, porque sou, prontos acho que é só isso.

**I:** Ok, olhe muito obrigada.

**23 de abril de 2018**

**Observações:** Sexo masculino; 54 anos; s/escolaridade; desempregado; etnia cigana; vive com a filha e com a esposa.

**Local:** Centro Comunitário (Sala de reuniões)

**Investigadora (I)**

**Moradora 8 (M8)**

**I:** Há quanto tempo é que vive aqui no bairro, recorda-se?

**M8:** Aqui mesmo no bairro, eu não estou bem certo, mas eu já moro aqui perto de 30 anos aqui na Maia e já deve passar, mas pronto.

**I:** E porque é que veio para cá?

**M8:** Eu vim para cá porque uma família minha teve muitos problemas em Lisboa. Um tio meu... caiu-lhe uma carrada de pessoas para o matar mesmo, com pontapés, cacetadas... Um sobrinho, que é um primo meu a passar viu aquilo tudo, ainda gritou, ninguém largava o homem. O meu primo estava armado naquela altura, começou aos tiros, apanhou um e matou. Para não ver mais mortes nós vimos para aqui. Não somos de brigas.

**I:** E na altura veio com quem para cá?

**M8:** Vim com os meus velhos, nessa altura a minha mãe ainda era vivo, o meu velho ainda era vivo.

**I:** Veio com a sua mãe?

**M8:** Sim, fugimos todos para aqui para não ver mais mortes, que malta cigana às vezes é estúpida.

**I:** E como é que foi mudar assim de lá para cá.

**M8:** Ui eu não gostei nada que eu fui lá criado em Lisboa, fui criado e adorava aquela terra... agora já não trocava, agora não trocava, mas naquela altura até chorei.

**I:** É complicado deixar quando estamos habituados a um sítio, não é?

**M8:** E o problema não era com a gente, mas a malta cigana tem ideias muito más, querem se vingar e não se vinga no culpado do mal, vinga-se de um primo ou... e uma pessoa obriga-se a abalar para não haver mais mortes.

**I:** E aqui, como é viver aqui? Os aspetos melhores e os piores?

**M8:** Eu antes vivia bem, porque sempre se ganhava algum dinheirinho nas feirinhas. Eu não tenho carta, nunca tive carta, mas agarrava no carro e ia e safava-me assim, agora não faço isso, não pego no carro, tenho medo, mandam-me para a cadeia, já tenho 7 meses de cadeia.

**I:** Por causa da carta?

**M8:** Por causa da carta e pronto é isso. .... Viemos para aqui e estava anos e anos, havia aí pessoas amigas e agora não é assim. Agora essas pessoas que vieram não sei de onde para aqui armar-se, que elas sabem da vida que eu estou na minha, eles sabem que eu não faço mal a uma mosca, não faço mal a ninguém, nunca pus nenhum problema a ninguém deles. Eles sabem quem eu sou, mas essa malta jovem não sabe...

**I:** Mas refere-se a pessoas de etnia cigana ou pessoas que não são?

**M8:** Nah, a polícia!

**I:** Ok, a polícia. Sente-se discriminado aqui?

**M8:** Aqui, aqui pronto, há sempre alguém que uma pessoa às vezes diz bom dia e a pessoa vira a cara, muitas vezes já me aconteceu isso, mas toda a gente me respeita é o que interessa, eu também respeito toda a gente.

**I:** O que diria que há de melhor em viver aqui no Bairro do Sobreiro?

**M8:** Ter os meus vizinhos, os meus amigos, toda a gente me quer bem, respeito toda a gente para me respeitarem também a mim e dar-se bem. Agora da vida é que está um bocadinho mais fraco, pronto, as vidas.

**I:** A sua vida pessoal?

**M8:** A saúde também.

**I:** Já me estava a falar um bocadinho disso, como é a relação do seu bloco com as outras pessoas todas? Costuma falar com pessoas de outros blocos, pessoas sem ser de etnia cigana?

**M8:** Sim, sim, tudo. Qualquer um vizinho, qualquer pessoa que mora no bairro, mete-me logo a mim e a minha senhora ao lado, que eu não tenho nada a ver com as outras pessoas.

**I:** Não costuma falar muito com as outras pessoas?

**M8:** Eu não convivo muito, com a malta cigana não convivo muito, só às vezes numa festa, num casamento se for chamado vou e tudo, mas não convivo muito, não gosto de conviver muito com a raça cigana.

**I:** Não? Mas é a sua etnia.

**M8:** Eu convivo, mas evito.

**I:** Porque é que evita?

**M8:** Porque é a idade minha também, não dou para certas coisas, não dou para ser vadio, sou caseiro, gosto de estar em casa sabe?

**I:** Mas acha que... isto é uma pergunta assim um bocadinho indiscreta, mas, por exemplo, acha que se afasta um bocadinho da sua própria etnia por causa do que as outras pessoas possam pensar ou isso não lhe interessa?

**M8:** Não, não me interessa nada. É mesmo de mim, que eu não dou para certas...

**I:** Quer paz e sossego...

**M8:** Quero estar no meu cantinho e que me deixem estar.

**I:** Se tivesse possibilidade de sair daqui saía?

**M8:** Não, eu não gostava de sair daqui, que eu gosto disto aqui. Eu sou doente, a minha senhora é doente, e aqui temos quase tudo perto e tenho... se precisar de dinheiro vou aí peço fiado e desenrasco-me assim, se for para outro lado qualquer não me fazem isso.

**I:** O facto de já conhecer tudo aqui facilita um bocadinho a sua vida, não é?

**M8:** Toda a vida.

**I:** O que acha que se podia mudar aqui no bairro? O que podia ser melhor?

**M8:** Podia mudar muita coisa.

**I:** Como por exemplo?

**M8:** Quero ao menos arranjar as janelas e as portas que as portas estão nas últimas e as janelas. De verão ainda se está mais ou menos, agora de inverno às vezes vai para ali uma corrente de ar, uma pessoa é doente não é nada bom aquelas correntes de ar, o frio. A minha senhora tem de por sempre qualquer coisa a aquecer em casa e isso não é nada bom que uma pessoa também sai para fora apanha constipação logo.

**I:** Ali o seu bloco está assim um bocadinho em fracas condições.

**M8:** Está sim senhora. Já moro ali perto de 25 anos, a minha L. foi para lá era bebé, já tem 28 anos... adoro aqui, adoro a Maia. Adoro as pessoas também. Há aí uma ou duas, mas...

**I:** Quando fala nas pessoas fala no geral aqui no bairro?

**M8:** Tudo sim.

**I:** E aqui o Centro Comunitário que é que acha?

**M8:** Está bem.

**I:** Conhece as pessoas daqui? Costuma vir cá?

**M8:** Sim. Eu de vez em quando venho aí para falar com a Sra. C., venho buscar umas comidinhas que ajudam. Conheço a malta aí, agora pelo nome... conhecer conheço muita gente, conheço toda a gente, mas pelo nome não.

**I:** O Bairro do Sobreiro é um sítio bom para se viver?

**M8:** É, não tenho razão de queixas.

**I:** É seguro?

**M8:** É mais a fama, é mais a fama.

**I:** Isso era uma pergunta que lhe ia fazer por acaso, acha que tem má fama este bairro?

**M8:** Aí atrasado e agora também, tem má fama, mas não é o que falam. Aqui é raro haver um desatino, é raríssimo ver, quem desatinava mais eram os "t...."<sup>28</sup>.

**I:** Os quem?

**M8:** Os "t...". É uma família que mora aí, mas era família e família, matavam-se aí, compadres, puxavam facas, era os únicos aí...

**I:** Mas não eram ciganos eles?

**M8:** Não, não.

**I:** Mas porque é que acha as pessoas continuam a ter uma imagem negativa do bairro, o que contribui para isso?

---

<sup>28</sup> Alcinha de uma família

**M8:** Não tem nada de falar de mal, o mal só é dizer que as casas estão muito velhas, precisam ser arranjadas, de resto...

**I:** Será que é pela polícia vir cá muitas vezes que eles pensam que isto é muito mau?

**M8:** Há sempre uma pessoa ou duas que fazem mal e a polícia tem de vir e ver, é o trabalho deles.

**I:** O que poderia ser feito para tirar essa imagem má das pessoas?

**M8:** Isso não sei, não sei dizer. Há pessoas, claro quer há pessoas e pessoas, há pessoas más, isso há em todo o mundo.

**I:** Já ouviu algum comentário mais desagradável?

**M8:** Alguns.

**I:** Pode me dar algum exemplo?

**M8:** Estar a falar das pessoas, as pessoas passarem e "(som de cochicho)" e param de falar, porquê? Porque estão a falar das pessoas, estão a falar mal das pessoas, às vezes acontece isso.

**I:** Incomoda-lhe?

**M8:** Um bocadinho, claro um bocadinho.

**I:** Isso depois mexe com a forma como vai lidar com as pessoas? Ou seja, você fica um bocadinho mais de pé atrás?

**M8:** Claro, mas isso a mim já não me importa muito, não importa nada. Que falem nas costas...

**I:** E comentários a propósito de ser de etnia cigana? Ou de que forma as pessoas aqui no bairro veem a etnia cigana? Acha que bem, mal?

**M8:** Nem é mal, nem é mal, mas também tem famílias que tem brincadeiras muito estúpidas e, por isso, às vezes, veem isso mal, cai mal um bocado e falam muito mal e tal, por essas coisas, têm brincadeiras estúpidas, gritam muito a brincar, riem-se muito alto, pronto, é só isso.

**I:** Também pessoas que não são de etnia cigana que podem ter esses comportamentos.

**M8:** Claro, claro, mas a malta cigana é diferente. Para eles é tudo deles.

**I:** Eu acho curioso você dizer isso da sua própria raça, não estava à espera por acaso (risos).

**M8:** Estou-lhe a dizer o que é, é o que é, é o que eu penso.

**I:** Mas ainda assim destaca-se um bocadinho, porque diz que não é assim, ou terá sido em tempos? (risos)

**M8:** Olhe o meu velho nunca me pôs na escola, ainda era do tempo em que os ciganos não podiam estar mais que 20 horas ou 25 horas num sítio, era desse tempo. Eu vivi uma vida um bocado *xunga* por isso, não estudamos, vivemos sempre numa barraquinha, só depois dos 16 anos é que comecei a viver em casa. Vivi uma vida triste, pobre e a nossa vida foi assim. Sonhava com uma bicicleta toda a vida e nunca a tive, nunca a tive, sonhava com uma bicicleta, até chorava. Via os outros com uma bicicleta e eu queria uma bicicleta e não tinha. Muitas vezes andei descalço também e às minhas filhas não falta nada, nunca faltou nada. Tiveram tudo.

**I:** Também trabalhou bastante nas feiras, não foi?

**M8:** Trabalhei, trabalhava muito, agora não que não posso apanhar frio. De verão ainda... agora de inverno apanho um frio, não posso apanhar frio, fico logo doente, apanho constipação, gripe, fico logo doente.

**I:** E a sua esposa também não está melhor, não é?

**M8:** A minha senhora agora está como eu ou pior.

**I:** Como fazem para se aguentar? Quem é que os ajuda?

**M8:** Olhe ajeitam-me uns biscates, ferro velho, latas, as pessoas dão... têm um frigorífico dizem eu vou buscar, um fogão, vou ajeitando, ajeitando, quando tenho falta vou vender. É a ajuda que eu tenho, é o meu rendimento.

**I:** Os seus vizinhos costumam ajudar?

**M8:** Sim, dão-me muita coisa. Só agora uma senhora foi lá levar uma torneira de metal...

**I:** Aqui do bairro?

**M8:** Sim e muitas senhoras, qualquer coisa para me dar, vou ajeitando, ajeitando, depois carrego a carrinha, a minha filha leva-me e vendemos.

**I:** Então sente-se aqui apoiado pelos seus vizinhos?

**M8:** Sim, uma vez tive doente, aí um mês de cama e iam lá vizinhos de outros blocos, levavam sacos de comida, viam que estava doente, não podia trabalhar e levavam e ajudavam com comer, muitas vezes. Ajudaram bastante.

**I:** Então há aqui entreajuda entre os moradores?

**M8:** Há, tem aí pessoas que ajudam se virem que eu estou mesmo *xunga*.

**I:** Que bom. Eu posso perguntar em Lisboa em que zona é que morava?

**M8:** Em Lisboa... a minha terra é Alentejo, é uma aldeia, uma aldeiazinha. Uma irmã mais velha teve um problema na cabeça e teve de ir para Lisboa, como era muito longe fomos todos para Lisboa. Acarinham lá a gente, o meu pai comprou lá uma barraquinha e tal em Algés, uma terra muito linda. Depois para lá acarinham lá a gente e vivemos aí. Logo daí, de Algés, ao fim de alguns anos, fomos viver para a Damaia e da Damaia apanhamos no 25 de abril uma vivenda, entramos lá para dentro e tivemos lá a viver na Amadora. Da Amadora fomos para Queluz para uma casa também, foi isso.

**I:** A casa foi-vos dada?

**M8:** Demos a uma tia minha e apanhamos outra casa.

**I:** Essas casas não vos foram atribuídas pela Câmara, foram vocês que conseguiram?

**M8:** Foi do 25 de abril, não tinha ninguém a viver e o pessoal entrava e ficava com elas. Foi o que aconteceu lá.

**I:** Quando vieram aqui para a Maia foram falar com a Câmara na altura?

**M8:** Eu estava para Espanha nessas alturas, mas a minha gente veio para aqui, puseram-se aí debaixo de uma torre em frente ao café, e puseram-se ali viver. Logo fizeram queixa, veio a polícia tiveram ali e meteram-nos atrás da escola (agora CCVS), pronto foi aí. Depois dali de trás da escola, viemos para o bairro, mudaram-nos para casas. Tiveram a fazer obras...

**I:** Andaram à procura do vosso lugarzinho.

**M8:** Ao primeiro tinha lá um poço, mas a gente não bebia da água daquele poço. Tivemos muito tempo a pedir à Câmara e puseram lá uma torneira de água. A minha senhora meteu lá uma máquina. A gente tinha luz, ligava a um poste, eles sabiam que a gente tinha luz (risos).

**I:** (risos) Desenrascavam-se como podiam, não era?

**M8:** Claro.

**I:** Esta sua filha mais nova era a jovem que estava lá quando eu fui não era? Que idade tem?

**M8:** Ela tem 22.



**I:** Ela estuda, trabalha?

**M8:** Anda a fazer um curso agora, pode-lhe fazer falta.

**I:** Mas é algum curso assim de...

**M8:** Assim tipo Jumbo, para estar ao balcão, acho que é isso.

**I:** É importante.

**M8:** Pelo menos fica com um ofício se um dia arranja um emprego e eu já descanso.

**I:** Ter um dinheirinho fixo é bom.

**M8:** É bom, bem bom.

**I:** Sem o querer maçar, tem mais alguma coisa a acrescentar acerca do bairro, acerca desta imagem do bairro que tem lá fora?

**M8:** O que eu tenho a dizer é que eu estou contente, eu gosto de morar aqui, está tudo bem comigo aqui, o que vou dizer mais?

**I:** Não se preocupa muito com as opiniões dos outros nem de fora?

**M8:** Não, não.

**I:** E, por exemplo, sem ser aqui no bairro, costuma ir a lugares fora daqui?

**M8:** Sim.

**I:** Pronto, e costuma dizer que é do bairro? Sente que há algum olhar assim mais estranho?

**M8:** Não não, eu digo logo que moro aqui, não, ninguém repara para isso. Está tudo bem.

**I:** Não se preocupa muito com isso, não é?

**M8:** Nah, nah.

**I:** Complete-me uma frase para terminarmos: O Bairro do Sobreiro para mim é...

**M8:** O Bairro do Sobreiro para mim é a minha terra, é a minha cidade e onde eu gosto de estar, onde as minhas filhas nasceram e foram criadas.

**I:** Que bom, obrigada.

**26 de abril de 2018**

**Observações:** Sexo feminino; 30 anos; 12ºano, empregada; vive com o filho, os pais, a irmã e o sobrinho

**Local:** Centro Comunitário (biblioteca)

**Investigadora (I)**

**Moradora 9 (M9)**

**I:** Sempre viveu aqui no Bairro do Sobreiro? Ou veio de algum sítio para cá?

**M9:** Não, sempre vivi aqui.

**I:** Nasceu cá então, já está cá há 30 anos certo?

**M9:** Sim, sim.

**I:** Como é que é viver aqui? O que diria que são os aspetos mais positivos e os aspetos mais negativos ou menos positivos?

**M9:** É assim positivo... há uns tempos atrás diria que era mais complicado viver assim no bairro, porque era mais degradado, havia mais conflitos, agora não, agora é mais calminho, talvez algumas mudanças que tenham havido aqui no bairro, acho que são esses os aspetos. Porque o meu viver aqui no bairro também não foi 100% como se vivesse aqui. Eu houve uma altura que eu até não dizia que morava no bairro, tinha preconceito de dizer que morava no bairro, quando era mais novinha, agora não, também já é mais pacífico, é mais calmito e mesmo o meu filho está a ser criado neste meio no bairro, é diferente.

**I:** Que género de conflitos é que existiam?

**M9:** Familiares brigavam uns com os outros, depois era a ver com a droga, nesses aspetos. Tipo antigamente andavam mais nesses meios de droga, passavam, depois punham-se assim mais expostos a fumar. Os aspetos bons que eu tive aqui foi mais na parte da brincadeira que uma pessoa convivia, vinha para cá para fora brincávamos e era o melhor que havia antigamente. Agora também uma pessoa vem para casa, sai vai à sua vida já não é assim grande convivência no bairro.

**I:** Perderam-se esses laços?

**M9:** Sim, alguns deles sim. Tem um ou outro que ainda convivo, mas já não é 100% aquilo que era antes.

**I:** Então não há grande relação com os vizinhos?

**M9:** Sim, nós conhecemo-nos bem, "bom dia", "boa tarde" e isso, agora amigos de infância que andaram comigo na escola e brincavam comigo isso foram uns para cada lado. Não quer dizer que uma pessoa não fale, mas não é agora a mesma coisa que era dantes.

**I:** Mas moram na mesma cá?

**M9:** Sim, sim, mas só que já não é grande vivência daquilo que era quando eramos mais novos, quando andávamos na escola, quando vínhamos brincar às vezes à apanhada. Ainda me lembro desses tempos.

**I:** E porque acha que não se mantiveram essas relações?

**M9:** Porque construíram família, depois os trabalhos não batiam certo uns com os outros, tem a ver com isso. Não quer dizer que uma pessoa não passe e "olha vamos tomar um café" que ainda acontece algumas vezes, mas não é a mesma coisa que era há uns tempos atrás.

**I:** Mas considera importante uma relação com os vizinhos ou acha que cada um mete-se na sua vida e pronto?

**M9:** Não, porque eu acho que cada um vai seguindo aquilo que deve seguir a sua vida, a sua família, os seus filhos. Lá está é aquela situação, não quer dizer que não se possa ir na mesma tomar um cafezinho, mas já não é a mesma coisa. Está bem que agora nós não vamos brincar à caçadinha, não é? Talvez até optávamos por sair, mas agora já não dá para ser isso, há uma porque eu também tenho... contruí a minha família no sentido do meu filho e as pessoas também têm a família delas, o marido ou os filhos e essas coisas.

**I:** Mas se precisar de alguma coisa sente que tem alguém a quem recorrer aqui?

**M9:** Sim, sim. Claro que agora, eu acho que agora, não em relação às pessoas que convivíamos quando eramos novas, mas agora acho que os adultos, as pessoas mais adultas que eu conheço e me dou, acho que fazem o transparecer dos colegas antigos. Os colegas antigos eu ainda me vou lembrando, mas agora como vieram outros, outras pessoas já acabam por equivaler como se fosse...

**I:** Está mais próxima de outras pessoas que não aqueles que são os seus amigos de infância?

**M9:** Exatamente.

**I:** Acha que este bairro é diferente dos outros?

**M9:** Não. Já teve muita fama. Os bairros são todos iguais, há umas pessoas que são adequadas... há pessoas que vivem no bairro, mas não são bairristas, não fazem desordens, não é? Tem pessoas que tem bons carros, tem boas casas, outras que já degradam as casas que tem, há de tudo, num bairro há de tudo e principalmente este acho que... este como alguns que há aí que agora é que estão a começar a fazer as obras, mas o que eu acho é que estão muito degradados. Está bem que estas casas já têm trintas e poucos anos ou mais e no fundo no fundo está muito degradado. Não é por ser um bairro, mas eles podiam ter mais condições para dar às pessoas, não dizer assim "oh é um bairro", tipo é uma casa como outra qualquer, porque depois as pessoas optam por achar que o bairro é onde fazem os crimes, onde roubam, onde matam e não. No fundo eu estou a falar aqui no meu, mas nos outros bairros é a mesma coisa. Tudo o que é falado num bairro, quando se fala num bairro, as pessoas é onde há tráfico, onde fumam charros, onde matam, onde roubam e não é bem assim, porque nem todas as pessoas que moram no bairro têm esse contexto.

**I:** E porque é que acha que pensam assim sobre os bairros?

**M9:** Sim, porque, por exemplo, às vezes eu vou... por isso é que, às vezes, quando dou a minha morada, eu ao princípio dava como Bairro do Sobreiro, mas houve uma altura que uma pessoa pôs se assim a olhar para mim, tipo como quem "Bairro do Sobreiro, um bairro" e eu fiquei naquela, ainda era mais novinha e eu disse: "Qual é a lógica de ficar assim a olhar? Por ser um bairro?" Nem todas as pessoas são bairristas, nem todas as pessoas têm a fama de roubar, de fumar e então é esse contexto. Desde aí eu já não punha, ou seja, já não ponho a morada como Bairro do Sobreiro, ou seja, já ponho como fosse Rua das Maias, por aí além, já não digo o contexto de ser Bairro do Sobreiro, porque assim as pessoas não precisam de saber que é bairro. Não quer dizer que eu tenha vergonha disso, mas só o contexto de as pessoas...

**I:** Sente-se discriminada é isso de certa forma?

**M9:** Sim, por estar a dizer que moro no bairro tipo, mas eu posso até não ser bairrista, posso não ter a mesma forma que uma pessoa do bairro.

**I:** Para si, o "ser bairrista" tem esta conotação negativa?

**M9:** Sim, por pensarem que uma pessoa por ser do bairro que anda aí a roubar, que anda a fazer asneiras e essas coisas. É tipo isso e às vezes não é nada desse contexto.

**I:** Mas quem contribui? Porque é que o bairro tem má fama?

**M9:** Porque era... não as pessoas antigas, mas os miudinhos de antigamente, do meu tempo, andavam nisso, agora lá está contruíram família, já se afastaram por completo. uns vão presos, outros...

**I:** Então esta imagem negativa tem a ver com um passado que está lá atrás, mas que vai perdurando um bocadinho a visão no tempo e é difícil tirar essa imagem?

**M9:** Exatamente.

**I:** O que é que acha que poderia ser feito para o Bairro do Sobreiro ter uma imagem mais positiva?

**M9:** Eu acho que era reconstruírem, fazerem as obras necessárias para não parecer que isto está degradado, que isto... não é? Porque muitas pessoas estão aqui não parecem ser que morem num bairro. Nós é que fazemos o bairro, não é? Quem vem para o bairro, quem faz as asneiras, quem rouba, quem fuma é que faz com que pareça um bairro, mas isto no fundo no fundo é um bairro social sim, mas não comparece daquilo que possam dizer acerca do bairro, porque lá está e depois uns pagam por equivalência àquilo que não são. Eu pelo menos falo por mim, eu moro no bairro, mas não sou daquelas pessoas de fumar, não sou pessoa de andar a roubar e há esse contexto, nem todas as pessoas têm o mesmo contexto daquilo que falam do bairro. Eu digo o bairro aqui onde eu moro, mas noutros bairros como Aleixo, lá está, têm a fama da droga, de andarem a passar, mas isso é as pessoas em si que fazem o bairro, porque estão a dar essa fama ao bairro. No fundo, no fundo acabam por meter o bairro naquilo que às vezes não é e é nesse sentido.

**I:** Mas ainda existe droga aqui?

**M9:** Se existe já não é conforme havia antigamente.

**I:** Não é tão visível?

**M9:** Não é tão visível, até podem, mas é tipo consumível, tipo as pessoas estarem a fumar no seu canto mas é seu, não é daquelas pessoas de se ver a passar uns aos outros como se via dantes, assim normal como se fosse normal. Agora já não, já não se vê tanto isso. Às vezes

até é deserto, mesmo ao fim de semana e tudo é muito deserto. Antes não, antes era muito vivido o bairro.

**I:** Sente falta desse bairro mais vivo?

**M9:** Sim, sim, mais ao fim de semana, não quer dizer que sinta falta deles andarem a passar, mas tipo de conviver. O sábado e o domingo aqui no bairro é muito morto é que nem, se vê assim grandes pessoas, também já não é a mesma coisa que era antes lá está. Antes uma pessoa convivia brincava, era diferente, agora já não, agora já optamos por ir para outros meios para não parecer ...para destacar eu o bairro seja assim degradável, por mais que ele está degradado, nós não fazemos parecer que está degradado.

**I:** Quem acha que poderia ajudar a dar mais vida ao bairro?

**M9:** É assim todos nós podíamos dar uma ajuda, não é? Está bem que num sentido nós, mas noutro sentido acho que era os responsáveis das casas, a Câmara tipo a nível das obras, teria de ser com eles, a nível, por exemplo, de jardins, acho que se nós todos contribuíssemos iria ser melhor. Tipo haver luzes, contentores como agora há na França e na Suíça, contentores para os dejetos dos animais serem apanhados, tudo isso.

**I:** Estar tudo arranjadinho.

**M9:** Dar vida, não parecer que seja um bairro, parecer que são casas normais como outras, tipo apartamentos, tipo isso. Assim já não, aparenta realmente aparenta como seja um bairro, porque as casas estão degradadas e depois é o modo de vida das pessoas que convivem nela, isso é óbvio.

**I:** Era isso que mudaria?

**M9:** Sim.

**I:** E a nível de atividades, acha que isso era algo importante? Nós temos aqui o Centro Comunitário, temos a Associação de Moradores também...

**M9:** Sim, eu acho que no fundo no fundo, para muita... já não digo para as nossas idades, mas tipo mais para as idades mais antigas terem atividades assim ao ar livre, poder fazer jogos, fazer até mesmo que havia antes, jogar às cartas, como uma convivência. Agora não, muitos dos idosos acabam por se prender, não sair de casa, acabam a andar aí ao deus-dará. Isso acaba às vezes... e lá está eu aqui no bairro já há mais pessoas que vieram agora, ainda não interagiram dos tempos para trás, por exemplo, esta escola, esta escola foi minha, eu

lembro sempre como se fosse hoje nós convivermos, estarmos com os professores e ainda agora tenho convivido, porque eu estou numa escola e tenho visto professoras que foram minhas. Isso é muito bom, agora com 30 anos já ser mãe e dizer assim "olha uma professora que foi minha que até podia ser do meu filho", é engraçado ver tudo isso. É assim aos poucos estão a mudar um bocado o bairro, mas ainda não está 100%, porque até se formos a ver os bairros... os blocos que já estão ajeitados, que estão... é diferente, parece que são apartamentos que são novos e na realidade não são, porque as casas em si não são, mas se fosse assim e parecesse já não parecia um bairro.

**I:** O aspeto dá outra visibilidade é isso?

**M9:** Exatamente e já não diziam, não diriam que fosse um bairro.

**I:** E vocês estão aqui no centro da cidade.

**M9:** Mais depressa deviam ter noção de dizer "não, vamos manter aqui". Eles realmente já optaram, já disseram que iam fazer não sei por fases, pronto. Agora fizeram ali uns blocos, pararam e ainda não retomaram, mas se fizessem já não parecia um bairro, porque a degradação... E a planta que eles fizeram que vão abrir mais ruas, vai ficar diferente, não vai parecer que é um bairro.

**I:** Vai ser um convite para as pessoas de fora?

**M9:** Para elas até se calhar até vão dizer assim "Vamos alugar uma casa ali que até são jeitosinhas". Por fora só o parecer de parecer que as casas são boas, mas no fundo na realidade por dentro eles não mexem, somos nós, mas por fora se eles derem uma realidade não aparenta... que eu já tenho visto em bairros que eles fazem e ficam umas casas que não parecem bairros, porque lá está, os tempos antigos "Ah é um bairro social onde há degradação". Só fazem, só acontece isso se quiserem, só é degradado se quiserem.

**I:** Essas opiniões do exterior acabam por afetar-lhe a si e aos outros moradores? Acha que isso têm influência?

**M9:** Eu agora... eu antigamente até era capaz de engolir e não dizer nada, mas eu agora já digo o contrário. Porque eu às vezes até estou, por exemplo, na Segurança Social ou algo do género e estão a falar no bairro e eu engolir aquilo... é difícil eu conseguir engolir. O que estou a dizer aqui é o que eu digo às pessoas: nem todas as pessoas que moram no bairro são bairristas, nem todas as pessoas que têm as condições de morar no bairro, porque às vezes morar no bairro é por não poder pagar muita renda ou algo do género, porque se formos a

ver há pessoas com muita hipótese até de ter uma casa melhor e optam por pagar menos, mas não ter aquela coisa de ser má, até ser tranquila. Aqui até tem muita gente professores, médicos, há... e no fundo não é esse contexto de ser bairrista. Um bairrista, lá está, é a situação de andarmos a roubar, de fazer degradação, da droga, tudo isso, todo esse contexto, agora eu não tenho essa conclusão. Eu não tenho essa conclusão de achar que seja isso, mas as pessoas optam por... Mas eu agora ataco mais. porque estão a falar de onde eu sempre vivi, eu não posso rebaixar onde eu vivi, onde me deram abrigo. Tudo bem que até pode ter fama, tem, mas nós não podemos transparecer aquilo que era antigo para agora, mas muito sinceramente gostava muito que que isso fosse muito diferente, que o bairro melhorasse desse outro aspeto mais vivo, ter uns jardins mais bonitos, ter luz, podermos passar e não termos medo. Eu muito sinceramente não tenho medo, eu sinto-me mais segura ao entrar para o bairro do que andar noutros lados. Eu até posso estar a ser seguida noutros parâmetros, mas se eu estiver a entrar dentro no bairro eu sinto-me segura, seja a hora que for. Às vezes dizem-me assi. "Ai não sei como é que tu consegues!". Mas eu sinto-me mais segura, porque eu sei que é onde eu vivi, tenho segurança ali e noutros espaços não tenho e não são bairros.

**I:** Então se pudesse saía daqui ou não?

**M9:** Não, tanto que eu neste momento estou a tentar arranjar casa para mim e para o meu menino e eu disse logo que queria para aqui. Eu estou a viver com a minha mãe, mas neste momento se me dessem casa aqui, aqui ficava. Tanto que eu tenho hipótese até de ir para outros sítios, para casa da minha avó ou isso, mas não é a minha vida, eu não me sinto capaz de... só se fosse assim uma situação de... mas eu sinto-me bem aqui no meu canto, no meu sítio, onde eu cresci, onde eu vivi, onde eu tive várias aventuras, também muitas traquinices que é verdade (risos), mas eu gosto de morar no bairro.

**I:** Para terminar então gostaria que me completasse uma frase: o Bairro do Sobreiro para mim é...

**M9:** Especial, talvez porque... pela minha... por aquilo que eu sou. por mais que... na realidade no princípio eu não achava, mas agora não, agora o bairro para mim é tudo, tanto que é tudo que sempre que apontam mal do bairro eu estou lá e não faço para ser aquilo que o bairro aparenta ser.

**I:** Contribui para melhorar?

**M9:** Sim, sim.

**I:** Muito obrigada.



## **Apêndice VI. Transcrição da entrevista ao Coordenador do Centro Comunitário vermoim-Sobreiro**

**26 de janeiro de 2018**

**Investigadora (I)**

**Entrevistado Coordenador CCVS (E1)**

**I:** Dr. Mário eu gostava que me falasse um bocadinho sobre como é que chegou ao bairro, em que circunstâncias é que isso foi, como é que o conheceu.

**E1:** Eu comecei a trabalhar aqui no Bairro do Sobreiro em 1986. Na altura, o bairro tinha sido... tinha havido um realojamento de pessoas aqui dentro do bairro. O bairro tinha acabado de ser construído anos antes 2 ou 3 anos antes, já não me lembro, acho que acabou em 82 ou 84 a construção e tinha havido um realojamento não acompanhado, ou seja, vieram pessoas de diversos pontos do concelho e instalaram-se aqui, mas não houve um acompanhamento ao alojamento. O que é que daqui resultou? Resultou que se criaram... portanto, não havia uma identificação das pessoas com o local, com o meio. Vieram pessoas de diversas origens e criou-se aqui um foco, um problema de pobreza estrutural. Pobreza essa que era ampliada pela falta de condições estruturais da própria urbanização. Não havia passeios, só havia uma rua, não havia espaços coletivos, de fruição coletiva, não havia pátios, não havia nada, portanto... o bairro era um aglomerado de prédios com uma rua... todos os restantes espaços em terra e muito lixo, muito ferro velho, muitas coisas e miúdos a brincar no meio disto tudo, era assim uma coisa... Pronto, e eu não sou daqui da Maia, na altura estava a trabalhar com criança surdas na APECDA, que é uma associação de pais para a educação de crianças deficientes auditivas, ainda hoje existe, e fui contactado por umas técnicas da Segurança Social no sentido de... solicitaram-me para vir aqui à Maia fazer um projeto de reabilitação sociocultural do espaço. Pronto e eu não sou... não conhecia... pedi um tempo para estudar o local, para ver. Vim aqui para esta escola, isto na altura isto era uma escola primária, abri aqui um pequeno *atelier* de expressões para trabalhar com os miúdos, para os conhecer, para conhecer o meio, para conhecer os professores. À noite comecei a vir até aqui ao café para ver o ambiente etc. e depois delineei um projeto de intervenção para enfim, para se fazer aqui alguma coisa. Isto a propósito de que, na altura,

abriu-se um centro de animação de infância de Vermoim. Portanto, as pessoas... a Câmara da Maia construiu um espaço que era para ser um infantário e a Segurança Social colocou como condição o protocolo, a assinatura de um protocolo de cooperação... colocou como condição que aquela estrutura não fosse um infantário tradicional, típico, mas sim um infantário que... uma estrutura de intervenção comunitária, portanto, que intervisse no meio e era bem necessário, foi bem necessário, correu muito bem. Abrimos o centro de animação em 1987, em dezembro, ou em janeiro... em janeiro penso eu desculpe lá, em janeiro de 87 e colocou uma filosofia de intervenção na altura necessária a este desenvolvimento comunitário, ou seja, nós trabalhávamos as crianças, tirando a creche e berçário que tinham de ser, têm que ser de determinada específica maneira que ainda hoje é, trabalhávamos por áreas de expressão intergeracionais, ou seja, nós dividíamos aquilo em três áreas, grandes áreas da expressões: a área da linguagem e da comunicação, a área das expressões plásticas e as áreas das motricidades, e os meninos circulavam pelas áreas todas mas em grupos intergeracionais, portanto, tanto iam meninos de 3 anos e de 5 anos e 6anos, compreendes? Portanto, havia aqui uma aprendizagem comum que era naquele momento... foi muito necessário para também estabelecer laços de vizinhança, para haver aqui uma determinada linha de aprendizagem comum que unisse e solidificasse aqui a comunidade e pronto, foi assim que eu vim. Mais tarde, em 1991, fizemos uma candidatura ao Estado Português para um projeto de luta contra a pobreza. Na altura havia financiamentos importantes para de facto trabalhar esta área de intervir na pobreza estrutural e tivemos dois projetos seguidos, tivemos quatro mais quatro anos até ao ano 2000 e o bairro mudou-se completamente. Tornou-se numa urbanização perfeitamente normal e acho, tenho a certeza até, que de facto intervimos numa geração, portanto, nas crianças da altura e adolescentes e intervimos nessa geração por forma a cortar ali laços de pobreza estrutural e, portanto, esses quando agora chegaram a pais e mães já vêm o mundo de uma forma diferente. Todos eles, tirando raras exceções que também as há, mas todos eles em geral, todos eles levaram os seus estudos até ao fim, até ao nono ano de escolaridade na altura obrigatório, muitos se licenciaram em muitas áreas, muitos outros adquiriram profissões e trabalham em profissões que não exigem licenciatura. Em geral, oh pah foi muito bom, houve um impacto muito positivo nesta comunidade. E pronto, é uma comunidade que tem problemas como todas as outras, mas nada que realce aqui, ou que releve "é ali um foco em que é preciso intervir e tal" não, neste momento, embora vamos fazer uma intervenção, ainda bem, todas as intervenções são boas, não é? Mas vai haver agora uma intervenção em alguns problemas aqui. Continua a haver, como em todos os lados, continua ainda a haver crianças e jovens que abandonam

precocemente a escola, continua a haver... há um fenómeno agora novo, não é só aqui na Maia, nem no bairro, é em todo o país, e penso que me todo o mundo ocidental, que é os idosos que vivem mais tempo e que ficam isolados em casa, portanto, porque entretanto os seus filhos e netos estão a trabalhar, têm de fazer-se à vida não é? E as pessoas ficam sozinhas em casa. Antigamente falecia-se mais cedo, a esperança média de vida aumentou exponencialmente e, portanto, é um fenómeno novo. Vamos também intervir nesse fenómeno que é de facto relevante aqui no bairro e pronto. Mas pronto é uma coisa que é importante fazê-lo, mas não podemos afirmar que é um probleeeeeema assiiim... Portanto, foi assim basicamente uma pincelada...

**I:** Eu queria só... Quando disse «urbanização relativamente normal» o que quer dizer com «normal»?

**E1:** Quero dizer que uma coisa é ser um bairro com aquela conotação de *gueto*, em que as pessoas vivem ali para si próprias, envoltas numa espécie de uma redoma e que são ostracizadas por tudo o que passa à sua volta, em que toda a comunidade em volta... que isto já foi ok? era o Bairro do Sobreiro! Portanto, as pessoas que moravam aqui tinham vergonha de dizer que eram do Bairro do Sobreiro. Os meninos iam para a escola e tinham vergonha de dizer que moravam no Bairro do Sobreiro, percebe? Pronto, este bairro com esta conotação deixou de existir, felizmente, passou a ser uma urbanização, é um bairro na mesma, não tenho vergonha nenhuma de o dizer. Muitos jovens que trabalharam comigo que hoje são homens e mulheres já não têm vergonha do bairro, aliás, sou amigo no *facebook* duma espécie de um grupo que é "O Bairro do Sobreiro" que é um jovem que dinamiza e eles assumem o bairro como o sítio onde cresceram e nasceram e já têm orgulho no bairro, na altura não havia, portanto, é essa a diferença. Há o *gueto* ali em que as pessoas vivem dentro para dentro e que são... nem se envolvem com o exterior e são ostracizados pelo exterior, isto era ao bairro que existia. Quando estas fronteiras se diluíram todas, e fizemos um trabalho importantíssimo nisto, aliás, devo dizer que uma das estratégias que nós seguimos foi criamos ao logo do bairro vários espaços de intervenção, *ateliers* diferentes: um *atelier* de jornalismo, uma biblioteca, um *atelier* de informática, um *atelier* de expressão plástica, um centro sociocultural etc. e os meninos e as meninas e os jovens andavam a percorrer o bairro indo ao *atelier* de expressão plástica, uma hora depois iam para o *atelier* de informática, depois vinham para a biblioteca e começaram a circular dentro do bairro, porque no bairro havia vários bairros, havia várias zonas, as zonas do norte do bairro, do princípio dos blocos 1, 2, 3 e 4 nunca vinham aqui para a zona dos blocos 60 nem pensar,

porque era outra coisa e esta mentalidade refletia-se depois na relação com o espaço exterior, com o resto da comunidade. Ora nós criámos aqui uma primeira fase, esta dinâmica de movimento dentro do bairro, conhecer quem é que são os meus vizinhos, a proposta foi esta, quem são os meus vizinhos? Os vizinhos da zona dos blocos até ao 10 começaram a vir aqui aos 45 e 60 e tal e os meninos começaram a conhecer os meninos que moravam ali e começou-se a criar dinâmicas de atividades em conjunto e os meninos começaram a ser amigos e isso... criou-se os primeiros laços afetivos, criou-se as primeiras raízes, não é? Depois a seguir, começamos a levar os meninos para o exterior, os meninos e as meninas, claro, toda essa malta começou a ir ao exterior nas férias, nas interrupções letivas. Eu levava todo o grupo à biblioteca pública, à Câmara Municipal conhecer os vereadores, aos correios, ao supermercado, que na altura só havia um, ao supermercado, conhecer o supermercado por dentro, por fora, à Junta e Freguesia falar com o presidente, ver como é que funcionavam as estruturas, os organismos que nos governam, ao talho, como funciona um talho, como se desmancha um *coiso* e, portanto, começamos a tirar os meninos daqui, a conhecer outras coisas. Acampávamos todos os anos durante 10 dias em todo... corremos Portugal todo, exceto Açores e Madeira, porque não tínhamos dinheiro para o avião.

**I:** Era mais difícil.

**E1:** Tivemos quase para ir aos Açores, tivemos um azar muito grande, porque chegamos à fala na altura com o ministro da defesa, que era aqui de Matosinhos, e, entretanto, houve uma saída do primeiro-ministro, o homem foi para primeiro-ministro, e ficamos sem o avião e, portanto, houve ali um azar. Já tinha tudo marcado nos Açores, tinha falado lá com os escuteiros e Câmaras e tal, já estava tudo tratado e com a marinha, porque nós íamos para S. Miguel e a marinha transportava-nos para as outras ilhas e íamos escalar o pico do pico, na altura era o meu objetivo e, portanto, tudo isto criou... mudou a postura e a mentalidade dos jovens perante o mundo, porque nós só com o conhecimento é que podemos relativizar a vida e o mundo e, portanto, estes jovens começaram a fazer isso e também, logo de seguida, começamos a promover atividades dentro do bairro mais para a comunidade exterior. Criámos provas de atletismo, campeonatos de futebol de 5, que tínhamos ali um polo desportivo, começámos a criar torneios, começámos a criar campeonatos de poesia, de matemática, coisas assim, e chamar miúdos das escolas que não moravam no bairro para criar aqui uma dinâmica de dentro para fora e de fora pra dentro, não é? E foi assim... isto demorou anos atenção! Foi assim que o bairro, o bairro fechado etc., se tornou numa urbanização normal, ou seja, um sítio que é uma urbanização onde moram pessoas e...

**I:** Está incluído na cidade...

**E1:** Está incluído na cidade e resto da comunidade e, portanto, é essa a diferença.

**I:** E essas atividades já foram enquanto existência do Centro Comunitário ou surgiu mais tarde o Centro?

**E1:** O Centro Comunitário veio na sequência disto tudo, portanto, quando terminaram os projetos de luta contra a pobreza em 2000, tivemos dois, portanto, de 92 a 96 e de 96 a 2000... Em 2000 acabaram os projetos de luta contra a pobreza, portanto, acabou o programa nacional e, portanto, nós estávamos implantados no terreno, estávamos a trabalhar, tínhamos estruturas montadas e não fazia sentido irmos embora e despedirmo-nos da comunidade: "Oh pessoal obrigado, foi bom enquanto durou e tal", não, não fazia sentido e então negociamos com a Segurança Social e a própria Segurança Social estava preocupada com este assunto, não é? E fez-se um acordo de cooperação para a criação de um Centro Comunitário que é isto tudo, foi sequencial. Portanto, o Centro Comunitário é uma estrutura atípica de intervenção comunitária que intervém naquilo que é necessário e, portanto, foi feito isso em 2000 para dar continuidade a este trabalho, porque não fazia sentido de repente fechar a torneira, fechar as portas e prontos, isto não é uma mercearia, a mercearia é que pode fechar a porta e pronto, não é? Portanto, o Centro Comunitário foi na sequência disto e continua a ser assim e faz aquilo que é necessário por exemplo: em 2000 trabalhávamos essencialmente com crianças e jovens, com estes jovens que entretanto já tinham crescido, com estas crianças que já eram jovens, que já tinham 18 anos, 16, etc. e tal e pronto continuamos a trabalhar com eles, apoiamos, e com os irmãos deles mais novos etc. Entre 2000 e 2007, a sociedade portuguesa mudou muito, mesmo muito, em todo lado e aqui também. Começou a haver as famosas crises que se instalaram, portanto, os anos 90 foram anos de riqueza, de dinheiro, democratização dos bens de consumo, toda a gente tinha carro, dois carros por família e o carago, era assim uma coisa, e depois no princípio dos anos 2000 também. Entretanto a sociedade começou a mudar, a natalidade começou a baixar, mas drasticamente, e as escolas, entretanto, também se adaptaram aos novos tempos e houve uma resposta diferente a estes jovens que antigamente não havia, que é chamada escola a tempo inteiro. Os meninos e as meninas podem ir para a escola de manhã e saírem de lá só ao final do dia.

**I:** Têm os prolongamentos.

**E1:** Exatamente. As AEC's, as Atividades de Enriquecimento Curricular, os prolongamentos, os serviços de apoio a família, etc. etc., que não havia na altura. Ora nós, Centro Comunitário, temos obrigação de estar atentos àquilo que é necessidade da comunidade, à necessidade de intervenção, fomo-nos adaptando também às novas necessidades. Neste momento e desde 2007, para aí, trabalhamos essencialmente com adultos e agora vamos trabalhar com idosos, está a ver? Já trabalhamos com idosos, mas de uma forma não estruturada, trabalhámos quando é preciso, com uma família ou um agregado específico, um idoso específico. Nós temos no nosso organigrama... tens o meu organigrama?

**I:** Não tenho, mas mostrou-me.

**E1:** Ai é? Mas eu dou-te. No nosso organigrama temos um serviço que é feito em parceria com a Junta e Freguesia, já desde 2006 para aí, ou 5, já não me lembro, que é um serviço que se chama "Vamos até si". É um serviço de apoio ao idoso, embora especificamente na área alimentar, ou seja, um idoso que já não tenha competência para fazer o almoço ou que pronto... é basicamente isso.

**I:** Um apoio domiciliário?

**E1:** Não é apoio domiciliário, vamos só lá levar a refeição, não é apoio domiciliário, é um *take-away* vá, só que vai a casa, é isso mesmo. Portanto, a pessoa... não é especificamente para pessoas pobres, é para todos os idosos da freguesia de Vermoim, agora Cidade da Maia, que estejam em casa e que por motivo qualquer já não consigam fazer de comer, ou que não tenham capacidade ou competência e pah em vez de irem comer fora ou em vez de ir... e não precisam de mais nada só precisam da comida. Portanto, a Junta de Freguesia transporta e nós confeccionamos a comida, as refeições de uma forma equilibrada, nutricionalmente equilibradas, a preços mais sociais, portanto, mais baratos um bocado, fica a dois euros e tal por refeição, ou seja, as pessoas pagam 70 euros por mês ou assim uma coisa. Portanto, e isso era uma necessidade da altura que ainda continuava a haver e, portanto, esse serviço continua a existir. Neste momento, vamos intervir já de uma forma mais estruturada com uma camada de população que sabemos que existe, estamos à espera para saber em que dimensão é que existe, mas sabemos que existe na verdade, e vamos estruturar uma intervenção junto dessa comunidade, vamos buscar as pessoas, vamos a casa saber quem são, trazê-las para aqui de preferência, etc. etc., fazer aquilo que for necessário. Ainda não podemos... eu delinee uma estratégia global, que sei que tem impacto, mas agora

especificamente quero conhecer primeiro as pessoas para depois trabalhar com elas aquilo que elas necessitem. Portanto, isto a propósito de que de facto o Centro Comunitário foi mudando e foi trabalhando com públicos diferentes e foi-se adaptando e sempre fará isso. Portanto, mas a filosofia de intervenção mantém-se a mesma de 92, a postura perante o que é o Centro Comunitário, o que é intervenção comunitária, que é que é isto, quais são os objetivos, as estratégias, vamos afinando estratégias, refinando estratégias... também vamos aprendendo com os tempos, não se sabe tudo, vamos aprendendo, vamos estudando, vamos avaliando e avalia-se, não resultou, faz-se de outras maneiras... e vamos... estás a perceber? Mas a filosofia de base subjacente à intervenção comunitária mantém-se a mesma coisa. O Centro Comunitário e o projeto de luta contra a pobreza e tal sempre foi... é a mesma coisa praticamente.

**I:** E além dessa valência que falou do “Vamos até si” dos idosos, que outras valências compõem o Centro Comunitário e até especificamente direcionadas ao bairro ou não?

**E1:** Nós tivemos uma preocupação muito grande até na sequência daquilo que falei à bocado de criar dinâmicas de fora para dentro e de dentro para fora. Nós não trabalhamos só para o bairro, não trabalhamos. Desde 2000, desde 2001, mais ou menos, que abandonamos o foco, portanto, alargamos o foco, trabalhamos para o bairro e também para o resto da comunidade, percebes? O bairro faz parte da comunidade ponto final. Portanto, todas as propostas que fazemos, todos os serviços que temos, são para toda a comunidade envolvente, inclusivamente, devo dizer que temos aqui utentes, embora do concelho, mas de longe já daqui, portanto, há malta que vem de Águas Santas que fica a cerca de 11km já daqui...

**I:** Já mais encostada ao Porto.

**E1:** Exatamente. E Águas Santas, lá de cima de Gemunde, pronto, são territórios que estão já um bocado afastados daqui desta comunidade próxima, mas que, conhecendo, ou são encaminhados por técnicos, por outros técnicos, por outras entidades para usufruir dos nossos serviços ou das nossas propostas de intervenção, portanto, nós fazemos, o que é que nós fazemos? Nós basicamente temos quatro grandes áreas de intervenção, que são as áreas que entendemos e até agora que eram as mais necessárias para apoiar as pessoas. Temos a área de apoio ao emprego e a empregabilidade. São áreas de formação, temos um gabinete emprego, já há muitos anos, desde sempre tivemos, desde 1989 ou assim, criámos aqui no bairro o primeiro clube de emprego, porque era uma coisa que na altura detetamos, um grande problema das pessoas, para além de tudo o resto, era as competências profissionais e

o emprego e a falta dele. Havia pessoas que "Ah oh Sr. Mário arranje-me um emprego, eu faço qualquer coisa", isso não existe o "faço qualquer coisa", o que é isso? Uma pessoa tem que saber fazer uma coisa para depois vender a sua força de trabalho. Uma pessoa sabe carpintear, vende a sua força de trabalho, faz coisas em carpintaria e recebe um salário em troca, pronto, quem sabe limpar bem, limpa e as pessoas pagam-lhe, agora têm é que saber limpar. Havia uma coisa que havia aqui, havia e ainda há, em Portugal todo, que é os homens... os trabalhos indiferenciados, portanto, quem não sabe fazer nada... as mulheres fazem limpezas e os homens vão para trolha, fazem construção civil pronto. E julgam que não é preciso saber, é preciso saber! Uma pessoa, uma mulher que vai fazer limpezas, se não souber limpar, se não conhecer os produtos de higiene e limpeza, se não souber... não tiver metodologia de limpeza, se não souber lidar com ???, com eletrodomésticos, essa pessoa brevemente está outra vez desempregada, porque a pessoa que lhe paga, seja privado, seja particular ou empresa, chega a um ponto que a pessoa está-lhe a pagar e a pessoa não está a fazer bem as coisas certo? Um trolha é uma arte específica de construção civil. Aliás, atualmente até há leis muito rígidas e muito bem, porque havia um grande índice de mortalidade de acidentes no trabalho, precisamente de malta que não sabia o que estava a fazer, não sabia andar numa prancha, não tinha equipamento adequado, ia trabalhar alcoolizado logo de manhã, porque um homem, verdadeiro homem, de manhã toma café com bagaço carago, não é? (ironia) É verdade pah, e então vai-se trabalhar alcoolizado, sem preparação, sem condições, etc. e tal e acontecem acidentes de trabalhos mortais e pessoas que ficam inutilizadas para a vida toda. Ora, era importante, isto a propósito do clube de emprego, era importante e continua a ser importante, e é um dos apoios que nós ainda hoje damos no nosso gabinete de emprego é: primeiro as pessoas perceberem que competências é que têm, depois que competências é que podem adquirir para encontrar um emprego no mercado atual de trabalho. Não adianta dizer "ai eu gostava..." Também havia antigamente uma ética que felizmente está a mudar, mas ainda não mudou de vez, era "ah eu quero ir para empregado de escritório que não se faz nada", mas não sabe escrever, a pessoa sabe escrever mal, escreve mal, não domina a língua portuguesa, na altura não sabia escrever à máquina, agora não percebe nada de informática etc. etc. etc. Um empregado de escritório é um técnico especializado, técnico administrativo e, portanto, as pessoas têm que perceber que competências têm, que competências é que são capazes de adquirir dentro daquilo que o mercado procura atualmente, o mercado de emprego, e nós ajudamo-las a refletir nisto e depois ajudamo-las a ingressar em formação profissional, sempre fizemos isto aliás, portanto, vem desde os anos 88, 89 para aí, encaminhamos para formação profissional ou



promovemos nós a formação para as pessoas serem capacitadas para depois então os ajudarmos a procurar de uma forma ativa o seu emprego e poderem ir para o emprego e que não fiquem desempregados daqui a um mês, não é? Que pelo menos façam um, dois ou três contratos de trabalho. Infelizmente, vivemos em tempo que chega ao fim de seis meses vem embora ou então no máximo faz três contratos, senão têm de ficar no quadro etc. e tal, mas isso são outras guerras.

**I:** Já não é propriamente a pessoa, não tem a ver com a pessoa.

**E1:** Exato nem tem a ver com a intervenção, tem a ver com a economia, com o desenvolvimento da economia. Pronto, temos então essa área do emprego e da empregabilidade, formação profissional, tudo aquilo que está inerente a estas questões. Dentro desta área, nós próprios promovemos regularmente nos últimos anos, praticamente todos os anos, fazemos candidaturas a projetos, a financiamentos a grandes empresas, à EDP à REN, já fizemos ao Continente, aquelas coisas que aparecem, aqueles prémios: EDP solidária, REN solidária, Continente não sei quê... fazemos sempre projetos para irmos buscar financiamento para desenvolver projetos de intervenção, porque senão não conseguimos fazer. Portanto, nesta área temos trabalhado muito em capacitação das pessoas para elas adquirirem os seus empregos e a sua autonomia, especialmente pessoas desempregadas, lá esta, temos trabalhado mais com adultos, pessoas desempregadas de longa duração, de meia idade que é muito mau, percebe? É mau para os jovens como se sabe o emprego... os jovens... há muita dificuldade em terem acesso à primeira experiência de emprego, ganharem experiência em determinadas áreas, é mau para os jovens e depois é muito mau para as pessoas de meia idade já para o fim, 50 anos por ali, estão desgraçados para arranjar emprego. Temos tentado e temos conseguido, felizmente, temos tido boas experiências em desenvolver projetos, programas específicos, quase sempre financiados por estas grandes empresas, que ajudam a capacitar estas pessoas para elas poderem ou encontrar o seu emprego ou formar o seu próprio emprego. Aliás, na última... no penúltimo projeto foi dedicado exclusivamente a mulheres, o grande projeto era mesmo elas fundarem o seu emprego, portanto, e fundaram uma cooperativa. Umas juntaram-se, fizeram uma cooperativa, outras fizeram empresas uninominais e outras fizeram empresas em parcerias etc. e tal, porque assim não estão dependentes do mercado de trabalho oh pah e podem... é empreendedorismo e podem e devem... têm é que trabalhar muito nos primeiros tempos, tem de ser, isto é como em tudo, podem ir lutar pela sua própria vida, fizemos isso e resultou muito bem. Depois temos uma área grande, portanto, isto é, a área do apoio ao emprego e a

empregabilidade e tudo aquilo que está inerente, vai desde a formação profissional até a colocação no mercado de trabalho. Depois temos uma área grande que é a área das atividades ocupacionais, da animação sociocultural que é uma área vital, é uma ferramenta para mobilizar saberes, conhecimentos, formas de estar, filosofias de encarar o mundo etc, e tal, portanto, é uma área estruturante, sob ponto vista pessoal e coletivo. Ora, aqui temos muitas atividades que promovemos e propomos à comunidade: atividades de ocupação como desportivas, artísticas, portanto, teatro, música, futebol, natação, o que apareceu... o que for sendo necessário. Eu neste momento... na semana passado veio ter comigo um senhor que queria, e eu vou fazer isso, propôs-me criarmos aqui um clube de *boccia*, porque é um senhor que é campeão nacional não sei quê tal tal e ficou sem clube, ele e os amigos e tal, porque houve ali um litígio qualquer contestado e diz ele "Oh pah Sr. Mário estou admirado até nem ter, eu disse "Oh pah se a Câmara tem, se há aqui clubes, eu não vou estar a fazer a mesma coisa, não há necessidade de estarmos todos a fazer o mesmo, mas se vocês estão aí a descoberto e querem fazer e não tem onde fazer deixem-me estudar o assunto e vamos lá montar isso" e vamos, já estive a estudar o que é o *boccia* as regras, etc. e tal e vamos embora e, portanto, todas as atividades que nós vemos que são potenciadoras de autonomia, bem-estar, preservação cultural do meio e tudo isso, nós promovemos. Neste momento estamos com alguns projetos em desenvolvimento, temos um grande projeto, por exemplo, que eu acho importante, mas só se vai ver no fim... estas coisas não tem grande visibilidade, porque são impactantes, ou seja, tem impacto pessoal e o impacto pessoal reflete-se no coletivo e só *à posteriori* é que se vai ver "É pah esta malta o que era e o que é" e só quem está atento a isso é que vê, mas isso a mim não me preocupa muito.

**I:** Isso é que é o fundamental.

**E1:** Pois claro. A mim não me preocupa. Há malta que se preocupa muito com a visibilidade e o carago e tal e, na verdade, havendo mais visibilidade há mais apoios, também é verdade, estás a perceber? Mas oh pah neste caso, nesta área, e esta área quase toda desenvolvida por mim, interessa-me de facto é que as pessoas estejam bem, sejam felizes e façam coisas que gostem e que gostem de se levantar todos os dias, estás a perceber? Portanto, é esse o grande objetivo e depois que isso se reflita na sua família, nos seus vizinhos, nos seus amigos e na sociedade em geral, portanto, é essa... isto é que é intervir na comunidade.

**I:** E sente que há adesão por parte das pessoas?

**E1:** Muita gente! Nós, neste momento... olha no nosso grupo coral temos 40 pessoas, no grupo de teatro, neste momento, o projeto que eu estava a contar... juntamos o grupo... a oficina teatro e a oficina grupo coral e vamos fazer uma opereta. Não é bem uma ópera, que a ópera é muito erudita e, portanto, nós neste momento o público com que trabalhamos não é possível fazer uma coisa muito erudita, portanto vamos fazer uma coisa popular, é uma opereta. E vamos envolver isto tudo, os meus 40 coralistas, são há volta disso, e depois o grupo de teatro, que neste momento tem 12 pessoas e destas pessoas vêm outras entidades que ouviram falar e que vieram cá propor para virem para cá e eu aceitei. Os albergues noturnos do porto que trabalham com sem abrigos, são pessoas sem abrigo que vem cá, olha devem estar a chegar, são para aí 5 ou 4 já não sei, depende... Na semana passada chegaram o Centro Social de Soutelo em Gondomar...

**I:** Sim conheço.

**E1:** ... vieram 4 mulheres e há um menino que está no Hospital Conde Ferreira, que tem doença mental, portanto, tem uma deficiência mental e que também vem, um menino, um jovem, tem 23 anos e que também vem e os meus utentes, os meus utentes que é quem quiser... "Olhe posso ir?" "Venha embora vamos lá". Chega um ponto que vamos juntar aos coralistas. Entretanto, quem é que se vai juntar a este projeto? O Grupo Coral dos trabalhadores da Sonae Indústria, têm um grupo coral, também vão participar neste projeto, e o coro do grupo Impresa, da SIC Visão, Impresa Porto... zona do Porto, vêm cá... (interrupção). Portanto, estás a ver que aquela filosofia que eu te falei há bocado no bairro de fora para dentro e dentro para fora continua... estamos em 2018! Continua exatamente e isto é que está correto na minha opinião, porquê? Porque a mistura de todas as pessoas com diversas origens socioculturais, com diversas formas de ver o mundo, com *know-hows* diferentes, esta mistura toda sai toda a gente a ganhar. E faz-se uma coisa muito mais rica em termos de conteúdo, compreendes? Portanto, tenho aqui jornalistas, tenho funcionários que ganham muito bem, portanto são de topo, pessoas que ganham 2500 euros por mês, tenho séniores, tenho pessoas doentes mentais, tenho sem-abrigos, tenho pessoas alcoólicas, tenho professores reformados, tenho cidadãos aposentados, mas autónomos na comunidade, e todos juntos ali são todos iguais: cantam, gostam de cantar ou gosta de representar ou gostam das duas coisas, estás a perceber? E estão a fazer uma coisa comum, um projeto comum, portanto, esta é a nossa filosofia, compreendes? Pronto, na área das atividades ocupacionais temos muita coisa portanto, depois dou-te o meu organigrama: Ténis, futebol, natação, horta biológica, que também é uma atividade ocupacional e pedagógica ao mesmo

tempo, teatro, informática, informática sénior. Estamos a fazer um trabalho já há vários anos de promoção das competências digitais nos séniores, porque para eles se adequarem ao novo mundo, tem que ser, assim como fizemos a mesma coisa nos anos 90 que tínhamos um *atelier* de informática, na altura ainda ninguém sabia o que era isso... todos os meninos do Bairro do Sobreiro sabiam informática ok? Agora estamos a fazer com os séniores, que de repente caiu-lhes ao colo este grande mundo digital estás a ver? "Que é isto o carago e tal?" Estamos a fomentar, a promover competências digitais nos séniores para eles estarem de bem com o mundo, para o perceberem senão "Ai que horror, ai aquela gente passa a vida agarrada ao telemóvel", se souberem o que é, veem as coisas de outra maneira. Portanto, a área de atividades ocupacionais é muito grande. Depois há uma área estruturante também... são todas estruturantes, são 4 só... que é a área de apoio às necessidades básicas. Nessa área há apoio alimentar em diversas dimensões. Aqui trabalhamos essencialmente com a população mais destruturada e mais pobre. Trabalhamos mesmo com a pobreza, ok? Apoiamos as pessoas sem abrigo, há pessoas que tomam aqui banho, mudam de roupa, comem, só não dormem cá porque não temos residência. Temos uma residência para pessoas destas que tenham potencial de autonomia. Há pessoas que estão na pobreza extrema devido a milhares de fatores, cada caso é um caso, devido a consumos excessivos de substâncias, devido a divórcio, devido a acidentes, devido a muita coisa, e caem... de repente verificam que têm 50 anos, 60 anos, 40 anos e estão sem casa, sem comida, sem roupa, sem amigos, sem família... família existe mas já não quer saber, portanto, afastou-se e precisam de apoio, este apoio de necessidades básicas. Portanto, nós respondemos a todas estas necessidades. E há destas pessoas, há pessoas que nunca mais vão ser autónomas, nunca mais, não conseguem já, ou porque houve uma deteriorização muito grande, a maioria delas, mental, psicológica, física e nunca mais conseguirão arranjar um emprego, nunca mais conseguirão estudar para se modernizarem, para se reciclarem, nunca mais, há pessoas que nunca mais, essas pessoas vão depender permanentemente dos apoios do Estado, do Rendimento Social de Inserção, eventualmente de uma pensão e assim e de instituições como a minha que lhes dá de comer e que lhes apoia tecnicamente e que lhes leva ao médico, portanto, há pessoas que nunca mais. Mas nestas todas, também há pessoas que com um empurrãozinho vão lá, com o trabalho de... começa do princípio, um trabalho de nivelamento de autoestima, de requalificação de competências pessoais, de requalificação de competências interpessoais, sociais, pré-profissionais, profissionais e puf! Nos últimos anos já reabilitamos 6 pessoas, que estão nos seus empregos, dois têm novas famílias, os outros ainda estão sozinhos embora não isolados, têm amigos, têm empregos. Isto uma pessoa trabalhando...

**I:** Cria outra relação, não é? Uma rede de relações...

**E1:** Ora as redes de relações estabelecem-se naturalmente com os colegas de trabalho, depois há redes sociais "Oh pah logo ou no fim-de-semana vamos beber um copo? vamos aqui, vamos acolá" conhecem-se outras pessoas e começam-se a estabelecer redes naturalmente, não é? As pessoas não vão obrigar toda a gente a constituir família, para quê? Constitui quem quer constituir, pronto. Ora, para esses casos com pessoas com potencial de autonomia, nós temos um programa dentro desta grande área que é programa "SAI" sai, sai da minha vida (brincadeira, risos) Que é um programa "SAI" - "Serviço de Apoio à Integração" em que trabalhamos estas pessoas nestas dimensões todas, dure o tempo que durar. Tem durado uma média de ano e meio dois anos. Dura o tempo que durar e temos a Câmara da Maia que pah foi espetacular connosco e com a comunidade e cedeu-nos um apartamento para fazermos uma residência partilhada para quem não tem casa e que esteja neste programa, possa residir e possa ter todo o conforto que uma pessoa precisa para enfrentar um mundo novo, porque o problema todo é que uma pessoa até pode ter potencial, mas se não tiver condições, se não tiver onde dormir, onde tomar banho não adianta, a pessoas só vai arrear rapidamente, não é? E vai-se refugiar em quê? No álcool, nas drogas, em tudo o que vier, portanto, nós criamos aqui condições estruturais para que as pessoas possam de facto enfrentar um mundo novo, a sua nova vida, uma nova vida, recomeçar do zero. Dentro desta grande área está o Serviço de Apoio à Integração e depois tudo o resto: banho, roupa, alimentação, alimentos, portanto, que é feito de uma forma rigorosa, estruturada e controlada e, portanto, tem que ser, porque os recursos são escassos e tem que haver uma justiça social que permita de facto apoiar as pessoas de uma forma equilibrada e também não as torne dependentes de apoio permanente, não é? Para isso já há aquelas que o são e essas são assumidas, sim são dependentes são dependentes ponto final, percebes? E depois há uma outra área, ora falta-me a quarta área... Apoio ao emprego, atividades ocupacionais e... Ai não... é a terceira grande área que é o apoio às necessidades básicas que é uma área muito grande e que vai desde o apoio psicológico até ao dar banho a uma pessoa, dares almoço, daqui a um bocadinho vou dar almoços às 11h30...portanto, são estas grandes áreas. Para isto tudo, contamos com uma rede de parcerias sem a qual era impossível fazer parte destas coisas. Portanto, há muita coisa que é feita aqui por nós com os nossos próprios meios, mas há muita outra coisa que só é possível se for feito em parceria com outras entidades e aí contamos com tudo desde Universidades, à Câmara Municipal, ao Estado, às entidades privadas oh pah que felizmente... este trabalho vai sendo reconhecido, felizmente, vai sendo reconhecido e este reconhecimento traz o

envolvimento de entidades que dizem assim "Ora bem sim senhor aquele trabalho é interessante, é importante, é importante para nós também empresa, para nós também Câmara, para nós também paróquia, para nós também não sei quê..." e, portanto, vamo-nos envolver em parceria, propõem parcerias, e eu às vezes proponho eu, a maioria das vezes sou eu "Olhe vamos fazer isto em conjunto...que é para...". Temos uma rede de parcerias muito boa e estamos sempre disponíveis para alargar essa rede e somos estimuladores da rede e pronto e felizmente as coisas tem corrido bem.

**I:** Além dessas parcerias e do trabalho aqui do Centro, há alguma outra instituição que faça intervenção no bairro ou é só mesmo o Centro em parceria com essas entidades?

**E1:** Não, não, não. Há mais gente a intervir no bairro, embora em atividades muito específicas, por exemplo, nós não fazemos apoio domiciliário, mas há aqui no bairro muita gente a ser servido em serviços de apoio domiciliário e que faz a Cruz Vermelha, a Santa Casa da Misericórdia mas o Lar Vieira de Carvalho, que vem aqui fazer apoio domiciliário, a Cruz vermelha, a ASMAN, que é uma associação de solidariedade de Gueifães da Mouta Azenha, se não me engano a paróquia da Maia também tem um centro de convívio e vem aqui buscar séniores e leva-os para o centro de convívio, portanto, há... os serviços... eu não faço os serviços todos, fazemos os serviços dentro desta área para a qual temos competências e só me envolvo em serviço em que tenha competência para isso. Nós não temos competência claramente para fazer apoio domiciliário, porque é exigir uma... técnicas que nós nunca investimos, porque também não há necessidade, há outras pessoas a fazer, outras entidades, escusamos de estar todos a fazer. Houve uma época em Portugal, e continua a haver essa tentação, toda a gente leva a sua bandeirinha "Eu sou este... os meus pobres... os meus velhos... os meus tóxicos...", oh pah eu sou contra isso, é uma burrice, porquê? Porque pah toda a gente que queira trabalhar na área social tem o seu lugar, mas deve fazê-lo bem feito, dentro daquilo que são as suas competências e só assim é que é possível fazer as coisas bem feitas e as pessoas usufruindo... tendo à sua disposição determinados serviços as pessoas podem escolher o serviço do qual necessitam, para o qual tenham apetência ponto final pah. Não há cá isto de toda a gente querer fazer tudo e tal, percebes? Há entidades que se formam porque tem aquela ideia romântica de fazer o bem ao outro e não sei quê. Formam-se associações e coisas assim que querem fazer, não estão preparados tecnicamente para isso nem sob o ponto de vista financeiro e não pensam por exemplo na sustentabilidade do seu trabalho etc. e depois chega a um ponto em que andam aflitos e que devem não sei quanto à Segurança Social, não tem dinheiro para pagar salários, não sei quê, não tem dinheiro para

a gasolina e depois andam aflitos, depois vão fazer peditórios e depois... Não estamos em tempo disso, o dinheiro é muito caro, os recursos são muito caros, caros porquê? Porque são poucos, portanto, vamos otimizar isto, daí a minha questão de que tenho muitos parceiros para o fazer, seja o que for, é preciso fazer isto. Se alguém faz já não me vou meter nisso, é como o *boccia*. Porque é que eu ia fazer *boccia* se a Câmara tinha um clube de *boccia*, o Lar de Santo António tem um clube de *boccia*, pronto para lá para dentro... Há algumas entidades que tem, portanto, eu não ia fazer, não havia necessidade, agora vou porque houve claramente um pedido, tenho um grupo e tal “Queremos fazer *boccia*”.

**I:** Foi um interesse da comunidade...

**E1:** Foi um interesse da comunidade ok? Eu até conheço o *boccia*, eu sei daquilo que o *boccia* faz bem às pessoas. Eu conhecia o *boccia* em termos do trabalho com pessoas com deficiência, não é? Portanto, é uma prática desportiva muito vocacionada para as pessoas com deficiência. Nos últimos anos tem aparecido uma variante para pessoas séniores. Eu sabia disso, mas nem sequer me metia no assunto, se tem malta aqui a fazer para que ia fazer eu, não é? Pronto, não há necessidade.

**I:** Voltando assim um bocadinho atrás, porque já está aqui no bairro desde 1980 e..?

**E1:** e seis...

**I:** Nessa altura, quando cá chegou, assim a sua primeira impressão, qual foi?

**E1:** Foi aquilo que eu disse. Era um monte cá de prédios com uma rua, muito lixo, muito ferro velho e milhares de miúdos a brincar no meio da rua.

**I:** E as pessoas em si?

**E1:** As pessoas estavam aqui, estavam... percebes? Não tinham propriamente uma motivação para viver, não tinham objetivos de vida, estavam aqui, viviam aqui... Isto era um *gueto*, era... era uma coisa muito feia, sabes? Feia no sentido mesmo lato do termo, ou seja, as pessoas não eram feias, era feio o estado de alma das pessoas que moravam cá, as pessoas moravam aqui, porque tinham sido colocadas aqui. A maioria delas gostava de não ter saído do sítio onde estavam. Portanto, isto nasceu... foi no pós 25 de abril, havia muita falta de habitação etc. e nasceu de uma ambição muito justa, que era habitação para toda a gente, é muito justo isto, era habitação, saúde e educação, que de facto era uma lacuna muito grave que existia no Portugal dos anos 70, e anos 60 e 50 e por aí fora. Só que contruiu-se... não foi só aqui, lá para baixo para o sul então... contruíram-se autênticas torres de marfim,

bairros gigantescos em que, como não houve acompanhamento ao realojamento, tornaram-se focos de problemas que ainda hoje persistem, ainda hoje persistem... Portanto, a minha impressão naquela altura... eu vim cá com uma atitude muito otimista, ou seja, já de "Venho trabalhar para a mudança", estás a ver? Pronto, fizeram-me essa proposta: "Mário vais lá... queres alinhar num projeto de intervenção comunitária e tal?" e eu disse "Eh pah não sei, eu não conheço o local, tenho que ir lá ver". Portanto, quando eu vim cá ver, eu não vim como espectador, eu vim como agente ativo, vim ver o que é que podia fazer, portanto, não te posso aí responder muito bem, porque eu não estava numa atitude expectante, estava numa atitude ativa, proactiva, estás a ver? "Ora bem deixa-me ver, vim fazer o diagnóstico... o que é que há aqui e o que é que eu posso fazer, que coisas, que saberes é que vou mobilizar meus para mudar isto" e, portanto, é essa resposta, mas o que ainda hoje persiste foi pah um monte de prédios com um rua, terra, lixo, ferro velho e milhares de putos a brincar no meio disto tudo, foi o que eu encontrei.

**I:** Droga e criminalidade existiam?

**E1:** Sim, mas nada de muito grave atenção! Existia como existe hoje, mas como existe também na urbanização ali no centro da Maia, em Gueifães, Famalicão, no Porto, normal... portanto, havia tráfico, algum tráfico, portanto, havendo consumidores, tem que haver quem lhes venda, mas até digo uma coisa, nunca houve aqui... é por picos... nunca houve propriamente aqui uma coisa de ser "o supermercado da droga", por exemplo "Ai porque houve droga no Porto, Bairro do Aleixo, Bairro Pinheiro Torres, não sei quê..." pronto aí quem quer comprar vai lá... Aqui na Maia, no Bairro do Sobreiro nunca foi propriamente isso, embora vêm aqui *dillers* vender, se há consumidores, há quem lhes venda, quem faça negócio com isso, mas não é caso para dizer "Ei droooga, violêência...", não nunca houve... "prostituiçãoããã", portanto, não digo que não haja casos mas nunca houve esta, esta...

**I:** Esta concentração...

**E1:** Esta concentração, esta dimensão do problema, compreendes?

**I:** Então passados estes anos todos e agora como coordenador também do Centro Comunitário... enquanto coordenador já são quantos anos?

**E1:** São todos. São 30 anos.

**I:** É desde sempre que arrancou com o projeto?



**E1:** Eu no projeto não era o chefe do projeto, havia... o projeto era uma parceria entre a Câmara Municipal, o Estado e Santa Casa da Misericórdia e, portanto, havia uma chefe de projeto que era uma pessoa da Segurança Social que estava aqui deslocada para coordenar o projeto todo, porque implicou construção, fazer arruamentos, passeios, zonas pedonais, etc. etc., portanto, essa pessoa coordenava ao nível da esfera superior... gastaram-se aqui centenas de milhares de contos na altura. Portanto, ela era a chefe do projeto, eu era o responsável pela intervenção comunitária, compreendes? É da minha área, eu definia em equipa, como é evidente, sempre, sempre fui um líder democrático e sou acérrimo defensor do trabalho em equipa, porque só mobilizando diversos saberes é que encontramos soluções eficazes, estás a perceber? Portanto, eu era o responsável no terreno/operacional. A partir de 2000 quando se acabou o projeto contra a pobreza e começou o Centro Comunitário eu fiquei naturalmente o coordenador e o diretor técnico do Centro Comunitário, percebes? Porque essa pessoa foi trabalhar outra vez... voltou às suas origens, à Segurança Social, estás a perceber?

**I:** Claro e, portanto, viu o bairro transformar-se para aquilo que é hoje. E como é que descreveria agora o bairro e inclusive as pessoas também daqui?

**E1:** Ora, eu não vou ser politicamente correto...

**I:** É a sua opinião.

**E1:** Houve um desinteresse total por parte das entidades públicas, gestoras do território, houve um desinteresse total do bairro. O bairro foi abandonado completamente. Quando acabaram os projetos de luta contra a pobreza, houve a reabilitação do bairro, reabilitamos o bairro, eu tenho aí os projetos... jardins, ruas, passeios, pátios, espaços para parques infantis, que nunca foram mobilados pela Câmara Municipal etc. Criou-se aqui uma urbanização com todas as condições para que as pessoas tivessem prazer de morar onde moravam, compreendes? Depois disso, acabou o último projeto de luta contra a pobreza e o bairro foi completamente abandonado, ou seja, se fores ali fora e olhares para os prédios vêes que até se vêem os blocos que compõem as paredes, portanto o bairro... pronto está para aqui. E este abandono tem um impacto no aspeto geral do bairro que se tornou feio, degradado, tem zonas degradadíssimas, os prédios estão degradadíssimos, nunca levaram manutenção, as habitações das pessoas... e isso tem um impacto também nas pessoas que vivem mal, as habitações são de facto de muito fraca qualidade, tem humidades, tem enfim... as pessoas vivem mal e não se sentem bem. E mais, a acrescentar a isto aquilo que falamos há bocado,

entretanto as pessoas envelheceram e, portanto, temos aqui este fenómeno do envelhecimento que ainda por cima vive em condições nada satisfatórias. Os jovens piraram-se todos do bairro, foi tudo embora, tudo. Há meia dúzia de jovens. Só os pais deles é que cá ficaram, eles vêm cá visitá-los ao domingo, os que vêm... portanto, houve aqui um envelhecimento, com toda a carga que esta palavra encerra, do bairro, um envelhecimento, uma degradação, tudo isto. Pah nestes 18 anos foi uma coisa que eu assisti mesmo, ano a ano, dia a dia. Agora vai haver reabilitação. Se tudo correr bem, começa no final deste ano uma reabilitação.

**I:** Em termos físicos?

**E1:** Físicos sim... houve uma candidatura... eu não digo que foi por mal, atenção! Isto coincidiu com a grande crise financeira que Portugal viveu, as várias crises que viveu e isto quando há crise oh pah os primeiros a serem esquecidos são os pobres e as pessoas e estas zonas assim. Eu compreendo, não aceito, mas compreendo atenção. Mas foi isso que aconteceu. Agora houve uma candidatura no âmbito do Norte 2020, do Portugal 2020, da Europa, é programa europeu, a Maia fez e muito bem uma candidatura para a reabilitação de todos os prédios e das zonas envolventes aos prédios e dos arruamentos. Vai-se dar aqui um impulso grande, uma frescura grande ao bairro e vai nascer um novo bairro. E nós já fomos de certo modo requisitados, aquilo que sabemos fazer bem que é reabilitar pessoas e projetos, projetos pessoais e coletivos etc. Eu próprio participei na execução de candidaturas ao programa de desenvolvimento estratégico urbano aqui do território. Pah sinceramente estou um bocado cético, porque também estou a ficar mais velho, mais maduro e não me entusiasmo assim com tanta facilidade como me entusiasmava, embora não deixe de me entusiasmar, porque no dia em que isso acontecer deixo de trabalhar nisto. Estou motivado, mas estou cético, porque a vida nos últimos anos já me ensinou que aquilo que hoje é, amanhã pode não ser exatamente assim e portanto, não sei, só quando começar a ver aí obra e a dizer "oh vamos coiso e tal"... Neste momento, como tu sabes, estamos aqui a preparar e já a iniciar um plano de intervenção no âmbito do Contrato Local de Segurança e já pedi ao meu colega da Câmara, um arquiteto, para me dar os projetos, os próximos projetos de intervenção do bairro, já os tenho, só que aquilo que deviam ter começado o ano passado só vai começar em 2019 e depois há os concursos públicos e não sei quê... e mais um ano e depois brrmmmm... e portanto, depois em 2020 acaba o programa e não sei como é que vai ser, percebes? Estas coisas que me põem um bocado cético, mas assim a acontecer o que está escrito, previsto e candidatado e que vai ser aprovado, porque já há cabimentação

orçamental para a região, pah se isso acontecer o bairro vai levar outro... vai ser outro bairro, vai levar aqui um *refresh* não é? Esperemos que sim.

**I:** Portanto assim resumindo, quando cá chegou era uma espécie de *gueto* que levou uma nova vida com a intervenção, mas que agora, tendo em conta a degradação física e o envelhecimento, voltou a tornou-se vulnerável.

**E1:** Exatamente.

**I:** Mas considera que seja um local estigmatizado? ou nem por isso?

**E1:** Não nem por isso.

**I:** Não considera que haja uma imagem negativa por parte de quem vive fora do bairro?

**E1:** Não. É assim, nem por isso, em termos gerais não. Há ainda uma certa franja da população... A Maia é um território de origem rural, ainda hoje é, tirando aqui o centro da cidade, ainda hoje é um bocado. E essa origem rural... os seus pontos negativos são os preconceitos, portanto, a moral associada a essa cultura... o preconceito ainda é uma coisa que pesa muito nas pessoas e, portanto, há uma certa franja da população, população de nível socioeconómico elevado, que ainda vê o bairro como um mal menor aqui no meio da cidade "está aqui o bairro no meio da cidade, isto é um escarro", chegam a dizer isto...

**I:** Algo que isto aqui depositado?

**E1:** Tudo, o bairro... "Aqui no centro da cidade ter uma coisa destas? Credo, que horror!" Aliás, houve um projeto que era demolir o bairro todo e fazer aqui um parque, um jardim grande e esse projeto só não foi para a frente, era o projeto "Parque Maior", não foi para a frente, porque veio a famosa crise de 2007 que deitou por terra todo esse projeto e, portanto, agora teve de se recomeçar de novo com outros projetos. Portanto, há uma certa franja da população que ainda vê isto, e isto é tudo, são os edifícios, as pessoas... como uma coisa horrível, mas essa franja não é propriamente significativa no que diz respeito ao resto, percebes? Portanto, aquilo que tem impacto mesmo nas pessoas, ou seja, na escola, na mercearia, na escola, no supermercado, isso já se diluiu completamente, dilui-se já no final dos anos 90 e isso é que importa, porque isso é que são as relações das pessoas. Os meninos na escola já não se importam de ser do bairro, no supermercado igual, na missa, no atletismo, percebes? Na rua... as pessoas já olham o bairro como é o bairro, é o Bairro do Sobreiro.

**I:** É um local habitacional...

**E1:** É, portanto, no geral não há esse estigma, diluiu-se, embora haja essa tal franja. Dizem-me a mim pessoas que moram aqui ao lado... se atravessares aqui ao lado, a rua Altino Coelho, tem aqui uns prédios bons e caros até, moram aqui pessoas com um nível socioeconómico bastante elevado e as pessoas não vêm para aqui e dizem-me a mim "Ah vocês tem uma coisa muito gira aí, informática sénior..." Eu promovi atividades de dança de salão que é de certo modo elitista, precisamente para tentar trazer essas pessoas para cá, não resultou! E tinha um voluntário, não pagavam nada, as pessoas não pagavam nada, não resultou, o homem foi-se em bora, porque deixou de ter público e as pessoas diziam "Ah eu adoro e tal, mas não sei o que é que me parece ir ao bairro", percebes? É por isso que agora há um projeto interessante, que eu considero interessante, que não sei como é que vai ser operacionalizado, que é demolir estes muros todos (interrupção). Há um projeto que é demolir estes muros todos aqui do Centro Comunitário e fazer um jardim aqui grande de fruição pública, criar ali uma zona pedonal e *ciclável* aqui assim há volta, eu acho isso fabuloso, não sei como vai ser operacionalizado, mas...

**I:** Derrubar barreiras...

**E1:** Derrubar barreiras.

**I:** Pelo menos as físicas.

**E1:** Quando o administrador da Espaço Municipal me perguntou o que é que eu achava eu disse " O quê? isso é espetacular pah, é já" e ele "Acha mesmo?" e eu "Eu acho, é espetacular", que assim as pessoas dali movimentam-se bem aqui, isto deixa de ser o bairro, passa a ser tudo a mesma coisa, estás a ver? Há uma urbanização aqui com estas casas e outra ali com aquelas casas pronto, ponto final. E as pessoas vem para aqui passear com os filhos e com os netos e andar de bicicleta e jogar *padel* e o carago, fazer qualquer coisa pronto, ok. E eu posso promover atividades que toda a gente pode vir, porque já não têm vergonha nem medo, porque tem que entrar no bairro para entrar aqui, entram por trás... não há trás, deixa de haver trás, deixa de haver traz e frente, é tudo, isto fica no meio do jardim, espetacular. Pronto, quando isso acontecer, se acontecer, essa tal franja que aí e tal ainda coisa e ainda se torce toda vai começar a ter uma outra atitude, percebes? Começa a perceber... porque as pessoas depois quando começam a vir, percebem que afinal isto não tem problema nenhum, não é? Eu tenho aí informática sénior...a informática sénior é paga, embora pouquinho, 10 euros por mês, é só para não ser gratuito, e as pessoas que cá vêm são pessoas com dinheiro, médicos, hoje médicos, professores e pessoas da comunidade,

empresários, já foram, agora são séniores, aposentados, que não tem nada para fazer e vêm aqui e é para isso que eu fiz isso. As pessoas quando começaram a vir também me disseram assim: "Oh Mário onde é que eu posso estacionar?" "Estacionar? estaciona aqui carago então? Qual é o problema" "E não há problema?" "Problema de quê? Está ali o meu carro". Agora vêm a pé, perceberam que não há problema mesmo, vêm a pé, já não vêm de carro.

**I:** Não há problema em passar no meio do bairro.

**E1:** Exatamente, não há problema, portanto, as pessoas depois de vir percebem que não há nada, não problema mesmo, mas custa-lhes ao princípio, mas é uma certa franja como eu te disse, mas no geral *destigmatizou-se* completamente a coisa.

**I:** O Centro Comunitário tem um papel importante na desconstrução dessas imagens menos positivas?

**E1:** Claro, claro, passam aqui... param aqui por ano mais de duas mil pessoas. Só utentes são mil e tal, mil e cem, mil e oitenta utentes que usufruem de serviços e depois pessoas que vem cá fazer formação, fazer ações de informação... são outras mil ou duas mil, estás a perceber? Este fluxo constante... que nós fazemos isto propositado, não é? Há coisas que... por exemplo, as ações de formação do centro de emprego, eu peço para serem aqui. Isto não é de todo inocente, digo mesmo lá no centro emprego... eles chamavam-nos lá e iam ali para aquele lado, ao centro de emprego que é no centro da cidade, do outro lado da cidade e eu disse à minha colega "Não, vamos fazer no Bairro do Sobreiro, no Centro Comunitário" e isto não é inocente, é mesmo de propósito para criar aqui fluxo. Ainda agora começou, quando fui lá acima abrir (a porta para) uma formação, que está a começar, de primeiros socorros, foi uma candidatura que fizemos em parceria com um centro de formação que é a Castelo Maia, no Castêlo da Maia, formação para ativos e então vêm pessoas de todas as instituições, empresas de trabalho ter formação e eu ofereci logo a sala. Fiz a candidatura a meias na condição de ser aqui. E não é inocente. Dá-me menos trabalho não ter a sala ocupada, mas interessa-me mais ter aqui 30 pessoas a vir aqui fazer formação, lidar com esta realidade e com a realidade que é uma realidade normal da vida. Portanto, é esta... a nossa influência é esta, para além do impacto que já temos na comunidade em geral, portanto, as pessoas já nos conhecem, já sabem, já fizeram coisas connosco, já sabem o que é que podemos dar já sabem... portanto, e essa ligação afetiva também é muito importante e também *destigmatiza*. Eu quando vou a uma reunião à Câmara, vou ao centro de emprego ou qualquer coisa as pessoas já falam comigo como... tendo como pressuposto que eu

represento uma entidade, uma instituição, centro comunitário, que faz este trabalho e que...pronto já consideram-me como seu par e às vezes até "Ah o Mário e tal" e não há necessidade disto, mas isso é importante, *destigmatiza*:"Alto! Há ali movimento, faz-se ali coisas" é importante.

**I:** Que aspetos aqui da intervenção no bairro considera que foram melhores conseguidos e aqueles que ainda não conseguiu alcançar da forma desejada?

**E1:** Muitas coisas particulares, portanto, aquelas atividades... consegui uma coisa que falei há bocado que é, conseguimos cortar os laços de pobreza nos anos 90, conseguimos romper o ciclo, isso foi a coisa mais fabulosa que nós conseguimos fazer. Tenho a certeza e é reconhecido pelos jovens e por estes homens e pelas mulheres que vêm cá regularmente, que me escrevem do estrangeiro, que vêm cá no verão todos os anos fazer uma tainada connosco.... Se nós não tivéssemos intervindo e feito o corte à pobreza estrutural, essa geração teria continuado na senda dos seus pais e nós cortamos ali. Isso foi a coisa que melhor correu. O que não continua a correr ainda e é o nosso trabalho atual, é que, como é obvio, este impacto nem a toda a gente chegou e há um determinado núcleo de pessoas que devido a esta fase de 2000 a 2018... como falei há bocado em que houve um abandono total por parte das entidades gestoras da comunidade e isso é a parte que eu não consegui ainda. Considero que já temos alguma importância junto dessas entidades, tanto que eles agora chama-nos para fazer este programa, para ajudar aqui e acolá, quando é preciso fazer projetos de intervenção chamam o Mário e não me custa nada, tenho *know-how* e até sinto que há aqui um certo voltar a dar importância a uma coisa que durante tantos anos deixou de ter importância, estás a perceber? Portanto, acho que no fundo, o que me custa mais e que acho que não é tão conseguido foi esta relação que até ao ano 2000 houve intrínseca, porque havia dinheiro, como quando se costuma dizer um gajo quando tem dinheiro tem muitos amigos, não é? Quando se deixa de ter, os amigos, contam-se pelos dedos e foi o que aconteceu aqui, enquanto ainda houve dinheiro para gastar eh pah fez-se tudo, gastou-se, Câmara em si e tal, toda a gente. Em 2000 acabou o dinheiro, passamos nós a não ter dinheiro nenhum e a ter que inventar sustentabilidade para isto, que ainda hoje acontece e o bairro foi relegado ao abandono e só passado estes anos todos é que estão a recomçar, a reconhecer que é preciso deitar os olhinhos e dar atenção e a reconhecer o trabalho que aqui se faz etc. e tal. Eu disse uma coisa interessante, importante aqui há um ano, quando começamos um programa de saúde oral que correu muito bem, está a correr muito bem ainda, já foram reabilitadas 20 pessoas com dentes novos... tudo... e então fizemos um lançamento do programa no

auditório pequeno do Fórum da Maia e na altura, portanto, convidaram-se os empresários, as clínicas, os protésicos e tal e as entidades... e eu disse na altura que o que é verdade e que as pessoas têm que ter consciência: não adianta esconder a pobreza. É como aquela imagem de meter para debaixo do tapete o pó e o lixo, o problema é que vamos metendo, vai ficando um montinho no tapete, um belo dia tropeçamos e caímos e partimos o nariz e, portanto, nós temos que... toda a gente tem que tomar consciência da realidade exatamente tal qual ela é e agir em conformidade, não vamos esquecer nada, todo o cidadão tem impacto na minha vida e na vida comunitária, na vida das cidades e dos países etc., todos os cidadãos! Se nós esquecermos um indivíduo estamos a prejudicarmo-nos a nós próprios e à nossa comunidade e a nós como seres humanos, mas isso cada qual tem a sua filosofia de vida, mas mesmo em termos de impacto da sociedade e da comunidade... se estivermos a ostracizar ou a desprezar ou a esquecer uma pessoa, estamos a esquecer a sociedade. O Homem é um animal social, não é um animal isolado, portanto se é social, somos todos, social, sociedade, somos todos, todos têm impacto em todos. Neste momento é a única coisa... que é precisamente o resto da sociedade que durante muito tempo esqueceu isto na verdade.

**I:** O que é que ainda falta fazer?

**E1:** Em termos muitos concretos, falta fazer o que está planeado, percebes? Falta fazer muita coisa, falta as pessoas mudarem as mentalidades, das pessoas que mandam, as pessoas com autonomia social, ou seja, as pessoas que tem um nível socioeconómico muito bom, todas as pessoas que vivem bem, falta mudarem a sua mentalidade... mas eu não me quero meter por aí, porque isso não é possível eu fazer nada por isso. Posso ir fazendo diariamente com a minha prática, com o meu exemplo, com algumas coisas que faça, atividades que promova etc. Falta fazer, muito concretamente, se se fizer o que está previsto, que é reabilitar as habitações, reabilitar os espaços comuns, reabilitar as zonas envolventes aos prédios, estruturar...vão criar aqui uma rua, fazer um jardim...se fizerem isto... é isso que falta fazer.

**I:** E com as pessoas em concreto?

**E1:** Envolvendo as pessoas, porque fazer só obra não presta, fazer só obra não. É fazer a obra e envolver as pessoas na assunção do seu novo espaço, compreendes? No seu novo bairro, da sua nova urbanização e é por isso que estamos nós aqui. Nós temos projetos concretos para fazer isso. Foram feitas propostas concretas, portanto, há as propostas do edificado e há as propostas do trabalho comunitário que têm de ser ao mesmo tempo, têm de

funcionar de uma forma complementar, se isso for feito é pah em 2022 falamos. Às tantas já não preciso de estar aqui a trabalhar, está a perceber? (risos)

**I:** Não sabemos o dia de amanhã.

**E1:** Não sabemos exatamente, se isso acontecesse..., mas isso era seee... talvez... ainda está na coisa dos talvez, embora, sejamos honestos, já com dados mais concretos do que só talvez, já há projetos concretos, já há candidaturas avançadas, já há muita coisa atenção! Eu só estou neste momento um bocado cético porque oh pah, eu adoro Portugal mas nós somos uns procrastinadores do caraças...adiamos sempre tudo, portanto....

**I:** Para terminar Dr. Mário, que contributo é que vê que este trabalho, que é académico, poderá ter para o Centro? Vê algum contributo?

**E1:** Vejo. Apresenta sugestões concretas, avalia, estuda e apresenta sugestões. Pede, envolve as pessoas no teu estudo, pergunta-lhes a elas “O que é você gostaria de...?” As pessoas vão dizer muitas coisas, há coisas exequíveis e coisas não exequíveis. A maioria daquilo que elas se queixam não há nada a fazer, tem a ver com a sua mágoa de vida, tem a ver com coisas que não se pode fazer, porque só se pode mudar as coisas, a vida das pessoas, a vida das sociedades se se fizerem coisas concretas, com ações concretas, percebes? E aqui há ideologias para isto, as ideologias são muito importantes, são subjacentes às ações, sem dúvida, mas aquilo que muda de facto a vida das pessoas são as ações, portanto, tu tens de ter cuidado de ouvir bem, refletir naquilo que ouviste de uma forma madura e tirar dali aquilo que é possível propor para mudar agindo, estás a perceber? E depois propõe, escreve... os académicos são fundamenais para a mudança das coisas, em todos os níveis, desde um nível científico, quero eu falar de medicina, da biotecnologia até ao científico social, os académicos são fundamentais, é malta que estuda, agora estudem, estuda de uma forma madura, refletida, aconselha-te, pesquisa, troca opiniões e depois propõe coisas concretas, coisas que verdadeiramente mudem, isso é que muda, as ações é que mudam, não mudam os conceitos. Ajudam os conceitos que estão subjacentes às ações, agora um conceito ou uma proposta filosófica só por si não muda nada, não muda nada, é preciso executar, sem execução xauzinho!... Com certeza que já estudaste filosofia, história... ao longo da humanidade houve grandes propostas filosóficas para tornar este mundo uma maravilha, podia citar aqui “N”, mas foram apenas filosofias, em termos de execução, em termos de ação, de intervenção, execução, vê como é que está o mundo, portanto, isto é o que eu fui aprendendo ao longo da minha vida, o que muda mesmo são as ações, pequenas ações, uma



pequena, mais uma pequena, mais uma pequena, faz uma grande ação e isto vai mudando a vida das pessoas. A vida das pessoas não pode mudar de um momento para o outro, isto não pode ser “Ai isto era horrível” e de repente “É maravilhoso”, não pode ser. Por isso é que eu dizia: é preciso complementar o edificado com a intervenção social, se complementar ao mesmo tempo, porque senão isto não resulta! Se eu tiver a trabalhar uma pessoa e dizer a ela "pah tem de ter boa autoestima, tens de te sentir bem e tal" e ele vive no meio do lixo não adianta nada. Se fizerem uma casa muito fixe como fizeram o bairro nos anos 80, fizeram um bairro novo, meteram cá pessoas e não trabalharam as pessoas também não resulta! Tem de ser ao mesmo tempo! As pessoas são seres humanos, têm alma, valha-me Deus! Sentem, tem objetivos, tem projetos e deixam de os ter e ficam a subsistir e isso é a maior tristeza do mundo: pessoas que vivem só porque estão vivas, estás a perceber? As pessoas têm um grande potencial de coisas pah, desde as coisas, desde o sentir até às coisas que se podem fazer para transformar o mundo...agora uma pessoa que vive só por viver é um empecilho que anda ali e é a isso que esta malta muitas vezes é condenada.

**I:** Completando a frase para terminar: O Bairro do Sobreiro para mim é...

**E1:** Para mim já é parte da minha vida. O Bairro do Sobreiro é... (silêncio prolongado) é uma fonte de realização, é a minha vida. É a minha vida pessoal e profissional, mistura-se aqui um bocadinho, eu investi aqui tudo, portanto, inevitavelmente é a minha vida, não tenho muito mais a dizer.

**I:** Obrigada Dr. Mário.

## **Apêndice VII. Transcrição da entrevista aos elementos da Associação de Moradores**

**8 de março de 2018**

**Local:** Centro Comunitário

**Observações:** A entrevista foi inicialmente marcada com apenas um dos elementos, mas depois outro elemento se juntou à conversa por convite do colega.

**Investigadora (I)**

**1º Membro da Associação de Moradores (E2)**

**2º Membro da Associação de Moradores (E3)**

**I:** O Sr. A. já está na Associação de Moradores há quanto tempo?

**E2:** 2004

**I:** Já é há bastante tempo. E como presidente ou...

**E2:** Não, já tive todos os cargos na Associação.

**I:** Ah sim? E mora no bairro também há quanto tempo?

**E2:** Quase à 40... 39 anos.

**I:** Também já é há bastante tempo. E porquê o interesse em ir para a Associação de Moradores?

**E2:** Nós quando fundamos isto, claro que nós não temos muita força para defender os moradores e o bairro em si, tudo em geral, dependendo daqueles... uns concordam, outros não concordam, mas tudo está de acordo. Agora é assim, aqui podia haver mais união e podia... como se há de dizer... podia acontecer isto melhorar muito a coisa se eles fizessem também para que isto melhorassem, porque isto a ideia era botar o bairro a baixo, coisa que eu nunca acreditei, pronto. Deitaram 17 blocos... 17 e 3... 20 blocos... hoje se calhar estão arrependidos, porque faltam casas e não há casas para dar a todos, no concelho na totalidade. Não se faz obras, entra água dentro... é lixo aí aos dias acumulados, as pessoas começam a não acreditar muito também na Associação, porque a gente vai para lá, ainda ontem estive lá [na Câmara Municipal], por exemplo, isto para ser mais concreto, isto era ir dentro das

casas e ver o que é que se está a passar, porque eu já fiz ver isso, já andamos aqui há dois ou três anos com estudantes também, argentinos, colombianos, todos... vamos a algumas casas só para ver e eles ficaram chocados com algumas que se vê, porque entra chuva, fez-se obras em certos blocos e não se fez mais nada, nós chegamos lá e eles mostram um documento e diz "Olhe é hoje, é depois, é depois..." e não existia, não havia projeto nenhum metido para que viesse dinheiro para andar. A gente sabe que não há dinheiro para tudo, mas lentamente era para se fazer. Depois disseram-nos que no prazo de 7 anos se iam fazer obras ao bairro todo, até hoje... fez-se os tais 7 [anos] e fez-se um aí agora, porque houve eleições anteriores e demorou para aí 6 meses a acabar, aquele bloco foi uma vergonha de todos os tempos e é dentro disto. Agora o que eles dizem é que vão fazer 11 blocos e arranjar as 4 torres, a primeira etapa, depois é ver o resto. Portanto, é essa tal união e o povo está desmoralizado, isto só normaliza quando se fizer obras, mais nada! Enquanto não se fizer obras isto continua tudo a monte, as pessoas não têm gosto, os jardins é só erva, não tem fundamento nenhum, prontos. Nós tentamos...Vamos à Câmara, vamos à Espaço Municipal, conversamos com o engenheiro, conversamos com A, conversamos com B, a conversa é sempre a mesma e eu há dois anos, mais ou menos, estive na Assembleia da República, a Associação de Moradores, estiveram várias associações e... hoje essa Sra. que é deputada que é a Dra. H. R. é que está aderida aos bairros sociais ficou espantada, tanto ela como a Dra. do Instituto da Habitação Social, tinha vindo de Barcelos e eu quando a confrontei com o Bairro do Sobreiro não era conhecido em Lisboa, elas não conheciam o Bairro do Sobreiro, tive eu que escrever lá e deixar lá um cartão onde é que ele existia e pronto "Sra. deputada a nossa Câmara não está interessada em fazer obras aqui, porque é um centro, o bairro, portanto, é pobre, é um bairro pobre", não é pobre na totalidade mas, pronto.

**I:** Mas não acha que por ser uma zona central não deveria...

**E2:** Devia ser melhor! Devia melhorar! Estamos no centro da cidade! E isto é possível até para qualquer um, isto se deitasse a baixo e fizesse condomínios fechados era bom... e até hoje não se faz nada, não se faz nada e a gente bem tenta. Olhe por exemplo, bloco 45 R/C Esquerdo: um Sr. que a casa foi a baixo, ele não pediu para sair, a casa foi a baixo ele concordou e paga uma renda já 150, 160euros por mês... está em dia, nunca pediu nada, os móveis de cozinha, os armários da cozinha caíram abaixo e eu já lá fui há três meses e até hoje ainda não há resposta e ainda ontem liguei de tarde, hoje vou ligar outra vez e anda-se assim nesse empata, o homem não tem lá móvel nenhum pendurado, não tem onde meter um

prato... isso é escandaloso... se eles hoje não me derem uma resposta eu vou andar para outro lado, que isto não é correto.

**I:** Claro.

**E2:** E nós não somos aquelas associações que faz muito barulho. Nós tentamos levar isto da melhor maneira, portanto é assim: é ratos aí com fartura, é saneamentos entupidos constantemente, ninguém faz nada! Há muita árvore, mas isto é dar uma volta ao bairro e ver o que se está a passar. O que eu estou a dizer isto é tudo verdade, mas isto ainda é muito melhor [de compreender]. Nós numa ocasião trouxemos o Porto Canal aqui e fomos à torre. O Porto Canal teve medo, chegou ao 1º andar e disse: "Eu já vou para o outro lado, porque tenho que ir fazer umas entrevistas e estou atrasado", tinha medo de subir. Não há luz nas escadarias, não há... um dia se calha de haver um incêndio eu não sei o que é que vai acontecer aí... A luz das escadarias tem um andar, 4 ou 5 já não tem, as pessoas ao descer para baixo vão se matar uns aos outros ou então morrem todos queimados. Nós já fizemos ver isso.

**I:** Não há segurança nenhuma?

**E2:** Não há segurança, isto é obrigatório ter. Nós já fizemos ver isso, eles têm documentos, eles têm cartas, eles têm tudo. Aliás que eu até em Lisboa deixei lá escrito, que não havia tempo de a gente intervir [na Assembleia da República] que era muita gente, nós estivemos lá todo o dia e essa senhora que era deputada na altura, estava na Câmara de Lisboa nos bairros sociais e sabia o que se passa nos bairros sociais e então ela até me disse "Olha vais para ali..." eu por acaso até sou do partido dela, sou da mesma cor, sou militante do partido socialista há muitos anos e então diz ela "Vais ali para um gabinete, vou te dar uns papéis e tu preenches o que é que se está a passar no Bairro do Sobreiro", está lá! CD's de estudantes do ISMAI; andamos aqui sábados e domingos, é partidos aqui ...só o PSD é que não vem cá, é o que está na Câmara não vem. Agora Bloco de Esquerda, todos ...vem aqui pedir, a gente dá a volta com eles e vê se está tudo... nada feito, não se faz nada! Portanto, a gente também começa a perder o gosto nisto e é o que eles querem.

**I:** E nesse sentido como é que descreveria as pessoas em si?

**E2:** Em si aqui não são...como hei-de dizer? Lida-se bem com esta gente, esta gente lida-se muito bem...

**(telefone do E1 toca e ele pede licença para atender ao que eu assenti, era o seu colega da Associação)**

**E2:** É o meu colega eu disse-lhe "Venha comigo lá [ao Centro Comunitário]", que é da Associação também, é vice-presidente, que também foi para Lisboa comigo. Portanto, a gente tem lutado de todas as maneiras e feitios.

**I:** Desculpe mas estava a falar-me das pessoas, como considera que são as pessoas aqui no bairro?

**E2:** As pessoas são normais, a gente conversa, eles dão entrevistas, já têm dado até nos jornais tudo, nem são daquelas que insultam as pessoas, nada. Há de facto, e poderia se fazer aqui mais coisas, mas não há iniciativas, porque vê-se isto assim tudo degradado.

**I:** E acha que isso afeta de forma profunda as pessoas que cá habitam?

**E2:** Claro, em todo o lado. Por exemplo, eu conheço o Bairro da Pasteleira que era uma vergonha, aqui há vinte e tal anos, hoje a gente entra lá dentro e é outra coisa caramba, já dá gosto lá entrar, aqui não. A gente... quando um dia quiser dar uma volta, quando quiser connosco, eu acompanho e eu explico os pontos todos que estão aí. É uma vergonha o que a gente vê, é lixo por todos os lados não há... o Sr. Presidente da Câmara hoje atual, esteve aqui comigo ainda antes para aí 15 dias das eleições e até acredito muito nele, porque ele foi meu chefe nos serviços e acreditava no homem, mostrei-lhe aqui este vidrão que tem aqui do lixo, era sacas que estão aos dias, quase uma semana sem se apanhar lixo, porquê? Porque o camião não consegue encostar, porque tem carros estacionados e eles não podem estragar os carros senão são eles que pagam, os motoristas, e eu chamei-o e disse "Venha cá ver isto" e ele ligou para o Sr. Diretor da Maia Ambiente para ele vir cá ver isto para se ajeitar maneira de não se estacionar carros naquele sitio, até hoje... não apareceu cá ninguém, ainda a semana passada fiz para aí 10 telefonemas para lá e isso o que é que dá origem isso? "Ah oh A. não se faz obras, não sei porque é que a Associação está aqui?". A minha casa caiu a soleira. As soleiras caíram a baixo, há cimento a cair aos bocados, portanto e eles sabem disso que um dia vai matar aí uma pessoa e até agora não se tem feito nada, o que é que vamos fazer.

**I:** Claro, vocês no fundo estão a representar e a levar as vossas queixas para as devidas entidades.

**E2:** E ouvimos aquilo que não queremos também, às vezes até somos insultados, porque eles também se sentem revoltados, as pessoas.

**I:** Vocês sentem esta pressão dos moradores?

**E2:** Então? A gente sabe bem que isto que é assim que funciona, mas é em todo lado, não é só aqui, agora a maior parte pode aparecer dois, três morados mais destrambelhados um bocadinho (risos) mas o resto... eu converso bem dou-me bem com as pessoas não tenho problema nenhum, aliás que nós até já levamos aqui por *gueto*. O próprio antigo presidente da Câmara disse que isto era um *gueto* na Maia.

**I:** Você acha que essa visão do antigo presidente também é partilhada por outras pessoas que vivem fora do bairro?

**E2:** Se calhar é, não é na totalidade, aquilo que tenho conversado não...

**(Atende o telefone novamente, o colega da Associação de Moradores chegou e foi buscá-lo à entrada do CCVS)**

**E2:** Ora está aqui o meu colega, um bocadinho atrasado.

**E3:** Bom dia como está?

**I:** Olá bom dia tudo bem?

**E3:** M. tudo bem

**E2:** é o Vice- Presidente da Associação.

**I:** Fátima, olá. Sr. M. vou-lhe por a par do que estou aqui a falar com o Sr. A....

**E2:** E depois ele também lhe vai explicar mais alguma coisa e mais uma coisa que temos que ver que há aqui pessoas sozinhas a viver num T3, quando um T1 chegava bem e já há alguns idosos, temos que ver essa situação também, isto faz tudo parte destas situações. Agora eu vou passar a palavra aqui um bocadinho ao Sr. M..

**I:** Sr M. eu vou-lhe só explicar então o que estou aqui a fazer com o Sr. A.. Eu estou a fazer o meu mestrado na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação do Porto e como eu expliquei ao seu colega é assim: a mim há uma situação que me causa um certo questionamento que é esta questão em torno dos bairros sociais, o estigma, as representações que existem de facto e o meu interesse é perceber quem são estas pessoas, como sentem o bairro, como vivem no bairro, porque acredito que não seja uma visão... que não é como querem pintar as televisões, por exemplo. De facto, além de falar com os moradores também quero conhecer um bocadinho as entidades que de facto intervêm aqui. Eu já tive uma

conversa com o Dr. Mário, é ele que me está a ajudar neste processo de integração também no bairro. Ele está cá desde sempre.

**E3:** Está cá há muitos anos, 12 anos.

**E2:** Há mais. Desde que abriu o Infantário.

**I:** Pronto e vocês enquanto Associação de Moradores e como representantes também têm de facto o vosso conhecimento que é de todo importante e eu neste momento até estava a falar aqui com o Sr. A. porque ele me referiu que o Presidente considerava isto um bocado gueto, o antigo presidente.

**E2:** Um gueto sim senhora, o ex-presidente.

**I:** E neste segmento até estava a questionar: será que essa visão que era desse presidente também é comum às outras pessoas que vivem fora do bairro? Acha que as outras pessoas consideram o bairro um *gueto*? Têm medo de cá vir? Como é que elas acham que é o bairro?

**E3:** Já houve há uns tempos atrás um bocado o medo, considerando receio até de atravessar este bairro, há uns tempos atrás, mas as pessoas também foram mudando, não só aqueles que vieram, mas aqueles que já foram, infelizmente, mas aqueles que vieram também já vieram com uma mentalidade mais apaziguadora das coisas e tal e a coisa foi-se compondo, mas falando do bairro, não é assim tão simples quanto possa parecer também, pelo seguinte: nós, Comissão de Moradores, por muito que queiramos debater, por muito que tentamos melhorar isto ou aquilo temos sempre um senão da Espaço Municipal, temos sempre um senão da Espaço Municipal. O interesse para mim, pessoal, o interesse disto ser tudo degradado, a menina sabe este chão é terra mas é ouro, não sei se me está a entender... e eles fazem tudo e mais alguma coisa, pessoalmente, eu entendo assim, fazem tudo e mais alguma coisa para que isto se vá degradando dia-a-dia. Nós vamos fazer, vamos por um prego mas o outro lado está podre, não substitui. Se fossemos falar por causa de habitações, há aí habitações que Louvado seja o Senhor! Eu também considero que há pessoas que é ali que vivem, é ali que estimam as casas, é ali que criam os seus filhos, os seus netos tudo muito bem, mas também há aquelas pessoas que desmazelam, mas essas pessoas que desmazelam a gente quando tem conhecimento vai à Espaço Municipal e dizemos "Sr Fulano tal olhe tem ali um bloco e tal que tem um andar com as janelas a cair, tem aquela porta" "Vamos arranjar". Vêm tirar fotografias e aquilo vai se desleixando, vai andando até "Oh caiu". Depois vamos mandar lá o carpinteiro. Se houvesse uma aproximação maior da Espaço Municipal aos moradores e à

habitação a coisa estaria muito melhor, mas muito melhor. Depois no outro ponto as pessoas vão à Espaço Municipal, vão reclamar por qualquer motivo "Nós depois vamos lá"...passa um mês passam dois, passam três, passam um ano, passam dois e a coisa continua na mesma e as pessoas caem naquele descrédito, nem vale a pena... O Sr A. sabe, tivemos uma situação recente em que as pessoas já não acreditaram na Espaço Municipal, tiveram que recorrer à Presidente da Junta para interferir entre o Presidente da Câmara ou a Espaço Municipal para que aquilo fosse recuperado e assim o fizeram e já minimamente repararam aquilo, senão ainda hoje estaria o caos por causa de um incêndio que houve aqui num coiso, causado por um morador também. Mas o que eu quero dizer em relação ao *gueto*, como dizia o ex-presidente, eles estavam a formalizar isto para isso, para um *gueto*, estavam a deixar isto... Oxalá que este presidente que entrou, que até é muito amigo aqui do A. seja mais acessível a receber-nos, confrontar-se com as nossas coisas e as dele também ser expostas e ver se isto vai a algum lado, porque se este novo presidente que entrou for do mesmo prisma que o outro que saiu digo-lhe menina isto em meia dúzia de anos vai tudo à vida e depois quero ver onde é que vão por estas pessoas.

**E2:** A questão que está aqui, quanto à segurança que é isso, eu hoje por o que eu vejo fora, converso, aliás que eu trabalhei muito ano na Câmara e lidava com consumidores e ninguém dizia mal do Bairro do Sobreiro, é evidente que nos bairros sociais há sempre... mas também nas zonas VIPs também há que eu conheço...

**E3:** Às vezes até há mais do que aqui.

**E2:** Aqui é mais seguro. Se reparar, a maior parte das pessoas que trabalha no centro da Maia vem trazer os carros para guardar aqui no bairro e vão a pé.

**E3:** O bairro está cheio.

**E2:** Está mais seguro aqui do que está no centro, vamos lá ver e isto não é assim como eles querem, o que eles queriam é que os moradores não se interessassem muito por isto e comesçassem a sair daqui fora e começavam a esvaziar os blocos e isto era vendido que era para o que estava, que isto era uma empresa espanhola, que era a Miguel Rito que ia construir novos, mas também por azar também foi à falência em Espanha (ironia).

**I:** Isso era aquele projeto Parque Maior?

**E2:** Exatamente. Isto há aqui muitas manobras. E então, nós não é por acaso que neste bairro já moraram aqui doutores, doutores de medicina e advogados e tem sido aqui gente que foi



formada aqui, nasceram aqui no bairro, portanto doutorados, portanto, não é o que eles pensam que é, aqui há de tudo! Agora, quanto a mim, enquanto eles não fizerem obras nisto, nós vamos estar sempre nesses termos, as pessoas não se interessam em fazer obras. Que me interessa a mim... eu vou fazendo, ele vai fazendo e outros moradores... aliás que as casas em si não é o que está por fora... há uma tal meia dúzia que não se importa, são velhos... é o que se tem a ver pelos idosos... agora o que a gente vê por fora não é o que está por dentro e há pessoas que zelam as coisas e também queriam fazer mais e não podem fazer, porquê? Porque entra água, estão a gastar ali para quê?

**E3:** Eu tenho o meu caso, a minha casa, o A. conhece... tenho a minha casa que não há pinta de preto da humidade, porque eu de dois em dois anos estou a pintar.

**E2:** A minha também não entra.

**E3:** Mas, por exemplo, quero fazer mais alguma coisa na minha marquise, onde tenho a máquina de lavar e não posso fazer... As goteiras que eu chamo àquelas partes em cimento, está tudo a cair e eu... a esposa diz "Podíamos por aqui tijoleira à volta disto" e eu "Não vale a pena que um dia eles vem cá um dia fazer obras e vai tudo à vida" Mas aquilo está mesmo a cair, uma delas não falta muito para cair ao chão... Já fui lá cima, já falei, "vamos ver, vamos ver", quantas vezes se falou! E eu já tenho, menina eu vou lhe dizer uma coisa, eu com a idade que tenho eu já corri quase parte do mundo, polo a polo, já trabalhei com muita raça de homens, boas e más e... por isso, eu já fui confrontado como racista mas não sou, porque eu gosto é de ver as coisas direitas, nós tivemos, tivemos e temos, esta etnia cigana aqui no bairro, lá está o tal desleixo, vamos chegar ao tal desleixo da Espaço Municipal. Há um prédio alugado que está cheio de moradores e inclusive tinha lá dois casais ciganos, mas os ciganos como se queriam apoderar de tudo foram lentamente pondo os outros moradores todos de lá para fora, lá está a tal coisa, o presidente da Espaço Municipal que era o F., ainda é o F., chegava lá e dizia "Ora bem, vamos ver o que se está a passar aqui: saiu fulano que não é cigano, saiu fulano que não é cigano, saiu fulano que não é cigano, saiu fulano que não é cigano, só lá está este cigano e este, vamos lá saber o porquê", mas ninguém se interessou por isso. E esse tal, os dois casais, um acabou por sair e ficou lá outro. A menina não queira saber como está aquele prédio... passa-se dum andar para o outro e de um quarto para o outro sem estar a passar por portas, deitaram paredes todas a baixo, tiraram... não há lá um bocado de tubo de cobre da água, não há um palmo de fio de eletricidade que tiraram tudo, partiram tudo! Não há nada que se aproveite ali! Está só o esqueleto de fora do prédio, porquê? Porque

a Espaço Municipal autorizou que eles fizessem isso, deu-lhes todas as chances para que fizessem isso, o que resultou? Tiraram dali, mandaram-nos para Gondim, deram-lhes uma casa completamente nova que já está na mesma situação. Puseram-nos aqui num bloco que está aqui quase de frente a nós, está lá só um casal que não é cigano, de resto está tudo cheio de ciganos. O prédio já está na mesma, tudo em baixo, tudo partido, não há lá um palmo de nada porque eles destroem tudo.

**I:** Então acha que é falta de acompanhamento por parte da Espaço Municipal?

**E3:** Exatamente, a gente vai à Espaço Municipal... Vamos cá ver uma coisa, ainda aqui há dias eu ia para a reunião com o pessoal e ouço bater no bloco, uma marreta a bater, "Pum, pum", eu telefonei ao A. "Oh A. aqui no bloco dos ciganos pah um gajo com uma marreta a deitar tudo abaixo, mas o que é que se está a passar?" e ele inteirou-se e foi, telefonou para a Espaço Municipal. Mandaram vir um Senhor para ir lá ver...

**E2:** É funcionário, faz o que pode...

**E3:** Faz o que pode... até teve medo de entrar lá. Ele disse-me que teve medo de entrar lá. Tal meu espanto no fim da reunião vou para baixo e vejo um desses moços de etnia cigana a atirar coisas cá para baixo, coisas que arrancaram das paredes, tudo cá para baixo que era para vender...tudo o que fosse para vender ia tudo...aspirador, quer dizer exaustor... tudo o que havia atiraram tudo cá para baixo para vender. O Sr. veio espreitar, o empregado da Espaço Municipal, mas o Sr. teve medo... mas eu disse mesmo à engenheira que ele teve medo de subir lá cima e teve medo... os ciganos estavam todos cá fora, o homem teve medo de ir lá cima ou de dizer alguma coisa. Lá está, enquanto aquele prédio não estiver todo destruído... o outro casal que lá está que não é de etnia cigana, que vai sair, já ouvi dizer que vai sair...

**E2:** A mulher se for reformada...

**E3:** Ele disse-me que ia sair de lá para fora que ia para a aldeia. Aquilo vai ser entregue aos ciganos outra vez, já não passa a ser um bloco todo desfeito, passam a ser dois. Que eles vão gastar mais dinheiro a restaurar, a reconstruir do que a fazer um novo.

**E2:** Aquilo que...

**E3:** Lá está o tal desleixo, o não querer saber... podem dizer o contrário mas...

**E2:** Aquilo que nós sabemos é que eles não metiam mais ninguém de etnia cigana e não tem metido, têm cumprido.

**I:** Mas eles têm provocado desacatos além do desleixo ali do prédio? Há algo mais? Os vizinhos não se dão com eles? Como acham que é essa relação?

**E3:** Os vizinhos muitos têm um bocado de medo.

**E2:** Têm medo.

**E3:** Muitos não falam...

**E2:** Por isso mesmo é o que eu digo, tem que dar uma voltinha connosco, a gente está disponível, marca-se um dia e vai-se... e eu apresento alguns moradores que esses é que falam por essa situação... não sou eu nem ele... É que é muito simples, é que nós ao metermos nessa situação também vamos ter problemas

**E3:** E... Desculpe A.... eu e o A. pela etnia cigana temos a cabeça a prêmio...

**E2:** Que ninguém gosta de nós.

**E3:** Não, de nós os dois ninguém gosta. Eu como digo não sou racista o que eu gosto de ver é as coisas direitas.

**E2:** Eu também não sou.

**I:** Mas porquê que acham que eles não gostam? Porque os enfrentam?

**E3:** Eu eu não posso, Oh menina eu não posso ver destruir!

**E2:** Eu vou ao bloco 4 depois de dar a volta vai ver o que é que um fez a um bloco... A Espaço [Municipal] acabou por tirá-lo de lá para fora, mas demorou anos! É que para dar uma ordem de despejo a esta gente demora muito ano, porquê? A menina anda a estudar não sei... formar direito não sei se está ou....

**I:** A minha formação inicial é Educação Social.

**E2:** Pronto, isso ainda é melhor, e então, no bloco 4, o que que um fez? esse mesmo que saiu... chegou à cozinha que é onde é obrigatório ter mais aragem, que é onde se trabalha com gás e tudo, não é? Ele tapou com blocos, ele pôs aquela casa sem concerto.

**E3:** Nem é bom lá ir...

**E2:** Nós temos advogados, nós pagamos uma quota mensal porque temos a Associação dos inquilinos e numa ocasião fizemos ver isso, mas sabe o que é que os advogados disseram? Nós tivemos com três ou quatro advogados e todos eles diziam o mesmo "Vocês não podem fazer isso, vocês estão a discriminá-los" e eu disse "Mas porquê é que não os põem só num sítio, faz-se umas casas só para eles, eles que partam lá tudo, a nós não nos afeta" mas eles "Vocês não podem fazer isso, nem digam isso pah que os gajos levam para tribunal e acabou" E eu estou de acordo que não haja [separação], mas eles se querem estar numa sociedade onde a gente está metido, porque eu pago impostos, pago tudo, os meus direitos

**I:** Têm que se integrar?

**E3:** Eles não querem.

**E2:** Quer que lhe diga mais? Temos aqui o Centro Comunitário que aceita tudo e se calhar com dificuldades, que eles também tem problemas aqui, para aturar essa gente toda.

**E3:** Agora está mais restringido.

**E2:** Está o quê? Já chegaram aí mais quatro que eu até tive medo da primeira vez que os vi, pensei "que é que é isto?"

**I:** Mas faz parte da função do Centro Comunitário, temos que lidar com todas as pessoas, temos de fazer o melhor que podemos por elas.

**E2:** Exato, mas é aí que se vê esta situação, por exemplo, não trabalham, é Mercedes, é Audis, é tudo, não falta nadinha, é rendimentos mínimos e então não se põe esta gente a trabalhar?

**E3:** Se a menina visse os carros que aparecem!

**E2:** Há incêndios, não há pessoal, a construção civil está à espera de 60 000 funcionários que não há pessoal para trabalhar. Ainda vi na televisão e li no jornal todos os dias e eles chegam aqui a receber e há reformados que nem dinheiro que nem parra os medicamentos têm e eles ganham muito mais e a fazer filhos uns atrás dos os outros, os ciganos é assim. Ainda vão buscar a alimentação, vem buscar aqui. Vê-se ali a entregar a alimentação que isso revolta as pessoas. Isto é assim, há pessoas que ganham muito dinheiro, mas o IRS é zero apresentam acabou, eles têm de dar, mas BM[Ws], de Mercedes a vir buscar. As assistentes sociais, uma delas teve comigo ali à porta e até ela se admirou que nunca tinha visto aquilo e eu disse "Olhe que não é a primeira vez" Eu acho que isto, e nunca mais me

esquece, a presidente do banco alimentar numa ocasião disse isto "A pobreza está a ser profissionalizada", é uma profissão hoje, porque a maior parte dos pobres não se apresentam, não dão a cara, têm vergonha. Porque há uma pobreza encoberta aí e eu conheço-os aqui alguns que não dão a cara e, portanto, isto custa-nos a ver, também é uma questão moral das pessoas se as pessoas ganham vá, se não se comer um bife, come-se sopa acabou.

**E3:** Eu já tive uma situação...

**E2:** Agora isto não se justifica, eu já fiz ver o Mário, mas o Mário<sup>29</sup> não tem culpa. Eu, o que está ali os papeis a segurança social justifica, mas era sair das cadeiras e ir à casa das pessoas a ver, porque muitos estão a trabalhar clandestinos, ganham mais que aqueles que estão no ativo, porque não descontam para nada e ganham... depois as pessoas passam ali naquela rua central, que agora passam pouco, quando abrir ali aquela estrada vão passar muito mais, vê e tem me dito isso. Eu tenho uma loja e vou-lhe dizer, eu tenho clientes, doutores, juízes, advogados e tudo e eles dizem "Oh pah o Bairro do Sobreiro não há pobres" "Eu passo lá tem lá o banco alimentar é Mercedes..." Isto é uma vergonha! O que é que a gente pode fazer por isto? Nada. Tem que haver alguém que tem esse poder que vá ver isto. Mas isto nós temos que dar uma voltinha que a gente já tem dado com toda a gente.

**I:** Claro, claro, gostaria muito.

**E2:** E alguns ficaram bem informados. Numa ocasião até com alguns estudantes da faculdade, uma até estava a formar-se em Direito para a judiciária e nós preenchemos para aí 300 papeis sobre a segurança no bairro, tudo tudo... olhe vi-a no Hospital S. João que eu estava numa consulta e ela foi também fazer lá um estudo a rapariguita, novinha... andou aqui connosco! Andou do ISMAI, é partidos, é toda a gente aqui... Não se tem ...nunca se fez nada, eles até perdem as coisas que não apresentam. Guardo as coisas e levam e até logo. Portanto, isto tem que ser muito bem discutido. Amanhã vai-se à reunião (sobre o CLS), julgo eu que vai estar lá o F., o engenheiro F. da Espaço Municipal.

**I:** Isto é um novo projeto de intervenção.

**E2:** Este eu vou entregar, de tarde não... tenho uma injeção para ir levar que também estou empenado e custa-me a andar... ele (o M.) vai levar isto mas você (M.) depois avisa o L. amanhã às 10h para irmos os três. Já estou habituado a estas reuniões e ele também está.

---

<sup>29</sup> Coordenador do CCVS

**I:** E o que pensam deste novo plano de intervenção?

**E2:** Ora bom, tudo o que seja... é que nós nunca estivemos contra nada, por exemplo, nós temos estas lojas que estão a ser ocupadas aqui em cima, é bom, porque não fica a monte, que estava tudo partido, é uma instituição de gatinhos, nós nunca nos opusemos a nada disso...

**E3:** Não não, aquilo está muito bonito.

**E2:** Seja para ocupar, tem que se ocupar para não se estragar e eu estou de acordo com isso, nunca nos opusemos a nada que se faça isso. Se é para melhorar a gente está sempre de acordo, não podemos estar em desacordo e estávamos de acordo que, até quando se falou que o bairro era para se deitar a baixo, porque se iam fazer as casas... temos documentos que for preciso depois mostra-se... onde a gente fez a parceria e assinamos tudo, com o ISMAI, com tudo, todas as instituições e então... mas nunca acreditamos muito nisso e nós dissemos a alguns moradores... aliás que eles tiveram a lata que mandaram assistentes sociais porta a porta com o papelzinho para as pessoas assinar que era para sair lá para cascos de rolha não sei...só que muitos disseram logo "Eu não vou, porque estou aqui é aqui que tenho de ser reabilitado"

**E3:** Vinham com muitas formalidades e as pessoas já com uma certa idade deixaram-se ir.

**E2:** Ora bom, aí nessa altura é que foi estudado isto, era para se fazer não um aglomerado de tanto bloco, era dividir x na Maia, num terreno aí para a Maia e outro ali para baixo e nós estivemos de acordo, era as mesmas condições, a mesma renda e as casas eram boas, ainda eram melhores do que estas, mais modernas. Fizeram esse estudo em Pampelona, que era essa empresa em Pampelona. Foram Vereadores ver aquilo e nós passamos lá pela Espanha e vê-se que os bairros sociais não têm nada a ver com isto. E essa empresa era boa e era essa empresa que ia se construir na Rua Altino Coelho que era o tal Parque Maior. Rua Altino Coelho por aí a baixo, iam se fazer estabelecimentos comerciais e habitações por cima. Ora bom mas tinha-se que fazer isto para vender para ganhar dinheiro para construir lentamente e entregarem aos moradores para eles irem saindo, mas atolou-se uma crise destas que há à volta de 35 000 casas aí, apartamentos e casas à venda, uns penhorados, outros porque as pessoas se desempregaram e não dava para pagar, como é que se ia comprar casas? Isso é tudo uma mentira, tudo! E fez-se uma reunião no Fórum da Maia, pública, onde vem gente de todos os quadrantes políticos, vem arquitetura e tudo e há um que disse logo que isto era

tudo mentira que isto não vai a lado nenhum... e não. Hoje se calhar estão arrependidos destas casas que se deitou a baixo, porque faz falta.

**E3:** Mas está aqui outro para ir abaixo.

**I:** Mas se calhar estavam tão devolutos que já não conseguiam se quer reconstruir, não sei.

**E2:** Não, não, essas estavam boas. Os moradores saíram, saíram para pior!

**E3:** Estavam como esta e onde vivem os ciganos também.

**E2:** E pessoas que gastaram muito dinheiro dentro das casas...

**E3:** Voltando ao caso que é a coisa que mais me debate com a etnia cigana. Não nos podemos, tanto eu como o A., não nos podemos expandir muito, porque há aí uns dois ou três que se a gente não se põe a pau aparece com a roupa furada, inclusive um que é um grande assaltador...

**E2:** E há um problema é que a Espaço [Municipal] disse-nos sempre para nós não nos metermos nisso, isso é com eles...

**E3:** Mas o ser com eles vai-se arrastando, arrastando, arrastando...

**E2:** Eles também têm medo que vão para lá faziam barulho... é um problema

**E3:** Vão para lá, mas a PSP está cá não é para outra coisa. Isto está num ponto... oh menina eu fui de férias em agosto, tive uma semana em Benidorm com a família, quando cheguei tinha a minha casa toda desfeita. Assaltaram-me a casa, é por isso que, e eu também tenho um carro à porta, estou sujeito a vidros em baixo, pneus em baixo etc. etc... É por isso que a gente tem que se alhear um bocadinho de certas e determinadas coisas, coisas que deviam ser feitas pela Espaço Municipal, porque eu já tenho dito, um morador quando vai tomar conta da casa, isto no caso da deteiorização, um morador quando vai tomar conta da casa ou quando lhe é atribuída uma casa, que já tenha vindo de outros, a Espaço [Municipal] vai tentar renovar aquilo mais possível, ou bom ou fraco põe, mas um morador chega lá, falta-lhe uma lâmpada ali, tem um interruptor partido, aquela coisa tem o soalho levantado "Oh fulano eu não vou para lá com o soalho assim" "Não vou para lá porque não tenho interruptor, tatatata..." Mas quando saem por qualquer motivo, quando saem da casa, deixam a casa toda destruída, 70% deles deixam as casas todas destruídas, banalizadas de toda a maneira e feitos. Não há ninguém, já tenho citado isto, a Espaço Municipal, eu vou lá... (devia ser assim) "Senhores fulanos tem aqui as chaves da casa, assino o papel que é preciso para

entregar a casa”, “Não, espere aí que vai lá alguém ver como está a casa, o que lá estiver deteriorado você vai pagar, pode não estar mas se estiver o Sr vai pagar” não fazem isso. É por isso que eles saem das casas e deixam as casas todas desfeitas, armários da cozinha todos partidos no chão, é tudo, tudo, tudo. É a tal falta que há da Espaço Municipal de monitorizar as coisas. Aquilo está uma bandalheira que é o termo mais próprio... aquilo da Espaço Municipal. Há uma pessoa ou duas com um bocado de interesse, há cinco ou seis que atrasam tudo.

**E2:** Aquilo havia, julgo eu, devia mudar um bocadinho o pessoal, porque a maior parte do pessoal é da Câmara, são funcionários da Câmara. A Espaço Municipal é uma empresa intermunicipal, vamos lá ver, o pessoal é escalado da Câmara para ali, outros vão dali quando não quiserem estar lá, tem de dar a colocação dentro da Câmara. Ora bom, a gente sabe que a função pública toda a vida teve um descrédito total, deixam andar, porque não são trabalhadores, mas isso é tudo um erro. A gente sabe que eles também não podem fazer tudo o que a gente quer. Vamos lá ver, agora chega uma pessoa lá e pede uma casa e eles não podem dar e é evidente que não podem dar, porque há pessoas há 15 anos à espera, eu só acho estranho é que num prazo de dois meses ou três já se dá uma casa a uma pessoa, portanto, tem que haver interesses aí e aí tem que haver alguém que escrutine isso e eu ainda há bem pouco tempo... há aí uma senhora que está à espera de casa já há muitos anos, não tem direito e de um momento para outro deram uma casa aqui a um casal que está com pedido há dois anos e nós deixamos dúvidas nisto, é evidente que isto tem que haver um apadrinhamento, chamamos as tais cunhas, isto foi sempre assim. Agora aqui há assistentes sociais que deixa andar... Outro ponto: engenharia, é um erro total dentro da Espaço Municipal. Vamos ter com a engenheira a engenheira diz “olhe isso não é comigo é com aquele”, depois “Olhe não é com esse é com aquela”. Elas vêm ver o trabalhinho, apontam num bloco de notas, chegam lá entregam e nunca mais aparecem.

**I:** Acham que o Bairro do Sobreiro está ao abandono por parte dessas entidades?

**E2:** Está, mas a menina vai dar uma volta connosco para ver isso.

**E3:** Está ao abandono no aspeto de quem devia olhar por isto que era a Espaço Municipal, porque vai-se lá e é como o A. diz, empurram ... e a gente quando quer saber das coisas “Olhe não sei de nada disso não está comigo, olhe está com o engenheiro tal ou está com o engenheiro tal” e batemos sempre na mesma coisa.

**I:** E onde vêm o vosso maior apoio?



**E2:** Em lado nenhum.

**I:** Nem aqui o Centro Comunitário?

**E2:** Nada.

**E3:** O Centro Comunitário não pode fazer, o Centro Comunitário também tem laços de volta dele. Tem uma corda como nó de pescador, se começa a estrebuchar muito eles apertam-no e o aqui Centro Comunitário não pode respirar para lado nenhum, também está subjogado, porque há coisas como disse o A. há bocado, há pessoas aqui com bons ordenados com bons carros à porta e vêm aí buscar o tacho e há pessoas aí que eu queria citar como há bocado... o A. o ano passado, não foi neste Natal, foi no outro, houve um casal amigo que veio ter com ele que quando ele contou eu... eu sou de lágrima fácil e comovi-me logo com aquilo... queriam por um bocado de pão em cima da mesa no dia de Natal e não tinha, veio correr ao A. se arranjava aqui no Centro alguma coisinha para comer no dia de Natal, não tinham e ele quando nos veio contar "Oh pah faz aquilo que pudes".

**E2:** Já temos feito vários, tanto aqui como em (?) na altura. Eu, por exemplo, no cabaz de Natal estava ali no café e eu vou lhe dizer... até levei para a brincadeira... fui buscar uma caixa de papelão e pousei lá dentro vazia e disse "O meu cabaz de Natal está aqui" e toda a gente ficou admirada mas estavam duas fulanas, com os maridos a trabalhar, elas reformadas que não tinham direito ao cabaz de natal se for a ver, pelas contas não dá, e elas ainda gozavam com quem não tinha e eu sentei-me numa mesa e "fulana e fulana queres o cabaz de natal?" "Quero". Eu peguei cheguei a casa e em dez minutos escrevi uma cartinha trick trick para fulano tal tal tal... só lhe disse assim "A sua mesa não é igual à destas senhoras, é que a sua mesa está cheia e estas não tem" Eram oito da noite quando vieram entregar o cabaz a estas senhoras, às duas, porque há quem goze, depois de receber as coisas e ainda gozam e eu sobre o cabaz de Natal, eu sei porque já andei a entregar, quando veio o cabaz de Natal para cá, a Câmara e serviços municipalizados... cedia-se as carrinhas no primeiro ano para distribuir. Eu cheguei a S. Pedro de Avioso, à beira do ISMAI, toco à campainha, vem uma senhora às 11h15 de robe "Olhe traga-me cá a cima" "Eu não lhe levo não minha senhora, a senhora vem cá baixo e assina o papelzinho, senão eu levo para trás", sabe porquê? Eu conhecia, porque joguei no Castelo [da Maia], conhecia aquela gente toda, porque o marido foi diretor do Castelo e então o que é que eu vi? Jipes, Mercedes e vai-se lá levar o cabaz e levanta-se ao meio dia e ainda queria que eu fosse criado dela. Sabe o que é que eu fiz nos serviços? Levei o cabaz para trás, cheguei ao meu diretor de serviços e disse "Olhe

tire-me de lá que aquilo para mim não serve" "Mas porquê, conte-me lá..." e eu contei-lhe a passagem e diz ele "Fizeste bem" e deixei de andar a entregar, que não sentia... e depois criei outro problema com a L.G., porque um casal de velhos que nem andar podiam não tiveram direito a cabaz de Natal e esta gente toda boa, toda bem de saúde, não falta de comer, não tem mais, mas tem qualquer coisa sempre para comer e eles não tiveram... passado três dias foram lá levá-lo. Por isso há aqui coisas, por isso é que eu digo aqui [no Centro Comunitário] também há coisas que estão mal, mas aqui não gostava muito de me meter para já.

**E3:** Aqui não, não...o Mário é competente.

**E2:** ...provedores, vice-provedores isto deixa muito a desejar, portanto até ver, mas quando me der na tola e sentir que isto está coisa eu sei os trémitos(?) das situações, eu sei o que devo fazer. Isto já devia ser pôr pessoas à altura, que conhecem... eu entendo que é assim, o cabaz de Natal, por exemplo, e alimentação que se dá... nós moradores daqui, buscar duas pessoas, não quer dizer que seja eu nem ele, moradores que conhecessem e dissessem assim "Aquele tem direito, aquele precisa, este não precisa..." era assim que se havia de fazer

**E3:** Sabe que...foi neste Natal...sabe o que a etnia cigana fez?

**I:** Diga.

**E3:** Descalabro! Eles davam um bacalhau deste tamanho, era um bacalhau muito jeitoso... Que não venham dizer que não receberam no cabaz de Natal...

**E2:** Venderam o bacalhau, eu vi eles a venderem.

**E3:** Estavam aqui, davam as coisas, e eles estavam a vender um bacalhau bom a 10euros. Vendiam o bacalhau. Quando o Mário soube reportou ou chamou alguém a atenção. Uma ocasião vou ali atrás com um outro que já foi membro da Associação de Moradores, chamou por mim, até foi a casa buscar-me "Anda ali comigo", fomos aqui atrás de um bloco, tinham vindo buscar aqui o saco das coisas e ali atrás do bloco estava um monte enorme de arroz, é o tal arroz marca E e não querem, não querem é porque não têm fome, senão até o queriam.

**E2:** Leite...

**E3:** Depois chegam ali e deitam fora, anda tanta gente a precisar. Não há um apanhado... um saber se a pessoa precisa ou não precisa.

**E2:** Eu estava em Sto. Tirso e uma amiga chegou à minha beira "Oh A. tu moras na Maia?" " eu disse "Moro pah numa zona bonita vós também querieis ser Maiatos" só que eles não

autorizaram que eles também gostavam de passar para a Maia "Olha vê aqui isto no Facebook!" lá estava o leite, tudo, tudo espalhado, o arroz, salsichas, tudo espalhado, aqui! E há outra situação, dantes davam à beira da Junta da Maia, à beira da feira e eu que tanto combatia essa situação, um dia a Dra. chamou-me que eu estava lá no café e diz ela "Olha anda cá ver isto" e estava um carro de compras como tem o Jumbo cheinho lá naqueles bidões tudo no chão e eu disse "Mas a Dra. é que é responsável por isto não sou eu, eu digo as coisas e passa-se isto" e depois há interesse em dar quem se dá, não é pelos pobres, isto aqui há muita máfia, mas eu estou calado para agora...

**E3:** Não podemos estrebuchar muito.

**E2:** Eu também não me vou fiar nos que tem muita letra "Ai aquele tem e aquele não", nós temos que ser realistas, verdadeiros. "Estás a desviar [dinheiros] clandestinos, não tens direito a nada pah" é assim. Os clandestinos ganham muito dinheiro, não descontam para nada. Eu na campanha eleitoral estive aí o... é professor lá no ISMAI; eu vou lhe dizer quem é, M. G., ele até faz parte do andebol e essa coisa... é de Milheirós e ele ainda conseguiu por umas coisitas aí quando fez a campanha e tal, mas ninguém acreditou nisso, eu não consigo...

**I:** Já estão todos muito desacreditados, não é?

**E2:** Eu para mim guardo aquilo... digo-lhe eu não acredito muito nisto, mas a todos digo "Não, é hoje, é amanhã..." nós mentimos porque nos prometem.

**I:** Mas não acha que este novo projeto vá para a frente? Não acreditam que mudará alguma coisa?

**E2:** Não é não acreditar, eu acredito sempre em tudo, ou faço-me acreditar, porque as pessoas perguntam e eu já disse e já vem no jornal algumas coisas, eu disse "Não, durante este ano vai-se começar a fazer 4 torres e e blocos, umas obras... isto já andamos há 7 anos com esta situação e eles não acreditam e nós "Acreditai que vai ser" se não chegar àquela altura "Eh pah afinal que é das obras?" Mas eu estou sempre, eu e ele, sempre "É agora, é depois..." nem ninguém acredita, a minha mulher não acredita e eu que vivo com ela (risos).

**E3:** A minha é a mesma coisa.

**I:** É aquele otimismo que é necessário também.

**E2:** É, eu estou sempre a... e eles começam assim "A Espaço Municipal é uma cambada de mentirosos" Porque é que eles vão às vezes para lá e insultam as doutoras lá? Já vimos... é

que insulto-as mesmo, não é brincadeira, é cada insulto que me deixa assim um bocado às vezes... mas pronto. E eles calam-se muito caladinhos, porque os moradores têm razão, chega um ponto que também desesperam e aliás eles que estejam caladinhos, porque nós é que temos acalmado, porque já era para sairmos todos para a Câmara.

**E3:** A menina acredite numa coisa, há moradores aí, que o A. sabe tão bem quanto eu que agora neste período de chuva tem recipientes em casa para apanhar a água, ou em cima do guarda-fatos ou em cima de outra coisa qualquer. Eu sei de uma casa, várias aí, em que a senhora é obrigada a por o recipiente em cima do guarda-fatos, porque a água está sempre pim! pim! pim! Eu aqui há dias fui lá, a senhora é viúva, pediu para ir lá fazer umas coisitas em casa, ou seja, foi numa altura que falhou a luz ou a água e depois a botija de água dela veio com muita força e estremeceu tudo e começou a pingar tudo e reparei aquilo, reparei dentro daquilo que posso, socorri a senhora. Depois começou a chover muito e eu fui lá que a água estava a sair muito a ferver e eu fui lá reduzir o termóstato, vou a entrar no quarto e " Oh Z. que é isto?" "É para você ver.." toalhas junto à parede, junto à janela e água a entrar... Foi obrigada a tirar tudo para fora, carpetes, mas como aquela há muitas aí e nós estamos a mentir hoje, a mentir amanhã, a mentir depois...

**E2:** As janelas sem madeira...

**E3:** E uma janela da cozinha que vira para a rua, para a estrada, para esta estrada aqui, ela já não abria aqui há dois anos ou três. Nem fecho tina nem nada. Fui a casa buscar um fecho, porque ela já tinha pedido à Espaço Municipal para ver aquela janela que não abria. Fui eu a casa buscar um fecho.

**E2:** Vamos lá ver eu também não estou muito de acordo... é preciso um (???) que custam centimos que eles deviam fazer, também se tem que dar uma pintadela numa janela, você pinta e eu também as pinto, porque a renda que se paga aqui também não se justifica... eles não são obrigados a fazer tudo, tudo o que a gente quer. A parte da caixilharia eles têm que fazer, mas se nós pintarmos também conserva mais um bocado, a gente tem que ver as coisas como elas são, mas também quem não se importa cada vez se degrada mais, porque isto é madeira não é alumínio. Por exemplo, eu tenho as minhas, que moro no 7º[andar], eu emacei-as todas, as soleiras, porque sei que elas que estão a dar o badagaio, mas dura mais uns aninhos.

**E3:** Oh A. eu estou em pleno acordo com aquilo que estás a dizer e sabes que eu sou contra o deteriorar e deixar estar, mas eles deviam ter um bocadinho de consideração, porque têm

lá o agregado familiar de toda a gente "Olha este senhor de certa idade está sozinho, vamos lá ver como está a situação em casa deste senhor".

**E2:** Está aqui isso neste projeto, você se leu...

**E3:** Já eu li e eu ia buscar isso. É que esta senhora já esta viúva há uns três ou quatro anos. Não tem quem lhe faça nada, está a recorrer aos vizinhos. Há por aí muita pessoa sozinha...

**I:** Isso é um problema aqui, o isolamento?

**E3:** Exatamente.

**E2:** Vamos lá ver, a questão dos idosos aqui... há uma média de 56, mais ou menos...é o que está, parece-me que é isso.

**I:** 56 idosos?

**E2:** Pode haver 10 ou 15 que estejam sozinhos, mas muitos também não quer... se lhes perguntar se querem ir para o lar eles não vão, se estão lúcidos também não são obrigados a ir.

**E3:** Estão naquele bocadinho deles.

**E2:** Mas, por exemplo, pelo Natal andamos, para eles não fiquem sozinhos em casa, davam aqui o jantar, vinham jantar com o pessoal, ao menos na noite de Natal e desses ninguém quis vir. Porque tinha a família, tinha isto, tinha aquilo.

**E3:** Nunca cá vieram [ao Centro Comunitário] e vir-se sujeitar a comer... As pessoas também se retraem.

**E2:** Eu também vejo idosos aí que estão bem reformados e podem pagar, podem contribuir com alguma coisa para que vá alguém olhar, acho eu, mas isso depois também é uma questão de a gente ver e ir à portinha. Nós conhecemos os pontos, vamos os dois com a menina, ou quem quiser vir mais, não tem problema. Eu sugeria, não sei se isso é para entregar a alguém.

**I:** Eu vou fazer uma dissertação de mestrado, isto é um trabalho final para apresentar...

**E2:** Então faça assim, isto dá para tirar fotografias, leve a máquina e alguns pontos a que vamos levá-la é obrigatório tirar fotografias para ver a vergonha.

**I:** Se tiver autorização eu tiro.

**E3:** Tire, não tem problema nenhum.

**E2:** Eu não sei se o ISMAI quando veio aqui se pediu autorização, nós até para à torre fomos lá para cima e fizeram um CD, deram-nos um que foi para a Assembleia da República e foi perdido lá dentro, prontos! Nós andamos com eles, não tivemos problemas nenhuns. Outro que veio aqui para fazer um filme para ele nunca mais os vi.

**E3:** Já os vi mas não aqui.

**E2:** Esses dois rapazitos novos estudantes, vieram aqui também para um estudo que era para se formar não sei quê em cinema, mas nunca mais soubemos mais nada, portanto nós não temos problemas nenhum, mas fotografias é mais bonito. Ver os pontos, mas aqueles pontos mais degradados que parece que estamos na Síria, tem aí alguns pontos... o que passa nesta rua não é o que está lá para trás, mas isso é uma questão de depois vermos, está?

**I:** Vocês gostariam de ter acesso ao trabalho?

**E2:** Se quiser depois dar uma cópia, mas se não, não temos problemas nenhuns, estamos a fazer o nosso dever, a gente conhece bem disto.

**I:** A minha ideia é que as pessoas ouvem a falar dos bairros, mas não vão conhecer um bocadinho o que é que de facto lá se passa e este é um pouco o meu objetivo que é dar a conhecer o lado de dentro de um bairro social, as pessoas como vivem...

**E2:** Eles abriram os olhos agora, elas já sabiam que eles sabem mais que nós, eles tem engenheiros, porque ao abrir esta estrada aqui que eles querem, como isto nunca mais vai a baixo, e se fizerem as tais obras como está programado, isto passa a ser um lugar muito bonito, as pessoas já passam no meio do bairro... agora não, porque a maior parte do bairro ninguém o conhece, há engenheiros que não conhecem, da Câmara, não digo da Espaço Municipal, da Câmara. O T. que é o presidente da Câmara não conhece, eu é que o levei lá a um ponto para lhe mostrar que temos um pavimento... as árvores, as raízes das árvores estão desta altura, tudo levantado e isto são pontos que se deve ver para se fazer um estudo, julgo eu pronto.

**E3:** É que nós quando formamos há uns anos a Comissão de Moradores, tínhamos muitos associados.

**E2:** Foi em 2004.

**E3:** Foi...

**E2:** E perdemos...

**E3:** Mas antes de 2004...

**E2:** Antes disso, antes já preparamos, mas não estava formalizado.

**E3:** Até no Centro Comunitário que estava aí nós íamos para lá. Mas uma coisa é certa, nós fomos perdendo esses tais ditos associados, alguns deles, por descrédito.

**E2:** Por causa das obras e mentiras.

**E3:** "Está dito lá em cima que dentro de um mês vão começar", mas passava um mês, dois... "mas eu ando a pagar para quê? não vale a pena, o que vier para os outros vem para mim, não vale a pena" e assim sucessivamente.

**E2:** Nós até baixamos as quotas. E nós defendemos, porque a Associação é para o bairro todo, paguem ou não paguem.

**E3:** O problema está aí, vem pessoas que não são sócias e vem nos pôr certos e determinados problemas que não vamos ficar indiferentes a eles. Lá está o A. "Oh M. venha comigo" e eu vou...

**I:** Estão aqui para todos.

**E2:** Para todos, tem se feito aí coisas fantásticas para certos moradores a nível de outras coisas, tenho feito muito e M. quando eu preciso "Oh M. está pronto? venha comigo"

**I:** São uma equipa.

**E3:** Somos três. Nós e um tal L. que é reformado da PSP, estamos para tudo.

**E2:** Os únicos que estamos, somos mais, só que outros trabalham não vão perder os dias para estar aqui, somos nós que estamos mais aqui assim.

**I:** Eu tinha assim para finalizar uma pergunta que gostava que respondessem um de cada vez que é para completarem uma frase: O Bairro do Sobreiro para mim é... Sr. M. para si...

**E3:** O Bairro do Sobreiro para mim foi um concretizar... foi um sonho que eu tive há alguns anos grandes atrás e hoje é o meu ninho. O Bairro do Sobreiro para mim é o meu ninho e, por isso, me empenho o mais que posso por ele. Sou como uma ave quando está a construir os seus ninhos vem alguém a querer desfazer e ele está logo em cima e eu parra mim é a mesma coisa, é o meu ninho, é aqui eu vivo, é aqui que tenho os meus amigos, é aqui que... E eu não sou de cá, sou da Póvoa [de Varzim], mas já estou cá há muito... é aquele meu ninho, é onde tenho os meus amigos...eu pego no carro e vou até à Póvoa dar uns passeios e

tal mas estou morto sempre por chegar a casa, porque é aqui o meu ninho. Era uma coisa que eu tinha, que quando... eu vim do Porto para cá viver, já casado, e nunca pensei ter a casa que tenho hoje. Eu vivia numa casa muito pequenina, criei um filho deficiente, fiz o funeral dele com 17 anos... era uma casa...depois quando me deram esta, ele também chegou a vir para esta, para mim era um sonho, foi um sonho, a minha casa é grande, é o meu ninho, é por isso que eu às vezes tenho quezílias com alguém... não é quezílias, eu não entendo o desfazer daquilo que fizeram, é por isso que eu digo que o Bairro do Sobreiro para mim é o meu, o meu bairro, o meu. Enquanto eu puder hei de me debater por ele.

**I:** Sr. A. para si...

**E2:** Este bairro para mim à partida é o melhor bairro da área metropolitana do Porto, que as pessoas que tire já essa ideia de que é ruim, que é mau, que eu já moro aqui quase há 40 anos e isto quando foi construído foi o que deu o ser à Maia, a Maia era muito pequenina. Isto tem à volta de 580 agregados aqui, pertinho de tudo. Moro aqui, continuo a morar, não sou daqueles que digo "Vou para outro lado e não digo que sou do bairro" Não! Eu digo que sou do Bairro e é bairro que eu escrevo, não é urbanização, é Bairro do Sobreiro, não tenho medo nenhum nem tenho vergonha nenhuma de morar aqui, sinto-me bem, tive filhos aqui, estamos bem. Não saio daqui, o problema é que eu não saio daqui, deia o que der que isto... eles podem correr e saltar... E sinto-me bem aqui, este bairro é um bairro como uma zona qualquer VIP, é igual. Vive-se bem aqui, não há problema nenhum, passa-se de noite à hora que se passar nunca ninguém é assaltado, é seguro. Estudos da polícia também se vê... Quando começar a haver assaltos na via pública então já estamos mal. Mas não há, portanto.

**E3:** Na via pública não tem havido, havia... Esse malfeitor está na cadeia, foi o que me assaltou a minha casa.

**E2:** É bom viver aqui na Maia.

**E3:** Como disse logo de início na nossa conversa, há pessoas que vão trabalhar à Maia e deixam os carros aqui, há pessoas que moram na Maia e de noite deixam os carros aqui, isso é verídico. Eu vejo ali ao meu lado para cima ainda ontem fui pela parte de cima, pela parte contrária por onde costumo ir sempre, e está tudo cheio de carros que não são moradores daqui. É bom ver isso aqui!



**E2:** Eu não tenho problemas e as pessoas passam aí de outras zonas, a zonas dos marinhos que é considerada zona rica, zona-jardim, e não dizem mal disto. Há sempre um ou outro que pronto.

**E3:** Isso em qualquer lugar, há sempre essas quezílias...

**E2:** Agora quando...

**E3:** Só há uma coisa, desculpa um bocadinho, só há uma coisa é que, por exemplo, nessas grandes residências os moradores não se conhecem uns aos outros e aqui quase todos se conhecem.

**I:** Acha que isso é um ponto positivo?

**E2:** É

**E3:** É. Eu tenho uma senhora, desculpa A. um bocadinho, eu tenho uma senhora, eu falo muito na senhora porque as minhas filhas, uma na suíça que é perdida por aquela mulher e outra neta que é perdida por aquela senhora... que está sozinha, viúva, a minha neta "Fulana onde é que estás?" "Estou em casa filha" "Então anda aqui tomar um cafezinho"... Passa para ir levar alguma coisa "Z. onde está?" "Ah estou aqui em casa" "Então desce vamos lá cima tomar um cafezinho". Ela não tinha onde... eu estou a falar neste caso, mas há muitos...ela no Natal não tinha onde passar o Natal, os filhos estão para fora e não são muitos chegados aos pais, o pai já morreu, mas da mãe, e eu antes do Natal perguntei "Oh Z. no Natal onde vais jantar no dia de Natal" "M. numa mesinha qualquer fico em casa" "Não não vais, vens jantar a minha casa". A minha filha que está na Suíça telefonou "Paizinho a Z. sempre vai comer a nossa casa?" "Vai filha" "Tu não a deixes em casa sozinha, tu leva-a contigo". Isto é verídico, a minha filha, passado uns tempos veio cá de férias e mal pôs os pés no Porto, chegou à nossa beira e "Olha, a Dona Z. sempre foi no Natal, esteve com vocês?" "teve filha todo o dia e no dia seguinte" "ah pronto estou mais descansada" E ver a proximidade que a gente tem os vizinhos uns com os outros. Há sempre um que a gente ou gosta menos, ou menos comunicativo ou..., mas há sempre...

**E2:** A gente se for ver há uns anos atrás, aqueles lugarzinhos, aquelas freguesias, por exemplo, eu morei em Guilhabreu, Vila do Conde.

**I:** Eu moro em Malta que é ao lado (risos).

**E2:** Eu joguei no Malta!

**I:** Que engraçado, o mundo é pequeno (risos).

**E2:** Eu joguei no Malta! (risos) E eu conheço a gente toda de Guilhabreu e já saí de lá há muito tempo, tenho lá os meus sogros.

**I:** São meios muito pequenos.

**E2:** Eu conheço aquilo tudo, portanto, a gente conhecia-se uns aos outros. Eu em Malta conheço muita gente lá, o ex-presidente da Junta e tal, conhecia aquilo tudo, porquê? O meu sogro tinha estabelecimentos comerciais em Guilhabreu, eletrodomésticos e eu aos fins de semana, ao sábado quando vinha de trabalhar, ele pedia-me para ir ajudá-lo, entregava gás por Fajozes, Gião, tudo...conheço Vila do Conde toda... a minha mulher é de Guilhabreu, natural de lá. Onde tem a escola de Guilhabreu, quem vai para o campo de futebol, aquele prédio que está lá, é do avô da minha mulher, só que depois foi um tio que ficou com aquilo... eu vou lá muitas vezes a Guilhabreu, tenho lá o meu sogro, e tenho lá jazigo no cemitério. Morei lá 5 anos antes de vir para aqui, foi quando casei, fiquei lá. Mas Guilhabreu agora está melhor um bocadinho, já tem uma farmácia, antigamente não tinha nada, a gente tinha que ir a Malta à farmácia, ali é que houve sempre. Mas o problema disto é este "Fulano tal" e eu conhecia este, conhecia aquele, a gente encontrava-se também nos cafés, ia-se ao cinema à beira da igreja ainda daquelas máquinas de fazer barulho e isso é bonito. Nessas zonas VIP ninguém se conhece a ninguém e nós aqui [no bairro] conhecemos.

(marcação da visita ao bairro)

## **Apêndice VIII. Transcrição da entrevista à Presidente da Junta de Freguesia da Cidade da Maia**

**26 de março de 2018**

**Local:** Edifício da Junta de Freguesia

**Investigadora (I)**

**Entrevistada Presidente (E4)**

**I:** Presidente, antes de mais, há quanto tempo é que ocupa aqui o cargo da presidência e qual a sua motivação para assumir o cargo?

**E4:** Eu ocupo este cargo desde o dia 18 de outubro de 2013 e a motivação foi serviço público mesmo, foi estar disponível para poder ajudar a resolver algumas questões que tem a nossa comunidade. Nem sempre são coisas más, não tem que ser, mas de facto é uma questão de serviço público, de entender que nós todos devemos contribuir um bocadinho em prol da comunidade.

**I:** E quais são as principais áreas de intervenção aqui da Junta de Freguesia?

**E4:** A Junta de Freguesia tem áreas que se destacam mais do que outras no nosso dia-a-dia, se bem que a ação social de facto é uma das áreas em que nós trabalhamos muito... Sendo certo que também é uma das áreas em que nós também divulgamos pouco aquilo que fazemos, porque quando se fala de ação social falamos de pessoas que têm algum tipo de necessidades e, portanto, entendemos que não devemos publicitar a ajuda que damos às pessoas que estão em situação de precariedade ou que estão com algumas necessidades. Muitas vezes, são necessidades que não são definitivas, são momentâneas, são pessoas que tiveram um acidente de percurso na sua vida profissional, há outras que não, pronto que é uma questão já, já... já é uma questão de vida, digamos assim, de opção de vida, mas nós entendemos de facto que não devemos publicitar muito essa intervenção. Publicitamos sim os serviços que prestamos e nessa área, e comecei por aí porque é aquilo que mais lhe interessa, nós dispomos de um espaço físico que se chama "Serviço de Apoio ao Cidadão", ali junto ao metro do Fórum em que temos o GAIL com técnicas da Câmara, portanto, "Gabinete de Apoio Integrado Local", temos consultas de psicologia gratuitas para pessoas

que vêm referenciadas quer pelas técnicas da Câmara, quer pelas técnicas da freguesias, quer pela CPCJ, quer pelas escolas, portanto, pessoas que não são só... nós inicialmente tentamos que fosse mais para crianças e jovens, mas verificamos que nem sempre são elas só que necessitam e, portanto, acabamos por alargar o serviço. Depois também dispomos de uma sala que emprestamos semanalmente ao "ASAS de Ramalde" que tem um projeto que visa inserir pessoas no mercado de trabalho com toxicodependência e/ou problemas de alcoolismo. Dispomos de um banco de roupa onde as pessoas depositam roupa em estado considerado bom e limpa e as pessoas vão trocando, umas vão só levar, outras vão só buscar, um banco de calçado, um banco de livros, um banco de livros escolares e depois temos o Espaço do Cidadão que é uma forma de ajudar os cidadãos a tratar de assuntos possíveis de tratar através de meios informáticos e, recentemente, cedemos um bocadinho das nossas instalações para ter os TIP, precisamente porque é um serviço apoio à comunidade em que as pessoas podem carregar, comprar passes do metro, o que seja. E depois temos assim mais duas coisas que me lembre, porque assim de repente às vezes falham-me coisas, que é o banco alimentar em parceria com o Recriar, portanto, o Recriar é o titular do Banco Alimentar, mas nós, que já tivemos banco alimentar na freguesia, entendemos que era melhor que existisse um banco alimentar concelhio. Solicitamos ao Recriar que tomasse conta dos nossos utentes com o compromisso de continuar a fazer tudo aquilo que fazíamos, ou seja, ir buscar alimentos ao banco alimentar, fazer os cabazes e a distribuição, além de toda a parte burocrática dos processos que é feita anualmente.

**I:** Esse banco alimentar nada tem a ver com a distribuição que o Centro Comunitário também efetua?

**E4:** O Centro Comunitário é outro polo que faz distribuição do Banco Alimentar.

**I:** Ah ok.

**E4:** Pronto, que agora até tem aquele novo projeto...

**I:** Um armazém.

**E4:** Sim, sim, mas algumas famílias vão buscar a esse armazém, outras vão buscar ao Serviço de Apoio ao Cidadão, ao nosso Banco Alimentar. E depois, ao verificarmos também, basta andar por aqui um bocadinho que percebemos logo que, às vezes, por um cêntimo as pessoas deixam de ser contempladas com a atribuição do Banco Alimentar, isso não significa que as pessoas não tenham carências alimentares e então nós criamos um SOS Alimentar que foi criado para os fregueses da Cidade da Maia, mas a verdade é que verificamos que já as

técnicas da Câmara e às vezes de outras freguesias recorrem ao nosso SOS Alimentar. Nós costumamos ceder, devemos dar de comer a quem tem fome. É difícil para nós conseguir manter o nosso SOS Alimentar com alimentos e para que isso aconteça nós fazemos muitas parcerias com as escolas, portanto, a Junta de Freguesia é dona do Zoo da Maia e, portanto, na época baixa, acabamos por proporcionar às crianças uma visita ao Zoo em troca de um bem alimentar. Também juntamente com as associações de pais vamos fazendo algumas parcerias com as coletividades e com as esquipas desportivas que existem na freguesia, portanto, nós vamos tentando em comunidade, porque achamos que é importante, em comunidade, fazer com que quem pode perceba que há outros que não podem. Tentamos fazê-lo através das crianças e dos jovens para de alguma forma sensibilizar as crianças e os jovens desta realidade, porque nós hoje vivemos num mundo em que pouco olhamos para o lado e nós entendemos que, ao ocupar estes cargos que são públicos e que visam de facto a nossa envolvência na comunidade, também faz parte das nossas responsabilidades chamar a comunidade ao seu todo e, portanto, fazer com que a comunidade que tem mais recursos, ou que não passa tantas privações, tenha noção daquilo que acontece na freguesia e que, portanto, também participe connosco.

**I:** E sente adesão da parte da comunidade?

**E4:** Não temos tido razão de queixa, mesmo quando chega o Natal, todos os anos fazemos recolha de brinquedos e há pais que comprem brinquedos novos para nós darmos aos meninos carenciados. Também temos uma parceira que no Natal nos ajuda muito e nos tem fornecido nos últimos dois anos, que foram os anos que nós pedimos, as couves para que nós possamos entregar aos nossos utentes do... aos nossos utentes, atenção que os utentes são do Recriar, mas aqueles que são ali recebidos, ali no serviço de Apoio ao Cidadão... que nos fornecem as couves, que tem sido as couves que nós temos pedido que é a Cooperativa Agrícola da Maia e este ano, porque achamos que não íamos arranjar azeite, também pedimos a uma empresa, que é residente aqui na freguesia, para nos fornecer azeite e, portanto, vamos de alguma forma tentando sempre em comunidade. Devo dizer que até hoje nunca tivemos o Banco Alimentar vazio e que a freguesia não comprou bens alimentares. Não quer dizer que não tenha que o vir a fazer, mas nós de facto tentamos não ir por aí. Pronto, para além desta parte mais social, não vou falar do dia-a-dia da freguesia, passar atestados e de enterrar os mortos, acho que não vale a pena irmos por aí. Vou falar se calhar um bocadinho de cultura, é outra das grandes apostas da nossa freguesia, também porque tentamos envolver a comunidade mais jovem, fazemos exposições de escolas, fazemos

lançamentos de livros, exposições de pintura, o que quer que seja. Qualquer residente, ou não residente da freguesia, que nos solicita as instalações para fazer uma coisa que seja relacionada com a cultura só não cedemos as instalações se de facto elas já estiverem ocupadas, portanto, acho que faz parte também das nossas competências. Às vezes com uma pequena experiência destas podemos ter no futuro um artista, não sabemos o dia de amanhã e, portanto, acho que é uma maneira de também trazer a comunidade à Junta, porque eu acho que muitas vezes as pessoas entendem que os Presidentes da Junta e de Câmara são pessoas que são presidentes e, portanto, os presidentes estão muito longe e nós somos pessoas como as outras, nós dormimos, comemos, cozinhamos, arrumamos a cozinha, lavamos roupa e é importante que as pessoas percebam estas coisas e que se nós não estivermos em conjunto a trabalhar em prol da comunidade não vamos a lado nenhum, porque não adianta nada a Junta ter ideias muito grandes se depois as ideias que tem não as consegue praticar, porque a comunidade não adere. Depois a Junta de Freguesia existe para tantas outras coisas, os cemitérios de facto são uma das competências que nós temos e nós temos quatro cemitérios na freguesia que de facto nos dão algum trabalho. Temos cemitérios antigos que foram renovados em muitos aspetos, em eletricidade e por aí fora e que procuramos que estejam sempre do agrado de quem lá vai, fazendo as obras que são necessárias. Ainda o ano passado contruímos uma casa mortuária.

**I:** Manter o património no fundo...

**E4:** O património da Junta de Freguesia, uma vez que a esta Freguesia Cidade da Maia agregou três freguesias que constituem o centro urbano da freguesia, daí chamar-se Freguesia Cidade da Maia, é outra das nossas preocupações e que nós temos devagarinho conseguido vir a aperfeiçoar. Temos de facto edifícios centenários, alguns necessitam de obras, estamos a tratar disso, temos o Zoo da Maia, que é uma preocupação constante, temos lá cerca de 600 animais que precisam de comer todos os dias e ser tratados. E assim, repare, a Junta faz muito mais coisas, assim de repente...

**I:** Claro essas são as mais relevantes, maiores. Relativamente à habitação social, em que aspetos é que a Junta intervém? Ou não intervém de forma nenhuma, como vêm a habitação social?

**E4:** A Junta de Freguesia da Cidade da Maia tem urbanizações de habitação social muito diferentes. Temos o Centro Comunitário do Sobreiro que é a mais problemática no sentido de que é a mais antiga, já teve para ser demolida, depois não foi, agora está a reabilitar-se,

porque se está a ver que não é possível demolir, mas também temos outro tipo de habitação social que são... eu não diria condomínios fechados, mas são verdadeiros condomínios, não se nota se quer que é habitação social e que eu acho que a Maia tem de facto condições de excelência no que diz respeito à habitação social. A Urbanização do Sobreiro... eu não gosto muito de chamar bairro, não é que não deixe de ser bairro, mas acho que nós ao dizermos bairro acaba por estigmatizar as pessoas e o Bairro do Sobreiro já tem de certa forma algum estigma e eu estou a tentar que isso não aconteça. Aqui o Sobreiro sei que é uma preocupação nossa e que já vinha da antiga Freguesia de Vermoim. É uma grande preocupação da Câmara Municipal, no entanto não nos podemos esquecer que este bairro é muito antigo, já foi muito problemático, por aquilo que me dizem, porque o bairro é muito mais antigo do que eu aqui no concelho. O que é que a Junta de Freguesia faz? Nós tentamos estar próximos principalmente das pessoas, nem sempre de forma direta porque lá esta, as pessoas do Sobreiro, também não são todas, mas a maior parte delas, entende que a Junta de Freguesia deveria ser mais proativa na questão de resolver as questões graves que existem no Sobreiro e a verdade é que a Freguesia da Cidade da Maia, a Freguesia de Vermoim, antiga Freguesia de Vermoim, sempre o fizeram, a Câmara sempre tentou solucionar o problema, mas a competência para a questão dos bairros sociais vais mais além do que a Câmara, depende do governo central e nós também sabemos que se antigamente havia muitos incentivos até para a manutenção. Neste momento não existem, ou melhor, neste momento já existem, mas houve uma altura que não existiu e agora, também penso que deve saber e o Mário está até se calhar mais habilitado do que eu porque está mais dentro dos mecanismos, neste momento o bairro já está a ser reabilitado, já tem vários blocos reabilitados, já tem a aprovação para mais 14 ou 21 e, entretanto, os outros também estão em fase de concurso para que possam ser reabilitados. Estamos a contar que até ao fim penso que de 2020, o bairro esteja totalmente reabilitado, faltando as torres, acho que são, acho não... são as últimas que vão ser reabilitadas e, portanto, vamos esperar que consigam também, penso que serão as mais problemáticas em termos de reabilitação.

**I:** Também são edifícios maiores.

**E4:** Exatamente e com mais pessoas. Devo-lhe dizer também que a Junta de Freguesia tem uma relação de proximidade muito estreita com o Centro Comunitário do Sobreiro, da mesma maneira que tem com o clube de futsal que existe lá, a Associação Cultural e Desportiva.

**I:** Sim, sim tem lá a Sede.

**E4:** Exatamente, portanto, nós não temos... como é que lhe vou dizer isto, nós não vamos todos os dias ao bairro, eu posso passar todos os dias por lá e há alturas em que passo diariamente na Rua Central do Sobreiro, mas também não temos ação direta, estamos disponíveis, gostávamos muito de interagir mais, mas eu penso que é mais vantajoso ser, por exemplo, o CCVS a fazê-lo, porque há uma relação de cumplicidade e proximidade e nós que estamos aqui de passagem é mais fácil interagirmos com o CCVS do que diretamente com os moradores sim. Tirando isso acho que não temos grande atividade direta.

**I:** Ou seja, recebem a informação que depois encaminharão à Câmara ou então movem os vossos próprios meios naquilo que for necessário.

**E4:** Sim, sempre que for necessário nós agimos de imediato, é uma das grandes vantagens da Junta de Freguesia é que conseguimos responder mais rapidamente. Eu confesso que sabendo que não é uma competência da Junta de Freguesia, sempre que existe alguma questão relacionada com a habitação social eu tomo constata da ocorrência ou do que for e vou falar com o Espaço Municipal, acho que é assim que deve ser. Eu costumo dizer muitas vezes, eu não gosto que venham aqui à Junta intrometer-se na nossa vida, acho que não me devo intrometer na vida dos outros, tento sempre ir pelos meios que entendo ser os mais corretos, isso não significa que eu não oiça as pessoas, que não fale com as pessoas, que não tenha conhecimento do que lá se passa. Ainda há pouco tempo houve lá um incidente até com um incêndio, foi aqui que vieram primeiro, nós tentamos acompanhar o mais perto possível, reencaminhamos as pessoas para as assistentes sociais, portanto, digamos que é um trabalho um bocadinho mais de retaguarda.

**I:** Se pudesse descrever as pessoas ou o bairro, comecemos pelo bairro, se pudesse descrever o bairro de que forma o faria?

**E4:** Eu acho que o bairro tem um bocadinho de tudo, acho que a grande maioria das pessoas que habita a Urbanização do Sobreiro são pessoas normalíssimas com o seu trabalho, vivem o seu dia-a-dia, mas também acho que temos, eu penso que é uma minoria, mas uma minoria complicada, que de facto vive de subsídios, são pessoas que muitas vezes não sabem viver de outra forma e entendo que o nosso papel aqui é ensinar essas pessoas a governarem-se, ensinar essas pessoas a respeitar o outro, a respeitar aquilo que não é deles, porque a habitação social é de todos. Acho que... eu entendo que quem nunca foi ensinado não pode saber as coisas e, portanto, compete a quem sabe um bocadinho mais ensinar aqueles que sabem menos. A grande dificuldade é como fazer isso, porque nem sempre as pessoas estão disponíveis, muitas vezes ou quase sempre pouco interessadas e a nossa função é como é



que nós vamos conseguir a atenção dessas pessoas. Como é que vamos conseguir que essas pessoas queiram mudar? Porque isto trata-se de uma questão de mentalidade. Nós temos no Sobreiro muita gente, como disse há bocado, a viver de subsídios e isto já é uma forma de vida, que nós que trabalhamos para ter a nossa vida regular e de alguma forma normalizada... há muita gente que se revolta e se calhar até com alguma razão, porque qualquer um de nós que trabalha se tivesse uma habitação social a nossa vida era mais fácil, não tínhamos que pagar empréstimos aos bancos das nossas casas e por aí fora. Mas, de qualquer maneira, pessoalmente, dou graças a Deus por nunca ter tido necessidade de solicitar uma habitação social e entendo que compete a nós cidadãos com uma vida dita normal conseguirmos ensinar e chegar às pessoas que tem uma vida que não é anormal, mas que não obedece aos padrões e não obedece aquilo que é a vida quotidiana que é ter um trabalho, ter regras de cozinha e quando sobra reaproveitar a comida, hábitos inclusivamente de higiene, portanto uma série de questões até de, eu nem sei, aqui não é tanto de cidadania, se bem que a cidadania também está incluída, mas de competências próprias para que possam ter uma vida melhor. E depois temos uma pequena comunidade cigana, são quatro famílias, 28 pessoas que são do conhecimento do Dr. Mário Figueiredo, acho que estão minimamente integrados na comunidade do bairro, de acordo com aquilo que sei, fazem mais estragos os ciganos que vem de fora do que aqueles que residem aqui e devo confessar que eu sou uma apaixonada pela comunidade cigana, portanto, não tenho qualquer problema com a comunidade cigana. É claro que não concordo com muitas das coisas, como é que vou dizer, com muitas das coisas da cultura delas, as suas ideologias, mas mais uma vez também acho que sendo eles uma minoria, cabe-nos a nós maioria arranjar uma forma de os integrar, respeitando sempre a cultura deles. Nós não gostamos que venha para aqui ninguém dizer o que é que nós devemos fazer na nossa cultura, agora eu se for a um país muçulmano, por exemplo, eu é que tenho de me adaptar ao que se passa lá, não são eles que tem que mudar para me receber e eu vejo assim um bocadinho os ciganos. Também acho que nós, muitas vezes, estigmatizamos os ciganos, claro que temos razões para o fazer, mas nem todos os ciganos são iguais e, portanto, temos que ver caso a caso. A nós, autarquia local, compete-nos fazer a integração, compete-nos estar com eles e também dizer-lhes que nós não somos um bicho papão e que não temos medo deles, o medo tolhe a nossa atividade diária e eu confesso que nunca tive medo de ciganos, enquanto advogada fui advogada de ciganos alguma vez, estamos a falar de delitos menores como é óbvio, não estamos a falar de gangues de ciganos, que temos também na nossa comunidade portuguesa, como temos em tantas outras. Acho

que temos de criar ciganos de referência de forma a que a própria comunidade se reveja neles e que essas referências sejam um elo de ligação entre nós e a comunidade cigana.

**I:** Uma figura patriarcal ou matriarcal.

**E4:** Sim, sim, normalmente nos ciganos tem de ser patriarcal. A questão da igualdade de género nos ciganos é uma questão que pronto ainda está muito enraizado, não obstante eles estarem inseridos num país que supostamente, que também não é verdade, que supostamente os homens e as mulheres tem os mesmos direitos, isto é público, a começar pelos salários, as oportunidades... Mas pronto, o que eu acho, o fundamental é nós já termos a predisposição de mudar alguma coisa, porque acho que durante muitos anos não tínhamos, aqui temos, temos o nosso Mário que é excelente nessa matéria, nós também estamos disponíveis, a Câmara também está disponível, portanto temos todas os meios para começar a trabalhar. Vai ser fácil? Não sei. Vai ser impossível? Não, não vai ser impossível, portanto vamos trabalhar todos os dias e sempre que houver um revés, insistir para ver se conseguimos fazer alguma coisa.

**I:** Em termos de criminalidade é normal haver queixas de acontecimentos no bairro?

**E4:** Não tem havido, houve há uns anos até um miúdo que foi preso, já houve, dizem-me que houve nos anos 90, eu digo "dizem-me" porque eu só vivo na Maia desde 2003, não vou falar...

**I:** Sim o bairro já é da década de 70, início de 80.

**E4:** Sim, sim, sim, mas não tem havido, pode haver esporadicamente, sabemos que há ali um mercadozito de droga, mas não é nada que não esteja referenciado, que não esteja a ser acautelado, não nos tem causado grandes problemas, também sabemos que as autoridades fazem rondas, os próprios moradores acabam por de alguma forma ser supervisores dessas atividades menos lícitas. Eu não posso dizer em consciência que o bairro é problemático, não posso dizer isso, eu entro no bairro a pé, não tenho medo nenhum. Portanto, acho que é um estigma que se criou e não vale a pena irmos por aí, porque quanto mais nós estigmatizamos mais as pessoas se sentem segregadas e, portanto, pior é, parece um gueto e não é um gueto. A Urbanização do Sobreiro está no centro da cidade, não há nenhum outro bairro que conheçamos tão no centro da cidade, portanto nós temos mais é que tornar isto um local aprazível, em que as crianças e os jovens não tenham medo de entrar e que se criem parques como está previsto fazer e que deixe de ser uma coisa reservada quase só aos

moradores, mas abri-lo à população de forma a que as pessoas não tenham medo, é só isso, é tornar o bairro acessível como se tornou aqui a zona desportiva da cidade.

**I:** E porque é que acha que há esse estigma? Que ideia considera que as pessoas ainda têm que o Bairro do Sobreiro é?

**E4:** Eu acho que isso tem a ver com o passado de facto, porque segundo me dizem houve problemas graves de droga no passado, houve alguns problemas de tiros e por aí fora e depois é a questão do estigma, é um bairro, é um bocado como o caso do Bairro do Cerco e outros no Porto que, não quer dizer que não haja problemas, mas a verdade é que há muito mais famílias normais do que famílias com problemas e que pratiquem crimes. Pode haver eventualmente alguns problemas de alcoolismo de alguns moradores, isso também há, mas acho que de facto isso tem a ver com o passado e criou-se um estigma e vamos ter que resolver essa questão e mudar. Também é fundamental que as pessoas ajudem os moradores do bairro. Quem está aqui muito próximo consegue facilmente identificar as pessoas da Urbanização que, por exemplo, vivem de subsídios, porque não é difícil chegar ali aos cafés em frente ao Município e vê-los a tomar o pequeno almoço, pessoas que não trabalham que não fazem nada, e portanto, também não gostamos, porque nós dizemos "Fogo eu não faço isto e estas pessoas que vivem de subsídios, que sai um bocadinho de todos nós, estão aqui a fazer aquilo que eu não faço".

**I:** Isso também tem impacto?

**E4:** Tem muito impacto, é revoltante, eu própria já me senti revoltada com isso até que um dia alguém me disse que muitas vezes, e isto até era na altura de inverno, muitas dessas pessoas iam tomar o pequeno-almoço e estavam lá a manhã toda, porque estavam quentes e em casa não tinham esse conforto e, portanto, muitas vezes, nós prejudicamos as pessoas sem perceber exatamente o que se passa. Eu tenho tentado não fazê-lo, sendo certo que sei que há pessoas que se dedicam de facto a dar, a contornar a lei para viver de subsídios porque querem, mas há outras situações em que não é assim e nós devemos ter a capacidade de nos manter abertos a tentar perceber a realidade. Também lhe devo dizer que uma das coisas que me choca, que não acho justo e que não concordo, é que as pessoas que não cuidam da habitação social, da sua casa se mantenham na habitação social. Eu não estou a dizer que tenham que se ir embora, estou a dizer que tinham que levar um susto, porque não é justo só porque a casa não é nossa nós não a cuidemos, não cuidemos das escadas, não cuidemos das portas, não cuidemos do sítio onde residimos, mas devemos ser nós a ajudar.

**I:** Deveria haver uma ação nesse sentido de educação para o cuidado da casa...

**E4:** Não se esqueça que nós temos aqui famílias que habitam aqui desde o início da construção do bairro, não é? Isso é outra questão que se calhar não é oportuna para agora, mas eu entendo que infelizmente não vai ser mudado, porque não parece que nenhum governo vá mexer na questão da habitação social até porque os votos é o que é, mas eu entendo que de facto a habitação social deveria ser por um período de tempo, não deveria ser definitiva, há outros mecanismos de as famílias que de alguma forma podem pagar uma renda normal, mais próxima do valor das rendas de mercado, poderia ter a sua própria habitação. Não me parece que a fórmula existente neste momento no país, seja aquela que acautela as necessidades dos mais carenciados, porque se há famílias que hoje vivem em habitação social eu estão lá há 20, 30 e 40 anos e que na realidade hoje se calhar até podiam já pagar uma renda ou uma casa, essas pessoas continuam lá e nós temos pessoas à espera de habitação social que de facto necessitam. Qual é a solução? Não sei, acho que esse assunto devia ser estudo, não tenho muitas esperanças que isso aconteça.

**I:** Há outra questão que se poderia colocar que é a questão depois dos laços, da afetividade, o sentimento que se cria entre moradores. Eu concordo consigo, no entanto, não acha que poderá ter algum impacto? "Eu cresci sempre aqui, vivi sempre aqui e agora tenho de ir para outro local?"

**E4:** Mas isso é como os políticos, nós podemos gostar muito do cargo que estamos a exercer, mas sabemos que ao fim de quatro anos vamos a eleições. Quem vai para a habitação social, poderia ou deveria saber, se a lei assim fosse, que era por um período de tempo, quem não quer obedecer às regras não recorre à habitação social. Agora não é isso que se verifica e agora até está um bocadinho diferente em que as casas passavam de pais para filhos independentemente de de...

**I:** Dos rendimentos.

**E4:** Exatamente e, portanto, acho que a função da habitação social não deveria ser essa, poderiam se criar habitações sociais de renda controlada, sim senhora, mas que as pessoas pagassem, até no final pudessem eventualmente serem proprietários das casas, mas não este tipo de habitação social. É o que temos, temos que trabalhar com o que temos, estamos a falar do plano, das hipóteses que poderiam ser. Dada a necessidade que se verifica e eu entendo que a Maia está bem servida no que diz respeito à habitação social, entendo que se nós temos pessoas à espera de habitação social haverá outros Municípios que têm problemas

graves e, portanto, não é uma questão da Maia, é uma questão do país e, portanto, deveria ser alterada a legislação em vigor, mas provavelmente não sou a pessoa mais capacitada para falar desse assunto, não conheço tudo o que diz respeito à questão da habitação social, é uma questão de *feeling*, é uma questão de me ir apercebendo da realidade que nós temos, não só no Sobreiro, mas noutras habitações sociais que temos na freguesia.

**I:** O Sobreiro é um bairro diferente dos outros?

**E4:** É, logo pela sua localização, depois pelo número de pessoas que tem, pelo nível de degradação que atingiu, pelas polémicas que tem que têm sido geradas em torno do bairro pelo projeto de demolição, depois já não se demolia, depois demoliram-se uns blocos e realojaram-se as pessoas e depois já não foi possível demolir os outros...

**I:** Não havia locais para a realojamento?

**E4:** Não, deixou foi de haver dinheiro do governo para que se pudessem fazer outras habitações sociais, de forma a realojar as pessoas. E, portanto, nesse sentido é diferente, mas nós temos aqui muito próximo o Maia I e o Maia II, que fica ali atrás do antigo tribunal, são ligeiramente mais recentes, mas são... não é muito diferente a população digamos assim, também já lá teve pessoas de etnia cigana, mas são pessoas que interagem entre si de maneira diferente. Aqui no Sobreiro acho que as pessoas interagem mais por bloco do que a nível de bairro, comunidade.

**I:** Ok, não acha que há esse ideal que nós temos de comunidade em que há interação entre a população?

**E4:** Acho que não, pode ser um erro meu, mas eu acho que não há. Até há "Eu sou muito do meu bloco, o meu bloco, o meu bloco..." Depois ele é grande, o bairro é comprido, os blocos iniciais nem conhecem as pessoas que estão nos blocos finais.

**I:** Diria que há vários bairros dentro do bairro?

**E4:** Exatamente, é um bocado isso, é a ideia que eu tenho.

**I:** Sim, sim, isso é interessante de facto também é aquela visão com que me tenho deparado ultimamente. Mas acha que, por exemplo, ao ser reabilitado poderia mudar um bocadinho a imagem que o exterior tem daquele lugar?

**E4:** Só pode melhorar, até porque eu acho que as próprias pessoas vão melhorar a sua própria forma de estar no bairro. Se verificar, nos blocos que já foram reabilitados, não estão estragados, certo?

**I:** Certo.

**E4:** Portanto, eu acho é que nós temos de transmitir às pessoas o sentimento de pertença, é que o bairro é deles também. Isto é um bocado contrassenso, porque eles não cuidam das coisas, porque não são deles, mas depois quando nós dizemos "Mas isto é vosso e nós estamos a arranjar para vocês" eles também cuidam. Também é verdade, isto até connosco, se nós tivermos um carro novo se calhar vamos lavar o carro, não digo todas as semanas, mas de 15 em 15 dias e sacudimos os tapetes e não sei quê, depois começa a ter um risco, começa a ter outro, uma pessoa já está dois meses sem lavar o carro, é um bocado isto... Nós vamos cuidar uma coisa velha? Também não há muito a fazer, não é? Portanto acho que é fundamental a reabilitação do bairro e estou convencida de que quando terminar o processo de reabilitação vai haver grandes alterações.

**I:** Eu acho que foi bastante esclarecedora, no entanto, o que salientaria, uma vez que estivemos a falar muito de problemas, de necessidades... em termos mais positivos, qual, acha que são as potencialidades ou aspetos mais positivos deste bairro?

**E4:** Olhe eu vou utilizar uma nomenclatura que utilizou o nosso Presidente da Câmara, eu acho que a Urbanização do Sobreiro se vai tornar os Jardins do Sobreiro. A intervenção que está planeada a nível de espaços públicos, a nível das envolventes dos prédios, a abertura das ruas ou daqueles becos, porque há ali zonas que não tem abertura para carros, vai proporcionar de facto que a população da freguesia e do concelho comece a passar pelo Sobreiro. Os espaços envolventes, estou convencida, que vão ficar muito agradáveis e, portanto, eu acho que nós vamos conseguir ter os jardins do Sobreiro disponíveis à comunidade. Também me parece que os jovens que lá habitam vão tomar consciência da necessidade de manutenção deste espaço nobre do concelho, porque aqui vai para além da freguesia e que vão fazer a diferença amanhã. Eu acho que esta reabilitação que o Sobreiro vai sofrer vai ser de facto uma mais-valia, primeiro para o bairro, depois... eu quando digo bairro estou a incluir as pessoas, habitantes do bairro, vai ser uma mais-valia para a freguesia e vai ser uma mais-valia para o concelho.

**I:** Entretanto falou-me nos jovens, eu estou com alguma dificuldade no contacto com os jovens... eu não vejo muitos jovens no bairro e, por vezes, questiono-me porque se calhar estou a remeter para o meu meio que é pequeno e, no entanto, eu vejo os jovens na rua e questiono-me se será falta de um espaço no bairro onde eles se possam cruzar ou o que é que é feito deste jovens, onde andam...

**E4:** Eu acho que tem a ver com a questão de não terem um espaço que seja de facto agradável para eles estarem, mas também acho que acabamos por ter uma população com alguma idade aqui no Sobreiro. E as famílias que acabam por ter a tal família normal também não tem as suas crianças ali durante o dia, os seus jovens acabam por estar em outras atividades, temos aqui ao ladinho uma cidade desportiva fabulosa em que os jovens podem estar inseridos, portanto, o Sobreiro, neste momento, não é um sítio agradável para estar, nós não temos um banco, nós não temos um parque infantil, nós não temos nada para os jovens, o que é que eles ficam lá a fazer? Nada.

**I:** Falta equipamentos.

**E4:** Falta e, portanto, acredito que os jovens não andem na rua e os que andam se calhar estão no café e não deviam estar.

**I:** Não há uma atividade concreta, não é?

**E4:** Não há, não há.

**I:** Para finalizar, em termos desta investigação que eu estou a fazer para o mestrado, considera que é algo pertinente? Acha que poderá ter algum contributo importante, de reflexão? Qual é a sua opinião acerca deste trabalho que estou a fazer e se tem algum conselho?

**E4:** Eu acho que qualquer trabalho sobre assuntos que, como dizia no início, nem sempre são tratados da forma como deviam ser tratados pela comunicação social, que é quem nos traz as notícias pela porta dentro, em que muitas vezes as notícias são, não diria manipuladas, mas são... não retratam aquilo que se passa dentro de um bairro, sendo certo que os bairros não são todos iguais, não é? Eu acho que é muito importante, acho que teve a felicidade de escolher para estudar uma urbanização social que tem várias realidades, isso é enriquecedor, não foi para um bairro que tem droga, que não se faz mais nada, pode lá ter uma ou outra família dita normal, mas que o grande problema é a droga e se calhar esses até já estão muito estudados, mas de facto nós aqui conseguimos ter comunidade cigana, uma minoria de pessoas ligadas à droga e imensas famílias com a sua vida normal e temos os subsídio-dependentes, portanto são quatro realidades que se articulam entre si, certamente que anda no terreno e terá até percebido de coisas que eu ainda não me consegui aperceber, mas eu acho que é fundamental fazer estudos sérios sobre estas matérias, até numa tentativa de ajudar quem está à frente das entidades com competência para de alguma forma intervir nestas questões de lhes poder alertar de problemas que nós muitas vezes não conseguimos

lá chegar, eu acho que este estudo deveria ser quase feito como, como se diz dos polícias quando andam... lá no meio dos gangues disfarçados como é que se diz?

**I:** Eu sei o que quer dizer... infiltrados?

**E4:** Infiltrados! Exatamente, acho que quase devíamos fazer um estudo como infiltrados, vivendo no bairro para percebermos como é que ele funciona...

**I:** Eu por acaso li um artigo em que de facto o investigador, eram dois, fizeram isso, foram mesmo para uma casa e estiveram lá durante algum tempo, começaram-se a integrar nas rotinas, claro que é outra perceção, gostaria muito de fazê-lo, mas neste momento não tenho oportunidade, mas sim, era muito interessante.

**E4:** Acho que era a melhor forma, não é fácil de o fazer, mas acho que por muito que nós estejamos perto, o dia-a-dia não conseguimos percebê-lo se não estivermos de facto lá, integrados, a falar diariamente com os vizinhos, com as pessoas que estão no café, aqueles que até estão a passar uma droga, os desportistas, os ciganos, portanto, tentar viver o bairro no bairro. Se não somos sempre *outsiders* e é assim que eles nos vêm sempre, não adianta, porque somos sempre.

**I:** Sei que está na Maia há pouco tempo, mas, no entanto, eu costumo terminar as entrevistas que estou a fazer sempre da mesma forma e, portanto, eu pedia que a Presidente completasse a frase: O Bairro do Sobreiro para mim é... ou A Urbanização do Sobreiro para mim é...

**E4:** Um desafio.

**I:** Muito obrigada. Foi um gosto.



## Apêndice IX. Quadro de análise de conteúdo das entrevistas aos moradores do Bairro do Sobeiro

<b>A – Relação com o bairro</b>		
<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Enunciados</b>
<b>1. Aspetos positivos de valorização</b>	<b>1.1 Alojamento</b>	<p>... aqui tenho uma casa grande e condições (M3)</p> <p>Para mim é bom, porque estou numa casa em condições, as casas são jeitosas, não se pode dizer o contrário, são jeitosas. (M5)</p> <p>Em si acho que as casas são boas, é a única coisa positiva... (M7)</p>
	<b>1.2 Segurança</b>	<p>Eu acho que neste bairro que eu saiba nunca... acho que é um lugar seguro e as pessoas conhecem-se umas às outras... sim é um lugar seguro. (M2)</p> <p>Sim, posso sair à noite, posso ir pôr o lixo, podem eles estar ali, nuuunca fizeram... às vezes estão sentados ali perto da minha janela e nada, nunca me fizeram isto (gesto com a mão). Posso ter janelas abertas, posso ir à Maia, é um bairro seguro, nunca tive problemas! ... E criei quatro netos e eles andam na rua, vão brincar e tudo e nunca ninguém fez mal, aí daquele que faça mal a uma criança aqui do bairro, isto tudo uuuui... matavam. As pessoas são assim, mas são muito unidas. (M3)</p> <p>Os carros abertos, não há problema, às vezes o meu marido "Ai, deixei o porta-moedas no carro" e ele levanta-se e vai buscar", mas se não pode ficar no carro. Estão aí muitos carros, vem muita gente de fora, de lá de cima da Maia, pousar os carros aqui olhe os que estão lá em cima, vem por ali. Não há problema (M3).</p> <p>Sim [é seguro], visto que sobre as informações que tenho e aquilo que vejo na televisão é. (...) Nunca fui assaltada, posso andar... eu não ando muito cá fora à noite, mas quando preciso, não tenho carro, vou daqui para a Maia, venho da Maia, sempre me respeitaram,</p>

		<p>nunca tive problemas, nunca, nunca, nunca. Dizem que assaltos que há isto, que há aquilo, a mim nunca me fizeram isso não posso dizer porque senão mentia. (M4)</p> <p>Acho um bairro seguro (M5)</p> <p>Eu acho que sim, neste bairro sim, pelo menos até à data de hoje ainda não ouvi ninguém dizer que foi abordado na rua, que foi assaltado ou assim. Acho que é seguro aqui. (M7)</p> <p>É [seguro], não tenho razão de queixas.(...) É mais a fama, é mais a fama. (M8)</p> <p>Eu muito sinceramente não tenho medo, eu sinto-me mais segura ao entrar para o bairro do que andar noutros lados. Eu até posso estar a ser seguida noutros parâmetros, mas se eu estiver a entrar dentro no bairro eu sinto-me segura, seja a hora que for. Às vezes dizem-me assim "Ai não sei como é que tu consegues!". Mas eu sinto-me mais segura, porque eu sei que é onde eu vivi, tenho segurança ali e noutros espaços não tenho e não são bairros. (M9)</p>
	<p><b>1.3 Localização/ acessibilidades</b></p>	<p>porque eu estou colocado num sítio que tem hospitais, eu tenho tudo... (...) tenho meios de transporte tudo, tudo, tudo (...) tem tudo ao meu alcance, está tudo aqui comigo, é no centro, a 5 minutos estou ali e acolá, tenho tudo aqui, por isso é bastante importante. (M1)</p> <p>Nós agora temos aqui o metro, vamos ao Porto, vamos a todos os cantos, temos o aeroporto, temos transporte, temos farmácia, temos hospitais, temos tudo à porta, por isso é que não quero sair daqui. (M3)</p> <p>estou perto de tudo, estou perto do centro, a 5 minutos, nem tanto, tenho farmácia, tenho tudo, tenho transportes, tenho tudo, acho que é uma coisa boa e estou satisfeita com aquilo que tenho. (M4)</p> <p>Eu sou doente, a minha senhora é doente, e aqui temos quase tudo perto... (M8)</p>

	<b>1.4 Outros</b>	<p>tenho os meus filhos perto de mim, conheço já muita gente, pronto, conheço o pessoal... (M3)</p> <p>e tenho... se precisar de dinheiro vou aí peço fiado e desenrasco-me assim, se for para outro lado qualquer não me fazem isso. (M8)</p> <p>Ter os meus vizinhos, os meus amigos, toda a gente me quer bem, respeito toda a gente para me respeitarem também a mim e dar-se bem. (M8)</p>
<b>2. Aspetos negativos/ de desvalorização</b>	<b>2.1 Más condições de alojamento/ bairro</b>	<p>Isto está tudo podre, tudo a cair (...) as casas estão a ficar podres por fora e por dentro (...) (M1)</p> <p>É assim eu não gosto de viver cá não é o viver cá no bairro, é viver onde eu estou (casa) (...) nós não temos persianas em lado nenhum (...) as torres estão a cair aos bocados, quase caia na cabeça de um vizinho (M2)</p> <p>Menos bom... menos bom não tenho nada. Tenho a casa que eles não ajeitam (M3)</p> <p>As janelas dá um vento é cada pedaço de madeira que cai do beiral da janela. (M3)</p> <p>...porque o que dá mau, o que está a dar presentemente mau ao bairro é a degradação em que os prédios se encontram. (M4)</p> <p>tenho muita pena, continuo a dizer, da degradação, porque se não era uma casa como uma outra qualquer, era uma casa como um apartamento (M4)</p> <p>Os blocos estão todos estragados, está com umas frinchas por fora, não sei se a menina viu. Nunca tive humidade naquela casa e agora tenho humidade onde durmo. As escadas, desculpando o termo, está ???, precisavam de ser arrançadas, que era ideia que eu tinha. (M5)</p> <p>Estão muito degradados, a menina sabe que está, tem casas que ali até chovem e tudo, a verdade temos que dizer, tem casas que é um nojo, desculpe lá o termo, chove dentro de casa, é humidades e tudo. Eu sou uma pessoa que tem muito medo do elevador, eu não</p>

		<p>posso estar em recintos fechados. Eles estavam a arranjar o elevador e eu disse "Ai senhor eu não vou no elevador que tenho medo!", diz ele "Olhe minha senhora tenha mais medo da casa do que do elevador", disse-me a mim! (M6)</p> <p>não há um parque para crianças... Já houve um coiso acho que era de futebol ou não sei quê, mas acabaram com isso, as pessoas também destruíram, não é? que é uma verdade (M7)</p> <p>Não tem luz, cheira muito a água choca (...) a porta não fecha toda, nós é que temos de fechar, bater, mas à chave não fecha e há pessoas que entram e não estão com aquela preocupação em fechar, então entra lá quem quer e lhes apetece. (M7)</p> <p>as janelas e as portas que as portas estão nas últimas e as janelas. De verão ainda se está mais ou menos, agora de inverno às vezes vai para ali uma corrente de ar, uma pessoa é doente não é nada bom aquelas correntes de ar, o frio. (M8)</p> <p>[O meu bloco está em más condições] Está sim senhora (M8)</p> <p>as casas estão degradadas (M9)</p>
	<p><b>2.2 Conflitos sociais</b></p>	<p>...circula por aqui muita gente que não é de cá, mas vem cá parar, porque tem muitos primos e não sei que mais. Eu digo isto... dizendo os ciganos, por exemplo, eles vêm de outro sítio fazer aqui as asneiras todas, mas são mandados pelos que cá estão, não é? (M1)</p> <p>Agora pelo meio dos blocos há muita jabardice. Não sei se é, também é, faz parte disso, não haver emprego, os familiares perdem o controlo e por aí fora e depois há pessoas que não sabem que as outras pessoas ao lado não têm nada a ver com as situações deles e depois arma-se uma confusão terrível. (M1)</p> <p>Mas o bairro já foi mais violento, agora não é tanto (...) Bebedeiras...brigas..."porque eu sou mais forte" "porque aquele é mais forte que o outro..." é essas coisas, dantes, mas agora não acho tanto. (M2)</p>

		<p>Já, está tudo destruído (...) Às vezes nem são gente do bairro. (M2)</p> <p>Digo eu, nem tudo é as pessoas do bairro, porque há pessoas que vêm de outros sítios, nem eu sei de onde e que ajudam a fazer a festa, a estragar as coisas. (M2)</p> <p>Para já, tirava a droga daqui... Aquela sapatilha, há-de reparar quando vai por aqui fora tem ali uma sapatilha... [pendurada no fio da eletricidade] (...) Isso é sinal que há droga aqui dentro. (M3)</p> <p>Às vezes é os que vêm de fora é que vêm fazer o barulho para aqui, é os que trazem a droga, não é os que estão cá dentro, é os que vêm de fora. (M3)</p> <p>Ora vá, as pessoas evoluíram um pouquinho, as mentalidades também um pouquinho, mas ainda há muita pessoa que precisava de aprender muito. (...) Na maneira social, de socializarem uns com os outros, de não haver tantos problemas, porque a princípio quando viemos para aqui as crianças eram pequenas, vinham brincar cá para fora para a rua, havia muitos problemas entre as mães, porque elas lutavam e agarravam e faziam... (...) Como foram estes blocos depois deitados abaixo, as coisas começaram a acalmar. Entretanto os jovens, que eram muito pequenos, começaram a ficar mais adultos, começaram a ter mais consciência e acabou um bocadinho os problemas que haviam. Fora disso, não há problemas de maior. (M4)</p> <p>Não, existe, pode não ser drogas pesadas, mas existe. Não os daqui, os que vêm de fora é que vêm cá vendê-la. Tenho visto muito, muito, muito. Não me manifesto, porque sabe que a gente que não pode falar, mas é muita coisa. Eles vêm de fora vendê-la aqui ao bairro, vêm trazê-la e depois os daqui já sabe metem-se nela, mas muitos dos que vêm para cá não são daqui, não moram aqui no bairro, vêm de fora para fazer isso mesmo. (M4)</p> <p>Sim, [os ciganos] têm trazido um bocadinho de conflitos por aqui têm, têm trazido e depois são pessoas que estragam as coisas, vandalizam, porque nós temos ali o coiso do lixo e tinha umas ripas de madeira e num dia... eu não disse nada, porque sei que me ia inquietar...</p>
--	--	--

		<p>foram lá e tiraram as ripas e queimaram, coisa que aquilo fazia... agora está simplesmente o saco de plástico e mais nada, porque não haviam de destruir uma coisa que estava feita, eu vi eles irem, eram jovens, eu penso que não eram daqui, que é uma família que está acampada aqui perto, mas que estragam as coisas. (...)É, até porque para mim o desemprego... eles não terem ocupação, onde passarem o dia, isso faz com que haja mais vandalismo, eu considero isso vandalismo. (M4)</p> <p>Agora é o que estou a dizer o ambiente aqui não é por causa dos ciganos que os ciganos estão nas casinhas deles, se provocam a eles é claro... se me provocarem a mim como é o caso da minha vizinha (...) De resto mais nada não tenho razão de queixa. (M5)</p> <p>Volta e meia, olhe ainda foi faz amanhã oito dias que veio duas carrinhas cheias de polícias, arrombarem as portas, entrarem por lá dentro... (...) Foi rusga. Veio de Matosinhos ou não sei quê. Já houve na minha torre, também já houve, eu estava sozinha e de manhã cedo começou "Puuuum" a porta... E eu vi que era da minha vizinha do lado, partiram a porta, foi uns poucos aqui... (M6)</p> <p>Não tenho nada a ver com isso, muitos dizem que o café que havia de fechar que aquilo que é uma pouca-vergonha aqui no café, vão sempre as mesmas de manhã até à noite, podem não ter para comer, mas é de manhã até à noite. Estão ali não estão a falar da vida delas é dos outros, olhe não sei amor, se é o que ouço? Ouço! Se é o que eu vejo a mim não me aquece nem me arrefece, não me afeta. É bom dia e boa tarde e casa. (M6)</p> <p>Eu... se vieram da noite, se estão a fazer isto ou aquilo eu passo e ando, não tenho... nem que visse ali a assaltar eu não dizia nada, sabe porquê? Olhe eu não dizia nada, porque para quê? Para amanhã ou depois nos tirarem a tosse? Não, a gente tem olhos e não vê, boca e não fala e ouvidos e não ouve, entende? Tem de ser assim menina. (M6)</p> <p>No princípio acho que havia mais droga. Conflitos com os ciganos acho que sim, que agora até acho que são eles mais que provocam as discussões agora na rua, são os ciganos, aqui</p>
--	--	---

		<p>à beira do café da Sede, acho que aí provocam. Acho que já não há tanta droga, embora haja na mesma. (M7)</p> <p>há droga, claro que há, em todo o lado há droga e eu acho que eles aqui metem-se todos juntos num sítio deles. (...) Por exemplo, aqui à beira do café, eles juntam-se ali. Eu se for aos blocos ao lado do meu prédio, pronto não vou falar dos outros, porque não passo lá, não se vê eles todos juntos e assim não, acho que é mais concentrado ali no café. (M7)</p> <p>Há sempre uma pessoa ou duas que fazem mal e a polícia tem de vir e ver, é o trabalho deles. (M8)</p> <p>Nem é mal, nem é mal, mas também tem famílias que tem brincadeiras muito estúpidas e, por isso, às vezes, veem isso mal, cai mal um bocado e falam muito mal e tal, por essas coisas, têm brincadeiras estúpidas, gritam muito a brincar, riem-se muito alto, pronto, é só isso. (sobre a etnia cigana) (...) a malta cigana é diferente. Para eles é tudo deles. (M8)</p> <p>Familiares brigavam uns com os outros, depois era a ver com a droga, nesses aspetos. Tipo antigamente andavam mais nesses meios de droga, passavam, depois punham-se assim mais expostos a fumar. (M9)</p> <p>Não é tão visível [a droga], até podem, mas é tipo consumível, tipo as pessoas estarem a fumar no seu canto mas é seu, não é daquelas pessoas de se ver a passar uns aos outros como se via dantes, assim normal como se fosse normal. Agora já não, já não se vê tanto isso. (M9)</p>
	<p><b>2.3 Dinâmica do bairro</b></p>	<p>Eu acho que as crianças não brincam tanto como antes. Antes, nos estávamos na janela e estávamos cá em baixo, aqui na torre nem que fosse as raparigas atrás dos rapazes e os rapazes atrás das raparigas, mas agora nem se vê isso (...) falta aquela cantada, aquela criança a jogar sarumba ou bola e agora você vem à janela e não vê nada disso, mas nada de nada de nada o que era antes (M2)</p>

		<p>é um sossego, parece que morreu tudo! (M3)</p> <p>a gente não tem nada aqui, aqui para passar tempo não, temos que ir para a Maia, para a Maia já... (M3)</p> <p>Negativos é esse que falamos de não haver união, não haver atividades para que as pessoas se juntem, também muitas lutam pela vida, porque têm de trabalhar para ganharem e isso também é uma verdade, mas se houvesse assim mais incentivos... (M4)</p> <p>Às vezes até é deserto, mesmo ao fim de semana e tudo é muito deserto. Antes não, antes era muito vivido o bairro. (M9)</p> <p>O sábado e o domingo aqui no bairro é muito morto é que nem se vê assim grandes pessoas, também já não é a mesma coisa que era antes lá está. Antes uma pessoa convivia, brincava, era diferente, agora já não, agora já optamos por ir para outros meios... (M9)</p>
	<p><b>2.4 Outros</b> (insegurança, envelhecimento/falta de crianças)</p>	<p>Mal também o policial ... eles não conhecem aqui esta zona, passam por aqui com uma carrinha e vão-se embora, as horas que são precisas não estão cá. (...). É um bocado inseguro porque pah tiram aí carros sem mais nem menos, gente quando dá por ela não tem ali o carro “Ai Senhor!”. (M1)</p> <p>(...) aqui o bairro está a ficar só com velhice, porque os jovens saem daqui, os jovens começaram a sair, agora é quase só velhinhos (...) (M1)</p> <p>Via-se alguns já grandinhos, agora não, morreu tudo, até as crianças. Vão para a escola, vão de manhã, vêm à noite. Agora é que vêm as férias é que andam mais, mas eles nem param aqui, vão para os estádios, vão jogar bola para aqui e para acolá. Antes havia, por exemplo, pessoas que andavam sempre grávidas, agora não. A ciganada é que sim, mas agora tem direito aos infantários e tudo e levam-nos para lá também. (M3)</p>
<p><b>3. Expectativa/ desejos de mudanças</b></p>	<p><b>3.1 Melhoria das habitações</b> (alojamento e equipamentos)</p>	<p>...a primeira coisa que nós precisamos é que eles tratem das casas, as casas estão a ficar podres por fora e por dentro, (M1)</p>



		<p>Eu acho que mais vale deitar a baixo, acho que quando se estraga...está velho e está... (M2)</p> <p>Mandava ajeitar primeiro as casas todas. (M3)</p> <p>Pois, pois, ajeitar, fazer ali um jardim, um parque para as crianças brincarem e tudo... (M3)</p> <p>...punha aqui um lar, assim umas coisas para pessoas com a minha idade poder passar o seu tempo... nada não temos nada disso. (M3)</p> <p>a gente gostava de arranjar as casinhas e queríamos a parte de fora também arranjadinhas. (M5)</p> <p>Punha lá está, punha os jardins para as crianças brincarem, com baloiços e assim, ajeitar os blocos, porque estão uma desgraça e se calhar mais segurança da polícia a nível de ciganos e assim, de estarem aqui no café, porque é assim vindo crianças e tudo é complicado. Acho que era a única coisa que mudava, era espaços para as crianças brincarem... (M7)</p> <p>Quero ao menos arranjar as janelas e as portas que as portas estão nas últimas e as janelas. De verão ainda se está mais ou menos, agora de inverno às vezes vai para ali uma corrente de ar, uma pessoa é doente não é nada bom aquelas correntes de ar, o frio. (M8)</p> <p>É assim todos nós podíamos dar uma ajuda, não é? Está bem que num sentido nós, mas noutro sentido acho que era os responsáveis das casas, a Câmara tipo a nível das obras, teria de ser com eles, a nível, por exemplo, de jardins, acho que se nós todos contribuíssemos iria ser melhor. Tipo haver luzes, contentores como agora há na França e na Suíça, contentores para os dejetos dos animais serem apanhados, tudo isso. (M9)</p>
	<p><b>3.2 Vida coletiva</b></p>	<p>Em cima da torre sítios onde as crianças pudessem... pais que não pudessem estar com eles, em cima da torre ter um convívio, ou piscina ou parque ou onde eles pudessem se conhecer uns aos outros (M2)</p>

		<p>... aqui olhe para as pessoas, que há pessoas aí de 80 anos, há sim senhora, aí convivência, por exemplo, um dia havia aí umas pessoas a cantar, outras a fazer isto, outras a fazer aquilo, outras a fazer rendas, outras a aprender a fazer renda, outras a bordar...isso chama a pessoas, que há muita pessoa que ui tem umas mãos para trabalhar, para fazer renda e tudo. (M3)</p> <p>(sobre a realização de atividades que juntem os moradores) Sim, sim, para mim sim, por isso é que eu aderi ao programa onde estou agora aqui (Clube Sénior no CCVS), porque senão não tinha vindo. Para mim faz falta isso, precisamente isso. Se houvesse de princípio logo isso, talvez os moradores se dessem mais uns com os outros. (...) mudaria isso para haver mais união. Por exemplo, a gente ir ver uma associação que a gente fosse conversar com eles e que eles nos ouvissem para que isto mudasse um pouquinho do aspeto (M4).</p> <p>Agora até fiquei muito contente de ter um convívio aqui com as minhas colegas, elas são muito alegres e ainda hoje andei aqui a dançar com este senhor J. Ele começou ali a dançar e eu "Oh Sr. J. venha dançar comigo". (sobre o clube Sénior no CCVS no âmbito do CLS) (M5)</p> <p>Sim, eu acho que no fundo no fundo, para muita... já não digo para as nossas idades, mas tipo mais para as idades mais antigas terem atividades assim ao ar livre, poder fazer jogos, fazer até mesmo que havia antes, jogar às cartas, como uma convivência (M9)</p>
	<p><b>3.3 Outros</b></p>	<p>Eu vou-lhe dizer uma coisa, se fechassem aquele café acabava tudo (as confusões). Quando está fechado ao domingo isto é um silêncio, não se ouve nada. (M3)</p> <p>Olhe um cabeleireiro, tiravam aquele café dali, um cabeleireiro, abrir ali uma confeitaria que a gente se quiser temos que ir à Maia. (M3)</p> <p>Olha se se respeitassem muito uns aos outros e não se metessem muito na vida uns dos outros. (M6)</p>

		Sei lá olhe amor muita gente diz, que se aqui o café daqui fechasse que isto que não havia tanta coisa aqui, tanta zaragata de drogas e isto e aquilo e aqueloutro. (M6)
<b>4. Mudar de local de residência</b>		<p>Eu gosto de viver, mas assim não, mas sou obrigado porque não tenho outro sítio, não é? (...) Eu se tivesse oportunidade saía daqui no momento em que eles me colocassem num sítio melhor que este, mas com as mesmas condições, porque eu estou colocado num sítio que tem hospitais, eu tenho tudo... (M1)</p> <p>Saía, para uma coisa minha, não é que eu desgoste das pessoas, as pessoas logo que não me façam mal, é cada um no seu canto. (M2) Claro que se for morar para outro sítio vou sentir falta... (...) Dos amigos, dos conhecidos, além de não falar para eles, mas uma pessoa está habituada a ver aquelas caras. (M2)</p> <p>Se fosse casa igual. (...) Se fosse para uma casinha que dissesse assim... a bem dizer a gente em todo o lado há sempre, desculpendo o termo, uma ranhosa, só que que desse para por as coisas todas, que eu tenho lá coisas que é tudo recordações. (M5)</p>
<b>5. Integração/ sentimento de pertença</b>	<b>5.1 Fronteiras simbólicas</b>	<p>...posso ir à Maia... (M3)</p> <p>vem muita gente de fora, de lá de cima da Maia, pousar os carros aqui... (M3)</p> <p>a gente não tem nada aqui, aqui para passar tempo não, temos que ir para a Maia, para a Maia já... (M3)</p> <p>a gente se quiser temos que ir à Maia. (M3)</p> <p>vou daqui para a Maia, venho da Maia (M4)</p> <p>Então fui lá à Maia... (M5)</p> <p>Se tiver de ir à Maia buscar alguma coisa vou... (M6)</p>

	<p><b>5.2 Ligação afetiva/ gosto pelo bairro</b></p>	<p>O Bairro do Sobreiro para mim é o sítio onde eu tenho algum espaço, onde eu posso morar, onde tenho tudo ao meu alcance, tudo encostado a mim e, portanto, para mim o Bairro do Sobreiro é importante... (M1)</p> <p>As minhas recordações foi mesmo no infantário e na escola, aqui [na escola] que agora é Santa Casa, ainda tenho recordações até nesta sala. Tive uma boa infância...eu era pestinha um bocadinho... (...) havia festas em cima da torre, íamos para acampamentos, mesmo que nós não tivéssemos possibilidades o Mário ajudava... tive uma infância mais ou menos... (M2)</p> <p>No bairro gosto [de morar], sempre gostei, há pessoas más, pessoas boas, há de tudo, tanto num bairro social como num condomínio fechado (...) Gosto, gosto do bairro, não desgosto. (M2)</p> <p>Eu gosto, agora hei-de morrer aqui, a minha terra é no Porto, sou tripeira, mas está bem. Trouxeram-me para aqui, hei-de morrer aqui. (...) Porque gosto de estar aqui, porque tenho uma casa grande, tenho os meus filhos perto de mim, conheço já muita gente, pronto, conheço o pessoal, os meus filhos andaram aqui nesta escola, isto aqui era a sala da diretora, pronto. (M3)</p> <p>Gosto, não estou arrependida de ter ficado por cá, porque depois tive hipótese de outras casas, mas não quis, porque gostava e gosto, continuo a gostar e não me sinto diminuída por viver num bairro social. (M4)</p> <p>Para mim é a minha vida, o meu lugar, onde eu habito, onde me sinto bem e estou feliz por isso. (M4)</p> <p>Tenho gosto na minha casa, (...) mas eu daqui não saía, saio quando for para o cemitério de Vermoim. (...) Já estou habituada e respeito, não tenho nada a ver com a vida dos outros,</p>
--	--	--

		<p>meto-me na minha vida e os outros a mim não me aquece. O bairro a mim não me faz mal. (M6)</p> <p>O que eu tenho a dizer é que eu estou contente, eu gosto de morar aqui, está tudo bem comigo aqui (M8)</p> <p>adoro aqui, adoro a Maia. Adoro as pessoas também (M8)</p> <p>O Bairro do Sobreiro para mim é a minha terra, é a minha cidade e onde eu gosto de estar, onde as minhas filhas nasceram e foram criadas. (M8)</p> <p>...mas eu sinto-me bem aqui no meu canto, no meu sítio, onde eu cresci, onde eu vivi, onde eu tive várias aventuras, também muitas traquinices que é verdade (risos), mas eu gosto de morar no bairro. (M9)</p> <p>[O Bairro do Sobreiro para mim é] Especial, talvez porque... pela minha... por aquilo que eu sou. por mais que... na realidade no princípio eu não achava, mas agora não, agora o bairro para mim é tudo, tanto que é tudo que sempre que apontam mal do bairro eu estou lá e não faço para ser aquilo que o bairro aparenta ser. (M9)</p>
	<p><b>5.3 Relação com a vizinhança</b></p>	<p>eu acho que a vizinhança podia ser mais unida, a vizinhança podia ter mais respeito uns pelos outros. Algumas coisas estão mal. Eu do meu lado não tenho problemas que eu tenho uma boa vizinhança (...) Agora pelo meio dos blocos há muita jabardice. Não sei se é, também é, faz parte disso, não haver emprego, os familiares perdem o controlo e por aí fora e depois há pessoas que não sabem que as outras pessoas ao lado não têm nada a ver com as situações deles e depois arma-se uma confusão terrível. Ainda bem que sou uma pessoa com muita calma e não me misturo, porque o que eu mais quero é paz, sossego para mim é importantíssimo, mas há assim as pessoas que têm de discutir, de fazer mil e não sei quantos coisas para fazer grandes filmes e se repararem as pessoas que estão ao lado não têm nada a ver ... (M1)</p>

		<p>...as pessoas logo que não me façam mal, é cada um no seu canto. (...) Às vezes falo, mas já me afastei um bocadinho. (M2)</p> <p>Há coisas que eu não gosto muito de falar, mas sinto, já me senti discriminada (...) Por parte dos vizinhos, já me senti muito ui. (...) Ignorei e fica cá comigo, mais nada. (M2)</p> <p>Cada uma mete-se na sua vida e está feito, se tiver que levar um raspanço leva e fica na mesma. (M3)</p> <p>As pessoas são assim, mas são muito unidas. (...) Tudo, se acontecer algum mal uuuui... é... nisso são muito humanos. (M3)</p> <p>...não tenho nada a ver com os ciganos, nadinha, nem uma ponta de unha, estão no sítio deles, eles são boas pessoas, a gente passa por eles saúda, não tenho ponta de uma unha que se diga dos ciganos, são umas boas pessoas. (M3)</p> <p>Há pessoas que se dão, como digo em todo lado, há pessoas que se são, acho que são mais unidos aqui no bairro do que fora, porque talvez por andarem cá fora um pouquinho socializam um pouquinho mais e são mais unidos e não tem havido, por exemplo que a gente não conheça este ou aquele, eu conheço muitas pessoas de vista, posso não me dar com elas, nem com todas eu me dou, como disse, mas com algumas sim, tenho tido boas relações, não tenho tido motivo para ficar triste, tanto que se eu estivesse triste já tinha saído daqui há muitos anos. (M4)</p> <p>Isso existe [zonas dentro do próprio bairro], existe agora presentemente que se afastaram mais daqui, porque os que estão lá na ponta eram os que moravam aqui, foram daqui destes blocos que foram deitados abaixo. Começaram a sair pessoas que compraram casas, outras foram morar para o ??? e então eles daqui foram morar lá para cima, A gente conhece-se e dá-se, mas não se junta (M4)</p>
--	--	--

		<p>a minha vizinha desde que o meu marido faleceu tem a chave da minha casa e quando eu me sinto doente eu não ponho o trinque de segurança na porta, deixo-a só fechada, porque sei que lhe ligo do telemóvel e que ela que vem logo, por isso está a ver que é uma coisa segura. (...) como digo não vou de casa em casa, há duas ou três casas que sim, vou quando preciso, é mais a vizinha que vive no lado esquerdo, eu vivo no direito e ela vive no esquerdo, a gente convive mais. (M4)</p> <p>Tenho um ambiente muito bom, tenho filhos bons e vizinhos bons (...) É tudo bom só que... Eu dava-me bem com ela, nem gosto de andar de casa em casa nem nada, foi por causa da chaminé que isso aconteceu não sei que lhe deu na cabeça para me insultar dessa maneira. (...) O que me admira é ouvir aquilo que eu ouvi, porque nunca lhe fiz mal nenhum e vítima de uma coisa que nunca fiz. Chego a casa e diz... posso falar? "Lá vem a p*** da velha" (M5)</p> <p>Os meus é "boa tarde" e "bom dia" se os conhecer, se não conhecer eu saúdo toda a gente. Em relação ao ambiente cada um mete-se na sua vida. (...) No bairro do Sobreiro não me meto na casa de ninguém, dou-me bem com toda a gente, saúdo, quem não saúda vai com Deus. (M5)</p> <p>Eu apresento-me. Dentro de casa não estou parada, a casa dos outros não vou, só se a pessoa precisar, ajudar, se estiver doente ou assim. Já disse à minha vizinha de cima que tem o marido também e eu disse "Oh Dona A. se precisar de alguma coisa toca-me à campainha." (M5)</p> <p>Eu gosto de estar aqui não tenho problemas com ninguém, graças a Deus, não tenho. A gente se se meter na nossa vida e não interessar a vida dos outros a nós não nos importa, né? Não temos problemas. (M6)</p>
--	--	---

		<p>Eu não tenho problemas com vizinhos nenhuns, além de... tive uma vez aqui um problema há anos, que eu punha a música alta ou qualquer coisa e fizeram queixa, mas não fazem queixa das coisas que há em casa delas, entende? (...)</p> <p>e muitas vezes discutia-se e as pessoas punham-se a ouvir o que se passa na casa dos outros para estar a enxovalhar, a dizer aquilo que é, aquilo que não é e prontos... (M6)</p> <p>Com os vizinhos sim, agora os outros prédios ao lado... (...) Não, não vou dizer isso, eu estou a falar de mim, percebe? Eu conheço muita gente agora que entrei para o Centro Comunitário. Eu quando trabalhava na fábrica, era numa fábrica que eu trabalhava de plásticos, eu não conhecia ninguém aqui dentro, porque eu entrava, ia trabalhar, chegava metia-me dentro de casa e não conhecia quase ninguém a não ser os meus vizinhos. Agora em si, eu acho que eles se conhecem muito bem uns aos outros. Vê-se, vai-se a um bloco vê-se as pessoas ali de outros blocos ali a conversar e não sei quê, mas é assim, eu não, não tenho essa coisa de conversar com as pessoas assim fora. (...) No meu ver não, dar assim confiança e assim não. No meu ver não, mas acho que tanto aqui como fora, acho que cada um no seu sítio. (...)E depois há pessoas aqui que não sabem ser amigas, ouve aqui, vai contar ali e depois há muitos barulhos que era o que se via antigamente, muitos barulhos e, portanto, eu levo a minha vidinha, os de fora é só se passar por um ou outro e é "Bom dia" "Boa tarde", mas assim parar conversar e assim não. (M7)</p> <p>Aqui, aqui pronto, há sempre alguém que uma pessoa às vezes diz bom dia e a pessoa vira a cara, muitas vezes já me aconteceu isso, mas toda a gente me respeita é o que interessa, eu também respeito toda a gente. (M8)</p> <p>Eu não convivo muito, com a malta cigana não convivo muito, só às vezes numa festa, num casamento se for chamado vou e tudo, mas não convivo muito, não gosto de conviver muito com a raça cigana. (M8 - cigano)</p>
--	--	--



		<p>Estar a falar das pessoas, as pessoas passarem e "(som de cochicho)" e param de falar, porquê? Porque estão a falar das pessoas, estão a falar mal das pessoas, às vezes acontece isso. (M8)</p> <p>Sim, uma vez tive doente, aí um mês de cama e iam lá vizinhos de outros blocos, levavam sacos de comida, viam que estava doente, não podia trabalhar e levavam e ajudavam com comer, muitas vezes. Ajudaram bastante. (...) Há, tem aí pessoas que ajudam se virem que eu estou mesmo <i>xunga</i>. (M8)</p> <p>Os aspetos bons que eu tive aqui foi mais na parte da brincadeira que uma pessoa convivia, vinha para cá para fora brincávamos e era o melhor que havia antigamente. Agora também uma pessoa vem para casa, sai vai à sua vida já não é assim grande convivência no bairro. (...)Tem um ou outro que ainda convivo, mas já não é 100% aquilo que era antes.(...)Sim, nós conhecemo-nos bem, "bom dia", "boa tarde" e isso, agora amigos de infância que andaram comigo na escola e brincavam comigo isso foram uns para cada lado. Não quer dizer que uma pessoa não fale, mas não é agora a mesma coisa que era dantes. (...) eu acho que cada um vai seguindo aquilo que deve seguir a sua vida, a sua família, os seus filhos. Lá está é aquela situação, não quer dizer que não se possa ir na mesma tomar um cafezinho, mas já não é a mesma coisa. (M9)</p> <p>Claro que agora, eu acho que agora, não em relação à pessoas que convivíamos quando eramos novas, mas agora acho que os adultos, as pessoas mais adultas que eu conheço e me dou, acho que fazem o transparecer dos colegas antigos. Os colegas antigos eu ainda me vou lembrando, mas agora como vieram outros, outras pessoas já acabam por equivaler como se fosse... (M9)</p>
<b>6. “O meu bairro” vs “os outros bairros/territórios”</b>		<p>...até porque eu conheço outros bairros com grande classe. Alguns mais antigos que nós, mas estão a ser reabilitados e são constantemente e nós aqui nunca! (M1)</p>

		<p>No bairro gosto, sempre gostei, há pessoas más, pessoas boas, há de tudo, tanto num bairro social como num condomínio fechado, acho que é em todo lado. (M2)</p> <p>Há bairros que ninguém pode entrar lá porque... não sei nunca fui...a não ser o bairro de Francos, mas se for lá você diz que aquilo é que parecia mesmo um bairro... isto até nem está mal. O Bairro aqui do Sobreiro nem está mal. (M2)</p> <p>... digo-lhe mais uma coisa eu já morei em São Romão do Coronado que não era um bairro, ali à beira da estação, nuns amarelos, aquilo não é um bairro, aquilo são casas... quando comprei a primeira vez e o meu ex-marido, quando compramos aquilo estava lindo e se agora for lá aquilo está horrível, aquilo está pior que um Bairro do Sobreiro, o Bairro do Sobreiro nem está assim tão mal para um bairro... (M2)</p> <p>Ao pé dos outros, ao pé do porto, por exemplo, no bairro social João de Deus, ali ao pé das Antas aquele bairro grande de ciganada, não, isto é um sossego. (M3)</p> <p>não tem nada, nada, não querem saber, não querem saber... depois vamos ali para o Bairro do Cerco no Porto e eles tem parques das crianças, tem tudo ajeitadinho e é o Bairro do Cerco! Que é um bairro onde tem muita ciganada, muitas pessoas da droga... "Olha queres [droga]? Vai ao Bairro do Cerco" e aqui não há nada. (M3)</p> <p>...um bairro como outro qualquer, em qualquer coisa, porque a minha filha mora ali nos altos e eu não vejo que ela tenha melhor situação do que a que eu tenho, a não ser a degradação. (M4)</p> <p>Nunca vivi nos outros, portanto não posso fazer comparações. Vivi em Lisboa, vivi em Queluz, por isso sei como é, sei como era o bairro e era muito pior do que viver aqui, pelo menos quando vim, por isso nunca tive problemas. (...) Pior no aspeto... não que houvesse tanta coisa, mas distantes, frios. Os lisboetas não são como os nortenhos, não me digam a mim que são, porque eu vivi lá sei perfeitamente que não. (M4)</p>
--	--	--

		<p>Não [é muito diferente], para mim é... até ao que ouço, que não conheço praticamente os bairros, conhecia quando trabalhava no Hospital de S. João de pessoas... mas nunca lá fui, que era o Bairro Tarrafal ou lá o que era aquilo, abaixo da Areosa não sei quê, esse havia lá muitos problemas de droga e tudo, até diziam que às vezes iam a passar as pessoas que às vezes até pegavam e matavam e faziam... (...) Não, eu ao que vejo não vejo grande coisa aqui no bairro que esteja melhor ou pior, eu não vejo. (M6)</p> <p>Sim, àquilo que se vê e que se ouve na televisão, este bairro é muito sossegado (M7)</p> <p>É assim, o nosso bairro em si eu acho que nunca apareceu na televisão, que eu me lembre, agora é assim os outros bairros tem muito mau aspeto, tem mau ambiente, são muito falados, pronto tudo negativo e se calhar as pessoas é por aí que pensam "É um bairro não vamos", acho que seria por aí. (M7)</p> <p>Os bairros são todos iguais, há umas pessoas que são adequadas... há pessoas que vivem no bairro, mas não são bairristas, não fazem desordens, não é? Tem pessoas que tem bons carros, tem boas casas, outras que já degradam as casas que tem, há de tudo, num bairro há de tudo e principalmente este acho que... este como alguns que há aí que agora é que estão a começar a fazer as obras, mas o que eu acho é que estão muito degradados. (M9)</p>
<b>B- Relação com a opinião externa</b>		
<b>7. Perceção acerca da opinião externa</b>		<p>se eu disser que moro no Bairro do Sobreiro há pensamentos... Quando a minha mãe esteve internada por causa da perna, houve lá um comentário duma doente como quem diz "Oh são do Bairro do Sobreiro". Há eu acho que sim, nem todas as pessoas, mas acho que sim. (...) Desconfiança não, mas se calhar pela maneira de nós falarmos... (M2)</p> <p>Têm, têm, porque o meu marido uma vez ouviu um a dizer na Maia "Eu sou contra o Vieira", foi o que ele ouviu, "Sou contra o Vieira fazer estes galinheiros aqui na Cidade da Maia". Os galinheiros são as casas. (M3)</p>

		<p>Vou-lhe dizer, ali em frente ao estádio tem um monte de vivendas, nunca ninguém disse... "Olhe assaltaram ali, foi um do bairro" e às vezes não é do bairro é de fora, nunca houve nada disso. Eles têm as casas abertas e tudo, a gente tem as casas abertas e tudo... Os de fora é que fazem asneiras e depois dizem que é do Bairro do Sobreiro... (M3)</p> <p>Má [imagem] e já tenho tido bastantes discussões por causa disso (...) que assaltam, eu falei ainda agora que nunca me fizeram (...) Ainda há pouco tempo me disseram que assaltaram duas pessoas lá em cima à beira do Plaza, mas eu não vi, disseram-me, lá está, e as pessoas "Ah é o bairro, o bairro..." (M4)</p> <p>(resposta se é discriminada) Não, sim pelas... por pessoas que nem sequer conhecem o bairro. Eu tenho exemplo, eu estive com um senhor que não é daqui, tem uma bruta de uma vivenda lá em baixo, ele diz que nunca metia aqui o carro que era um Mercedes, porque dizia que lhe davam conta do carro. (M4)</p> <p>Eu tenho uma prima a viver aqui que os filhos estão a estudar, tenho outra irmã a viver na Venepor que não deixa os filhos atravessar por aqui e eu disse: "Porquê? É mais seguro eles irem por dentro do bairro do propriamente que por fora!" (...) Diz ela: "Ah mas eu tenho medo" "Mas podes deixar que ninguém faz mal nenhum" e eles agora começaram, já vão pela rua acima e ninguém lhes faz mal. Lá está a tal mentalidade que as pessoas têm de um bairro social. (M4)</p> <p>Pelo menos não posso estar a mentir de uma coisa que não ouço e tenho me dado com muitas pessoas fora do bairro e tudo. (...) há alguns que dizem "Ai eu não morava no Bairro do Sobreiro!", pelo ambiente que ouvem, mandam aquelas bocas. (M5)</p> <p>Sei lá, muitas dizem-me a mim, às vezes quando paro ali "Ai o quê estes bairros!" Estão muito degradados, a menina sabe que está, tem casas que ali até chovem e tudo, a verdade temos que dizer, tem casas que é um nojo, desculpe lá o termo, chove dentro de casa, é humidades e tudo. (M6)</p>
--	--	--

		<p>muitos até dizem "Ai eu não vivia ali no bairro, nem que me dessem uma casa de graça!" (... ) Sei lá [se é só pelas condições físicas]... outros dizem que o bairro tem muita má fama... (M6)</p> <p>Eu quando vou ali ao Joia da Maia<sup>30</sup> havia um homenzito que trabalhava ali para os lados da feira, era mecânico e ele uma vez queria meter paleio diz ele assim "Olhe oh Dona eu sou viúvo queria arranjar uma mulher, diz que aí no bairro também tem mulheres, você também é viúva?", eu disse assim "Olhe você está a falar para quem? No bairro há de tudo!", "Ah mas diz que no bairro tem lá mulheres...", eu disse "No bairro há de tudo, há pessoas sérias como pessoas não sérias, você não meça tudo por igual". (M6)</p> <p>Nunca ouvi, a única coisa que eu ouvi, estava a trabalhar na loja social, foi que "Ah ir ao bairro não!", mas o porquê não sei. (...) Muita gente só de pensar que é um bairro não entra, porque é um bairro e têm medo de ser assaltados e outras coisas, mas acho que só o facto de ser bairro, dizer "o bairro" já é muito mau. (M7)</p> <p>Não tem nada de falar de mal, o mal só é dizer que as casas estão muito velhas, precisam ser arranjadas, de resto... (M8)</p> <p>Não é por ser um bairro, mas eles podiam ter mais condições para dar às pessoas (...) porque depois as pessoas optam por achar que o bairro é onde fazem os crimes, onde roubam, onde matam e não. (...) Tudo o que é falado num bairro, quando se fala num bairro, as pessoas é onde há tráfico, onde fumam charros, onde matam, onde roubam e não é bem assim, porque nem todas as pessoas que moram no bairro têm esse contexto. (M9)</p>
<b>8. Reação face à opinião externa</b>		<p>(...) mesmo que digam alguma coisa não é bem o que as pessoas dizem... (...) Não me afeta, não me afeta, porquê? Porque eu sei morar, aqui, ali, acolá... o mais importante de</p>

<sup>30</sup> Pastelaria

		<p>nós é sermos educados, é sabermos que os outros precisam de respeito e nós respeitarmos um aos outros, eu creio que em qualquer lugar nós podemos estar colocados. (M1)</p> <p>Não [me afeta], se for para um condomínio se calhar é pior, não sabemos. Não, não me afetou. Tipo o que é que tem nós sermos do bairro? (M2)</p> <p>Eu não tenho problema em dizer que sou do Bairro do Sobreiro, moro no Bairro do Sobreiro, torre x, andar x, casa x, não tenho problema. (...) Se eu ouvisse [algum comentário] eu dizia "Não, no Bairro do Sobreiro mora muita gente séria, muita gente séria" pronto e acabou. (...) A mim não me afeta nada. Eu saio e entro, saio e entro, vou pela rua, a mim nunca me fez mal nem aos meus, nada. (M3)</p> <p>até porque há pessoas que eu sei daqui que se coíbem de pôr Bairro do Sobreiro, põem Urbanização, eu não, eu não tenho vergonha de onde vivo, se ele é bairro, eu quando vim para aqui era bairro, agora é o nome da rua, agora temos de pôr por ruas, mas não tenho vergonha de viver num bairro social, não...(M4)</p> <p>Porque talvez no princípio houve coisas más aqui, coisas más como disse e depois houve uma coisa que a gente teve aqui que depois o presidente de lá de cima nesse caso interveio. Veio para aqui a raça cigana, não é que seja contra, são seres humanos como eu e nunca tive problemas com eles, mas ali a parte de baixo da torre não era fechada e um dia a gente foi dormir e quando voltamos tinha lá uma lona e eles estavam lá a habitar aquilo. Já sabe, foi um transtorno não por eles lá estar, porque eles não tinham casa de banho e iam fazer as necessidades à porta dos outros. Ora já sabe, eram crianças, era uma família bastante numerosa que agora ainda têm aqui descendentes deles, andam aí netos, bisnetos e tudo e então depois houve bastantes problemas e talvez isso tenha dado mau ambiente aqui, porque tiveram que chamar muitas vezes a polícia, a polícia vinha aqui muito. A própria polícia também começou a falar muito mal disto aqui e talvez isso tenha feito com que o bairro tivesse uma má fama. (M4)</p>
--	--	---

		<p>Sim [a etnia cigana é promotora da imagem negativa], têm trazido um bocadinho de conflitos por aqui têm, têm trazido e depois são pessoas que estragam as coisas, vandalizam... (M4)</p> <p>Sim, sempre, sempre, continuo a defendê-lo sempre (ao bairro), porque, como digo, se eu tivesse razões eu dizia assim "Não, aquilo é assim, aquilo é assado", não eu não tenho razão. (...) eu não tenho vergonha de onde vivo (M4)</p> <p>Eu digo, não tenho vergonha de morar no Bairro do Sobreiro, tenho vergonha de levar as pessoas a minha casa, só levo as mais íntimas, as que me conhecem (sobre a imagem que a degradação dá ao bairro) (M4).</p> <p>Não, não, eles já sabem que em todo o lado há coisas de mal. (...) há alguns que dizem "Ai eu não morava no Bairro do Sobreiro!", pelo ambiente que ouvem, mandam aquelas bocas. Mas em qualquer sítio há uma ranhosa ou um ranhoso, desculpando o termo. (M5)</p> <p>É o que mete aspeto fraco [os blocos], a gente entra ali e dá má impressão (M5)</p> <p>O ambiente somos nós que o fazemos, como àquela minha vizinha de baixo me está a estragar a minha situação, mas não me interessa estar lá a viver, é uma casa como as outras. Tem é que ter mais consideração, a coisa das fossas e já chamaram a televisão lá e tudo, é evitar essas coisas. (M5)</p> <p>Sinto, sinto [tristeza com alguns comentários] e digo e disse "Eu não tenho vergonha de morar no Bairro do Sobreiro" é isso que eu digo. (M5)</p> <p>há de tudo aqui, há gente séria, há gente coisa, há de tudo, como se calhar onde a menina mora também há de tudo, mas a menina não tem nada a ver com os outros, tem a ver consigo. (M6)</p> <p>Tem fama, o bairro tem fama, não é o bairro que tem culpa, são as pessoas que moram é que têm culpa não é o bairro, porque o bairro há de tudo. A menina não vê aí nenhum bairro social que não tenha os seus problemas. (M6)</p>
--	--	--

		<p>A mim não me afeta porque não sou eu, quero lá saber dos outros, a mim não me interessa. (...) Eu se tiver os meus problemas ou a menina quem os tem de resolver é você, não é? Não são os outros que vão resolver por mim. A mim não me afeta nada para mim está tudo bem, uma vez que não me chateiem nem se metam na minha vida. (M6)</p> <p>A mim nunca me discriminaram nem tenho aquela coisa de "onde vive?" Eu até dizia "Bairro do Sobreiro, Torre x, andar x", nunca chegaram e disseram "Ah você vive no bairro?", não nunca tive problemas. (M6)</p> <p>Antigamente acho que era mais barulho, mais porrada, havia mais conflitos entre vizinhos, não no meu prédio, mas os outros à volta. (M7)</p> <p>É assim, o nosso bairro em si eu acho que nunca apareceu na televisão, que eu me lembre, agora é assim os outros bairros tem muito mau aspeto, tem mau ambiente, são muito falados, pronto tudo negativo e se calhar as pessoas é por aí que pensam "É um bairro não vamos", acho que seria por aí. (...) Fico triste, fico triste porque é assim, as pessoas não podem falar se não conhecessem, deviam de vir conhecer e ver se realmente é como as pessoas dizem, por ser um bairro... há gente boa, há gente má, em todo o lado é assim, mesmo fora do bairro, só que as pessoas não entendem e eu sinto-me triste por essas pessoas. (...) (M7)</p> <p>mesmo que façam renovação dos prédios, vai ser sempre um bairro, nunca vai deixar de ser bairro. (M7)</p> <p>...não tenho vergonha de dizer que sou bairrista, porque sou, prontos acho que é só isso. (M7)</p> <p>tem má fama, mas não é o que falam. Aqui é raro haver um desatino, é raríssimo ver, quem desatinava mais eram os "t..."<sup>31</sup>. (...) Os "t...". É uma família que mora aí, mas era família e família, matavam-se aí, compadres, puxavam facas, era os únicos aí... (M8)</p>
--	--	--

---

<sup>31</sup> Alcinha de uma família



		<p>Não, não [sinto nenhum olhar estranho], eu digo logo que moro aqui, não, ninguém repara para isso. Está tudo bem (M8)</p> <p>Eu houve uma altura que eu até não dizia que morava no bairro, tinha preconceito de dizer que morava no bairro, quando era mais novinha, agora não, também já é mais pacífico, é mais calmito e mesmo o meu filho está a ser criado neste meio no bairro, é diferente. (M9)</p> <p>Nós é que fazemos o bairro, não é? Quem vem para o bairro, quem faz as asneiras, quem rouba, quem fuma é que faz com que pareça um bairro, mas isto no fundo no fundo é um bairro social sim, mas não comparece daquilo que possam dizer acerca do bairro, porque lá está e depois uns pagam por equivalência àquilo que não são. Eu pelo menos falo por mim, eu moro no bairro, mas não sou daquelas pessoas de fumar, não sou pessoa de andar a roubar e há esse contexto, nem todas as pessoas têm o mesmo contexto daquilo que falam do bairro.</p> <p>No fundo, no fundo acabam por meter o bairro naquilo que às vezes não é e é nesse sentido. (M9)</p> <p>Eu agora... eu antigamente até era capaz de engolir e não dizer nada, mas eu agora já digo o contrário. Porque eu às vezes até estou, por exemplo, na Segurança Social ou algo do género e estão a falar no bairro e eu engolir aquilo... é difícil eu conseguir engolir. O que estou a dizer aqui é o que eu digo às pessoas: nem todas as pessoas que moram no bairro são bairristas, nem todas as pessoas que têm as condições de morar no bairro, porque às vezes morar no bairro é por não poder pagar muita renda ou algo do género, porque se formos a ver há pessoas com muita hipótese até de ter uma casa melhor e optam por pagar menos, mas não ter aquela coisa de ser má, até ser tranquila. Aqui até tem muita gente professores, médicos, há... e no fundo não é esse contexto de ser bairrista. Um bairrista, lá está, é a situação de andarmos a roubar, de fazer degradação, da droga, tudo isso, todo esse contexto, agora eu não tenho essa conclusão. Eu não tenho essa conclusão de achar que seja isso, mas as pessoas optam por... Mas eu agora ataco mais. porque estão a falar de onde eu</p>
--	--	---

		sempre vivi, eu não posso rebaixar onde eu vivi, onde me deram abrigo. Tudo bem que até pode ter fama, tem, mas nós não podemos transparecer aquilo que era antigo para agora, mas muito sinceramente gostava muito que que isso fosse muito diferente... (M9)
<b>C - Intervenção</b>		
<b>9. Percepção acerca da intervenção realizada no bairro</b>		<p>...não estão interessados em arranjar isto (M1)</p> <p>Acho que nos fecharam aqui. Portanto se daqui para ali fazem tudo e muito mais... e esqueceram que nós estamos aqui fechados, ou melhor, não nos abrem a porta, porquê? Nós não fizemos mal a ninguém. São umas coisas que nos complica, que nos põe assim um bocadinho de parte e eu não aceito isso. (M1)</p> <p>arranjaram 3, 4 blocos que é onde as pessoas passam na autoestrada ou na rua vêm "Ah ali a coisa pah é espetacular". (...) e dizem que vai dar continuidade, mas essa continuidade demora muitos anos, está a perceber? (M1)</p> <p>fecham-nos à espera que mais alguns também sejam fechados para atirar a pessoas ao chão, eu acho que deve ser isso o que eles pensam... (...) Porque para se arranjar custa dinheiro e então eles não querem arranjar e querem que o resto também se feche. Oh pah devem ter um contrato com alguém que quer comprar isto. (M1)</p> <p>Eles também fazem a forcinha deles [a Associação de Moradores], mas se calhar também são enganados como nós ou se não estão enganados fazem as coisas depois a modos que a gente fique mais algum tempo parado a pensar qualquer coisa, porque temos aqui mas não estou a vê-los a caminhar para a frente com isto, o coiso de Moradores... nós temos, mas não estou a ver estes a caminhar para a frente. (M1)</p> <p>Não sei se eles [Associação de Moradores] estão à espera de ter melhores ideias, se dizem por dizer, que eu penso que é isso, dizem por dizer, porque se calhar eles também têm alguma coisa que lhes importa. (...) Ou então também não têm o conhecimento dos direitos que temos. Têm conhecimento, porque senão também não havia essa parte aí da Associação</p>

		<p>de Moradores, têm conhecimento, mas lá está... são coisas que não está ao nosso alcance. (M1)</p> <p>Muito, o bairro só não está abandonado na altura dos votos. Na altura dos votos ele não está abandonado, porque até metem cenas na torre e ainda não ajeitaram, os elevadores é a mesma coisa, temos um elevador que está sempre avariado. (M2)</p> <p>Eu só acredito vendo, eu nestas coisas só acredito vendo (a propósito do novo plano de intervenção). (M2)</p> <p>... eu fiz a Maia, sou Maiata, pedi casa não tenho direito, tenho de arranjar um homem para arranjar uma casa, é o que eu acho. Por fora não vai mudar muito, vai mudar o quê? A aparência? e por dentro? (M2)</p> <p>Antes nós ainda tínhamos ajudas, acho que agora não temos ajudas para nada. Eu quando andava aqui na escola, andei no infantário, sou do tempo do Mário, nós não tínhamos possibilidades para ir para a praia ou para o campismo e o Mário estava sempre lá. Víamos as outras pessoas a ir e nós não irmos porque não tínhamos possibilidades, mas lá nisso o Mário tinha muitos acessos para muita coisa. (M2)</p> <p>Diz que iam, os espanhóis compraram isto, se calhar vieram ver isto e já nem quiseram. Isto ficou assim e está assim, está assim. (M3)</p> <p>Eles podem dizer que vão ajeitar isto... nada, nadinha... no tempo do Vieira de Carvalho eles vinham despejar as fossas, eles vinham ver o que era preciso, era lâmpadas, agora não fazem nada, nada, nada, só querem o dinheiro ao fim do mês mais nada! Ai eu digo, nem que seja ao presidente, não tenho medo nenhum, que é verdade. (M3)</p> <p>Uuuui isso é mentira! Eles não fazem nada, isso é mentira, eu não me acredito neles, eles nem me querem... Eu digo logo "isso é mentira" Eu já fui sócia, tirei logo, já não sou sócia</p>
--	--	---

		<p>[da Associação de Moradores], não quero nada disso, eles não fazem nada filha, não fazem nada... (M3)</p> <p>...eles vêm nas eleições que iam fazer isto e fazer aquilo aaaai... mentira! (...) Está [abandonado], está filha, eu estou sempre a ver quando é que cai um prédio, estou sempre a ver... (M3)</p> <p>Só estou triste é porque a Câmara não tem ajudado em... quer dizer a arranjar o bairro, em dar outras condições aos moradores. Eu sei que a renda que é pouca, que a gente não paga muito, mas se eles levassem mais um pouco e conservasse... (M4)</p> <p>tenho pena é da situação em que está, que está degradado por fora e a Câmara nada faz. A Câmara não, a Espaço, nada faz para modificar... (M4)</p> <p>...aqui também nunca houve uma coisa que deviam ter feito que era... quer dizer reuniões de condóminos, a gente tem ali uma associação [de moradores], que eu estou a pagar quotas presentemente, não é muito, mas pago não sei para quê. A princípio ainda fizeram, houve aí umas excursões, agora não fazem absolutamente nada, nadinha mesmo. (M4)</p> <p>as pessoas começam, mas depois ao fim de um tempo cansam-se e desaparecem, como é o caso da associação dali e como outras coisas que têm feito. (M4)</p> <p>Eu penso que sim, vejo aqui crianças, vejo jovens, vejo adultos [no CCVS], aqui acho que sim, que foi [importante]... (...)Sim é isso que eu digo, ora vá e essas pessoas [de fora que frequentam o CCVS] mesmo já devem ter uma visão diferente daquilo que as outras que nunca cá entraram com certeza, porque diz que têm medo de passar no bairro (M4)</p> <p>Nós temos documentos a dizer assim "Estime as coisas por dentro", mas por fora não está nada estimado que a menina passa ali já vê como é... mas isto agora é em todo lado. (M5)</p> <p>A gente quer arranjar as coisas, mas também eles não arranjam por fora, não adianta nada a gente não arranjar as casas por dentro. (M5)</p>
--	--	---

		<p>Para quê que a gente quer as pessoas que mandam nisto e não ligam? Só quando há eleições. (M5)</p> <p>Eles é que deviam ter como chefes engenheiros e lá os procurados que metem estas coisas como os presidentes e tudo dizer assim "pronto metemos os pés ao caminho, vamos pôr as pessoas em condições." De vez em quando uma reunião, que é sempre bom para compreender o ambiente uns dos outros e fazer as coisas à maneira que a gente pode lutar. Agora assim não se vê nada de especial. Vou ao Espaço [Municipal], vou falar com o presidente não há. Vou num dia marcado e não atendem, vou às outras pessoas atendem, mas que é que elas podem resolver? Fui também a ver se via lá o Sr. Presidente da Câmara, também ninguém o vê, então onde é que eles estão metidos? Quer dizer se houver alguma coisa perigosa a gente não tem onde se dirigir. (M5)</p> <p>Agora até fiquei muito contente de ter um convívio aqui com as minhas colegas, elas são muito alegres e ainda hoje andei aqui a dançar com este senhor J. (M5)</p> <p>Oh mor há aqui pessoas, que é o que dizem, não sei se é verdade ou se é mentira, Deus que lhe responda que eu não posso responder, há casas aí que precisam disto ou daquilo, vão logo arranjar, outras pessoas querem arranjar uma persiana ou quem fazer isto...(…) para uns vai logo e tem aqui pessoas que estão ali com as casas todas cheias de humidade e não sei quê, não sei que mais, outras precisam disto e vão logo a correr e para outros não. (M6)</p> <p>Acho, acho, que ajuda muita gente, não é? Que haviam de ajudar, mas verem quem precisa e quem não precisa, está a entender menina? Agora virem aqui e você ir ali e verem pessoas e pessoas que às vezes... porque é assim, eu não posso fugir ao fisco... (….)E há aqui pessoas com grandes possibilidades e têm tudo e mais alguma coisa e são novas que nunca trabalharam, estão com os rendimentos mínimos, estão com isto, vêm buscar despesa, vão para acolá. (M6)</p>
--	--	--

		<p>Pronto, mas bom dia e boa tarde, de resto não tenho que dizer de nenhum deles [da Associação de Moradores], não vou dizer se fazem isto ou aquilo, acho que já ajudaram muitas pessoas aqui, isso já ouvi dizer, tenho a certeza que se um dia eu precisar de uma ajuda que eu também tenho a certeza que eles também faziam tudo por mim, só se não pudessem, mas na graça de Deus foi como já disse à menina, até hoje nunca precisei, está a entender menina? (M6)</p> <p>Também gosto deles (CCVS) agora estarem ali mais no bairro a ajudar as pessoas. Acho que sim que até deviam fazer mais atividades com as pessoas, cativar mais as pessoas, mas há muitas de fora mesmo, além do bairro que eles queriam ir buscar pessoas fora que não vêm, porque lá está, é bairro! Mas, acho que sim é uma boa ideia aquilo que eles estão a fazer de momento. (M7)</p> <p>Eu sei que há essa Associação de Moradores, porque ouço falar dela, senão não sabia, porque eles não divulgam, não são capazes de ir ou pôr cartas às pessoas no correio, não é? A explicar o trabalho deles, o que fazem, se a gente precisar eles estão ali? Não, não é divulgado o trabalho deles, pelo menos que eu tenha conhecimento. (M7)</p> <p>É assim a Espaço não faz, ou se faz talvez se houver cunha. (...) Já, já reclamamos várias vezes, por exemplo, no meu prédio foi reclamado mais de não sei quantas vezes e eles não lá vão, nunca vão, portanto eu não tenho luzes tipo há dois meses no prédio em si. (M7)</p> <p>Acho que eles haviam de ter mais cuidados com isso, o Espaço Municipal. Acho que haviam sim de ter mais cuidado, ter mais gosto em trabalhar no bairro, que eu acho que eles não têm. Eles chegam ali passam, andam e não devem ter gosto, no meu ver, eles não têm gosto neste bairro também. (...) Eu acho que sim, no meu ver sim [está abandonado o bairro]. (M7)</p> <p>Mais depressa deviam ter noção de dizer "não, vamos manter aqui". Eles realmente já optaram, já disseram que iam fazer não sei por fases, pronto. Agora fizeram ali uns blocos,</p>
--	--	---

		pararam e ainda não retomaram, mas se fizessem já não parecia um bairro, porque a degradação... E a planta que eles fizeram que vão abrir mais ruas, vai ficar diferente, não vai parecer que é um bairro. (M9)
<b>10. Ações entendidas como necessárias para valorizarem o bairro</b>	<b>10.1 Reabilitação (casas e espaços envolventes)</b>	<p>o que era bom para nós moradores era que eles tratassem os blocos, porque os blocos estão podres por fora, estão podres por dentro. (...) para fora tinha uma visão diferente, eu acho que sim, via-se com outros olhos de ver, era muito mais simpático era, ficava muito mais bonito para eles e para nós. (M1)</p> <p>Eu acho que sim, acho que é a forma do bairro em si estar assim, porque é um bairro muito antigo, está feio, está degradado. Acho que se fosse um bairro mais limpo, uns blocos mais limpos, mais modernos, se calhar as pessoas não tinham tanta impressão do Bairro do Sobreiro. (M7)</p> <p>Eu acho que era reconstruírem, fazerem as obras necessárias para não parecer que isto está degradado, que isto... não é? Porque muitas pessoas estão aqui não parecem ser que morem num bairro (M9)</p> <p>os blocos que já estão ajeitados, que estão... é diferente, parece que são apartamentos que são novos e na realidade não são, porque as casas em si não são, mas se fosse assim e parecesse já não parecia um bairro.(...)</p> <p>e já não diziam, não diriam que fosse um bairro. (M9)</p> <p>que o bairro melhorasse desse outro aspeto mais vivo, ter uns jardins mais bonitos, ter luz, podermos passar e não termos medo. (M9)</p>
	<b>10.2 Dinamizar e publicitar o bairro</b>	Incentivar mais coisas aqui, trazer as pessoas mais de fora para dentro do bairro, para verem que as pessoas que moram cá que não são assim tão bichos como elas pensam que são. (M4)

		...se calhar até as atividades, ser mais publicado coisas que acontecem no bairro, coisas boas, talvez aí sim as pessoas tenham mais vontade de vir conhecer o bairro. (M7)
	<b>10.3 Outros</b>	<p>A assistente social deve de procurar falhanços, que há muitos, perceber que há pessoas que estão a ter os direitos e não precisam deles, mas até os tem e têm de ver as pessoas que precisam e não têm, ir a casa dos familiares das pessoas, sabendo isso, e outras situações a ver se isto melhorava um bocadinho, porque isto está mal. (M1)</p> <p>não podemos ser comidos por lorpas, digo eu, nós não podemos parar de lhes dizer a eles que não vão mandar naquilo que não lhes pertence, nós temos de saber quais são então os nossos direitos e o que temos de fazer para que eles compreendam que nós estamos mais ou menos por dentro da situação. (relativamente à falta de obras) (M1)</p> <p>É como estava a dizer, está assim um bocado triste, tem assim umas coisas que pode-se fazer a mudança aí, mas é preciso que as pessoas... que eles digam e ajudem. Se virem que não podem, nós os moradores ajudamos, nós estamos... nós precisamos que isto fique melhor e como então eles sozinhos não podem, nós ajudamos, mas eles que não digam só para nos porem calados, não, eles que digam, que façam, que apresentem as coisas, se não aqui ok são vocês desse lado, estamos nós aqui, vamos por isto em condições. (M1)</p> <p>(...) precisava de um novo presidente (M2)</p> <p>Sabe porquê? Porque para ali muita gente, não é drogada, mas muitos rapazes, mocidade que até os vi nascer, ainda ontem vi um que disse "Ai como tu estás, como tu eras e como tu estás..." (...) É aquele café... Eu como nunca fui lá... Ui meu Deus, nunca fui lá... Eu aquele café fechava! (M3)</p> <p>... as assistentes sociais tem que vir por aí fora ver as condições, as casas, às vezes é um cheiro aí a água choca menina! (M3)</p> <p>Para mim o mal está no café que está ali aberto e nas pessoas que “residem” lá, porque não são daqui, não está cá, mas estão a explorar aquilo e por vezes dá-se bastantes conflitos, já</p>



		<p>tenho visto. Muitas vezes chegámos aqui e está ali a polícia e quando há problemas é sempre, eles vêm dali daquele café, começam ali naquele café, não sei porquê, não me pergunte porque não lhe sei explicar. (M4)</p> <p>Oh joia o que eu acho que fazia é como estão agora a fazer aqui aos ciganos. Equilibrar o ambiente de desviar de arrumações e assim... O ambiente... deviam dar conselhos, de vez em quando uma reunião a aconselhar este e aquele e depois aqueles que falam e que estão nisso e nós respondermos às perguntas. (...) Sim, o ambiente como fizeram acolá com aquela horta e o ambiente de contacto para dizer assim "Passa-se isto assim, isso é mal feito, tendes de vos entender uns com os outros" e compreender o ambiente o que tem de bom e o que tem de mau. (...) Até há sítios em que fazem isso, mas muitos não querem aceitar. Há muitos que não aparecem, mas no meu ver comunicar uns com os outros... alguns passam por nós e são uns desconhecidos, há outros que dão aquelas bocas que a mim não me interessa. (M5)</p> <p>Que aqui muitas coisas havia de se fazer uma limpeza, havia...(...) Limpeza (risos) que aqui há de tudo. Olhe muita gente diz que aqui o café havia de ser fechado, outras coisas sei lá... (M6)</p>
--	--	---

## Apêndice X. Quadro de análise de conteúdo das entrevistas complementares

A- Relação com o bairro		
Categorias	Subcategorias	Enunciados
1. Aspetos positivos/ de valorização		<p>este bairro com esta conotação [de <i>gueto</i>] deixou de existir, felizmente, passou a ser uma urbanização, é um bairro na mesma, não tenho vergonha nenhuma de o dizer. (E1)</p> <p>Aqui é mais seguro. Se reparar, a maior parte das pessoas que trabalha no centro da Maia vem trazer os carros para guardar aqui no bairro e vão a pé. (E2)</p> <p>Eu não posso dizer em consciência que o bairro é problemático, não posso dizer isso, eu entro no bairro a pé, não tenho medo nenhum. (E4)</p> <p>A Urbanização do Sobreiro está no centro da cidade, não há nenhum outro bairro que conheçamos tão no centro da cidade. (E4)</p>
2. Aspetos negativos/ de desvalorização	2.1 Más condições de alojamento/bairro	<p>E este abandono tem um impacto no aspeto geral do bairro que se tornou feio, degradado, tem zonas degradadíssimas, os prédios estão degradadíssimos, nunca levaram manutenção, as habitações das pessoas... e isso tem um impacto também nas pessoas que vivem mal, as habitações são de facto de muito fraca qualidade, tem humidades, tem enfim... as pessoas vivem mal e não se sentem bem. E mais, a acrescer a isto aquilo que falamos há bocado, entretanto as pessoas envelheceram e, portanto, temos aqui este fenómeno do envelhecimento que ainda por cima vive em condições nada satisfatórias. Os jovens piraram-se todos do bairro, foi tudo embora, tudo. Há meia dúzia de jovens. (E1)</p> <p>Não se faz obras, entra água dentro... é lixo aí aos dias acumulados (E2)</p> <p>o povo está desmoralizado, isto só normaliza quando se fizer obras, mais nada! Enquanto não se fizer obras isto continua tudo a monte, as pessoas não tem gosto, os jardins é só erva, não tem fundamento nenhum, prontos. (E2)</p> <p>...é ratos aí com fartura, é saneamentos entupidos constantemente, ninguém faz nada!</p>

		<p>Não há luz nas escadarias, não há... um dia se calha de haver um incêndio eu não sei o que é que vai acontecer aí... A luz das escadarias tem um andar, 4 ou 5 já não tem, as pessoas ao descer para baixo vão se matar uns aos outros ou então morrem todos queimados. (E2)</p> <p>há moradores aí, que o A. sabe tão bem quanto eu que agora neste período de chuva tem recipientes em casa para apanhar a água, ou em cima do guarda-fatos ou em cima de outra coisa qualquer. Eu sei de uma casa, várias aí, em que a senhora é obrigada a por o recipiente em cima do guarda-fatos, porque a água está sempre pim! pim! pim! (E3)</p> <p>Também lhe devo dizer que uma das coisas que me choca, que não acho justo e que não concordo, é que as pessoas que não cuidam da habitação social, da sua casa se mantenham na habitação social. Eu não estou a dizer que tenham que se ir embora, estou a dizer que tinham que levar um susto, porque não é justo só porque a casa não é nossa nós não a cuidemos, não cuidemos das escadas, não cuidemos das portas, não cuidemos do sítio onde residimos, mas devemos ser nós a ajudar. (E4)</p> <p>Falta equipamentos. (E4)</p>
	2.2 Conflitos Sociais	<p>Sim [droga e criminalidade], mas nada de muito grave atenção! Existia como existe hoje, mas como existe também na urbanização ali no centro da Maia, em Gueifães, Famalicão, no Porto, normal... portanto, havia tráfico, algum tráfico, portanto, havendo consumidores, tem que haver quem lhes venda, mas até digo uma coisa, nunca houve aqui... é por picos... nunca houve propriamente aqui uma coisa de ser “o supermercado da droga”, por exemplo “Ai porque houve droga no Porto, Bairro do Aleixo, Bairro Pinheiro Torres, não sei quê...” pronto aí quem quer comprar vai lá... Aqui na Maia, no Bairro do Sobreiro nunca foi propriamente isso, embora vêm aqui <i>dillers</i> vender, se há consumidores, há quem lhes venda, quem faça negócio com isso, mas não é caso para dizer "Ei droooga, violêência..." (E1)</p> <p>Há um prédio alugado que está cheio de moradores e inclusive tinha lá dois casais ciganos, mas os ciganos como se queriam apoderar de tudo foram lentamente pondo os outros moradores todos de lá para fora (...)A menina não queira saber como está aquele prédio... passa-se dum andar para o outro e de um quarto para o outro sem estar a passar por portas, deitaram paredes todas a baixo, tiraram... não há lá um bocado</p>

		<p>de tubo de cobre da água, não há um palmo de fio de eletricidade que tiraram tudo, partiram tudo! Não há nada que se aproveite ali!(...) Eu como digo não sou racista o que eu gosto de ver é as coisas direitas. (E3)</p> <p>fazem mais estragos os ciganos que vem de fora do que aqueles que residem aqui (...) É claro que não concordo com muitas das coisas, como é que vou dizer, com muitas das coisas da cultura delas, as suas ideologias, mas mais uma vez também acho que sendo eles uma minoria, cabe-nos a nós maioria arranjar uma forma de os integrar, respeitando sempre a cultura deles. (E4)</p> <p>(...) sabemos que há ali um mercadozito de droga, mas não é nada que não esteja referenciado, que não esteja a ser acautelado, não nos tem causado grandes problemas, também sabemos que as autoridades fazem rondas, os próprios moradores acabam por de alguma forma ser supervisores dessas atividades menos lícitas. (E4)</p>
	2.3 Outros	<p>há um fenómeno agora novo, não é só aqui na Maia, nem no bairro, é em todo o país, e penso que me todo o mundo ocidental, que é os idosos que vivem mais tempo e que ficam isolados em casa... (E1)</p> <p>(...) também acho que temos, eu penso que é uma minoria, mas uma minoria complicada, que de facto vive de subsídios, são pessoas que muitas vezes não sabem viver de outra forma (...) (E4)</p>
<b>3. “O Bairro do Sobreiro” vs. “os outros bairros/ territórios”</b>		<p>Por exemplo, eu conheço o Bairro da Pasteleira que era uma vergonha, aqui há vinte e tal anos, hoje a gente entra lá dentro e é outra coisa caramba, já dá gosto lá entrar, aqui não. (E2)</p> <p>E sinto-me bem aqui, este bairro é um bairro como uma zona qualquer VIP, é igual. (E2)</p> <p>A Junta de Freguesia da Cidade da Maia tem urbanizações de habitação social muito diferentes. Temos o Centro Comunitário do Sobreiro que é a mais problemática no sentido de que é a mais antiga, já teve para ser demolida, depois não foi, agora está a reabilitar-se, porque se está a ver que não é possível demolir, mas também temos outro tipo de habitação social que são... eu não diria condomínios fechados, mas são verdadeiros condomínios, não se nota se quer que é habitação social e que eu acho que a Maia tem de facto condições de excelência no que diz respeito à habitação social (E4)</p> <p>É [diferente dos outros], logo pela sua localização, depois pelo número de pessoas que tem, pelo nível de degradação que atingiu, pelas polémicas que tem que têm sido geradas em torno do bairro pelo projeto de</p>

		demolição, depois já não se demolia, depois demoliram-se uns blocos e realojaram-se as pessoas e depois já não foi possível demolir os outros... (...) Não, deixou foi de haver dinheiro do governo para que se pudessem fazer outras habitações sociais, de forma a realojar as pessoas. E, portanto, nesse sentido é diferente, mas nós temos aqui muito próximo o Maia I e o Maia II, que fica ali atrás do antigo tribunal, são ligeiramente mais recentes, mas são... não é muito diferente a população digamos assim, também já lá teve pessoas de etnia cigana, mas são pessoas que interagem entre si de maneira diferente. Aqui no Sobreiro acho que as pessoas interagem mais por bloco do que a nível de bairro, comunidade. (E4)
<b>4. Perceção acerca da opinião externa</b>		Não. É assim, nem por isso, em termos gerais não [tem uma imagem negativa]. Há ainda uma certa franja da população... A Maia é um território de origem rural, ainda hoje é, tirando aqui o centro da cidade, ainda hoje é um bocado. E essa origem rural... os seus pontos negativos são os preconceitos, portanto, a moral associada a essa cultura... o preconceito ainda é uma coisa que pesa muito nas pessoas e, portanto, há uma certa franja da população, população de nível socioeconómico elevado, que ainda vê o bairro como um mal menor aqui no meio da cidade "está aqui o bairro no meio da cidade, isto é um escarro", chegam a dizer isto... (...) "Aqui no centro da cidade ter uma coisa destas? Credo, que horror!" Aliás, houve um projeto que era demolir o bairro todo e fazer aqui um parque, um jardim grande e esse projeto só não foi para a frente, era o projeto "Parque Maior", não foi para a frente, porque veio a famosa crise de 2007 que deitou por terra todo esse projeto e, portanto, agora teve de se recomeçar de novo com outros projetos. Portanto, há uma certa franja da população que ainda vê isto, e isto é tudo, são os edifícios, as pessoas... como uma coisa horrível, mas essa franja não é propriamente significativa no que diz respeito ao resto, percebes? Portanto, aquilo que tem impacto mesmo nas pessoas, ou seja, na escola, na mercearia, na escola, no supermercado, isso já se diluiu completamente, dilui-se já no final dos anos 90 e isso é que importa, porque isso é que são as relações das pessoas. Os meninos na escola já não se importam de ser do bairro, no supermercado igual, na missa, no atletismo, percebes? Na rua... as pessoas já olham o bairro como é o bairro, é o Bairro do Sobreiro. (...) Eu promovi atividades de dança de salão que é de certo modo elitista, precisamente para tentar trazer essas pessoas para cá, não resultou! E tinha um voluntário, não pagavam nada, as pessoas não pagavam nada, não

		<p>resultou, o homem foi-se em bora, porque deixou de ter público e as pessoas diziam "Ah eu adoro e tal, mas não sei o que é que me parece ir ao bairro", percebes? (E1)</p> <p>(...) aliás que nós até já levamos aqui por <i>gueto</i>. O próprio antigo presidente da Câmara disse que isto era um <i>gueto</i> na Maia. (E2)</p> <p>Já houve há uns tempos atrás um bocado o medo, considerando receio até de atravessar este bairro, há uns tempos atrás, mas as pessoas também foram mudando, não só aqueles que vieram, mas aqueles que já foram, infelizmente, mas aqueles que vieram também já vieram com uma mentalidade mais apaziguadora das coisas e tal e a coisa foi-se compondo (E3)</p> <p>Portanto, acho que é um estigma que se criou e não vale a pena irmos por aí, porque quanto mais nós estigmatizamos mais as pessoas se sentem segregadas e, portanto, pior é, parece um gueto e não é um gueto. (E4)</p> <p>(...) porque segundo me dizem houve problemas graves de droga no passado, houve alguns problemas de tiros e por aí fora e depois é a questão do estigma, é um bairro, é um bocado como o caso do Bairro do Cerco e outros no Porto que, não quer dizer que não haja problemas, mas a verdade é que há muito mais famílias normais do que famílias com problemas e que pratiquem crimes. Pode haver eventualmente alguns problemas de alcoolismo de alguns moradores, isso também há, mas acho que de facto isso tem a ver com o passado e criou-se um estigma e vamos ter que resolver essa questão e mudar. (E4)</p> <p>Quem está aqui muito próximo consegue facilmente identificar as pessoas da Urbanização que, por exemplo, vivem de subsídios, porque não é difícil chegar ali aos cafés em frente ao Município e vê-los a tomar o pequeno almoço, pessoas que não trabalham que não fazem nada, e portanto, também não gostamos, porque nós dizemos "Fogo eu não faço isto e estas pessoas que vivem de subsídios, que sai um bocadinho de todos nós, estão aqui a fazer aquilo que eu não faço". (E4)</p>
<b>B – Intervenção no bairro</b>		
	<b>5.1 Respostas Sociais</b>	...nas crianças da altura e adolescentes e intervimos nessa geração por forma a cortar ali laços de pobreza estrutural e, portanto, esses quando agora chegaram a pais e mães já vêm o mundo de uma forma diferente.

<p><b>5. Trabalho desenvolvido</b></p>	<p>Todos eles, tirando raras exceções que também as há, mas todos eles em geral, todos eles levaram os seus estudos até ao fim, até ao nono ano de escolaridade na altura obrigatório, muitos se licenciaram em muitas áreas, muitos outros adquiriram profissões e trabalham em profissões que não exigem licenciatura. Em geral, oh pah foi muito bom, houve um impacto muito positivo nesta comunidade. (E1)</p> <p>Ora nós criámos aqui uma primeira fase, esta dinâmica de movimento dentro do bairro, conhecer quem é que são os meus vizinhos, a proposta foi esta, quem são os meus vizinhos? Os vizinhos da zona dos blocos até ao 10 começaram a vir aqui aos 45 e 60 e tal e os meninos começaram a conhecer os meninos que moravam ali e começou-se a criar dinâmicas de atividades em conjunto e os meninos começaram a ser amigos e isso... criou-se os primeiros laços afetivos, criou-se as primeiras raízes, não é? Depois a seguir, começamos a levar os meninos para o exterior, os meninos e as meninas, claro, toda essa malta começou a ir ao exterior nas férias, nas interrupções letivas. (E1)</p> <p>Criámos provas de atletismo, campeonatos de futebol de 5, que tínhamos ali um polo desportivo, começámos a criar torneios, começámos a criar campeonatos de poesia, de matemática, coisas assim, e chamar miúdos das escolas que não moravam no bairro para criar aqui uma dinâmica de dentro para fora e de fora pra dentro, não é? E foi assim... isto demorou anos atenção! Foi assim que o bairro, o bairro fechado etc., se tornou numa urbanização normal, ou seja, um sítio que é uma urbanização onde moram pessoas e... (E1)</p> <p>Neste momento e desde 2007, para aí, trabalhamos essencialmente com adultos e agora vamos trabalhar com idosos, está a ver? Já trabalhamos com idosos, mas de uma forma não estruturada, trabalhámos quando é preciso, com uma família ou um agregado específico, um idoso específico... (E1)</p> <p>No nosso organigrama temos um serviço que é feito em parceria com a Junta e Freguesia, já desde 2006 para aí, ou 5, já não me lembro, que é um serviço que se chama "Vamos até si". É um serviço de apoio ao idoso, embora especificamente na área alimentar, ou seja, um idoso que já não tenha competência para fazer o almoço ou que pronto... é basicamente isso. (...) Não é apoio domiciliário, vamos só lá levar a refeição, não é apoio domiciliário, é um <i>take-away</i> vá, só que vai a casa, é isso mesmo. (E1)</p>
--	--

		<p>Portanto, isto a propósito de que de facto o Centro Comunitário foi mudando e foi trabalhando com públicos diferentes e foi-se adaptando e sempre fará isso. Portanto, mas a filosofia de intervenção mantém-se a mesma de 92, a postura perante o que é o Centro Comunitário, o que é intervenção comunitária, que é que é isto, quais são os objetivos, as estratégias, vamos afinando estratégias, refinando estratégias... também vamos aprendendo com os tempos, não se sabe tudo, vamos aprendendo, vamos estudando, vamos avaliando e avalia-se, não resultou, faz-se de outras maneiras... e vamos... estás a perceber? Mas a filosofia de base subjacente à intervenção comunitária mantém-se a mesma coisa. O Centro Comunitário e o projeto de luta contra a pobreza e tal sempre foi... é a mesma coisa praticamente. (E1)</p> <p>Nós tivemos uma preocupação muito grande até na sequência daquilo que falei à bocado de criar dinâmicas de fora para dentro e de dentro para fora. Nós não trabalhamos só para o bairro, não trabalhamos. Desde 2000, desde 2001, mais ou menos, que abandonamos o foco, portanto, alargamos o foco, trabalhamos para o bairro e também para o resto da comunidade, percebes? O bairro faz parte da comunidade ponto final. Portanto, todas as propostas que fazemos, todos os serviços que temos, são para toda a comunidade envolvente, inclusivamente, devo dizer que temos aqui utentes, embora do concelho, mas de longe já daqui... (E1)</p> <p>Nós basicamente temos quatro grandes áreas de intervenção, que são as áreas que entendemos e até agora que eram as mais necessárias para apoiar as pessoas. (...) Pronto, temos então essa área do emprego e da empregabilidade, formação profissional, tudo aquilo que está inerente a estas questões. (...) Portanto, nesta área temos trabalhado muito em capacitação das pessoas para elas adquirirem os seus empregos e a sua autonomia, especialmente pessoas desempregadas, lá esta, temos trabalhado mais com adultos, pessoas desempregadas de longa duração, de meia idade (...) Temos tentado e temos conseguido, felizmente, temos tido boas experiências em desenvolver projetos, programas específicos, quase sempre financiados por estas grandes empresas [EDP, REN e Continente], que ajudam a capacitar estas pessoas para elas poderem ou encontrar o seu emprego ou formar o seu próprio emprego. (...) Depois temos uma área grande que é a área das atividades ocupacionais, da animação sociocultural que é uma área vital, é uma ferramenta para mobilizar saberes, conhecimentos, formas de estar, filosofias de encarar o mundo etc, e tal, portanto, é uma</p>
--	--	--



		<p>área estruturante, sob ponto vista pessoal e coletivo. Ora, aqui temos muitas atividades que promovemos e propomos à comunidade: atividades de ocupação como desportivas, artísticas, portanto, teatro, música, futebol, natação, o que apareceu... o que for sendo necessário. (E1)</p> <p>Há malta que se preocupa muito com a visibilidade e o carago e tal e, na verdade, havendo mais visibilidade há mais apoios, também é verdade, estás a perceber? Mas oh pah neste caso, nesta área, e esta área [das atividades ocupacionais] quase toda desenvolvida por mim, interessa-me de facto é que as pessoas estejam bem, sejam felizes e façam coisas que gostem e que gostem de se levantar todos os dias, estás a perceber? Portanto, é esse o grande objetivo e depois que isso se reflita na sua família, nos seus vizinhos, nos seus amigos e na sociedade em geral, portanto, é essa... isto é que é intervir na comunidade. (E1)</p> <p>olha no nosso grupo coral temos 40 pessoas, no grupo de teatro, neste momento, o projeto que eu estava a contar... juntamos o grupo...a oficina teatro e a oficina grupo coral e vamos fazer uma opereta (...) E vamos envolver isto tudo, os meus 40 coralistas, são há volta disso, e depois o grupo de teatro, que neste momento tem 12 pessoas e destas pessoas vêm outras entidades que ouviram falar e que vieram cá propor para virem para cá e eu aceitei. Os albergues noturnos do porto que trabalham com sem abrigos, são pessoas sem abrigo que vem cá (...) são para aí 5 ou 4 já não sei, depende... Na semana passada chegaram o Centro Social de Soutelo em Gondomar...(...)vieram 4 mulheres e há um menino que está no Hospital Conde Ferreira, que tem doença mental (...)que também vem, um menino, um jovem, tem 23 anos e (...) os meus utentes que é quem quiser... Chega um ponto que vamos juntar aos coralistas. Entretanto, quem é que se vai juntar a este projeto? O Grupo Coral dos trabalhadores da Sonae Indústria, (...) o coro do grupo Impresa, da SIC Visão, Impresa Porto... zona do Porto, vêm cá... (...). Portanto, estás a ver que aquela filosofia que eu te falei há bocado no bairro de fora para dentro e dentro para fora continua... estamos em 2018! (...) Porque a mistura de todas as pessoas com diversas origens socioculturais, com diversas formas de ver o mundo, com <i>know-hows</i> diferentes, esta mistura toda sai toda a gente a ganhar. E faz-se uma coisa muito mais rica em termos de conteúdo, compreendes? Portanto, tenho aqui jornalistas, tenho funcionários que ganham muito bem, portanto são de topo, pessoas que ganham 2500 euros por mês, tenho séniores, tenho pessoas doentes mentais, tenho sem-abrigos, tenho pessoas alcoólicas, tenho professores reformados,</p>
--	--	--

		<p>tenho cidadãos aposentados, mas autónomos na comunidade, e todos juntos ali são todos iguais: cantam, gostam de cantar ou gosta de representar ou gostam das duas coisas, estás a perceber? E estão a fazer uma coisa comum, um projeto comum, portanto, esta é a nossa filosofia, compreendes? (...) Estamos a fazer um trabalho já há vários anos de promoção das competências digitais nos séniores, porque para eles se adequarem ao novo mundo, tem que ser, assim como fizemos a mesma coisa nos anos 90 que tínhamos um <i>atelier</i> de informática, na altura ainda ninguém sabia o que era isso... todos os meninos do Bairro do Sobreiro sabiam informática ok? Agora estamos a fazer com os séniores, (...) se souberem o que é, veem as coisas de outra maneira. Portanto, a área de atividades ocupacionais é muito grande. Depois há uma área estruturante também... (...) que é a área de apoio às necessidades básicas. Nessa área há apoio alimentar em diversas dimensões. Aqui trabalhamos essencialmente com a população mais destruturada e mais pobre. Trabalhamos mesmo com a pobreza, ok? Apoiamos as pessoas sem abrigo, há pessoas que tomam aqui banho, mudam de roupa, comem, só não dormem cá porque não temos residência. Temos uma residência para pessoas destas que tenham potencial de autonomia. Há pessoas que estão na pobreza extrema devido a milhares de fatores (...) Portanto, nós respondemos a todas estas necessidades. (...) Nos últimos anos já reabilitamos 6 pessoas, que estão nos seus empregos, dois têm novas famílias, os outros ainda estão sozinhos embora não isolados, têm amigos, têm empregos. (...) Ora, para esses casos com pessoas com potencial de autonomia, nós temos um programa dentro desta grande área que é programa "SAI" sai, sai da minha vida (brincadeira, risos) Que é um programa "SAI" - "Serviço de Apoio à Integração" em que trabalhamos estas pessoas nestas dimensões todas, dure o tempo que durar. Tem durado uma média de ano e meio dois anos. Dura o tempo que durar e temos a Câmara da Maia que pah foi espetacular connosco e com a comunidade e cedeu-nos um apartamento para fazermos uma residência partilhada para quem não tem casa e que esteja neste programa, possa residir e possa ter todo o conforto que uma pessoa precisa para enfrentar um mundo novo, porque o problema todo é que uma pessoa até pode ter potencial, mas se não tiver condições, se não tiver onde dormir, onde tomar banho não adianta, a pessoas só vai arrear rapidamente, não é? E vai-se refugiar em quê? No álcool, nas drogas, em tudo o que vier, portanto, nós criamos aqui condições estruturais para que as pessoas possam de facto enfrentar um mundo novo, a sua nova vida, uma nova vida, recomeçar do zero. Dentro desta grande área está o Serviço de Apoio à</p>
--	--	---

		<p>Integração e depois tudo o resto: banho, roupa, alimentação, alimentos, portanto, que é feito de uma forma rigorosa, estruturada e controlada e, portanto, tem que ser, porque os recursos são escassos e tem que haver uma justiça social que permita de facto apoiar as pessoas de uma forma equilibrada e também não as torne dependentes de apoio permanente, não é? Para isso já há aquelas que o são e essas são assumidas, sim são dependentes são dependentes ponto final, percebes? (...) Para isto tudo, contamos com uma rede de parcerias sem a qual era impossível fazer parte destas coisas. (E1)</p> <p>Claro, claro, passam aqui... param aqui por ano mais de duas mil pessoas. Só utentes são mil e tal, mil e cem, mil e oitenta utentes que usufruem de serviços e depois pessoas que vem cá fazer formação, fazer ações de informação... são outras mil ou duas mil, estás a perceber? Este fluxo constante... que nós fazemos isto propositado, não é? Há coisas que... por exemplo, as ações de formação do centro de emprego, eu peço para serem aqui. Isto não é de todo inocente, digo mesmo lá no centro emprego... eles chamavam-nos lá e iam ali para aquele lado, ao centro de emprego que é no centro da cidade, do outro lado da cidade e eu disse à minha colega "Não, vamos fazer no Bairro do Sobreiro, no Centro Comunitário" e isto não é inocente, é mesmo de propósito para criar aqui fluxo. Ainda agora começou, quando fui lá acima abrir (a porta para) uma formação, que está a começar, de primeiros socorros, foi uma candidatura que fizemos em parceria com um centro de formação que é a Castelo Maia, no Castelo da Maia, formação para ativos e então vêm pessoas de todas as instituições, empresas de trabalho ter formação e eu ofereci logo a sala. Fiz a candidatura a meias na condição de ser aqui. E não é inocente. Dá-me menos trabalho não ter a sala ocupada, mas interessa-me mais ter aqui 30 pessoas a vir aqui fazer formação, lidar com esta realidade e com a realidade que é uma realidade normal da vida. Portanto, é esta... a nossa influência é esta, para além do impacto que já temos na comunidade em geral, portanto, as pessoas já nos conhecem, já sabem, já fizeram coisas connosco, já sabem o que é que podemos dar já sabem... portanto, e essa ligação afetiva também é muito importante e também destigmatiza. Eu quando vou a uma reunião à Câmara, vou ao centro de emprego ou qualquer coisa as pessoas já falam comigo como... tendo como pressuposto que eu represento uma entidade, uma instituição, centro comunitário, que faz este trabalho e que...pronto já consideram-me como seu par e às vezes até "Ah o Mário e tal" e não há necessidade disto, mas isso é importante, destigmatiza."Alto! Há ali movimento, faz-se ali coisas" é importante. (E1)</p>
	5.2 Outras dinâmicas	<p>A Urbanização do Sobreiro... eu não gosto muito de chamar bairro, não é que não deixe de ser bairro, mas acho que nós ao dizermos bairro acaba por estigmatizar as pessoas e o Bairro do Sobreiro já tem de certa</p>

		<p>forma algum estigma e eu estou a tentar que isso não aconteça. Aqui o Sobreiro sei que é uma preocupação nossa e que já vinha da antiga Freguesia de Vermoim. É uma grande preocupação da Câmara Municipal, no entanto não nos podemos esquecer que este bairro é muito antigo, já foi muito problemático, por aquilo que me dizem, porque o bairro é muito mais antigo do que eu aqui no concelho. O que é que a Junta de Freguesia faz? Nós tentamos estar próximos principalmente das pessoas, nem sempre de forma direta porque lá esta, as pessoas do Sobreiro, também não são todas, mas a maior parte delas, entende que a Junta de Freguesia deveria ser mais proativa na questão de resolver as questões graves que existem no Sobreiro e a verdade é que a Freguesia da Cidade da Maia, a Freguesia de Vermoim, antiga Freguesia de Vermoim, sempre o fizeram, a Câmara sempre tentou solucionar o problema, mas a competência para a questão dos bairros sociais vais mais além do que a Câmara, depende do governo central e nós também sabemos que se antigamente havia muitos incentivos até para a manutenção. Neste momento não existem, ou melhor, neste momento já existem, mas houve uma altura que não existiu e agora, também penso que deve saber e o Mário está até se calhar mais habilitado do que eu porque está mais dentro dos mecanismos, neste momento o bairro já está a ser reabilitado, já tem vários blocos reabilitados, já tem a aprovação para mais 14 ou 21 e, entretanto, os outros também estão em fase de concurso para que possam ser reabilitados. (E4)</p> <p>Devo-lhe dizer também que a Junta de Freguesia tem uma relação de proximidade muito estreita com o Centro Comunitário do Sobreiro, da mesma maneira que tem com o clube de futsal que existe lá, a Associação Cultural e Desportiva. (...) portanto, nós não temos... como é que lhe vou dizer isto, nós não vamos todos os dias ao bairro, eu posso passar todos os dias por lá e há alturas em que passo diariamente na Rua Central do Sobreiro, mas também não temos ação direta, estamos disponíveis, gostávamos muito de interagir mais, mas eu penso que é mais vantajoso ser, por exemplo, o CCVS a fazê-lo, porque há uma relação de cumplicidade e proximidade e nós que estamos aqui de passagem é mais fácil interagirmos com o CCVS do que diretamente com os moradores sim. Tirando isso acho que não temos grande atividade direta. (E4)</p> <p>Sim, sempre que for necessário nós agimos de imediato, é uma das grandes vantagens da Junta de Freguesia é que conseguimos responder mais rapidamente. Eu confesso que sabendo que não é uma competência da Junta de Freguesia, sempre que existe alguma questão relacionada com a habitação social eu tomo consta da ocorrência ou do que for e vou falar com o Espaço Municipal, acho que é assim</p>
--	--	--

		<p>que deve ser. Eu costumo dizer muitas vezes, eu não gosto que venham aqui à Junta intrometer-se na nossa vida, acho que não me devo intrometer na vida dos outros, tento sempre ir pelos meios que entendo ser os mais corretos, isso não significa que eu não oiça as pessoas, que não fale com as pessoas, que não tenha conhecimento do que lá se passa. Ainda há pouco tempo houve lá um incidente até com um incêndio, foi aqui que vieram primeiro, nós tentamos acompanhar o mais perto possível, reencaminhamos as pessoas para as assistentes sociais, portanto, digamos que é um trabalho um bocadinho mais de retaguarda. (E4)</p>
	<p>5.3 Representação do Bairro</p>	<p>Nós tentamos...Vamos à Câmara, vamos à Espaço Municipal, conversamos com o engenheiro, conversamos com A, conversamos com B, a conversa é sempre a mesma e eu há dois anos, mais ou menos, estive na Assembleia da República, a Associação de Moradores, estiveram várias associações e... hoje essa Sra. que é deputada que é a Dra. H. R. é que está aderida aos bairros sociais ficou espantada, tanto ela como a Dra. do Instituto da Habitação Social, tinha vindo de Barcelos e eu quando a confrontei com o Bairro do Sobreiro não era conhecido em Lisboa, elas não conheciam o Bairro do Sobreiro, tive eu que escrever lá e deixar lá um cartão onde é que ele existia e pronto "Sra. deputada a nossa Câmara não está interessada em fazer obras aqui, porque é um centro, o bairro, portanto, é pobre, é um bairro pobre", não é pobre na totalidade mas, pronto. (E2)</p> <p>Nós já fizemos ver isso, eles têm documentos, eles têm cartas, eles têm tudo. Aliás que eu até em Lisboa deixei lá escrito, que não havia tempo de a gente intervir [na Assembleia da República] que era muita gente, nós estivemos lá todo o dia e essa senhora que era deputada na altura, estava na Câmara de Lisboa nos bairros sociais e sabia o que se passa nos bairros sociais e então ela até me disse "Olha vais para ali..." eu por acaso até sou do partido dela, sou da mesma cor, sou militante do partido socialista há muitos anos e então diz ela "Vais ali para um gabinete, vou te dar uns papéis e tu preenches o que é que se está a passar no Bairro do Sobreiro", está lá! CD's de estudantes do ISMAI; andamos aqui sábados e domingos, é partidos aqui ...só o PSD é que não vem cá, é o que está na Câmara não vem. Agora Bloco de Esquerda, todos ...vem aqui pedir, a gente dá a volta com eles e vê se está tudo... nada feito, não se faz nada! Portanto, a gente também começa a perder o gosto nisto e é o que eles querem. (E2)</p>

		<p>nós, Comissão de Moradores, por muito que queiramos debater, por muito que tentamos melhorar isto ou aquilo temos sempre um senão da Espaço Municipal, temos sempre um senão da Espaço Municipal (E3)</p> <p>É que nós quando formamos há uns anos a Comissão de Moradores, tínhamos muitos associados. (...) Até no Centro Comunitário que estava aí nós íamos para lá. Mas uma coisa é certa, nós fomos perdendo esses tais ditos associados, alguns deles, por descrédito. (E3) Por causa das obras e mentiras [da Câmara Municipal]. (...) Nós até baixamos as quotas. E nós defendemos, porque a Associação é para o bairro todo, paguem ou não paguem. (E2)</p> <p>O problema está aí, vem pessoas que não são sócias e vem nos pôr certos e determinados problemas que não vamos ficar indiferentes a eles. (E3) [Estamos aqui] Para todos, tem se feito aí coisas fantásticas para certos moradores a nível de outras coisas, tenho feito muito e M. quando eu preciso "Oh M. está pronto? venha comigo" (E2)</p> <p>22. as pessoas começam a não acreditar muito também na Associação, porque a gente vai para lá, ainda ontem estive lá [na Câmara Municipal] (...) nós chegamos lá e eles mostram um documento e diz "Olhe é hoje, é depois, é depois..." e não existia, não havia projeto nenhum metido para que viesse dinheiro para andar.</p>
	5.4 Manutenção dos espaços	<p>Houve um desinteresse total por parte das entidades públicas, gestoras do território, houve um desinteresse total do bairro. O bairro foi abandonado completamente. Quando acabaram os projetos de luta contra a pobreza, houve a reabilitação do bairro, reabilitamos o bairro, eu tenho aí os projetos... jardins, ruas, passeios, pátios, espaços para parques infantis, que nunca foram mobilados pela Câmara Municipal etc. Criou-se aqui uma urbanização com todas as condições para que as pessoas tivessem prazer de morar onde moravam, compreendes? Depois disso, acabou o último projeto de luta contra a pobreza e o bairro foi completamente abandonado, ou seja, se fores ali fora e olhares para os prédios vês que até se vêm os blocos que compõe as paredes, portanto o bairro... pronto está para aqui. (E1)</p> <p>Deitaram 17 blocos... 17 e 3... 20 blocos... hoje se calhar estão arrependidos, porque faltam casas e não há casas para dar a todos, no concelho na totalidade. (E2)</p>

		<p>A gente sabe que não há dinheiro para tudo, mas lentamente era para se fazer. Depois disseram-nos que no prazo de 7 anos se iam fazer obras ao bairro todo, até hoje... fez-se os tais 7 [anos] e fez-se um aí agora, porque houve eleições anteriores e demorou para aí 6 meses a acabar, aquele bloco foi uma vergonha de todos os tempos e é dentro disto. (E2)</p> <p>O interesse para mim, pessoal, o interesse disto ser tudo degradado, a menina sabe este chão é terra mas é ouro, não sei se me está a entender... e eles fazem tudo e mais alguma coisa, pessoalmente, eu entendo assim, fazem tudo e mais alguma coisa para que isto se vá degradando dia-a-dia</p> <p>Se houvesse uma aproximação maior da Espaço Municipal aos moradores e à habitação a coisa estaria muito melhor, mas muito melhor. Depois no outro ponto as pessoas vão à Espaço Municipal, vão reclamar por qualquer motivo "Nós depois vamos lá"...passa um mês passam dois, passam três, passam um ano, passam dois e a coisa continua na mesma e as pessoas caem naquele descrédito (E3)</p> <p>o que eles queriam é que os moradores não se interessassem muito por isto e comesçassem a sair daqui fora e começavam a esvaziar os blocos e isto era vendido que era para o que estava, que isto era uma empresa espanhola, que era a Miguel Rito que ia construi novos, mas também por azar também foi à falência em Espanha (ironia). (E2)</p> <p>Se é para melhorar a gente está sempre de acordo, não podemos estar em desacordo e estávamos de acordo que, até quando se falou que o bairro era para se deitar a baixo, porque se iam fazer as casas... temos documentos que for preciso depois mostra-se... onde a gente fez a parceria e assinamos tudo, com o ISMAI, com tudo, todas as instituições e então... mas nunca acreditamos muito nisso e nós dissemos a alguns moradores...(...) Ora bom, aí nessa altura é que foi estudado isto, era para se fazer não um aglomerado de tanto bloco, era dividir x na Maia, num terreno aí para a Maia e outro ali para baixo e nós estivemos de acordo, era as mesmas condições, a mesma renda e as casas eram boas, ainda eram melhores do que estas, mais modernas. (...) E essa empresa era boa e era essa empresa que ia se construir na Rua Altino Coelho que era o tal Parque Maior. Rua Altino Coelho por aí a baixo, iam se fazer estabelecimentos comerciais e habitações por cima. Ora bom mas tinha-se que fazer isto para vender para ganhar dinheiro</p>
--	--	--

		<p>para construir lentamente e entregarem aos moradores para eles irem saindo, mas atolou-se uma crise (...)Hoje se calhar estão arrependidos destas casas que se deitou a baixo, porque faz falta. (E2)</p> <p>Está ao abandono (o bairro) no aspeto de quem devia olhar por isto que era a Espaço Municipal, porque vai-se lá e é como o A. diz, empurram ... e a gente quando quer saber das coisas "Olhe não sei de nada disso não está comigo, olhe está com o engenheiro tal ou está com o engenheiro tal" e batemos sempre na mesma coisa. (E3)</p>
6. Planos de intervenção futuros		<p>Mas vai haver agora uma intervenção em alguns problemas aqui. Continua a haver, como em todos os lados, continua ainda a haver crianças e jovens que abandonam precocemente a escola, continua a haver... (...) os idosos que vivem mais tempo e que ficam isolados em casa, portanto, porque entretanto os seus filhos e netos estão a trabalhar, têm de fazer-se à vida não é? E as pessoas ficam sozinhas em casa. (...). Vamos também intervir nesse fenómeno que é de facto relevante aqui no bairro e pronto. Mas pronto é uma coisa que é importante fazê-lo, mas não podemos afirmar que é um probleeeeeema assiiim... Portanto, foi assim basicamente uma pincelada...(E1)</p> <p>Agora vai haver reabilitação. Se tudo correr bem, começa no final deste ano uma reabilitação [física]. (...)Vai-se dar aqui um impulso grande, uma frescura grande ao bairro e vai nascer um novo bairro. E nós já fomos de certo modo requisitados, aquilo que sabemos fazer bem que é reabilitar pessoas e projetos, projetos pessoais e coletivos etc. Eu próprio participei na execução de candidaturas ao programa de desenvolvimento estratégico urbano aqui do território. Pah sinceramente estou um bocado cético, porque também estou a ficar mais velho, mais maduro e não me entusiasmo assim com tanta facilidade como me entusiasmava, embora não deixe de me entusiasmar, porque no dia em que isso acontecer deixo de trabalhar nisto. Estou motivado, mas estou cético, porque a vida nos últimos anos já me ensinou que aquilo que hoje é, amanhã pode não ser exatamente assim e portanto, não sei, só quando começar a ver aí obra e a dizer "oh vamos coiso e tal"... Neste momento, como tu sabes, estamos aqui a preparar e já a iniciar um plano de intervenção no âmbito do Contrato Local de Segurança e já pedi ao meu colega da Câmara, um arquiteto, para me dar os projetos, os próximos projetos de intervenção do bairro, já os tenho, só que aquilo que deviam ter começado o ano passado só vai começar em 2019 e depois há os concursos públicos e não sei quê... e mais um ano e depois</p>

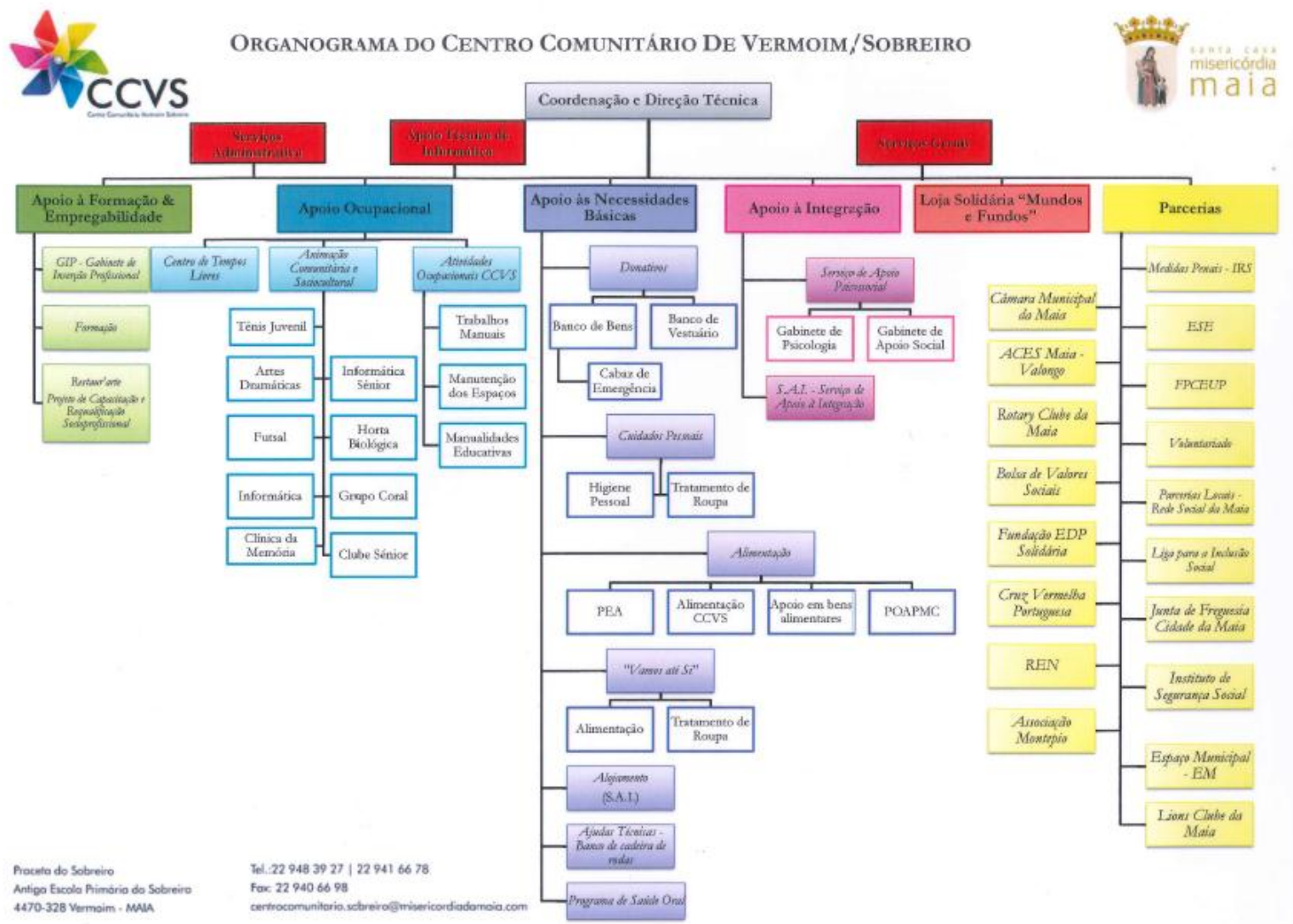


		<p>brrmmmm... e portanto, depois em 2020 acaba o programa e não sei como é que vai ser, percebes? Estas coisas que me põem um bocado cético, mas assim a acontecer o que está escrito, previsto e candidatado e que vai ser aprovado, porque já há cabimentação orçamental para a região, pah se isso acontecer o bairro vai levar outro... vai ser outro bairro, vai levar aqui um <i>refresh</i> não é? Esperemos que sim. (E1)</p> <p>(...) agora há um projeto interessante, que eu considero interessante, que não sei como é que vai ser operacionalizado, que é demolir estes muros todos (interrupção). Há um projeto que é demolir estes muros todos aqui do Centro Comunitário e fazer um jardim aqui grande de fruição pública, criar ali uma zona pedonal e <i>ciclável</i> aqui assim há volta, eu acho isso fabuloso, não sei como vai ser operacionalizado mas... (E1)</p> <p>Envolvendo as pessoas, porque fazer só obra não presta, fazer só obra não. É fazer a obra e envolver as pessoas na assunção do seu novo espaço, compreendes? No seu novo bairro, da sua nova urbanização e é por isso que estamos nós aqui. Nós temos projetos concretos para fazer isso. Foram feitas propostas concretas, portanto, há as propostas do edificado e há as propostas do trabalho comunitário que têm de ser ao mesmo tempo, têm de funcionar de uma forma complementar, se isso for feito é pah em 2022 falamos. Às tantas já não preciso de estar aqui a trabalhar, está a perceber? (risos) (E1)</p> <p>Estamos a contar que até ao fim penso que de 2020, o bairro esteja totalmente reabilitado, faltando as torres, acho que são, acho não... são as últimas que vão ser reabilitadas e, portanto, vamos esperar que consigam também, penso que serão as mais problemáticas em termos de reabilitação. (E4)</p> <p>nós temos mais é que tornar isto um local apazível, em que as crianças e os jovens não tenham medo de entrar e que se criem parques como está previsto fazer e que deixe de ser uma coisa reservada quase só aos moradores, mas abri-lo à população de forma a que as pessoas não tenham medo, é só isso, é tornar o bairro acessível como se tornou aqui a zona desportiva da cidade. (E4)</p> <p>Olhe eu vou utilizar uma nomenclatura que utilizou o nosso Presidente da Câmara, eu acho que a Urbanização do Sobreiro se vai tornar os Jardins do Sobreiro. A intervenção que está planeada a nível de espaços públicos, a nível das envolventes dos prédios, a abertura das ruas ou daqueles becos, porque há ali</p>
--	--	---

		<p>zonas que não tem abertura para carros, vai proporcionar de facto que a população da freguesia e do concelho comece a passar pelo Sobreiro. Os espaços envolventes, estou convencida, que vão ficar muito agradáveis e, portanto, eu acho que nós vamos conseguir ter os jardins do Sobreiro disponíveis à comunidade. Também me parece que os jovens que lá habitam vão tomar consciência da necessidade de manutenção deste espaço nobre do concelho, porque aqui vai para além da freguesia e que vão fazer a diferença amanhã. Eu acho que esta reabilitação que o Sobreiro vai sofrer vai ser de facto uma mais-valia, primeiro para o bairro, depois... eu quando digo bairro estou a incluir as pessoas, habitantes do bairro, vai ser uma mais-valia para a freguesia e vai ser uma mais-valia para o concelho. (E4)</p>
--	--	---

## **Anexos**

## Anexo I. Organigrama do Centro Comunitário Vermoim-Sobreiro



## Anexo II. Plano de ação do Contrato Local de Segurança

### Plano de Ação do Contrato Local de Segurança do Concelho da Maia

Eixo de Intervenção – Redução de Vulnerabilidades Sociais																		
Medidas/Ações a Desenvolver	Metas	Indicadores	Equipamentos	Beneficiários Abrangidos	Entidades Responsáveis	2018												Observações
						Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	
Atribuir um gestor de carreira único a todos os desempregados inscritos neste território, que atuará em articulação com técnico de gabinete de Inserção Profissional	100% dos desempregados deste território	Nº de desempregados com gestor de carreira único	Edifício do Centro da Emprego da Maia/sala do GIP do Sobreiro	Desempregados	Centro de Emprego da Maia / GIP do Sobreiro													
Enquadrar os desempregados em função do seu diagnóstico e perfil nas diferentes medidas ativas de emprego e formação.	50% dos desempregados em função do seu diagnóstico e perfil são enquadrados na diferentes medidas ativas de emprego e formação	Nº de desempregados integrados	Edifício do Centro da Emprego da Maia/sala do GIP do Sobreiro	50% dos desempregados inscritos no Centro de Emprego da Maia moradores no Bairro do Sobreiro	Centro de Emprego da Maia / GIP do Sobreiro Associação Empresarial da Maia													
Curso EFA B2 ou B3 de Marcenaria	20 desempregados de longa duração	N.º de formandos que concluem o curso com aproveitamento	Oficina de formação do Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro	20 desempregados	Centro de Emprego da Maia Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro													
Desenvolver cursos de formação de competências básicas destinados a adultos com baixa ou inexistente escolaridade em parceria com os Centros Qualifica	20% dos adultos sinalizados, com baixa ou inexistente escolaridade concluíram os cursos com sucesso	Nº de Adultos que concluíram o curso com sucesso	Sala de formação do Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro	25 desempregados	Centro de Emprego da Maia Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro Centros Qualifica													
Criação de um serviço direcionado à procura de soluções de emprego e formação com vista à empregabilidade dos jovens NEET	Integração de jovens NEET	N.º de jovens NEET integrados	Sala de formação do Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro Instalações do Centro de Emprego da Maia	Jovens NEET	Centro de Emprego da Maia Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro													
Reforçar as medidas de trabalho socialmente necessário, nomeadamente para beneficiários da prestação de RSI e pessoas com deficiência e incapacidade, sensibilizando as entidades para a apresentação de candidaturas ao IEF para serem aprovadas.	50% dos beneficiários da prestação de RSI e pessoas com deficiência e incapacidade são integrados nas medidas	Nº de beneficiários integrados	Sala de formação do Centro de Emprego da Maia Sala de formação da Câmara Municipal da Maia	20 entidades do concelho da Maia	Centro de Emprego da Maia Câmara Municipal da Maia SOCIALIS Junta de freguesia da Cidade da Maia Ministério de Educação - Agrupamentos de Escolas da Cidade da Maia APPACDM da Maia Cruz Vermelha Portuguesa - Núcleo da Maia LACESMAIA													
Criar cursos de gestão doméstica e utilização de recursos, destinados aos agregados familiares beneficiários de apoio alimentar, com baixo nível de literacia financeira	Agregados familiares que têm apoio alimentar	Nº de agregados familiares que frequentaram o curso	Sala de formação do Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro	3 sessões por grupo de 15 pessoas, no total de quatro grupos - 60 pessoas	Ministério da Saúde - ACES Maia/Valongo Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro													
Envolver o tecido empresarial, por forma a promover a empregabilidade	Realizar ações de sensibilização nas empresas	Nº de ações de sensibilização	Sala da Associação Empresarial da Maia	30 empresas do Concelho da Maia	Camara Municipal da Maia, Centro de Emprego da Maia/GIP do Sobreiro Associação Empresarial da Maia													

[illegible]

[illegible]

Promoção de ações de mediação familiar junto dos agregados familiares dos cidadãos idosos isolados	Realizar todas as ações necessárias neste público-alvo	N.º de agregados familiares abrangidos	Sala do Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro	20 idosos	Centro Comunitário de Vermoim Sobreiro Câmara Municipal da Maia Ministério da Saúde - ACES Maia/Valongo PSP – Idoso Seguro														
Diagnóstico das necessidades reais de todos os idosos isolados residentes no Bairro do Sobreiro	Realizar o diagnóstico em todas as habitações com cidadãos idosos	N.º de idosos sinalizados	—	—	Espaço Municipal Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro PSP – Idosos Seguro Câmara Municipal da Maia Ministério da Saúde - ACES Maia/Valongo														
Promoção de atividades de índole sociocultural destinadas ao cidadão idoso isolado	Realizar uma atividade diária	20 idosos a participar nas atividades	Todos os espaços do Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro	20 idosos	Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro Câmara Municipal da Maia Ministério da Saúde - ACES Maia/Valongo														
Promoção de atividades de índole psicossocial destinadas ao cidadão idoso isolado	Realização de atividades bissemanais	20 idosos a participar nas atividades	Todos os espaços do Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro	20 idosos	Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro														
Monitorização do estado de saúde do cidadão idoso isolado	Monitorização de 20 cidadãos idosos	N.º de cidadãos idosos monitorizados	Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro ACES Maia/Valongo	20 idosos	Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro Câmara Municipal da Maia Ministério da Saúde - ACES Maia/Valongo														
Promoção de atividades no domicílio para cidadãos idosos isolados dependentes	Realização de atividades com todos os cidadãos idosos isolados dependentes	N.º de cidadãos idosos abrangidos	Livros, material de psicomotricidade	6 idosos	Centro Comunitário de Vermoim Sobreiro Câmara Municipal da Maia Ministério da Saúde - ACES Maia/Valongo														
Promoção de ações de mediação familiar junto dos agregados familiares de etnia cigana residentes no Bairro do Sobreiro	Realizar todas as ações necessárias neste público-alvo	N.º de agregados familiares abrangidos	Sala do Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro	5 agregados familiares	Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro Câmara Municipal da Maia Ministério da Saúde - ACES Maia/Valongo PSP – Idosos Seguro MTSS - C. Dist. Porto - NLI/Maia EAPN														
Diagnóstico das competências socioprofissionais e académicas da população de etnia cigana residente no Bairro do Sobreiro	Realizar o diagnóstico em todas as habitações onde residem cidadãos de etnia cigana	N.º de cidadãos sinalizados	Espaços do Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro	22 utentes	MTSS - C. Dist. Porto - NLI/Maia Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro Centro de Emprego da														
Promoção de ações de competências profissionais junto dos agregados familiares de etnia cigana residentes no Bairro do Sobreiro	Realizar todas as ações necessárias neste público-alvo	N.º de agregados familiares abrangidos	Espaços do Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro	15 utentes	Centro Comunitário de Vermoim Sobreiro Centro de Emprego da Maia – GIP do Sobreiro ACM(Alto comissariado para as Migrações)														



Promoção de ações de competências básicas e académicas junto dos indivíduos de etnia cigana residentes no Bairro do Sobreiro	Realizar todas as ações necessárias neste público-alvo	N.º de indivíduos abrangidos	Espaços do Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro	15 utentes	Centro Comunitário de Vermoim Sobreiro Centro de Emprego da Maia/ GIP do Sobreiro EAPN ACM(Alto Comissariado para														
Ações para a promoção de saúde e bem-estar junto dos indivíduos de etnia cigana residentes no Bairro do Sobreiro	Realizar todas as ações necessárias neste público-alvo	N.º de indivíduos abrangidos	Sala do Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro e instalações das Unidades de Saúde Familiar	22 utentes	Centro Comunitário de Vermoim Sobreiro Ministério da Saúde - ACES Maia/Valongo ACM(Alto Comissariado para as Migrações)														
Atividades socioculturais junto dos indivíduos de etnia cigana residentes no Bairro do Sobreiro	Realizar uma atividade diária neste público-alvo	N.º de indivíduos abrangidos	Espaços do Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro	22 utentes	Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro ACM(Alto Comissariado para as Migrações)														
Atividades que promovam o empreendedorismo junto dos indivíduos de etnia cigana residentes no Bairro do Sobreiro	Realizar atividades neste público-alvo	N.º de indivíduos abrangidos	Espaços do Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro	10 utentes	Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro Centro de Emprego da Maia ACM(Alto Comissariado para as Migrações)														
Promoção de atividades de índole sociocultural e desportiva destinadas à população infantojuvenil de risco residente no Bairro do Sobreiro	Realizar uma atividade diária	25 crianças/jovens a participar nas atividades	Espaços do Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro e espaços desportivos do concelho da Maia	25 crianças/jovens	MaiaStars Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro Câmara Municipal da Maia Futebol Clube Maia Lídador Maia Basket Maia Atlético Club Jafetos Associação de Moradores do Bairro do Sobreiro														
Interlocução privilegiada entre parceiros para sinalização/resposta, através de reuniões restritas e alargadas	Realizar reuniões mensais	N.º de reuniões realizadas	Espaços do Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro e da Câmara Municipal da Maia	Moradores do Bairro do Sobreiro	Câmara Municipal da Maia														
Publicitação de ações/projetos Locais ou outras estruturas de apoio dirigidos às problemáticas	Publicitar todas as ações	N.º de ações publicitadas	Câmara Municipal da Maia	Moradores do Bairro do Sobreiro	Câmara Municipal da Maia														

## Plano de Ação do Contrato Local de Segurança do Concelho da Maia

Eixo de Intervenção – Espaço Urbano																				
Medidas/Ações a Desenvolver	Metas	Indicadores	Equipamentos	Beneficiários Abrangidos	Entidade Responsável	2018												2019	2020	Observações
						Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez			
Identificar e sinalizar às entidades competentes as necessidades de reabilitação urbana dos edificados ou alteração de infraestruturas, nomeadamente a melhoria na iluminação de espaços com deficiente luminosidade	100 % das necessidades existentes são sinalizadas	Nº de sinalizações	40 edifícios de habitação a intervençionar. Melhoria de toda a iluminação existente no Bairro do Sobreiro	Total dos moradores no Bairro do Sobreiro	Câmara Municipal da Maia Espaço Municipal Junta de Freguesia da Cidade da Maia Associação de Moradores do Bairro do Sobreiro Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro PSP EDP															
Identificar e sinalizar às entidades competentes de necessidades de intervenção em casas abandonadas (por exemplo para tapeamento de portas e janelas) que possam proporcionar um esconderijo ou locais dissimulados para o tráfico de droga ou a prática de crimes contra o património	100 % das necessidades de intervenção são sinalizadas	Nº de sinalizações	Todas as casas sinalizadas pelos parceiros	Total dos moradores no Bairro do Sobreiro e da Freguesia da Cidade da Maia	Câmara Municipal da Maia Espaço Municipal Junta de Freguesia da Cidade da Maia Associação de Moradores do Bairro do Sobreiro Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro PSP															
Promover espaços/murais autorizados para arte de grafitis, nos termos da lei	Promover espaços / murais para arte de grafitis	Nº de espaços	Criação de 5 murais	Total dos moradores no Bairro do Sobreiro	Câmara Municipal da Maia Espaço Municipal														A Espaço Municipal não tem cabimentação orçamental para esta atividade	
Instalar equipamentos de iluminação pública na Urbanização do Sobreiro	100% da Urbanização do Sobreiro tem iluminação pública adequada	Nº de espaços com iluminação pública cobertos	Rua Altino Coelho, Rua Central do Sobreiro e Parque do Sobreiro, num total de 151 iluminárias públicas	Total dos moradores no Bairro do Sobreiro	Câmara Municipal da Maia Espaço Municipal EDP															
Dar cumprimento ao Plano de Reabilitação da Urbanização do Sobreiro e manter a população residente informada dos desenvolvimentos	É realizada a reabilitação de 11 Blocos e 4 Torres na Urbanização do Sobreiro e espaços envolventes	Nº de blocos e torres reabilitados	36 blocos e 4 torres de habitação	Total dos moradores no Bairro do Sobreiro	Câmara Municipal da Maia Espaço Municipal															

**Plano de Ação do Contrato Local de Segurança do Concelho da Maia**

Eixo de Intervenção – Prevenção da Delinquência Juvenil																				
Medidas/Ações a Desenvolver	Metas	Indicadores	Equipamentos	Beneficiários Abrangidos	Entidades responsáveis	2018												2019	2020	Observações
						Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez			
Potenciar o contacto das crianças/jovens com as várias entidades parceiras, no sentido de sedimentar um sentimento de integração na sociedade civil, designadamente no âmbito de projetos de ocupação dos tempos livres	25 crianças/jovens entre os 6-18 anos contactam com as entidades parceiras	Nº de crianças/jovens que contactam com as entidades parceiras	Salas ou pavilhões desportivos das seguintes instituições: Grupo Recreativo e Cultural e Desportivo de Vermoim Centro Comunitário Vermoim/Sobreiro Futebol Clube Maia Lidador MaiaStars Maia Basket Maia Atlético Club Cantinho do Tareco	25 crianças/jovens	Câmara Municipal da Maia Junta de Freguesia da Cidade da Maia Grupo Recreativo e Cultural e Desportivo de Vermoim Centro Comunitário Vermoim/Sobreiro Futebol Clube Maia Lidador MaiaStars Maia Basket Maia Atlético Club Cantinho do Tareco Associação dos Alcoólicos Tratados da															
Identificar e sinalizar as crianças e jovens em risco, nos termos da lei, para as entidades competentes	100% das crianças e jovens em risco são sinalizadas	Nº de crianças e jovens sinalizadas	—	Todas as crianças e jovens em risco identificados	Câmara Municipal da Maia Junta de Freguesia da Cidade da Maia Centro Comunitário Vermoim/Sobreiro Centro de Animação Infância de Vermoim Ministério da Educação - Agrupamento de Escolas da Maia CPCJ Ministério da Saúde - ACES Maia/valongo MTSS/C.Dit do Porto															

Envolver o movimento associativo na oferta de atividades de ocupação de tempos livres	As crianças/jovens entre os 6-18 anos participam em atividades	Nº de crianças/jovens que participam	Salas ou pavilhões desportivos das seguintes instituições: Grupo Recreativo e Cultural e Desportivo de Vermoim Centro Comunitário Vermoim/Sobreiro Futebol Clube Maia Lidador MaiaStars Maia Basket Maia Atlético Club Cantinho do Tareco Câmara Municipal da Maia Junta de Freguesia da Cidade da	25 crianças/jovens	Grupo Recreativo e Cultural de Vermoim Academia dos Champs Associação de Moradores do Bairro do Sobreiro Jafetos Centro Comunitário Vermoim/Sobreiro Futebol Clube Maia Lidador MaiaStars Maia Basket Maia Atlético Club														
Criar um Gabinete de Mediação Familiar	20% dos casos de conflito familiar são atendidos no gabinete	Nº de casos atendimentos	Salas do Centro Comunitário Vermoim/Sobreiro, ACES MAIA/Valongo e Junta de Freguesia da Cidade da Maia	5 agregados familiares	CIG Cruz Vermelha Portuguesa - Núcleo da Maia Centro Comunitário Vermoim/Sobreiro Câmara Municipal da Maia Junta de Freguesia da Cidade da Maia Ministério da Saúde - ACES MAIA/Valongo EAPN														
Criar um Programa Estruturado de Educação para a Saúde	35% das crianças entre os 6-18 anos participaram em programas de educação para a saúde	Nº de crianças que participaram	Salas do Centro Comunitário Vermoim/Sobreiro, ACES MAIA/Valongo e Junta de Freguesia da Cidade da Maia	35 crianças/jovens	Ministério da Saúde - ACES Maia / Valongo SICAD Ministério da Educação - Agrupamentos de Escolas da Freguesia Cidade da Maia Cruz Vermelha Portuguesa - Núcleo da Maia														
Dar continuidade ao Programa de prevenção específica: "Trilhos"	1 turma de cada ano dos 7º, 8º e 9º anos de escolaridade, frequentam as sessões do programa	Nº de jovens que participaram nas sessões	Salas dos Agrupamentos de Escolas da freguesia Cidade da Maia	78 alunos	Ministério da Educação - Agrupamentos de Escolas da freguesia Cidade da Maia Ministério da Educação Ministério da Saúde - CRI do Porto Ocidental														

Dar continuidade ao Programa de prevenção específica "Eu e os Outros"	1 turma de cada ano dos 7.º ao 12.º anos	Nº de jovens que participaram nas sessões	Salas dos Agrupamentos de Escolas da freguesia Cidade da Maia	156 alunos	Ministério da Educação - Agrupamentos de Escolas da freguesia Cidade da Maia Ministério da Saúde - CRI do Porto Ocidental															
Integrar jovens alvo de medidas tutelares educativas em tarefas a favor da comunidade	Integrar jovens em tarefas a favor da comunidade	Nº de jovens integrados	Em todos os espaços do Centro Comunitário Vermoim/Sobreiro	Aumentar relativamente ao número do ano anterior, a integração de jovens em tarefas a favor da comunidade	Centro Comunitário Vermoim/Sobreiro Junta de Freguesia da Cidade da Maia Câmara Municipal da Maia DGRSP															
Fomentar o acesso gratuito do público-alvo ao Gabinete de Psicologia do Centro Comunitário do Vermoim/Sobreiro	Garantir todas as consultas necessárias	Nº de consultas gratuitas	Gabinete de Psicologia do Centro Comunitário Vermoim/Sobreiro	20 idosos e 25 crianças/jovens	Centro Comunitário Vermoim/Sobreiro Ministério da Educação - Agrupamentos de Escolas da Cidade da Maia Ministério de Saúde - ACES Maia/Valongo MTSS/C.Dist. do Porto															
Capacitar os Auxiliares de Ação Educativa / Vigilantes mediante formação prévia a fim de que estes se tornem observadores privilegiados de situações de risco, nomeadamente, bullying escolar, absentismo, consumo de substâncias aditivas, etc	1. Criar 2 ações de formação por ano dirigidas aos auxiliares de ação educativa / vigilantes 2. Garantir a presença dos assistentes operacionais / vigilantes nas ações de formação	Nº de ações de formação Nº de participantes nas ações de formação	Salas do Centro de Emprego da Maia e dos Agrupamentos de Escolas da freguesia Cidade da Maia	Todos os assistentes operacionais / vigilantes das EB2/3 e Ensino Secundário	Ministério da Educação - Agrupamentos de Escolas da freguesia Cidade da Maia															
Disponibilizar no ano letivo de 2017/2018 o manual on-line que permita às instituições escolares melhor identificar o tipo de ocorrência e a forma mais correta de proceder perante a mesma	100% dos Coordenadores das Escolas acederam ao Manual	Nº de acessos ao manual	—	10 coordenadores de escolas	Ministério da Educação - Agrupamentos Escolares															
Promover sessões de informação destinadas a crianças, adolescentes e jovens, sobre bullying escolar, absentismo, consumo de substâncias aditivas, etc	150 participaram nas sessões	N.º de sessões	Salas da Centro Comunitário do Sobreiro/Vermoim	150 participantes	Centro Comunitário do Sobreiro/Vermoim MTSS/C.Dist do Porto Junta de Freguesia da Maia Câmara Municipal da Maia															

Articulação privilegiada entre parceiros com intervenção na área da infância e juventude, através da partilha da avaliação/gestão de caso	Articulação permanente	N.º reuniões de articulação	Salas da Câmara Municipal da Maia	Todas as entidades envolvidas	Câmara Municipal da Maia CPCJ MTSS/C.Dist do Porto DGRSP Ministério da Educação - Agrupamentos de Escolas da Cidade da Maia Centro Comunitário Vermoim/Sobreiro															
Disponibilização de dados estatísticos relativos à população/jovens sob intervenção tutelar educativa, nomeadamente para ferramenta informática de comunicação entre parceiros que esteja ou venha a ser constituída	Existência de uma Base de dados completa	Dados recolhidos	Câmara Municipal da Maia	Todas as entidades envolvidas	DGRSP															
Identificação e sinalização dos jovens sujeitos a intervenção tutelar educativa para as estruturas/entidades competentes que respondam às problemáticas: absentismo e abandono escolar precoce, falta de ocupação estruturada dos tempos livres, comportamentos aditivos, saúde mental, precariedade habitacional e económica e direitos e proteção dos jovens em perigo	Sinalização de todos jovens sujeitos a intervenção tutelar educativa	N.º de jovens sinalizados	—	Todos os jovens	DGRSP															

# Plano de Ação do Contrato Local de Segurança do Concelho da Maia

Eixo de Intervenção – Promoção da Cidadania																		
Medidas/Ações a Desenvolver	Metas	Indicadores	Equipamentos	Beneficiários Abrangidos	Entidades Responsáveis	2018												Observações
						Jan	Fev	Ma	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	No	Dez	
Criar sessões de mediação de conflitualidade	50% das situações de conflito sinalizadas são alvo de intervenção	Nº de intervenções realizadas pelo grupo de mediação	Salas da Junta de Freguesia da Cidade da Maia e do Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro	50% das situações de conflito sinalizadas	Câmara Municipal da Maia Junta de Freguesia da Cidade da Maia Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro													
Criação de percurso pedonal e percurso ciclável acessíveis, na zona envolvente da Urbanização do Sobreiro	A zona envolvente da Urbanização do Sobreiro (Rua Altino Coelho, Rotunda do Monumento ao Triunfo das Gentes da Maia e Praça do Oxigénio) tem percurso pedonal e percurso ciclável	Nº de espaços com percurso pedonal e percurso ciclável	—	Toda a população da Cidade da Maia e do Bairro do Sobreiro	Câmara Municipal da Maia Espaço Municipal													
Criação de passeios acessíveis e percursos cicláveis na Urbanização do Sobreiro	Rua Central do Sobreiro tem passeios acessíveis e percursos cicláveis	Nº de espaços com passeios acessíveis e percursos cicláveis	—	Toda a população da Cidade da Maia e do Bairro do Sobreiro	Câmara Municipal da Maia Espaço Municipal													
Criação de um Jardim na Urbanização do Sobreiro	Os moradores da Urbanização do Sobreiro usufruem de um jardim	Nº de moradores que utilizam o Jardim	—	Toda a população da Cidade da Maia e do Bairro do Sobreiro	Câmara Municipal da Maia Espaço Municipal													
Instalar equipamentos técnicos de segurança de pessoas e bens, vigilância eletrónica no território do Bairro do Sobreiro e zona abrangente	50% dos espaços com necessidade de vigilância eletrónica serão cobertos	Nº de espaços com necessidade de vigilância que estarão cobertos	Equipamentos eletrónicos de vigilância	Toda a população da Cidade da Maia e do Bairro do Sobreiro	Câmara Municipal da Maia Espaço Municipal													Atualmente não existe cabimentação orçamental
Sensibilizar para a criação de formas de voluntariado nas comunidades locais, apelando a parcerias sem fins lucrativos (do tipo comunitário) e ao reforço do espírito de vizinhança	Realização de 3 ações de sensibilização destinadas aos moradores do Bairro do Sobreiro e zona abrangente Garantir um número mínimo de 45 participantes no total de ações realizadas	Nº de ações	Sala do Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro e em espaços pertencentes à Junta de Freguesia de Cidade da Maia	45 pessoas (15 + 15 + 15)	Câmara Municipal da Maia SOCIALIS Espaço Municipal Associação de Moradores do Bairro do Sobreiro APPACDM da Maia Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro Conferências Vicentinas da Cidade da Maia Junta de Freguesia de Cidade da Maia Jafetos LACESMAIA													

Realização de ações de sensibilização para os direitos e deveres dos cidadãos junto da etnia cigana residente no Bairro do Sobreiro	Realização de 3 ações de sensibilização para todos os cidadãos de etnia cigana.	Nº de ações Número de participantes	Sala do Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro	22 pessoas (Ação promovida pela PSP); 22 pessoas (Ação promovida pela Equipas de protocolos do RSI); 22 pessoas (Ação promovida pela Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais)	PSP Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro MTSS - C. Dist PortoNLI/Maia DGRSP														
Realização de workshops sobre a diversidade cultural destinados a técnicos	Realização de 2 Workshops	Nº de técnicos participantes	Sala da Junta de Freguesia da Cidade da Maia	15 técnicos	EAPN Junta de Freguesia da Cidade da Maia														
Realização de ações de sensibilização para a igualdade de género nas comunidades ciganas e nas mulheres em particular	Realização de 2 ações de sensibilização	Nº de participantes	Sala da Junta de Freguesia da Cidade da Maia	15 mulheres	EAPN Junta de Freguesia da Cidade da Maia														



## Plano de Ação do Contrato Local de Segurança do Concelho da Maia

Eixo de Intervenção – Promoção do Aumento do Sentimento de Segurança das Populações																			
Medidas/Ações a Desenvolver	Metas	Indicadores	Beneficiários abrangidos	Entidade Responsável	2018												2019	2020	Observações
					Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez			
Promover o aumento do sentimento de segurança das populações	Realizar passagens de patrulhamento móvel 4 vezes por dia	Nº de vezes de patrulhamento	1 172 (total dos moradores do Bairro do Sobreiro)	PSP Polícia Municipal															
Colocar elementos da Polícia de Segurança Pública no Programa Apoio 65 – Idosos em Segurança	Dois elementos das forças de segurança são afetados ao Programa Apoio 65 – Idosos em Segurança	Nº de intervenções dos elementos da PSP	165 idosos (total dos idosos moradores do Bairro do Sobreiro)	PSP															